

J. M. DE MACEDO

ROSA

I



LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

ROSA
I

ROSA

ROMANCE BRASILEIRO

PELO

D^r JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

TOMO PRIMEIRO



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

ROSA

I

Sessão preparatoria.

Em uma das ruas menos acanhadas e mais rectas desta nossa boa cidade do Rio de Janeiro, ha uma casa que, apesar de seus dous gigantescos andares com tres janellas cada um delles, e do muito d'antes suspirado symbolico numero — 33 — que a designa, faz-se exclusivamente recommendavel pelo precioso thesouro que guarda.

Ora, como o nome dessa rua não se declara aqui por motivos de alta politica de coração, e como a natureza do thesouro que a casa encerra não con- vem ser tão depressa revelada, o unico partido a tomar é subir a escada e entrar na sala de visitas da casa nº 33.

No que diz respeito á sala, o numero 33 não precisa de elegancia : tres portas ao fundo, correspondendo a tres janellas que para rua se abrem, servem de limite a um espaço de cento e vinte palmos em quadro, de que consta a sala : suas paredes são forradas de papel branco adamascado e salpicado de lagrimas côr de ouro ; o soalho se esconde por

baixo de fina esteira da India, que o tapiza ; a mobilia é de páo-setim ; o artista que a lavrou, talvez o nosso habilissimo Neto, em vez de castigar a madeira com enfeites e labores, acertou em dar a seu trabalho um character de simplicidade feliz, que deixa ostentar toda sua belleza essa preciosa tartaruga vegetal, que povôa as terras do Amazonas ; no meio daquelles moveis amarellados, destaca-se orgulhosamente um piano de jacarandá com sua côr escura entremeiada de veias brilhantes. Ornão os aparadores ricos vasos de Sevres e Etruscos, que mostram flôres com perfeição trabalhadas.

Tres quadros estão suspensos ás paredes da sala : um representa um homem de meia idade, de rosto agradável, e que parece sorrir-se com o coração nos labios ; o outro é o retrato de uma senhora, de trinta annos talvez, vestida de preto, e com um semblante melancolico e doce, d'onde como que transpira a bondade e a virtude. O terceiro quadro, que é por certo o mais interessante, offerece á vista um berço gracioso no meio de arbustos floridos : o berço parece mover-se ao sopro das auras, e d'entre finas roupinhas brancas como o leite, surge um rosto de criança tão vido, tão engraçado, tão bonito, que faz vontade de ir dar-lhe mil beijos ; e nesse rosto de cherubim abrem-se uns olhos pretos tão brilhantes, que, se por ventura são de menina, adivinha-se que aquella que nas fachas é um anjinho, quando tiver quinze annos passará a ser um terrivel demoinho, que com os olhos que tem, fará no coração de muita gente travessuras de consequencias um pouco melindrosas.

Pois nessa mesma sala, que acaba de ser ligeiramente descripta, estavam conversando, ou antes disputando com ardor, em um dos ultimos dias de julho do corrente anno de 1849, tres respeitaveis

senhores, dous dos quaes erão e se julgavão velhos, e o terceiro tambem o era ; mas não parecia ter-se por tal.

Pelo muito que fallavão, e pela força com que o fazião, mostravão as tres personagens occupar-se de objecto da maior transcendencia : no entretanto, e para acabar de uma vez com descripções que quasi sempre fatigão, é justo dizer antes de tudo alguma cousa sobre os actores que vão abrir a scena : duas palavras a tal respeito não se devem ter por inuteis ; com a pintura do rosto ficão meio patentes os segredos do character : o adagio antigo diz, que pela cara se conhece quem tem lombrigas.

O primeiro dos velhos, que vestido de gondola (é o nome que lhe dão hoje), de merinó côr de azeitona, gravata branca, collete de fustão da mesma côr, calças de ganga amarella sem presilhas, e calçando sapatos envernizados, passeia pela sala rindo-se alegremente, é o dono da casa, e chama-se Mauricio : é de estatura mediana, tem os cabellos um pouco embranquecidos, seu rosto mostra-se um tanto pallido, mas ainda não muito desfigurado pelos annos ; o que em seu semblante porém falla altamente denunciando sua immensa bondade é o olhar sereno e doce de seus olhos pardos, e o sorriso meigo e animador de seus labios. Mauricio deve contar cerca de cincoenta annos.

O segundo velho é um complexo de todos os diminutivos, que em horas de usura espremeu sobre elle a natureza : tem sete palmos de altura, e é magro ; excessivamente calvo, resta-lhe apenas um arco de circulo de cabellos côr de algodão, que lhe coroão as orelhas ; seu rosto rubicundo demonstra a predominancia do temperamento sanguineo ; seus olhos pequeninos brilhão com o fogo das paixões ; o nariz quasi que se não distingue entre as rugas

de suas faces, e uma moça chegaria a invejar-lhe as mãos delicadas. Esse homem, que tem já sessenta annos, chama-se Anastacio, e é irmão de Mauricio; mora na roça, e apenas ha quinze dias se acha na côrte hospedado na casa de seu irmão, com quem veio passar algum tempo. Nada emfim mais facil de descrever do que seus vestidos: Anastacio está todo azul; as calças, o collete e a jaqueta são de panno dessa côr; basta sómente accrescentar, que tem ao pescoço um lenço preto, e que calça botins de cordovão repousado, pelos quaes parecem querer ir trepando as presilhas de palmo e meio de extensão.

A terceira personagem é o muito joven quinquagenario e nobre commendador Sancho.

Um homem de nove palmos de altura; pernilongo, magro, macilento, de braços muito longos e mãos enormes, com cabellos tão negros e brilhantes, que estão mesmo denunciando que alguma milagrosa pomada da rua do Ouvidor encobre alli as perigosas revelações das cans; com olhos de côr um pouco questionavel, e que fundos desapparecem deixando-se coroar por bastas e insubordinadas sobranceiras, com um gigantesco nariz acavallado, com orelhas dignas de um Midas, e boca de causar medo, é pouco mais ou menos o Sr. commendador Sancho; está vestido de sobre-casaca de panno côr de agapanto, gravata verdemar, collete côr de alecrim e calças de xadrez; tesoura de mestre talhou toda a sua roupa com o ultimo apuro da moda. Em todos os seus modos e esgares, em vez de mostrar-se grave e serio, como cumpria a um homem de mais de cincoenta annos, o commendador ostenta, ou antes pretende ostentar graças, vigor e acções, que já não cabem á sua idade, de modo que, em lugar de respeitavel ancião deixa ver apenas um joven postiço. Tem balda de bonito e veia de

namorado ; falla sobre tudo, porque não sabe cousa alguma ; á semelhança de muita gente boa finge-se apaixonado de musica ; aborrece os poetas, e dá o cavaco por uma walsa franceza. Adora as moças, antepoendo a ellas sómente duas cousas no mundo — a sua commenda e o seu toucador.

II

Discussão calorosa.

O commendador acabava apenas de mostrar-se á porta da sala, quando Mauricio atirou-se para elle com os braços abertos.

— Bem vindo seja, Sr. commendador Sancho! chegou mesmo no momento em que eu ia fazer uma retirada vergonhosa.

— Pois ainda ? ! ! ! perguntou o recém-chegado.

— Sempre ! exclamou o velho Anastacio.

— E qual é hoje a ordem do dia ?...

— A mesma que foi hontem, e que será amanhã, respondeu Mauricio ; o mano faz como os nossos deputados de todas as opposições; grita todos os dias e diz sempre a mesma cousa.

— A culpa é de todos os ministerios, porque, suba quem subir, é sempre a mesma miseria.

— Mas porque ralhava agora o Sr. Anastacio ?

— Ora... porque, segundo elle, eu sou um doudo varrido.... porque estou perdendo minha filha, e enfim porque cheguei a commetter a enormissima loucura de approvar o orçamento da despeza, que ella julga que deve fazer para ir ao baile de amanhã.

— E quanto pedio ella no orçamento ?...

— Ora escute, meu caro commendador, disse Mauricio tirando uma folha de papel do bolso de sua gondola.

O commendador fez-se todo ouvidos; o velho Anastacio pôz-se a roer as unhas, e Mauricio leu:

« Escomilha branca para vestido	24\$000
« Setim branco para forro do dito	56\$000
« Feitio do vestido com enfeites, fitas, etc. á Mme. Gudin.....	70\$000
« Luvas de pellica branca de Mr. Wallerstein.....	3\$000
« Sapatos de setim branco do mesmo Mr.....	4\$000
« Cabelleireiro da casa de Mr. Silvain.....	2\$000
« Violetas e cravos <i>gloria de Londres</i> para o bouquet.....	5\$000
« Um porte-bouquet novo, porque o outro quebrou-se no ultimo baile	20\$000
Somma tudo.....Rs.	184\$000

— Só?... eu estou admirado!... acho muito pouco.

— Como não é um baile extraordinario...

— Senhores, disse com forçado socego o velho roceiro, não é por causa dos 184\$000, é por causa do futuro...

— Ora, esta agora é sua, Sr. Anastacio.

— Emfim... continuou este, é bem possivel que eu esteja dizendo parvoices, e que os senhores tenham razão ás carradas. Meus pais, que Deus haja, destinaram-me para o sacerdocio, tive consequentemente uma educação fria e austera: não se realizando o desejo de meus pais, retirei-me para a roça, onde tenho vivido uma vida simples e rude, sendo meu unico recreio a leitura de livros cheios de moralsanta, porém severa; agora estou velho e impertinente; pôde ser que tudo isto seja defeitos de

educação, espinhos de roça, e rabugem de velhice : mas o que me diz o coração é que os senhores, pelo caminho em que vão, hão de dar com esta boa terra em vasa barris.

— Por causa dos 184\$000 ?... perguntou o commendador desatando uma gargalhada.

— Não, tornou o roceiro comprimindo-se ; mas porque vejo tudo fóra de seus eixos, tudo de cabeça para baixo, e de pés para cima : não ha leis, não ha costumes que prestem, não ha systema politico proficuo, não ha felicidade publica possivel, quando a moral está corrompida ; e o que eu vejo é que a geração actual passa dias e noites em orgias constantes, sentada sobre as ruinas da moralidade publica.

— Que diabo de philosophia que eu não entendo !...

— Tudo está pervertido !... em politica o poder é o fim e não o meio : subir, não importa como, eis o grande pensamento dos estadistas do seculo : uma commenda a cada potentado eleitoral, um habito ao filho do compadre do ministro, alguns empregos e algumas pensões aos protegidos da maioria, eis a historia de todos os nossos gabinetes ; tudo mais que se observa demonstra que a sociedade está podre : o patronato arranca os louros ao merito, a riqueza rouba as honras á virtude, o charlatanismo disputa os fóros á sabedoria ; o artista é um hilote, o poeta um doudo, o homem honrado um pedaço d'asno e o traficante um heróe.

— Mas por fim de contas a que vem tudo isso para o caso dos 184\$000 ?

— Assim, Sr. commendador, exclamou alegremente Mauricio, chame o orador á ordem : elle ainda não disse uma palavra sobre a questão do orçamento ; o que faz, é divagar tratando da politica geral.

— Vem, disse Anastacio respondendo á pergunta

que lhe fizera o commendador ; vem para concluir que o grande edificio da moral publica está por um triz a desabar de todo, e que a geração actual, que não é capaz de regenera-lo, deve ao menos tratar de especa-lo.

— Bravo ! temos programma de ministro novo.

— Que é o mesmo que dizer — temos mentira velha.

— Vamos sempre ouvi-lo : attenção !...

— Eu digo, que a geração actual estando, como de facto está, desgraçadamente pervertida ; que tendo todos nós muito de que envergonhar-nos diante uns dos outros, não podemos contar com força moral sufficiente para regenerar a sociedade.

— Bem : e neste caso ?...

— Neste caso, já que não podemos preparar um futuro para nossos filhos, devemos ao menos preparar nossos filhos para crear um futuro.

— Fiquei na mesma.

— Eu digo, continuou o velho roceiro elevando a voz, que já que somos obrigados a deixar a nossos herdeiros uma casa estragada pelo cupim, cumpre que leguemos ao porvir artifices capazes de levantar casa nova.

— Cada vez o entendo menos.

— Eu digo, exclamou o velho, cujos olhos brilharam como dous vaga-lumes, que é preciso educar a mocidade.

— Oh, meu Sr. ! quer mais aulas do que as que temos ?...

— Aulas ?... quem fallou aqui em aulas ?... algumas temos já, de muitas outras carecemos, e quantas ainda se estabelecerem não serão de so-bejo : a sociedade que governa as deve ao povo, que lhe paga tributos de suor e de sangue : não é

porém de instrução que eu trato agora : eu fallo da educação, Sr commendador dos meus peccados, fallo da educação, da educação domestica e religiosa.

— Ah!...

— E sabe a quem cumpre muito particularmente dar essa educação á mocidade ?... é ao sacerdote e á mãe de familia.

— E então ?...

— E então, é que o governo deve tratar com serio empenho de regenerar o nosso clero, que assim como está faz mal á religião, e portanto ao estado e a si mesmo ; e nós todos devemos occupar-nos de formar boas mãis de familia.

— Que mais ?... perguntou o commendador.

— A mãe de familia, continuou o velho roceiro, é um objecto de importancia immensissima para a sociedade. As idéas que mais impressão nos causão, que mais enraizadas persistem no nosso espirito, são aquellas que na infancia recebemos ; e, em relação á moral, ordinariamente o menino vê pelos olhos, ouve pelos ouvidos, e julga pela alma de sua mãe : as inspirações que na infancia se recebem, ou nos dirigem sempre na vida, ou só a custa de constantes, reiterados e difficillimos combates são apagadas : e essas inspirações recebe-as o homem de sua mãe.

— Ainda temos mais alguma cousa ?...

— Sim, é necessario tambem dizer que, se a missão da mãe de familia é ardua em toda a parte do mundo, no Brasil é particularmente muito mais espinhosa, porque no Brasil cada homem guarda dentro de sua propria casa um inimigo do coração de seus filhos, um poderoso elemento de desmoralisação ; em uma palavra, porque no Brasil existe a escravatura.

— Por consequencia...

— Oh meu caro Sr. commendador ! mais claro do que isto, só pós de sapatos !... está entrando pelos olhos, que eu quero dizer, que não é com uma vida toda passada em festas, bailes e theatros, que uma moça pode-se preparar para ser depois boa e cuidada mãe de familia.

— Entendo, disse o commendador ; o Sr. Anastacio, que ha pouco aqui nos confessou, que sua familia o destinava para o sacerdocio, e que consequentemente deu-se aos estudos graves e austeros proprios desse estado, mostra bem que ainda conserva de memoria todas as lições que aprendeu no seminario.

— Como é lá isso ?...

— Quer em cada casa um convento, e em cada moça uma freira : é o herdeiro das carunchosas idéas do seculo passado !

— Oh, Mauricio ! exclamou Anastacio rindo-se terrivelmente ; Mauricio, olha o Sr. commendador como fälla do seculo passado !... está lembrando-se do nosso tempo.

— Mauricio, que passeava pela sala, sorriu-se, e o commendador foi ás nuvens com aquella horrivel blasphemia.

— O Sr. é um cego, bradou elle, que não vê as luzes do seculo !

— Tenho assim meu receio dellas, respondeu o roceiro, porque sinto que vão queimando, com muito cousa má, muita cousa boa.

— Queria que, como d'antes, vivessem as pobres moças enterradas nos fundos das casas ; que não apparecessem a pessoa alguma, que não viessem fallar ás visitas, que se casassem sem ter visto a cara dos noivos, e que apenas olhassem para a rua pelos buraquinhos das rotulas !... arripia-se agora ao ver que n'um baile sumptuoso uma bella joven

aceita o braço de um nobre cavalheiro, e vai com elle passear conversando agradavelmente.

— Sim, arripio-me ao ver que um pobre pai, lá no tal baile sumptuoso, sente que se aproxima de sua filha querida um marmanjo, que ella nunca vio, que não sabe se é um moço de bem ou um mancebo desmoralizado ; e que no entretanto leva pelo braço a innocente menina, passeia e conversa com ella horas inteiras, diz-lhe cousas que a fazem rir, que a fazem córar, que a fazem estremecer : ah ! se eu fosse um desses pais ! . . .

— Que faria ? vinha o Carmo abaixo ? . . .

— Que faria ? ! primeiramente, minha filha não dansava nem passeava senão com pessoas que eu conhecesse, e cujo character apreciasse : e se por ventura, alguma vez acontecesse o contrario disso, e minha filha córresse ou estremecesse, eu havia de ir logo perguntar-lhe a causa.

— E isso não demonstrava senão muito pouca confiança na virtude de sua filha.

— Sr. commendador, ha homens que são viboras ; nada se illude mais facilmente do que a innocencia ; e um instante de allucinação é de sobra para manchar-se a vida toda de uma mulher.

— O Sr. nem ao menos enxerga dous palmos adiante de si ! . . . não vê que os bailes facilitão os casamentos ? ! ! !

— Facilitão ? ! ! ! difficultão, digo-lh'o eu ; os ricos são poucos, os ricos que querem casar-se ainda em menor numero, e os pobres, a menos que não tenham o juizo em agoa, não animão-se nunca a pretender a mão de uma moça, que não aprendeu a ser economica, e que gasta contos de réis por anno com vestidos, que devem apparecer tres horas em uma noite.

— Comprehende-se facilmente a razão por que

falla assm, Sr. Anastacio : não é só effeito dos espinhos da roça ; é rabugem de velho ; é inveja, porque já não pôde fazer o mesmo.

— Sr. commendador, olhe que eu ponho tudo em pratos limpos ! digo-lhe a verdade núa e crúa, ainda que ella seja como uma mostarda, que eu lhe chegue ao nariz !

— Ordem !... ordem !..., disse Mauricio ; cinjão-se á discussão do orçamento : os Srs. tem divagado de tal modo, que me tenho mil vezes lembrado do nosso parlamento.

— Pôde bradar como quizer, Sr. Anastacio, tornou o commendador Sancho, porque, apesar dos furores de todos os representantes dos velhos tempos, a sociedade progride, e a civilisação vai fazendo conquistas.

— Sim, Sr. ; tudo porém anda ás avessas do que devia andar : os moços fazem-se dignos de reprehensão, porque ostentão até os máos habitos, que são apenas supportaveis nos velhos ; e estes tornão-se ridiculos á força de quererem parecer-se com aquelles.

— Como ?... o que quer dizer com isso ?..,

— Quero dizer que encontra-se a cada canto desta cidade não pequeno numero de verdadeiras crianças com enormes caixas de tabaco nos bolsos, e com charutos de palmo e meio na boca. Quanto aos velhos o caso é muito mais interessante.

— Então o que é ?... diga... o senhor anda-me com indirectas desde hontem a noite !

Ordem ! exclamou Mauricio.

Anastacio estava vermelho, como um pimentão : levantou-se, e, pequenino como era, pôz-se nas pontas dos pés, e disse com força :

— Oh ! Sr. commendador ! ha cousa mais risivel neste mundo do que ver um homem aos sessenta

annos de idade todo espartilhado, todo cheiroso, todo vestido a furta-côres, sendo o alvo das zombarias das senhoras, dos motejos dos rapazes, e da piedade dos outros velhos como elle ?

— A quem se dirige o Sr. Anastacio ?...

— Ha cousa mais de costa acima, continuou o roceiro, do que ver um homem, como o Sr. commendador, que conta já perto de doze lustros, e que deve ter, pelo menos, tantos achaques como eu, andar por ahi com balda de rapaz a namorar moças, que podião ser suas netas, chegando até ao ponto de dar-se em espectaculo, como ainda hontem se deu ?!... um homem de mais de cincoenta annos dansando walsas francezas uma noite inteira !...

O commendador ergueu-se enraivecido, como a cobra, de quem pisaram a cauda.

— O Sr. Anastacio insulta-me ; mas fique sabendo, que eu tenho consciencia da elevada posição que occupo na sociedade, para não abaixar-me até apanhar no chão que piso a injuria que me lançou um... um... um roceiro !...

— Então o que é isto ?.. acudio Mauricio collocando-se entre Anastacio e o commendador ; pois dous amigos de tantos annos chegão a offender-se por uma ninharia ?...

— Ninharia não, respondeu Sancho ; o Sr. seu mano calumniou-me atrozmente : deu-me, pelo menos, vinte annos mais do que realmente conto.

— Vinte annos de mais !... Sr. commendador, lembre-se que, quando o rei desembarcou, nós já faziamos a barba.

— Nego !...

— Nega ?!! Sr. commendador, quando o rei chegou, já tinha o senhor pedido em casamento a D. Brites, filha do capitão-mór, que, por signal, não quiz estar pelos autos.

— E' falso ! é falsissimo ! bradou o commendador com toda a força dos seus pulmões. D. Brites já era moça feita, quando me baptisei ; eu sim, fui que não quiz casar com ella... isto é um novo insulto, calúnnia nova ; eu juro que nunca encontrarei mulher que me desprezasse.

— Que miseria ! disse Anastacio soltando uma risada sarcastica ; um carranca com balda de moço a contar os annos para traz !...

— Sr. Anastacio, digo-lhe que vá plantar mandiocal

— Ora, fico-lhe obrigado ; isso faço eu.

— Accommodem-se, senhores ! disse Mauricio ; mano Anastacio, basta ; Sr. commendador, não se afflija ; aquillo foi gracejo do mano.

— Gracejo não, acudio Anastacio sentando-se, não o mandei metter-se comigo : foi p. a. pa santa Justa ; e ainda me ficarão certas cousinhas para dizer em outra occasião.

— Devia lembrar-se primeiro, tornou Sancho, que fallava a um homem condecorado... a um commendador.

E sentou-se tomando uma larga respiração.

— Pum !...

— Sr Anastacio !...

— Basta ! basta ! Meu caro commendador, desculpe o máo genio do seu velho amigo, e alegre-se, porque alcançamos sobre elle uma brilhante victoria. Dou por discutido e votado pela grande maioria firme, compacta e decidida da minha boa vontade o orçamento proposto que, como rei da minha casa sanciono : gastará minha filha com o baile de amanhã 184\$000.

— Tambem este meu irmão a respeito de juizo gorou.

— Mano, já está fechada a discussão ; o orçamento passou tal e qual.

— Porém eu...

— Silencio !.. eu sinto passos no corredor... é sem duvida o nosso bello ministro, que vem saber o resultado da votação.

Anastacio sacudio a cabeça com ar de piedade.

O commendador exhalou um suspiro, e estendeu seu enorme pescoço, olhando para o corredor.

E appareceu...

III

O bello ministro.

Ha neste mundo certos entes privilegiados, que sabem ser ao mesmo tempo demoninhos tentadores e anjos de salvação dos homens, creaturas especiaes e milagrosas, que fazem dar mil voltas á cabeça de muita gente de juizo : são... quasi que não era preciso dizê-lo, são as moças bonitas.

Despoticas rainhas do mundo em que vivem, empunhão um sceptro, que por mostrar-se emnastrad-de flôres, nem por isso deixa de estar tambem cravado de espinhos. Uma só dessas perigosas tentações com um simples olhar de relance, accende um volcão terrivel na alma de duas duzias de peccadores ; com um brando sorrir, a tempo raiado no céo dos labios, torna mesmo em cera derretida o coração mais de pedra que se possa imaginar ; com um travesso anel de madeixa a brincar esquecido sobre a rosa da face, e que, ao mover da cabeça, vai beijar-lhe a commissura dos labios, põe a gente a morrer de inveja desse ladrão de anel de madeixa ; com um momo meneado a proposito, adeos minhas

encommendas, vão se espatifados pelos arcs todos os calculos do genero humano.

Ninguem lhes ensinou a olhar, a rir, nem a menear seus momos assim ; ninguem foi dizer a aquelle travesso anel de cabellos que fosse entender com aquelles labios de modo tão perturbador da ordem e da tranquillidade do espirito humano, ninguem... no emtanto ellas fazem tudo isso ás mil maravilhas: fazem-n'o mesmo tão á justa, que menos seria uma pena, e mais se tornaria um peccado.

Por causa dessa interessante porção do genero humano passa noites em claro o opulento monarcha, e o pobre lavrador ; o poeta faz-lhe sonetos, e o ignorante versos de pé quebrado ; o velho, que se lembra do seu tempo ; o moço, que se aproveita daquelle em que vive ; e o proprio menino que no — *vai-te esconder* — prefere muito significativamente as primas aos primos: todos emfim estão de baixo da influencia dessa bella criação privilegiada.

E ha razão para ser tudo isso assim, porque fallando a verdade, sem moças bonitas, este mundo seria mesmo como um valle sem as galas da vegetação ; como uma floresta sem as harmonias das aves ; como um céu sem o brilho das estrellas ; como um coração emfim sem os assomos da esperança.

O poder, a influencia desse bello povinho magnetico é realmente inconcebivel: ás vezes basta ver passar de relance uma moça bonita, para que o pobre homem, que a contemplou por breve instante, se é militar, se esqueça da guarda que deve fazer no dia seguinte, e dê consigo em uma fortaleza: se é estudante, estude debalde a sabbatina que lhe foi marcada, e se exponha a um *R* furibundo no mez de novembro ; se é mathematico, gaste em vão

duas e tres noites seguidas em procurar o valor de um X, que está entrando pelos olhos.

A missão das moças bonitas no mundo ainda não foi bem comprehendida : o egoismo e a ignorancia dos homens levantão barreiras diante dellas, que se vêm por isso impossibilitadas de fazer o bem que podião ; e a sociedade se acha encadeada por um milhão de nós gordios, que uma só dellas destataria com um leve sorriso muito mais regularmente do que o fez outr'ora a espada de Alexandre.

Os estadistas, por exemplo, já se lembraram do grande partido que se pôde tirar das moças bonitas na direcção dos negocios politicos !... pois não concebem que um ministerio composto dessas tentações era capaz de tornar republicanos os mais fieis validos do proprio imperador de todas as Russias ? socialistas, e até communistas, o marechal Radetzki, o duque de Wellington, e o principe de Meternich ?... furiosos realistas, o velho Dupont de l'Eure, o ardente Ledru Rollin, e o presidente dos Estados-Unidos ?... não comprehendem que ministerio tal podia fazer eleições sem cabalas, nem compromettimentos ?.. não crêm que era impossivel haver parlamento, que negasse maioria a uma administração tão encantadora?... palavra, que não se perdia com a experiencia ; teriamos um ministerio dirigindo os negocios publicos sómente com olhares meigos, e sorrisos de esperança ; em vez dos que agora temos, teriamos os partidos dos cabellos á chineza, ou á napolitana. Realmente a lembrança não é de se deitar fóra : as fardas dos Srs. ministros têm provado muito mal ; valia a pena ensaiar os vestidos das Sras. ministras : por peiores que elles fossem, o paiz, se não ganhasse, tambem não perderia com a troca.

Ora, é preciso que fique muito bem determinado

que nem a todas as moças é dado operar semelhantes milagres, que elles são exclusivos unicamente das bonitas ; como porém não haja uma só que deixe de julgar-se bella, ainda que o contrario disso lhe vá dizendo o seu espelho trezentas vezes por dia, não correm estas considerações o grave risco de desgostar ninguem.

Pois erão de um dos felizes individuos dessa especie, erão de uma moça que se julgava bonita, e que tinha razão de se julgar assim, os passos que os tres velhos ouviram no corredor.

— É sem duvida o nosso bello ministro que vem saber o resultado da votação, tinha dito Mauricio.

E o bello ministro appareceu.

Antes que a graciosa figura da moça se mostrasse á porta que do corredor dava para a sala, ouviu-se o leve ruido que fazião as suas vestes movidas na viveza de seu andar, e derramou-se na sala uma doce aura perfumada, como se alli perto mimosa violeta estivera exhalando seu aroma : não tinha ainda apparecido a moça, e quem nunca a tivera visto adivinharia logo que era bella.

Emfim appareceu, e parou um instante á porta do corredor, maliciosa, risonha e zombeteira, dizendo :

— Ah! eu pensava que erão moças que estavam aqui na sala !.. fallavão tão alto, que cheguei a julgar que brigavão ; ao menos porém o meu engano não foi lá dos maiores, porque se não erão moças.., era o Sr. commendador.

Essa joven senhora, que acabava de mostrar-se, tinha realmente muito que agradecer á natureza.

Esbelta e graciosa, deixava admirar um desses corpos delgados e leves, que como que são feitos para passar diante de nós correndo, que parece que, se os quizermos prender em nossos braços, d'entre elles

saberão escapar volvendo-se como um passarinho que se desliza das mãos de uma criança. Tinha os cabellos negros, longos, luzidios e ondeados; a fronte alva, lisa e nobre; e seus olhos pretos traquinavão dentro das orbitas com ardor e fogo: seu nariz modelara-se pelo da mais bem acabada estatua grega; nada poderia explicar a graça elevadora de sua boca de Madona de Raphael, com seus labios côr de nacar, escondendo iguaes e alvissimos dentes, e coroando-se de um buço feiticeiro, que simulava talvez nuvem voluptuosa, onde estivesse envolvido todo o encanto, toda doçura, toda immensa felicidade, que se pôde beber no primeiro beijo de uma virgem; e abaixo de sua boca um interessante ninho de amor na bella covinha de seu mento, que fazia lembrar a Venus de Medicis; a côr de seu rosto era branca, mas uns longes de rubor deixavão-se adivinhar em suas faces; o cysne do Uruguay cedia-lhe no garbo do collo; em seu peito côr de neve, e nos mysterios de seu peito havia ao mesmo tempo um céu e um abysmo de amor. Completavão os encantos dessa mulher preciosa uma cintura de fada, braços grossos e muito proporcionados, que se ligavão a mãos dignas de uma princeza delicada, e finalmente pés modelados por Canova, que uma Andalusia invejára.

Ella appareceu com os cabellos atados á napolitana; vestida com roupão de merinó côr de alecrim, afogado, e por cima de cuja gola se debruçava um collarinho, que disputava a alvura da neve; seu vestido, que attingia o maior gráo de simplicidade, desenhava suas fórmias graciosas, commettendo apenas o erro indesculpavel de, por muito comprido, esconder os seus pésinhos apertados em sapatos de lã preta. Para commodo, ou antes por faceirice, trazia preso á cintura um avental de seda verde escura, com ramos bordados da mesma côr.

O que porém tornava mais interessante ainda essa moça, era sobretudo a linguagem de fogo, que fallavão seus olhos, a malicia que ás vezes escorria de seus labios, e em toda ella uma mistura de consciencia da propria belleza com uns longes de modestia angelica.

Bonita e gentil para attrahir olhares e pensamentos, esquiva, travessa e artilosa para atormentar aquelles que, perdidos por ella, se deixassem arrastar após a cauda de seu vestido, a moça podia com parar-se com a rainha das flores, tanto pela formosura, como pelos espinhos.

Tambem acertaram de lhe dar um nome, que resumia a historia de seus encantos e de sua interessante malignidade; um nome, que lhe assentava melhor que nenhum outro.

A moça chamava-se Rosa.

IV

O credito suplementar.

— Então, disse ainda ella da porta onde se deixára ficar parada, com effeito enganei-me.... não brigavão ?...

— Não te enganaste, Rosa, respondeu-lhe sorrindo-se Mauricio; sahiram mais de vinte vezes fóra da ordem.

— Mas porque?... como?... tornou ella aproximando-se e descansando sobre o encosto de uma cadeira a mão mais de anjo que do céo tem cahido neste mundo.

— Adivinha

— Ah ! meu paizinho ! se eu adivinhasse já teria ficado mal com todas as minhas camaradas.

— Trabalha...

— Qual ! é impossivel !... eu sou tão tola...

— Pois era por tua causa.

— Por minha causa ?... então...

Discutia-se o orçamento que me apresentaste para as despesas do baile de amanhã, e desenvolveu-se a mais decidida e vigorosa opposição...

— Misericordia ! exclamou a moça, quando eu vinha agora mesmo pedir um credito supplementar !...

— Um credito supplementar !!!

— Está na regra, disse o velho roceiro ; o credito supplementar é o rabo-leva do orçamento ; não se salva a patria sem elle.

— Ora vejamos...

— Peço mais 36\$000, tornou Rosa, para a grinalda do cabello, flôr do peito e guarnição do vestido.

— Vamos lá, Sr. Mauricio, mais 36\$000 : não ha que hesitar.

— Mas as flôres, com que appareceste no baile de hontem ainda estao em muito bom estado.

— As mesmas flôres !... Deus me livre : já fui a dous bailes, já appareci duas vezes com ellas...

— Ora esta agora ainda é melhor ! acudio Anastacio ; ainda mesmo que a Sra. minha sobrinha tivesse ido a trezentos bailes com essas flôres, que mal havia em apresentar-se com ellas em mais um, se ainda se conservão em estado de apparecer ?...

— Com as mesmas ?... repetio a moça ; sim... para que lá dissessem as taes minhas camaradas aos ouvidos umas das outras : — são as mesmas !...

— Pois acreditas que alguem se lembra das flôres que levas no cabello cinco minutos depois de have-las visto ?...

A moça sorriu-se, sacudiu a cabeça muito significativamente, e depois respondeu :

— Meu tio não comprehende o que é essa guerra feminina, que se chama um baile!... oh! mas é uma lucta constante... terrivel... enraivada... que se não acaba nunca emfim! A mulher hostilisa a mulher de todas as maneiras : se póde, morde-lhe o coração, espinha-lhe a vida, annuvia-lhe a fronte, murcha-lhe os labios e mancha-lhe o seio ; e se não póde, ao menos desgrenha-lhe os cabellos, e rasga-lhe o vestido!... Em uma palavra, o vestido, os enfeites, os brincos, o adereço, as flôres com que eu fui a um baile ha seis mezes passados estão ainda na memoria de todas as minhas competidoras : appareça eu amanhã, como me mostrei ha seis mezes passados, e cada uma dellas irá dizer baixinho á outra : — É o mesmo vestido! são as mesmas flôres! é tudo o mesmo! — Oh! mas eu me vingo tambem!... eu as sei de cór... bem de cór! a todas elias, uma por uma!...

— Bonito!... Sr. Mauricio, dou-lhe os parabens pela pombinha sem fel que tem em casa!

Rosa, que havia córado um pouco no fervor com que fallára, soltou uma risada ao ouvir a reflexão de Anastacio, e disse :

— Meu tio, são seis mezes para lá, e seis mezes para cá; no fim do anno estamos pagas.

— Que puerilidades, e sobretudo quanta vaidade!...

— O que quer Vm., meu tio?... é a vida que os Srs. homens nos destinão ; moças solteiras, temos um toucador ; casadas, a chave da dispensa ; velhas, um rosario, e mais nada. Porém que me importa isto agora?... a minha questão é simples ; meu paizinho, eu quero as flôres.

— Menina, disse-lhe Mauricio, deixa-te flôres

por hoje... não ha nada novo, nada interessante nesse genero agora; esperão-se brevemente de Paris...

— Ora! em casa de Mr. Silvain ha flôres tão perfeitadas, tão bem acabadas, que parecem mesmo collidas de fresco.

— Está bem... pode ser; mas 36\$000 é muito dinheiro... não é possível... deixa-te disso.

— Sr. commendador, disse a moça voltando-se para Sancho, por quem é, tome a peito a minha causa; olhe que perde a sua walsa, porque sem as flôres que peço, juro que ninguem me verá no baile, e...

— Oh! exclamou o commendador com tom theatral, suspenda V. Ex. esse juramento fatal! seria privar-nos de um sol... que...

— Importava pouco: o baile é de noite; e a essa hora dispensa-se o sol sem inconveniente algum.

— Mas a luz de uma estrella.. .

— As estrellas são numerosas, e portanto pôde-se muito bem passar sem uma dellas.

— Não, não por carto; porque o equilibrio planetario...

— Por quem é, Sr. commendador, não suba tanto, que eu temo perdê-lo de vista. Se não quizer ficar conosco na terra, aconselho-lhe que se contente com o mundo da lua.

— O espirito de V. Ex...

— Que espirito!... o meu espirito está a evaporar-se todo: eu vivo de perfumes, e não me querem dar flôres.

O commendador exhalou um suspiro arrancado do coração, e todo ternura balbuciou:

— Ah! minha senhora! se eu fôra uma flôr, com que prazer me não offereceria a V. Ex!.

Rosa não pôde conter uma risada.

— Qual ! não servia, respondeu ; o Sr. commendador deve lembrar-se dos trances por que passaria para arranjar-se a modo de guarnição de vestido ; e pela minha parte eu declaro que por cousa alguma do mundo consentiria em apresentar-me com o Sr. commendador nos meus cabellos.

— Bravo, sobrinha ! exclamou Anastacio ; estou quasi votando pela compra das flôres.

O commendador lançou um olhar arrevezado sobre o velho roceiro.

No entanto a moça chegou-se para Mauricio, passou-lhe o formoso braço por traz do pescoço, e fazendo um momo enfeitado, disse com voz maviosa:

— Meu paizinho, dá-me as flôres ? . .

Mauricio desprendeuse brandamente daquelle braço, como se tivera medo de não poder resistir ao afago, e respondeu fingindo um leve enfado :

— Menina, toma juizo.

— Pois dê-me as flôres.

— Deixa-te disso. . . não é possível.

Sim . . . que eu me deixe disso, e que eu vá ao baile com flôres velhas, com um vestido bem fóra da moda . . . até mal penteada ; que me achem desengraçada . . . abatida no meio das outras . . . que me achem mesmo feia . . . que importa ? . . ora . . . não va'le nada . . . não faz mal . .

— Sr. commendador, disse Mauricio, parece que já tardão os parceiros do voltarete.

— Não vou ao baile ! gritou Rosa indo precipitadamente sentar-se no sofá ; não hei de ir ao baile ! . .

— Ante-hontem foi a noite dos codilhos para mim ; hoje porém hei de tirar a minha desforra.

O commendador bem lançava vistas amorosas para Rosa ; mas não se atrevia a dizer palavra com medo do velho roceiro.

A moça guardou silencio durante algum tempo ;

Mauricio trocava sorrisos de intelligencia com Anastacio : o commendador suspirava de vez em quando. Finalmente Rosa não pôde conter-se, e repetio :

— Ora.... que tem !... não vou ao baile.

— E os parceiros a se demorarem ! disse Mauricio ; aquelle meu compadre Baptista é a preguiça em pessoa.

— Bravo, mano !... exclamou Anastacio.

A moça encavacou completamente ; voltou-se para o velho, e diz fingindo-se socegada :

— Então pensa meu tio que eu me incommodo muito por não ir a um baile ?...

— Quem disse semelhante cousa ?... perguntou ironicamente Anastacio.

— Póde zombar como quizer, tornou-lhe ella ; creia porém, e creião todos, que não ir ao baile de amanhã será uma victoria para o que chamão minha vaidade.

— Tambem póde ser.

— Sabe o que ha de acontecer ?... amanhã á noite cem olhos se voltarão para a porta esperando verme entrar ; perguntarão porque não fui, lembrar-se-hão de mim... sentirão a minha falta, e tudo isso é um triumpho !... Sim, meu tio, a ausencia de uma moça bonita n'um baile, que ella costuma frequentar, é tão notavel como o silencio de um sabio n'uma sociedade de letras. Oh ! isto é assim : estou bem contente... mesmo mais contente do que se fosse.

Calaram-se todos : prolongou-se por muito tempo o silencio : apenas se deixavão ouvir os suspiros do commendador Sancho.

Rosa, passados alguns momentos de immobildade no sofá, começou a agitar-se ; depois fitou os olhos no tecto da sala, e socego de novo ; depois cantou o allegro de uma aria italiana ; depois levantou-se, e passeou pela sala ; e emfim, hesitando outra

vez, e acabando por decidir-se, chegou para seu pai meia risonha, meia córada, passou-lhe a mãozinha pelos cabellos, e disse :

— Meu paizinho compra-me as flôres ?...

Os tres velhos não puderão suster-se, e desata-ram a rir : ella tambem ria-se, e ao mesmo tempo afagava seu pai.

— Ora já viram uma tentação como esta ? exclamou Mauricio.

— Mas Vm. compra-me as flôres ?

— Nada ! eu quero que tu triumphes ; que amanhã a noite cem olhos voltem-se para a porta, esperando ver-te chegar, quero que perguntem porque não foste, que lembrem-se de ti, que sintão a tua falta : tu mesma disseste tudo isto.

— Ora, eu sou uma tola... ás vezes não sei o que digo... quasi que não me lembro de ter dito isso.

— Porém dos teus pedidos lembras-te sempre, e muito.

— E Vm. compra-me as flôres ?...

— Que teima ! não vês que teu tio reprova semelhante despeza ?..

— Meu tio não póde ser juiz neste caso.

— Essa é boa ! então porque ?...

— Porque não tem filhas.

— Não é razão sufficiente.

— Mas Vm. ha de comprar-me as flôres ?

— Veremos.

— Em uma palavra, sim ou não, meu paizinho ?...

— Não.

Rosa pensou durante curtos momentos ; emfim correu para o piano, e depois de brincar um instante no branco teclado com seus dedinhos ainda mais brancos cantou, com voz argentina, doce e graciosa ; cantou, se se póde deixar passar a expressão, com voz buliçosa e travessa uma musica viva e alegre,

que interpretava perfeitamente os seguintes versos :

Mimosa natureza
Me fez bella e galante :
Quem vê-me um só instante,
Por força me ha de amar ;
Mas resta que faustosa
Venh'arte cuidadosa
Meus dons fazer brilhar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

Meu pézinho de neve
É todo delicado
E tosco vil calçado
De certo o vai magoar.
Meu pé côr de marfim
Sapato de setim
Só deverá calçar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

Eu tenho corpo esbelto,
E porte magestoso ;
Por meu andar garboso
Me faço admirar.
A tanta gentileza
Vestidos de princeza
Só poderão bastar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

A fada mais vaidosa
De sua formosura
No mimo da cintura

Me deve a palma dar.
Mas faltão-me brilhantes,
E um cinto de diamantes,
Que m'a venha apertar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

Meu collo magestoso
A mesma graça inveja :
Meu branco peito alveja
Ao lirio escurentar.
Por isso é que apeteço
Riquissimo adereço
P'ra o collo me adornar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

As minhas mãos de nevo
E dedos de crystal,
E as unhas de coral
Desejão-se beijar.
Mas dev'em luvas finas,
Mimosas, pequeninas,
Deixar-se adivinhar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

São longos e formosos
Os meus negros cabellos,
Tão crespos e tão bellos
Ninguém póde ostentar ;
Mas dobrão de esplendor,
Quando uma linda flôr
Entre elles vai brilhar.
Papai, que me quer bem,
É quem ha de pagar.

Bem sei que sou galante,
Que tenho a côr da rosa
A voz melodiosa,
E o mais celeste olhar.
Mas deve arte e riqueza
D'amiga natureza
A obra rematar.
Papai, que me quer bem,
É quem me ha de pagar.

Meu lindo sapatinho,
Meu cinto de diamantes,
Adereço de brilhantes,
Não posso dispensar.
Vestidos de mil côres,
E sobretudo as flôres,
Papai, vá me comprar.
Papai, que me quer bem,
Tudo isto me ha dar.

— Bravo !... muito bem !... bravissimo !... sublimissimo !.., exclamou o commendador.

— E agora, meu paizinho disse Rosa correndo para Mauricio ; sim ou não ?....

— Pois ainda ?...

— Mais que nunca : até ha bem pouco pedia, agora exijo.

— Exiges ? !...

— Sem duvida : meu paizinho disse-me que, se hoje á noite eu lhe cantasse sem errar esta nova composição de meu mestre, que elle chama — o canto da vaidosa — havia de dar-me um presente.

— Mas ainda que... ia dizendo Mauricio.

— Errei ?... perguntou a moça.

— Realmente penso que não.

— Pois então quero as flôres por presente.

- Já se viu rapariga mais impertinente ?
- Se Vm. me der as flôres, eu lhe não peço mais nada nestes quinze dias...
- Devéras ?...
- Palavra de moça.
- Oh, mano, disse Mauricio, esta despeza é uma verdadeira economia !
- Anastacio sacudia a cabeça com ar de piedade.
- Então, meu paizinho ?...
- Nestes quinze dias mais nada ?....
- Nem agulhas.
- Dou-te as flôres.
- Victoria ! exclamou Rosa batendo palmas com alegria infantil.
- A moça abraçou o pescoço do amoroso pai, deu-lhe um beijo na testa, e correu para dentro, graciosa, como um beija-flôr.
- E portanto, disse Mauricio sorrindo-se, passou tambem o credito suplementar ?
- O que muito positivamente passou, respondeu Anastacio, é que meu irmão Mauricio tem ainda menos juizo do que minha sobrinha Rosa.
- Mauricio olhou para o commendador, e apontando para Anastacio, disse :
- Elle não tem filha.

V

O Juca.

Era de tarde.

D. Bazilia, senhora dos seus sessenta e tantos annos de idade, de oculos de quatro vidros no nariz, e

de lenço encarnado atado á cabeça, lia o Novo Dicionario das flôres ou Vade-mecum dos namorados, tendo ao collo o seu querido gato pampa.

D. Clara, moça dos seus trinta e dous janeiros, segundo o livro do vigario, e de vinte quatro, segundo as contas della mesma, estava acabando a centesima-vigesima-quinta cousa-nenhuma do vestido novo, com que devia apresentar-se no baile dessa mesma noite.

Faustino, joven de vinte oito annos, achava-se sentado junto de uma mesa, com a perna esquerda estendida sobre uma cadeira, e escrevia muito, meditando pouco.

Faustino era alto, corpulento, de olhos fundos, côr morena e nariz de fazer sombra.

D. Clara era de boa altura, cheia de corpo, côr atirando para amarella, que ella chamava romantica, cabellos castanhos, olhos pardos, porém vivos; nariz microscopico; boca allopathica e queixo homœopathico.

A velha era velha.

— Amor perfeito: — Existo para ti só!... — Como é bem achado isto!!! dizia lendo D. Bazilia.

— Este babadinho aqui, exclamava D. Clara, é mais eloquente do que um livro de rhetorica: ás vezes toda a graça de uma moça está palpitando em um babadinho!

— Cataclismo!... maldição!... horror!... Inferno e furias!... bradava Faustino escrevendo.

Bateram palmas.

— Quem é?... perguntou a velha em tom de falso.

Bateram de novo.

— Com effeito! tornou D. Bazilia marcando a pagina de seu livrinho; nem ao menos deixão á gente tempo para se instruir!

— Quem é?... perguntou Faustino com voz de baixo profundo.

— *Amicus certus in re incerta cernitur*, respondeu alguém da escada.

— Esta voz... mas... não é possível...

— Entre...

Entrou.

— Juca !...

— Juca !...

— Sr. Juca !...

O livro cahio das mãos e o gato pampa do collo da velha, a penna dos dedos do moço, e a manga do vestido de D. Clara esteve por um triz a arrastar-se pelo chão.

O moço que acabava de entrar chamava-se José, e era effectivamente o Juca mais endiabrado que a Sra natureza tinha querido formar em horas de travessura.

Não podia contar mais de vinte quatro annos : era de estatura mediana, e muito bem feito; tinha cabellos alourados, côr rosada, tez fina, olhos negros e buliçosos, boca grande e riquissimos dentes, que alvejavão por entre labios de coral, dos quaes o superior se mostrava debruado com um bigodinho de cadete afeminado.

Vinha vestido de calças brancas sem presilhas, collete côr de canna, gravata preta muito baixa ao pescoço e paletó de merinó côr de vinho.

A expressão physionomica, os modos, os menores movimentos desse rapaz denunciavão á mais rapida vista d'olhos, que era elle tão vivo, talvez mesmo tão bom de coração, como leviano e extravagante.

Mas emfim os abraços e os cumprimentos tinham tido o seu termo.

— Porém, Juca, você por aqui... como é isto?... perguntava a velha.

— Quando vieste, Juca? inquiria Faustino. Chegou o vapor?... que novidades ha pelo Norte?...

— Basta! alto! parem ahi!... não posso responder a tantas perguntas ao mesmo tempo: vamos por ordem.

— Quando chegaste?

— Hoje, agora mesmo.

— Mas como é isto?... deram-se as ferias!...

— Dei-as eu.

— Sempre a maldita vadiação!...

— Nego a consequencia! exclamou o Juca rindo-se ás gargalhadas; Vms. todas, logo que passão dos cincoenta annos de idade, continuão a ter muito cuidado com a cabeça dos rapazes; mas a respeito do coração... nem pitada! pois é um erro: um mancebo é uma machina de vapor; não duvido que a cabeça seja a valvula de segurança; como porém o coração é a caldeira, preciso se faz ter tambem algum desvelo com ella.

— E teu pai, Juca, e teu pai?!!

— Ahi vem Vm. com o pão nosso de cada dia do outro tempo!...

— Mas...

— Que mas, senhora?... o que foi o que me disse meu pai?... Quando fiz dezoito annos, e me apresentei a elle com os meus preparatorios muito mal alinhavados, recebi umas poucas de cartas de recommendação, e estas palavras em despedida: — Tens sessenta mil réis de mezada, vai para a côrte estudar. — Estudar o que, meu pai? perguntei eu — Ora essa é boa! exclamou elle; estudar o que?... estudar os estudos!...—Montei no burrinho, puz-me na estrada, e fiquei nesta bella côrte estudando os meus estudos; niuguem dirá que principiei mal: matriculei-me na escola de medicina.

— Sim... até ahi mostraste ser moço de juizo.

— Porém medicina é uma sciencia, uma grande sciencia mesmo, e comtudo estudar medicina não era estudar os meus estudos ; o que fiz então ?...

— Vadiaste.

— Qual vadiiei ! estudei a dansa, que é a sciencia dos pés ; a gymnastica, que é a dos musculos e articulações ; o florete, que é a das mãos ; a pintura oriental, bordado e ponto de marca, que é a dos dedos ; musica e declamação, que é a do peito, da garganta e da lingua ; estudei até a ser cabelleiro, que é a sciencia da verdadeira cabeça ; estudei muito mais ainda, Sra. D. Bazilia ! estudei o bilhar, que é a geometria e o calculo em acção ; estudei o namoro, que é o verbo balbuciente da sciencia telegraphica ; estudei...

— E achas que ganhaste muito estudando tudo isso ? perguntou a velha.

— Ah ! Sra. D. Bazilia ! tornou o estudante ; cedo conheci os homens e as cousas ; apalpei a sociedade, onde me cumpre viver ; e preparei-me e preparo-me para representar nella um brilhante papel !

— Com a dansa ?...

— Sim, porque a dansa, já o disse uma vez, é a sciencia dos pés ; e o mundo está de cabeça para baixo e de pés para cima, e os homens de hoje parecem ter as almas nos calcanhares.

— Mas a gymnastica ?...

— Oh ! a gymnastica ?!! a gymnastica, minhas senhoras, é um dos ramos mais importantes dos estudos sociaes e politicos !... Pois as senhoras não tem reparado já que todos os habeis estadistas são capoeiras ?...

— Mas o florete para que serve ?...

— O florete ensina-nos a viver em guarda ; e, o que não importa menos, a saber ferir a tempo.

— E a pintura oriental ?...

— Illude os tolos.

— Porém o bordado e o ponto de marca?...

— Isso agora é questão um pouco mais intrincada: aprendi o bordado e o ponto de marca, porque de-
testo o exclusivismo na sociedade, e pretendo de-
monstrar por essa maneira que as senhoras têm
incontestavel direito a ser medicas e boticarias,
chefes de policia e inspectoras de quartirão, mi-
nistras de estado, deputadas, e até mesmo sena-
doras, sapateiras e alfaiates, e tudo mais que nós
os homens podemos ser, do mesmo modo que nós
os homens temos tambem o direito de marcar,
bordar e trocar bilros.

— Lá nisso, Juca, por certo que pensas bem;
mas para que aprendeste ainda musica e decla-
mação?...

— Oh! quem sabe cantar e declamar, tem meio
caminho andado no que diz respeito aos affectos e
aos sentimentos ardentes! sim, ama-se por suste-
nidos, despreza-se por berroes; e quando o amor
deixa de nos fazer conta, e o desprezo já não tem
lugar, com um simples bequadro destroem-se todos
esses accidentes da solfa do coração; e declaman-
do... declamando então?... oh! por certo a decla-
mação é um verdadeiro thesouro na época em que
aquelle que mais grita é o que tem mais razão!

— Porém ser cabelleireiro, Juca, de que póde
servir a um homem que se destinou á medicina?...

— O cabelleireiro, Sra. D. Bazilia, é um dos
membros mais uteis da sociedade; qual é a missão
do cabelleireiro neste mundo?... arranjar as cabe-
ças desarranjadas: e todos nós sabemos como andão
as cabeças neste seculo de téas de aranha.

— E emfim o bilhar... o bilhar?...

— Que! o bilhar?! a sciencia das carambolas!...
Oh! os homens ainda não comprehenderam todo o

poder, toda a utilidade de uma carambola! o bilhar?! só nos mysterios do taco, e nos angulos de reflexão ha um mundo immenso e incomprehen-sivel!...

— Por consequência pensas que te tornaste um sabichão com esses conhecimentos!

— Não contentei-me só com esses, Sra. D. Bazilia; estudei muito mais ainda, e perdi mesmo o meu tempo estudando um *quantum-satis* de francez para conversar com certas moças; de italiano para entender-me com as primas-donas do theatro de canto; de inglez não sei mesmo para que; e até sem nunca estudar os primeiros rudimentos da lingua grega, achei-me, como por encanto, grego, completamente grego nas materias do meu curso de medicina.

— E o resultado?

— Foi reprovarem-me duas vezes aqui no Rio de Janeiro; mas, d'ahi não se segue, que eu não tenha feito já uma grande parte dos meus estudos.

— Mas a medicina?

— A medicina é uma sciencia sem bases; é uma estatua de pés de barro; serve para os doentes, do mesmo modo que uma boneca serve para as crianças: não ha necessidade de medicos de academia; alguns de nossos ministerios já o têm procurado demonstrar por vezes; no entretanto venci dous annos na escola do Rio de Janeiro; entendeu porém meu pai, que cumpria fazer-me viajar, e mandou-me para a Bahia: fui approvedo no meu terceiro anno medico: achava-me agora no quarto, tinha mesmo determinado fazer um brilharetur no fim deste anno, quando obrigaram-me a cortar a minha carreira: sim, forçaram-me a arranjar um entre parenthesis na minha vida de estudante.

— Vão ver que foi alguma nova extravagancia!

— Ah! Sra. D. Bazília, não foi extravagância : ia sendo mesmo o diabo... uma cousa horrivel... uma desgraça espantosa...

— Deu alguma facada?.. perguntou a velha tremendo.

— Peior do que isso...

— Quizeram recrutar-te, Juca ?..

— Muito peor !..

— Ah! minha mãe, exclamou Clara quasi a chorar, sem duvida appareceu a cholera morbus na Bahia...

— Ainda peor !.. bradou o estudante ; foi... ou ia sendo uma calamidade tremenda como o diluvio universal !...

— Então o que foi?.. diga...

— Escapei de casar-me.

— Ora, Sr. Juca, disse Clara ; você cada vez fica mais tolo.

— Apoiado, Juca ! gritou Faustino.

— Olhem o outro...

— Calem-se, disse a velha ; vamos ouvir o Juca contar o seu caso.

— Pois lá vai.

VI

Por um tris.

A velha, a moça e o mancebo embeberam os olhos no rosto de Juca, que começou logo a contar a sua historia.

— A algumas leguas da cidade da Bahia preparava-se uma festa, cuja fama chegou até a escola de

medicina. e despertou no ânimo de alguns estudantes o desejo de ir tomar parte nella. Entrei na conta dos desejosos, e em numero de sete fechamos os livros e fomos á festa : erão quatro ou cinco dias de gazeta, quatro ou cinco pontos mais, a que nós como bons philosophos não podiamos dar importancia.

Decidio-se, que para occorrer ás despezas essenciaes, irmãmente nos cotisariamos ; mas com o fim de fazer brilhar em todos nós a chamma sagrada da emulação, com o fim de abrir campo vasto á agudeza de nosso espirito, foi tambem tratado e decidido, que aquelle dos sete, que nos dias da festa provasse mais valor e coragem nas lidas amorosas, fizesse a viagem de ida e volta e gozasse todos os prazeres á custa dos companheiros.

— Estes estudantes são da pelle do não sei que diga !

— Ah ! minhas senhoras ! patuscar á custa dos outros para depois rir-lhes no rosto, é o sonho querido, o bello ideal do estudante !... aquella fatal disposição, aquelle contracto de — gauderagem — foi o objecto de todas as minhas reflexões durante a nossa viagem. A idéa de ficar vencido, de ver um companheiro divertir-se á minha custa atormentava-me, como um remorso. O pomo d'ouro tinha sido lançado no meio de nós, e se eu não conseguisse ganhar esse pomo, considerar-me-hia eternamente deshonorado.

— Mas, Sr. Juca, disse Clara, não sei porque havia de ter tanto medo assim : o senhor foi sempre tido entre as senhoras por moço bonito.

— D. Clarinha, tambem eu não me tenho na conta de tão ruim cousa, que me assuste a vista de qualquer espelho ; mas, olhe, não era o meu rosto, que me desanimava ; não era igualmente as graças e prendas de cinco dos meus companheiros todos

mais ou menos bonitos, e interessantes, o que me fazia tremer.

Então...

— Era o sexto.

— O sexto?!!

— Sim; o meu sexto companheiro era um mono, D. Clarinha, um mono que nos fazia rir, e que sempre nos conservava a distancia de tres palmos d'elle pelo receio de termos algum encontro desagradavel como seu nariz.

— E era por causa d'elle...

— Tambem não era effectivamente por causa d'elle; mas sim por uma cousa, que a alta sociedade chama — capricho das senhoras — e que o ignobil vulgacho tem a ousadia de explicar com um proverbio insolente, que acaba por estas palavras « pega sempre no peor ».

— Ora... que asneira!...

— Adiante, Juca; disse Faustino.

— Vou resumir toda minha historia, continuou o estudante; escutem pois. Tivemos tres dias de festa: havião moças bonitas a contentar a setenta, quanto mais a sete estudantes; feias então não fallemos... Faustino, olha, que ha muita mulher feia neste mundo!... quanto bicho careta se escondia no Reconcavo, veio mostrar-se á luz do dia: eu fiquei espantado ante a immensa variedade e riqueza do reino animal! vi thesouros incalculaveis, que poderiam bem povoar duzentas salas do museu nacional: no entretanto nada chegava a ousar comparar-se com um espectro de cincoenta e tantos annos, que se chamava Bonifacia: ah! deverião tê-la chrismado com o nome de Malifacia; tinha o corpo de um lagarto, uma carinha de gafanhoto, cabellos de ouriço, mãos de aranha, voz de sapo, rir medonho e um andar de lamber leguas. Era um ente espantoso

desde o seu nascimento : o vigario da freguezia tinha hesitado em baptisa-la, e não o fez senão depois que habeis peritos declararam formalmente que era de facto uma mulher, e não um bicho : em summa era mulherzinha, que com seus oitenta contos de réis de dote, ainda não havia podido achar casamento, apezar de todos os esforços de sua familia !

— Que lingua !

— Vamos á historia : antes do fim do primeiro dia meus companheiros já estavam de obra começada ; amavão já *eterna e desesperadamente* : cada qual acreditava-se victorioso, fazendo resaltar aos olhos dos outros os encantos e graças de sua bella e a felicidade e promptidão da conquista.

— E tu ?..

— Eu ia espichando-me completamente : começava já a apaixonar-me pela mais bella flôr daquelle prado : tinha já conseguido merecer a sua attenção, quando ao passar diante della uma vez, vejo-a soltar uma gargalhada... volto os olhos, e quem, quem estaria perto de mim ? quem attrahia os olhos da interessante moça ? adivinhem...

— Eu não sei...

— O mono ! o meu terrivel companheiro ! o fatal mono, que em menos de duas horas pôz-me fóra do combate, e fez-se objecto exclusivo dos sorrisos, e dos affectos da bella : ah ! eu o tinha previsto !... era a regra.

— E depois ?

— Depois, eu que já havia dado corda ao realejo de meus ardentes amores, fi-lo parar de novo, e fiquei inerte durante todo o resto do primeiro dia de festa.

— E no segundo ?

— Eu estava desesperado... mas bem diz o adagio, que o melhor conselheiro foi sempre o travesseiro :

durante a noite, aproveitando o silencio e o socego, pensei comigo mesmo, reflectindo pela seguinte maneira : — O premio da victoria pertencerá ao que provar mais valor e coragem nas lidas amorosas : ora, para requestar uma moça bonita, não é preciso ser valente, nem corajoso : isso faz ahi qualquer cabo de esquadra ; mas namorar um espectro, uma furia, sim, é bravura propria de um Cesar ; por consequencia...

— Por consequencia o que, cabeça de vento ?...

— Determinei-me a. no dia seguinte, apaixonar-me furiosamente pela horrendissima Sra. D. Bonifacia.

— Misericordia ! exclamou Clara.

— Então que espanto é esse ?...

— Pois quando o Sr. diz, que lá havião tantas moças bonitas !

— Qu'importa ?... e a outra não achou tambem que era mais conveniente deixar-se amar pelo mono, do que por mim ?... pois quem com ferro fere, com ferro será ferido : desprezei a todas as pretenciosas formosuras que por alli se ostentavão, pela Sra. D. Bonifacia.

— E ella...

— Fui feliz, como Cesar, continuou o Juca ; cheguei, vi, e venci : ás dez horas do dia seguinte o amor era todo brasas : á uma hora da tarde recebi um presente de zôrô e vatapá ; e ainda antes de anoi-tecer, um outro de doce de côco : os meus seis companheiros até então só havião podido alcançar, este um olhar meigo, aquelle um terno sorriso, e os mais felizes algumas flôres significativas.

— E emfim ?...

— Para encurtar razões, direi, que no fim do terceiro dia, na vespera da nossa volta para cidade, fiz um soneto fulminante, um soneto de despedida á

minha idolatrada Bonifacia : fui obrigado a ter com ella uma entrevista, na qual por entre horriveis suspiros, e medonhos soluços, a minha apaixonada jurou, que jámais se esqueceria de mim, e prometeu-me que brevemente me causaria a mais agradável surpresa. Eu não disse palavra na entrevista : nunca me tinha visto tão perto de um bicho semelhante; o susto, o horror obrigou-me a ficar mudo e quedo, a ter toda a modestia possível com Bonifacia, que attribuiu o meu silencio á força da saudade e á dôr da separação, e fallou por si e por mim : foi um solo de zabumba completo.

— Que monstro !...

— Quando senti-me livre d'aquella entrega, dei saltos de contente; tomei uma dessas respirações largas e consoladoras, que se tomão, depois de um pesadello horrivel, que nos atormentou durante o somno.

De volta á cidade da Bahia, reunio-se o soberano conselho estudantal; cada um dos sete fez a historia de suas conquistas : mas ao escutar-se a relação de meus amores com a incomparavel Bonifacia, todos os meus companheiros curvaram-se diante de mim, como aos pés de um heróe, e o soberano conselho decretou unanimemente que eu fosse considerado como o bravo dos bravos, e o mais corajoso d'entre os sete.

— E acabou-se a historia.

— Qual! o peor, e ao mesmo tempo o mais interessante começa agora. Já eu estava esquecido desse episodio da minha vida de estudante, quando recebo um bilhete anonymo todo perfumado, e todo cheio de phrases ternas, no qual se me convidava para ir a uma casa, que me era designada. Um estudante não recúa : fui... bati... entrei, e, « oh ! que não sei de nojo como o conte ! » achei-me cara a cara com a Sra. Bonifacia.

— Bravo! bravo! exclamou Faustino.

— Tive bastante presença de espirito para fingir uma especie de alegria de comedia; e a minha impertinente namorada declarou-me, que havia confiado o segredo do nosso amor a seu irmão, que o approvára, e que a trouxera para a cidade a fim de não vê-la morrer de saudades. Fiquei sem sangue nas veias, e sem saliva na boca! o irmão da furia era um monstro, um machacaz, um brutamonte, um Sansão.

— E depois ?...

— Depois, Faustino ?... ah ! tu não sabes o que é uma mulher velha, quando lhe passa pela cabeça a idéa do casamento ! a impertinencia de um mosquito, ou de um grilo em noite de verão, a rabeca de um barbeiro que mora defronte de nossa casa, o primeiro discurso de um deputado novo, que conta o como se fizeram as eleições na sua terra, um gato que passa noites inteiras miando no telhado bem em cima da nossa cama; uma mulher que casa em segundas nupcias e que leva todo o santo dia a fallar das virtudes de seu defuncto, e dos defeitos do seu segundo marido; o teimoso irmãozinho de uma moça bonita, que nos vem trepar pelas pernas acima, quando vamos fazer a nossa visita vestido de calça branca, tudo isto e mais ainda é um passatempo agradável, é a bemaventurança cá na terra em comparação da tenacidade, com que nos persegue uma velha, em cuja cabeça entrou a idéa da possibilidade da casar-se conosco !... sim ! eu entendo que este negocio é muito serio : uma mulher que casa depois de ter feito cincoenta annos, é um anachronismo vivo de uma natureza morfa ! entendo que deve-se pôr cobro nisto : toda a velha que á força quizer casar-se, deve ser considerada criminosa, e como tal condemnada a criar pintos.

— Isso que estás dizendo agora é uma tolice, Juca : exclamou Bazilia, remechendo-se toda na cadeira ; eu conheço muitas senhoras de mais de cincoenta annos, que não se trocáo por estas moças do tempo de agora.

— Continúa a tua historia, Juca ; disse Faustino sorrindo-se.

— Faustino, proseguiu o estudante ; foi um aperto dos meus peccados ! por mais que tentasse fugir da Sra. Bonifacia, o Sansão... é verdade, o tal monstro irmão da furia chamava-se mesmo Sansão ; o Sansão ia diariamente buscar-me para visitar sua interessante maninha : fallavão-me ambos do rico dote, que devia passar ás minhas mãos ; fazião-me presentes quasi todos os dias, e de vez em quando o Sansão me contava um sem numero de actos de valentia, de selvaticueza, e de força bruta, que já tinha praticado, e de que muito se ufanava : ora mais claro do que isso não era possivel desejar : realmente eu me achava entre Sylla e Carybdes : era escolher entre a mão da furia, ou o punho do monstro : ou faca ou dente.

— Acaba.

— Um dia a Bonifacia e o Sansão convidaram-me e a dous amigos meus para jantar com elles : apresentaram-nos mesa lauta e vinhos preciosos ; fizeram-me comer como um feitor, e beber como um polaco : antes de duas horas tanto eu, como meus dous companheiros estavamos completamente embriagados : isso mesmo esperavão os dous irmãos ; aproveitando-se do nosso estado obrigaram-me a prometter casamento á furia, e assignar um papel que não li, e que os meus dous amigos assignaram como testemunhas ; finalmente despediram-me depois de fixar-se o acto do meu casamento com a Sra. Bonifacia para d'ahi a tres dias.

— E tu...

Quando tornei a mim da carraspana, quando me fizeram vêr ao que estava obrigado, fiquei em um verdadeiro estado de desespero : e para meu maior tormento cem corações de pedra, cem estudantes desalmados e crueis vieram um por um cravar-me o seu punhal nas entranhas, dar-me os parabens pelo meu proximo casamento, fazer recitar sonetos e odes á formosura da noiva, e á felicidade do noivo : oh ! era um inferno !

— E os oitenta contos de réis de dote... observou Faustino ; aqui na côrte uma velha com oitenta contos de réis de dote achava trezentos casamentos em tres horas !

— Oh ! porém eu sou estudante, e, mesmo quando o não fosse, nunca me poderei parecer com essa gente, que tem a alma dentro da carteira, e o coração nas folhas do livro mestre.

— Mas emfim.....

— Mas emfim o Sansão tomou todas as disposições para celebrar-se o meu casamento no dia designado : appareceu-me em todas as tardes com cara de algoz, e emfim chegou a hora fatal.

— Vamos vêr como te sahiste do caso...

— Eu sabia perfeitamente que a minha assignatura prestada em completo estado de embriaguez não podia obrigar-me a apertar os terriveis laços ; mas como resistir ? como negar-me ao cumprimento da fatal promessa, se o aspecto sinistro do Sansão apparecia sempre diante de mim semelhante a um tremendo phantasma ?... Faustino, tu sabes, que eu nunca pretendi honras de valentão : sou um Ferrabras de *linguarum* : mas quando o negocio cheira a chamusco ou mesmo a sôco, tenho o costume de pôr-me ao fresco.

— Portanto...

— Portanto não houve outro remedio, senão adoe-
cer gravemente : ah ! concordem comigo ; casar
com uma mulher velha é uma cousa, que faz dôres
de barriga : quando pois souo a hora fatal, escrevi
uma carta ao Sansão participando-lhe, que me
achava atacado de colites.

— Colites !...

— Sim ; não achei na pathologia molestia mais
razoavel para o dia de um casamento com uma
velha.

— E o Sansão ?...

— Com a leitura da minha carta a Sra. Bonifacia
teve uma syncope, e o Sansão correu furioso á
minha casa : com isso contava eu, e tinha já tomado
todas as disposições, que julguei necessarias : o
Sansão achou-me no leito de mentirosas dôres, cer-
cado de muitos amigos ; ah ! nem assim mesmo o
tyranno quiz mostrar-se commovido ; pretendeu lan-
çar-se contra mim ; mas vendo que meus compa-
nheiros estavam promptos a defender-me, cobrio-me
de insultos e de improperios, disse cobras e lagartos
de mim e de toda a minha geração, e finalmente jurou,
que havia de quebrar-me os ossos.

— E tu ?...

— Brilhou em minh'alma uma idéa luminosa,
ergui a cabeça, e com voz desfallecida exclamei :
« Sansão ! acabaste de offender a minha honra : eu
te desafio pois a um duello de vida ou de morte ! »

— Bravo ! Faustino.

— Meus companheiros ficaram espantados d'a-
quelle inesperado accesso de audacia ; e o Sansão
aceitou em continente o desafio. Escolheram-se os
padrinhos.

Ficou determinado que o duello teria lugar logo
que eu me declarasse restabelecido de minha enfer-
midade : quizeram os meus amigos escolher o flo-

rete para a arma de nosso combate; eu porém oppuz-me, porque soube que o meu adversario não conhecia os mais insignificantes botes de florete, e declarei formalmente, que exigia que a nossa arma fosse a pistola, a dez passos de distancia, attirando em primeiro-lugar o meu adversario.

— Bravo! bravo! exclamou Faustino.

O Juca fallava cheio de fogo: Bazilia e Clara estavam palidas e tremulas.

— Fiquei ainda nove dias de cama; a colites estava diabolicamente teimosa; no decimo dia porém meus collegas vieram dizer-me, que tinha chegado o vapor do norte, e que no dia seguinte largaria para o Rio de Janeiro.

Ouvindo semelhante noticia, ergui-me de prompto e perguntei.

— A que horas sahe o vapor amanhã?..

— Ao meio dia em ponto.

— Definitivamente?..

— Definitivamente.

— Pois ide de minha parte dizer ao Sansão, que amanhã ao meio dia em ponto o vapor levará ao Rio de Janeiro a noticia de minha morte.

— Como?..

— Vou escrever minhas despedidas a meus pais; e amanhã tambem ao meio dia em ponto, bato-me com Sansão.

Meus amigos abaixaram as cabeças tristemente: os meus padrinhos foram encontrar-se com os de Sansão, e eu fiquei só com os outros companheiros.

— Amigos, disse-lhes então com imperturbavel sangue frio, a minha morte é certa: quero hoje portanto pagar algumas dividas que tenho, e como falta-me o dinheiro, vou fazer leilão de todos os meus bens: possuo uma mesa, uma cadeira, duas

canastras de roupa, e uma bibliotheca, que contém quarenta e dous volumes : vamos a isto !

Foi dito e feito : em menos de meia hora vendi quanto possuia. Depois pedi que me deixassem só, e que me fossem encontrar no dia seguinte, e á hora determinada no lugar escolhido para o duello.

Os meus pobres amigos abraçaram-me : alguns derramaram lagrimas, e finalmente fizeram-me o obsequio de ausentar-se.

— O negocio vai-se complicando, disse Faustino.

— No dia seguinte, continuou o Juca com voz sepulchral, que fez estremecer Bazilia e Clara ; no dia seguinte, quando os sinos das Igrejas da Bahia davão o sinal de meio dia...

O Juca hesitou.

— Acaba...

— O Sansão estava á minha espera no lugar designado para o nosso duello...

— E tu?...

— E eu vinha muito fresco no vapor para o Rio de Janeiro.

Faustino desatou uma gargalhada.

— Fez muito bem ! fez muito bem ! exclamou Clara batendo palmas.

— Que susto que me causaste, Juca ! disse Bazilia ; mas felizmente que pudeste escapar !

— Sim ! eis-me salvo ! eis-me livre das garras da velha ! eis me ainda digno das moças.

— E para onde vás?...

— Para parte nenhuma ; eu aqui fico. Em quanto não arranjar um quarto em casa de algum estudante, pretendo ficar morando com Faustino.

— Bem bom : vai buscar as tuas canastras.

— Canastras de que?...

— Ora canastras de que !... da tua roupa.

— Ah! sim! da minha roupa?... eu trago toda ella dentro da copa do meu chapéo.

VII

O publicista.

— Porém, Faustino, disse o Juca chegando-se para a mesa, junto da qual estava aquelle, é verdade! ainda agora é que reparo!... parece que já te occupas em alguma cousa, heim?

— Sim, respondeu Faustino; fiz-me publicista.

— Publicista?... que diabo de bicho será esse?! explica-te.

— Sou redactor de periodicos.

— Tu?... tu, Faustino, intromettido na politica!

— Então que mal ha nisso?... é um negocio, como muitos outros.

— Está direito: mas vamos a saber, que partido segues?...

— Todos.

— Todos?!?!

— Ou nenhum; escolhe.

— Faustino, eu sempre te conheci muito pateta para agora te suppôr velhaco.

— Tens razão, meu Juca, tens razão; castiga-me: eu não fui um pedaço, fui um asno inteiro: mas o que queres?... eu era muito novato, e tinha a

cabeça cheia de tês de aranha ; acreditava em honra, desinteresse, patriotismo, e em todas essas mil chiméras, que escravisão o homem na sociedade.

— Que é lá isso?... exclamou o estudante recuando dous passos; estás doudo, ou pretendes mangar comigo?...

— É tal e qual.

— Nesse caso, Faustino ; passaste de todo a desmoralizado.

Faustino encolheu os hombros.

— Sou o que querem que eu seja : o homem de bem em uma sociedade corrompida é uma especie de peteca, com que os velhacos se divertem. Os exemplos devem partir de cima para baixo : pois quando eu vejo altos funcionarios publicos, que devião ser as vestaes da moral e da honra, desfazerem-se em mil zumbaias ante homens desmoralizados e abjectos, mas que podem ostentar cofres pejados de ouro ; quando eu vejo o pobre honesto andar pelo mundo aos pontapés, e o rico sem pudor viver nas palminhas das mãos de todos ; querias, que eu me voltasse contra o espirito da época, e me fizesse martyr?...

— Oh ! minha terra ! minha terra ! exclamou o estudante ; que futuro te espera com semelhante gente!....

— Juca, toma o meu conselho : deixa-te de lamentações ; aceita o mundo tal qual é, e não tal, como devia ser.

— Fazes-me pena, Faustino : estás com um coração ainda mais feio, do que o rosto da minha terna Bonifacia.

— Obrigado ; fica-te lá com o teu coração bonito ; fica sempre com a tua alma virgem, fica sempre bello, puro, gracioso, como a propria vir-

tude; porém ao mesmo tempo fica também pobre como um frade franciscano ; no emtanto torne-me eu ainda mais feio do que sou, não cultivando, não compreendendo até nenhum sentimento generoso ; não tendo fé, senão no dinheiro ; desdenhando a religião, desprezando meus parentes, deshonrando minha patria, zombando de todos e de tudo, commettendo indignidades, vendendo a minha palavra, finalmente rindo-me deste mundo, e não acreditando no outro, mas em compensação rico... atolado até os olhos em ouro, riquissimo, como Cressus, ou como o diabo . pois muito bem, tu és um nobre, um excellente mancebo, e eu um indigno, um tratante, um miseravel millionario. Agora de braço dado colloquemo-nos defronte do mundo, e tu verás que o mundo vem lamber-me os pés, e cuspir-te no rosto ; e tu verás, que os figurões correm a apertar-me a mão, e a farejar-me o dinheiro, e que olhão-te por cima do hombro ; e em uma palavra, tu verás que não podes passar de um triste farroupilha, em quanto eu sou, apesar do mais hediondo passado, tido na conta de um homem de elevadas qualidades.

— Não ! isso não ! isso é de mais !

— Está bem, não te afflijas, corrigirei a expressão ; lá vai : interiormente os homens me hão-de julgar indigno, irreligioso, ingrato, máo, perverso ; mas curvar-se-hão diante de mim, ou do meu dinheiro, entornarão elogios em meus ouvidos, e dirão em voz alta que eu sou uma grande cousa, inda que no fundo do seu coração murmurem, que sou uma cousa muito ordinaria.

— Está bem, Sr Faustino, vai vossa mercê em muito bom caminho ; tome porém cuidado com o fim da viagem.

— Nada, meu Juca : quem é tolo pede a Deus que o mate. e ao diabo que o carregue. Acreditei já em

todas essas chimeras, que enchem as cabeças dos rapazes ; mas agora virei de bordo. Não me foi possível fazer-me *negociante* de meias caras, porque esse commercio é exclusivo dos homens de alto cothurno ; não pude ser negociante de atacados, dei-me portanto ao commercio de retalho : sou politico.

— Isto é, *traficante politico*.

— Embora, *traficante politico* embora ; conheço muita gente graúda, que tambem o é !

— Então és monarchista constitucional, absolutista, ou republicano ?

— Conforme os dias da semana, Juca.

— Esta sim é que é de tirar o chapéo ! explica-me isto.

— Nada mais simples : nas segundas e quintas feiras publico um jornal furioso, no qual fulmino a monarchia, e atiro pelos ares com todos os monarchistas ; nas terças e sextas um outro, em que proclamo a necessidade da corda, e a santidade do systema de governo da Russia ; e finalmente nas quartas e sabbados sustento a monarchia constitucional.

— E em ultimo resultado o que és tu ?

— Cousa nenhuma.

— A respeito de principios politicos ?

— Zero.

— Mas então o que queres ?

— Dinheiro.

— Por consequencia o Sr. publicista, a quem tenho a honra de dirigir-me, deve já ter comprehendido sufficientemente esta meada embaraçada, que no Brasil tem o nome de politica ?

— Creio que sim.

— Ora diga-me, quantos partidos temos nós ?...

— Não tem conta : os interesses individuaes de cada um dos nossos estadistas os multiplicação.

— Mas qual é entre tantos o partido republicano ?

— Qualquer delles quando está debaixo.

— E o absolutista ?

— Qualquer delles quando está de cima.

— E o monarchista constitucional ?

— Nenhum.

— Como?... se não ha entre nós verdadeira luta de idéas, o que póde dar então origem a nossas dissensões politicas ?

— O poleiro, Juca, o poleiro.

— Mas o poleiro chega apenas para algumas duzias, e os partidos são formados por milhares.

— Pois bem, replicou o publicista ; é por isso mesmo que entre nós os adversarios mordem-se, e os correligionarios arranhão-se.

— E tu, que acreditas que tudo isso se passa como dizes, não córas, quando confessas, que representas tambem um papel nesse triste drama da desmoralisação publica ?

— Não córo, não, Juca ; lamento-me apenas.

— Lamentas-te ?...

— Sim !... sim ; porque nesse drama em vez de um dos protagonistas, represento sómente o miseravel papel de comparsa !

— Faustino !

— Sim, lamento-me porque me vejo reduzido a mendigar dous vintens por cada folha dos meus jornalitos, em vez de repimpar-me á bella mesa do orçamento !

— Excellentemente, Sr. Faustino, está vossa mercê com um coração de monjolo.

Faustino tornou a encolher os hombros.

— E tens estudado muito ?

— Estudado ? ! ! para que ?

— Ora para que ! para escrever tres jornaes.

— Não ha necessidade de livros nem de estudos para escrever em politica.

— Então como se escreve !...

— Descompondo : não se respeita a honra, nem a familia do individuo : quando falta materia, mente-se, calumnia-se, apunhala-se com a penna.

O estudante esteve com os olhos fitos em Faustino, meditando por alguns instantes ; depois sorrio-se e disse a Bazilia.

— Então, que lhe parece isto ?

— É o meu castigo, respondeu a velha ; não foi essa a educação, que eu lhe dei.

— Deixe-o por minha conta, acudio o Juca ; que em pouco tempo hei de torna-lo no que era.

Depois voltando-se para Faustino, continuou :

— Não sei se me será possivel fazer de ti um homem virtuoso ; mas tambem velhaco, e egoista como queres parecer, não poderás ser nunca.

— Então porque, meu Socrates ?

— Porque para ser velhaco e egoista faz-se necessario ter certa especie de juizo, que eu cá sei.

— E eu não tenho essa especie ?

— De juizo, Faustino, não tens de especie alguma.

O politico-publicista soltou uma gargalhada, e continuou a escrever. E o Juca voltando-se para Clara, pôz os olhos no vestido, que ella começava a dobrar, e disse :

— Bravo, D. Clarinha, seu vestido novo !

— Acha o bonito ?

— Lindissimo ; e quando pretende vesti-lo ?...

— Esta mesma noite.

— Então esta noite...

— Vou ao baile.

— Ao baile !... por minha vida ! e eu que ha dous

mezes não vou a um baile!... oh!... e terei de ficar aqui encerrado... só... pensando no prazer de que estarão gozando os outros?... vão ao baile?! vão, sim... e eu hei de aqui passar a noite entre quatro paredes, como um frade, como um seminarista... como uma velha, que não tem filhas moças, e que por consequencia não recebe convites!...

— Não se afflija, Sr. Juca; venha comnosco.

— Como, D. Clarinha?... de que modo?... se eu não tenho convite, e além disso... é que por causa... isto é uma cousa abominavel!..

— Nada mais simples, tornou a moça; em meia hora obtenho-lhe um bilhete, vou escrever á filha do secretario da sociedade.

— Qual, D. Clarinha, da minh'alma; é impossivel, porque... porque o Sansão...

— Impossivel! digo-lhe que a filha do secretario é muito minha amiga!

— Ah! mas a grande difficuldade é outra!.. a grande difficuldade está envolvida nas minhas reticencias!..

— Eu não entendo.,.

— É a influencia maligna dessa terrivel Bonifacia, que me persegue até aqui!..

— Explique-se...

— Eu não vou, não posso, absolutamente não posso ir ao baile.

— Mas porque?... diga...

— Emfim... lá vai: D. Clarinha, não tenho nada de meu... vendi toda a minha roupa; puz em leilão até a minha casaca!..

— Ah! isso sim... murmurou a moça.

— É horrivel, exclamou o Juca; é revoltante, é attentatorio de todos os direitos academicos, que os estudantes não possam ir aos bailes de paletot?

— Ora... que pena...

— Logo que desembarquei, corri á casa do meu correspondente ; o maldito tinha ido para a chacara, esó amanhã voltará : é tambem horrivel, revoltante, e attentatorio, que os correspondentes dos estudantes tenham chacara para onde ir, quando estes precisão de dinheiro !...

— Não te afflijas por tão pouco, meu Juca, disse Faustino ; ficarás fazendo-me companhia.

— Pois tu tens animo de não ir ao baile, misero publicista ?...

— Sim, deixo de ir ao baile ; mas deixo, porque não tenho outro remedio : fui hontem visitado pelo meu ataque de erysipela, que me deixou a perna neste estado.

O Juca chegou-se para Faustino, e depois de examinar-lhe a perna, disse com ar commovido :

— Pobre rapaz ! se não fosse a tua erysipela, irias ao baile ! porque tu és feiiz, tens casaca, não é assim ?

— É verdade ! e uma casaca novinha em folha.

— Oh ! bemaventurada erysipela !... exclamou o estudante, dando um salto ; oh ! erysipela feliz e apropositada !... D. Clarinha, escreva á filha do secretario, e mande-me buscar um bilhete.

— Sim ?...

— Sem duvida... ora é boa ! eu vou ao baile.

— Como ?...

— Com a casaca nova de Faustino.

— Com a minha casaca nova ? ! ! !

— Ha de lhe ficar muito comprida.

— Não faz mal : é uma moda de casaca que eu trouxe da Bahia.

— E calças ?...

— Tenho as minhas calças pretas alli na cópa do chapéo : foi o unico traste de luxo, que me escapou do leilão.

— Colete ?...

— Vou com um de Faustino ; certamente... elle ha de ter algum colete novo...

— Então se está decidido, vou escrever...

— Boa duvida! a carta já devia ter partido ha muito tempo.

Clara correu á mesa de Faustino, e escreveu um escriptinho á filha do secretario ; um portador foi com elle immediatamente despachado.

— Ora a minha casaca nova ! dizia Faustino.

— Publicista, eu escreverei em paga do emprestimo da tua casaca um romance dos meus amores com a Sra. Bonifacia para o folhetim de um dos teus jornaes.

— Vá feito!

O Juca não cabia em si de contente.

— Este Rio de Janeiro, dizia elle ; este Rio de Janeiro é o Paris da America!... as moças têm aqui um não sei que de bello e de gracioso, que debalde procura-se em qualquer outra parte : a agua da carioca tem o feitiço da formosura !

O estudante estacou de repente no curso de suas reflexões, e voltando-se para Faustino, perguntou :

— Mas, a proposito de moças, qual é a que está agora no galarim ?...

— Já ahi vem você com asneirã ! disse Clara.

— D. Clarinha, tornou o Juca, a senhora é suspeita nesta materia : responde-me, Faustino ; qual é a rainha das bellas ?...

— Isso é conforme o gosto de cada um ; observou a velha.

— Responde-me, Faustino.

— Dão uns a preferencia a uma, e outros a outra : acudio Clara.

— Responde-me, Faustino ; responde-me, Faustino ; qual é a rainha das bellas ?...

— É a rainha das flôres ; respondeu o publicista.
— Mas qual é a rainha das flôres agora ?
— Que pergunta !... hontem, hoje e amanhã foi,
é, e ha de ser sempre a rosa.

— Bravo ! exclamou D. Clarinha ; este meu irmão
é um rapaz muito espirituoso !

— Faustino, põe-me essa charada em trocos
miudos.

— Meu Juca, a questão está mais que decidida :
uma maioria estrondosa dá a palma da belleza a D.
Rosinha.

— D. Rosinha....

— Orá D. Rosinha.... D. Rosinha.... tornou
Clara ; estou vendo que a fama dessa deosa já terá
voado até a Bahia !... Sr. Juca, adivinhe lá quem é
D. Rosinha !

— Espere... espere... será uma moça filha de um
homem chamado Mauricio ?...

— Feriste !... exclamou Faustino.

— Então ella ?...

— É um anjo !

Clara soltou uma risada de escarneo, e o Juca,
deixando insensivelmente cahir um pouco a cabeça,
ficou meditando.

— Tem cabellos negros, e tão bellos.... ia dizen-
do Faustino.

— Que dizem algumas linguas más, acudio Clara,
que são comprados na rua do Ouvidor.

— Uns olhos pretos, e brilhantes, que...

— Concordo : os olhos não são feios ; assim não
fossem aquellas olheiras roxas.

O Juca conservava-se pensativo, ao mesmo tempo
que Faustino fallava, e Clara o contradizia.

— Um sorrir gracioso.... matador....

— É fresco ! anda sempre fazendo tregeitos com
a boca : vocês também gostão sempre do peor !

— Cala-te, menina, disse a velha; olha que a mulher é como o peixe; pega pela boca.

— Tem um buçozinho, Juca; que é mesmo uma perdição para quem o vê!

— Cá por mim nunca achei graça em mulheres de bigodes.

— Mana! todas vocês são invejosas de D. Rosinha, como Caim de seu irmão Abel.

— E você diz o que diz porque é um dos cinquenta namorados que ella traz a colla!

— Que blasphemia! que calumnia! não ha duvida... leem todas pelo mesmo breviario... mordem sempre a fama daquellas a cujos pés não podem chegar.

— Faustino!

— Deixe-o fallar, minha mãe; que eu ainda muito me hei de rir, quando elle levar de taboa...

— Oh! segredos da natureza! exclamou finalmente o Juca.

— Então que é lá isso?

— Uma coincidencia, que me está pondo em volta o juizo.

— Explica-te.

— Conheço perfeitamente D. Rosinha; sou amigo de seu pai, e della mil vezes mais.

— Só isso?...

— Quando vim para o Rio de Janeiro passei muitos e muito agradaveis dias em companhia delles.

— Nada mais?...

— Tinha eu então dezoito annos, e ella treze; passaram-se entre nós scenas, que não significão nada, e que significão muito.

-- Mano, não fique amarello assim; disse Clara.

— Ora,.. ora... sou um seu criado!

-- Em minha viagem da Bahia para cá, eu só, sem amigos para conversar, sem livros para ler, e

sem moças para amar, concebi a extravagante idéa de escrever a historia das minhas innumeraveis paixões eternas; peguei na penna, e a primeira lembrança que me veio, foi naturalmente a do meu primeiro amor; o primeiro nome, que escrevi, foi...

— Diga...

— Foi Rosa.

— Bravo! exclamou Clara; mano, veja não tenha repetição da sua erysipela.

— Oh! oh! oh! oh!

— Chego ao Rio de Janeiro, desembarco, venho a esta casa, e o primeiro nome de mulher formosa, que me pronunciação, é o bello nome de Rosa: não será isto uma coincidência?...

— Na verdade...

— Modestia para um lado, D. Clarinha; não parece que eu sou como um favonio predestinado para amar aquella flôr?

— Eu creio que sim; e você o que diz, mano Faustino?...

— Estou gostando do Juca.

— E escreveu a historia? perguntou Clara ao estudante.

— Sim; mas bem vê, que tratando eu de um amor interrompido, ficou a sua historia como uma especie de romance, de que se perdeu o ultimo volume.

— Mas onde está ella?...

— Provavelmente na copa do meu chapéo.

— Uma proposição: o meu cabelleireiro vai chegar, e em quanto elle me penteia, o Sr. Juca nos lê a historia da sua Rosa.

— É verdade, Juca; disse a velha; lê-nos a tua historia; eu gosto muito de me instruir.

— Mas não será indiscrição?...

— Olhe, disse Clara; eu sou de segredo; pela minha parte ninguem ha de saber.

— Eu tambem fico pela mana, acudio Faustino, o mais que pôde acontecer, é ella referir o conteúdo da tua historia a todas as moças que com ella conversarem, e a todos os moços com quem dançar e passear no baile: verdade, verdade, a mana Clarinha no que diz respeito a segredos é um poço.

— Embora ; eu lhes farei a leitura dos meus papeis; observo porém que é um romance não acabado.

— Não faz mal.

— No entretanto se lhes parecer frio, se contiver lances communs, se nada se achar nelle de maravilhoso e mesmo de tão interessante, que prenda a attenção do leitor, ou do ouvinte, lembrem-se, para desculpar-me, que a imaginação não tomou parte na historia que lhes vou lêr ; que ella é filha legitima da verdade, que é finalmente um espelho, onde se reflecte o semblante da minha vida passada.

— Bravo ao exordio !

— E como se chama a sua historia ?...

— A minha Rosa.

VIII

Defronte do toucador.

Quando chegou o cabelleireiro, que sabia pentear perfeitamente, porque era francez, Clara tomou o seu lugar defronte do espelho, Bazilia sentou-se em uma banquinha de costura com o seu querido gato pampa ao collo, Faustino estendeu-se em uma mar-

queza de lastro de palhinha, e o Juca occupando uma cadeira de braços ao lado de Clara, dispôz-se a dar principio á leitura do seu *romance não acabado*.

— Vamos lá, Sr. Juca, disse a moça ; comece... mas cuidado com o mano Faustino, que pôde dar o cavaco.

— Vejamos, vejamos isso ; rosnou o publicista.

— Eu estou douda por ouvir-te, acudio a velha ; já sei que teremos muito que rir.

A physionomia do estudante tinha pouco a pouco perdido aquella viveza e mobilidade, que lhe erão naturaes ; e deixava notar nesse momento uma expressão de terna e doce melancolia.

— Oh ! creio que não, disse elle respondendo a Bazilia ; creio, que não terão de que rir-se : sei que sou leviano, extravagante, inconsequente, travesso, e... e tudo o mais que lhes aprouver chamar-me ; não sou porém sacrilego : não ! nada seria capaz de fazer com que eu fosse desbotar a mais bella, a mais pura flôr do jardim da minha vida passada, com o sopro envenenado do sarcasmo.

— E como elle fez-se melancolico !.

— É bem natural ; eu vou abrir meu coração a uma saudade.

— Está bem : leia... leia.

— O Juca lançou os olhos sobre o seu querido manuscripto e começou a lêr suspirando.

A minha rosa

ROMANCE NÃO ACABADO

I

A terra desapareceu a meus olhos ; por mais que alongue a vista, sómente descubro mar e céu.

Indizível melancolia se apodera de mim : parece-me que já não pertença ao mundo, que habitava... como que não vivo no presente ; e triste de mais para sonhar com o futuro, eu quero ao menos recordar o passado.

O momento é opportuno : eu tenho a saudade no coração, e a saudade pertence tanto ao passado como a esperança é toda inteira do porvir.

Oh ! sim ! eu quero lembrar-me de meus bellos annos já vividos ! oh ! sim ! o passado é um lago magico de gozos deleitosos, quando a consciencia não tem de que accusar o homem, e os remorsos não pesão sobre o coração : e em momentos de doce melancolia, a alma deixa-se levar nas azas da memoria a esses saudosos espaços decorridos, e arroja-se no formoso lago onde se banha toda esquecida dos pezares do presente, e ainda mesmo dos temores do futuro.

Ha sempre nessa vida, que já se viveu, alguns dias de ineffavel ventura, de ventura que se não appreciou devidamente, quando se estava gozando, e que depois se saborêa muito, quando o espirito

rumina o passado : ha sempre nesses dias algumas horas de suprema felicidade, que com maviosa saudade são lembradas, que ficão eternamente impressas n'alma, que não se esquecem nunca, que cada dia se tornão mais e mais vivas, e que em muitas occasiões, a pezar nosso, fazem-se lembrar, á força, mil vezes em uma noite, mil vezes em uma hora, semelhantes a essas melodias sympathicas, que sem que as modulemos contra a nossa vontade soão dentro de nós, cantadas docemente por nossa alma, no passeio... na assembléa, no trabalho... no leito, e durante o somno.

Oh ! tambem eu hei de ter meus dias de ineffavel ventura nessa vida, que já vivi ; tambem eu devo ter minhas horas de suprema felicidade nesses dias.

Para um coração de mancebo o porvir é um horisonte cheio de fogo, o presente uma estrada coberta de espinhos, e o passado um jardim semeado de flôres : tenho tempo de sobra para abrasar-me sonhando com o meu futuro ; amanhã começarei de novo a minha lucta com as tormentas do presente ; hoje quero, se é possível, tornar a viver o tempo que já vivi.

Recordarei portanto meus bellos annos... tornarei a ver o meu lindo jardim... beijarei de novo minhas queridas flôres... e sobre tudo... e antes de todas a mais formosa entre ellas... a minha *Rosa* !

II

Foi quando eu tocava os meus dezoito annos de idade.

Acabava apenas de chegar á côrte : achava-me ainda hospedado na casa do Sr. Guilherme, velho amigo e correspondente de meu pai.

Eu era então um menino vivo e travesso, e trazia da roça uma alma cheia de curiosidade e de fogo, e um coração puro, como a flôr, e virgem, como a ave dos meus bosques.

Corria o mez de Junho.

Oh! o mez de Junho é o mais bello, o mais alegre de todos os mezes do anno!... quantos venturosos e lisongeiros amores não têm começado com o mysterio de uma sorte e ao calor das fogueiras!...

Chegou a vespera de S. João : acabavamos de almoçar quando o meu correspondente, dirigindo-se a mim, perguntou-me :

— Juca, tens saudades da roça?...

— Oh, muitas! dos montes e dos bosques, das campinas e das flôres, das aves e do rio!

— Queres ir passar comigo um ou dous dias no campo?

— Sim, Sr. Guilherme, este ar da côrte é pesado, este incessante ruido me ensurdece; estas casas me abafão.

— Pois bem, partiremos na tarde de hoje; levarte-hei á chacara de um amigo meu, onde espero que nos divertiremos bastante.

A's quatro horas da tarde partimos, e uma hora depois entravamos pelo grande portão de ferro da chacara para a qual nos dirigiamos.

Os donos dessa bella casa de campo (Mauricio e Emilia chamavão-se elles) desceram a receber-nos no pateo, e sabendo quem eu era, mostraram logo por mim o mais obsequioso interesse.

Um momento depois entrámos na sala, que estava cheia de interessantes senhoras e de elegantes cavalheiros.

Era a primeira vez que eu me via em uma assembléa da côrte; o meu correspondente tinha tido a crueldade de abandonar-me a mim mesmo; todos os

olhos estavam fitos em mim... senti que o rosto me ardia em fogo, o chapéu atrapalhava-me... não sabia o que devia fazer da bengala... parecia-me, que todos me lião na frente: — « é da roça » ; meu acanhamento ia redobrando de momento a momento ; ao mesmo tempo eu tinha a vaidade de acreditar-me vivo e desembaraçado ; achei que me cumpriria fazer alguma cousa, e acabei fazendo um completo despropósito : comecei a dirigir os meus cumprimentos a cada uma das pessoas em particular.

Dava-me pois a esse prolongado tormento... ia indo de pessoa em pessoa, divertindo com o meu enleio a toda a sociedade : já me achava fortemente cansado ; olhei... e ainda me faltava metade da sala para viajar !... parar no meio, voltar atrás era pior do que ter principiado : não havia remedio senão tragar até ás fezes o meu calix de amargura ; continuei portanto os meus cumprimentos ; mas... de repente estaquei sem voz, sem movimento, sem vontade, como em um verdadeiro extasis.

Em minha longa viagem de saudações eu acabava de parar diante de uma mocinha, que não podia contar mais de treze annos de idade, assim como o fatigado viajante pára, contemplando a flôr delicada e bella, que pende para o lado da estrada.

Cabellos pretos... frente de neve... olhos negros... feiticeiro buço anuviando o labio superior... covinha no mento... vida, graça e prazer nadando no rosto... corpo esbelto, ligeiro, gracioso como o de uma abelha... viveza... atilamento... malicia nos olhos... pureza no riso... harmonia na voz... tudo isso tinha ella, e mil vezes mais encantos ainda.

Não soube mais de mim : fiquei mudo e extatico diante da encantadora mocinha. Já não era enleio ; era contemplação, era extasis : eu nunca tinha visto, não comprehendêra mesmo, que pudesse haver,

não sonhára jámais com uma figura tão angelica : meus olhos não se fartavão de admira-la : ás vezes parecia-me impossivel o que estava vendo ; lembrava-me desses contos de fadas, que em outro tempo tinha lido, e vinha-me o pensamento de estender meus braços e tocar com as minhas mãos nos vestidos, nos cabellos, no rosto dessa menina para convencer-me de que era com effeito uma realidade.

Havia-me completamente esquecido do lugar, da sociedade e das circumstancias em que me achava : a interessante mocinha estava já córada até a raiz dos cabellos, e eu não tinha piedade de seu virginal pudor : todos observavão divertidamente a scena, que eu representava... até que enfim o meu correspondente teve piedade de mim : chegou-se, sacudiu-me o braço, e arrancou-me de minha doce contemplação, dizendo :

— Então ?... que é isso ?

— Meu Deus ! murmurei eu suspirando, e como se despertasse no meio de um sonho deleitoso.

Que queria eu dizer pronunciando essa palavra sagrada ?... queria agradecer a Deus a existencia de tão adoravel creatura !... pedi-la por ventura para encanto de meus olhos e felicidade de meu coração ?... ou enfim perguntar-lhe se ella era realmente mulher, e não uma fada, ou um anjo ?... não sei : a idéa sahio de minh'alma, as palavras sahiram por entre os meus labios ; mas eu não tive consciencia do que disse.

Verdadeiramente ainda não tinha tornado a mim ; por isso o meu correspondente fallou-me de novo :

— Vamos, Juca ; comprimenta as outras senhoras e aquelles senhores !

Julguei que era um sacrificio abominavel arredar-me da vista da encantadora mocinha ; não tive ani-

mo para tanto; e voltando apenas a cabeça para as pessoas que me erão indicadas, disse rapidamente :

— Boa noite, meus senhores !

Eu dava boa noite, quando os ultimos raios do sol ainda vinhão quebrar-se contra as vidraças das janellas : toda sociedade desatou a rir...

Cahi então em mim... perturbei-me... meu rosto deveria ter ficado côr de sangue ; mas... tambem ella sorrio-se...

Abençoado seja todo meu enleio d'aquella tarde, abençoados os erros que commetti, abençoada a minha ignorancia, pois que lhes devo o ter visto abrir-se o paraíso no gracioso sorrir d'aquelles labios !...

Ella já tinha córado diante de mim ; ella se sorria finalmente... oh ! ainda bem !

O primeiro amor começa sempre com um rubor e com um sorriso.

III

O resto d'aquella tarde foi ainda de enleio ; a noite foi de terna contemplação e de encanto ; o dia seguinte de prazer e felicidade.

A encantadora menina chamava-se Rosa, e era filha de Mauricio e de Emilia.

No correr da noite tive tempo de vê-la, de ouvi-la e de admira-la ; a cada momento que passava, eu lhe descobria um encanto novo ; cada vez se tornava mais bella, e mais interessante a meus olhos e a meu coração.

Havia principalmente nella uma mistura de viveza e ingenuidade, de innocencia e malicia, de

modestia e vaidade, que a tornava, se é possível, mais encantadora ainda.

Ella fugia sempre de mim : quando sentia que meus olhos estavam embebidos em seu rosto, buscava logo esconder-se por entre suas amigas : quando via, que eu procurava aproximar-me della, escapava-se ligeiramente da sala, e ia com alguma companheira correr pelas ruas do jardim, ou ao redor da fogueira : no entanto uma ou outra vez eu apanhei fito sobre mim seu olhar travesso e malicioso.

Eu tinha a culpa; ingenuo de mais, eu não soubera esconder a fortissima impressão, que ella me havia causado ; a sociedade, que testemunhára o meu extasis, adivinhou, que no meu coração deveria ter ficado o germen do mais terno dos sentimentos, e tirou disso partido para rir-se ; as senhoras dizião aos ouvidos da bella menina segredinhos, que a fazião corar ; e os cavalheiros perseguindo-a com graçejas constantes a meu respeito, havião feito, com que ella mil vezes já meneasse um gracioso momo de desagrado.

Uma vez... eu tinha podido aproximar-me de algumas senhoras sem ser visto... ellas estavam sentadas de costas para mim : fallavão todas ao mesmo tempo, e o objecto da conversação era eu.

De repente uma das camaradas de D. Rosinha exclamou rindo-se muito :

— Escutem ! escutem ! eu tive neste momento uma lembrança bem singular !

— Falle ! falle ! disseram as outras.

— Veio-me ao pensamento que teremos de ser convidadas para uma funcção ainda mais brilhante que esta.

— Onde ?...

— Aqui mesmo.

— Quando ?...

— Quando celebrar-se o casamento de D. Rosinha com o moço da roça.

As moças desataram a rir.

Percebi que o fogo do pejo abrasava o rosto da bella menina.

— Então ?... então ?.. que diz ?... perguntarão as moças.

— Deus me livre ! exclamou D. Rosinha ; Deus me livre !... elle é tão feio !...

Fugi desesperado, escutando aquella terrivel sentença

Chio de despeito, offendido por tão cruel ingratição, eu, pensando sempre na linda mocinha, jurava não pensar mais nella ; com os olhos embebidos em seu rosto, jurava não tornar a olhar para ella ? amando-a cada vez mais, jurava aborrecê-la eternamente.

Mas no meio de minhas juras eu vi D. Rosinha erguer-se ; correu para o piano... sentou-se, e pouco depois soltou sua voz angelica.

Ouvi um canto mavioso ; oh ! aquella voz era como um philtro de amor que se derramava em minha alma ! Creatura feliz e privilegiada ! não precisava ser vista para ser querida ; ouvi-la era mais que tudo ; um cego a teria idolatrado.

Quebrei meus juramentos : esqueci a quelle terrivel — *meu Deus ! elle é tão feio !* — que ainda ha pouco tanto me havia offendido : não sei como me fui chegando, que quando ella terminou seu canto, e voltou o rosto, encontrou-me a seu lado...

Dansou-se ; fizeram-me contradansar ; eu tinha os meus olhos perdidos no rosto de D. Rosinha ; erreí, e fiz errar todas as contradansas.

Chegou a hora das sortes.

Não me lembro de nenhuma das falsas prophe-

cias daquelle livro escravo obediente dos fados :
uma sómente me ficou na memoria. Obrigaram
D. Rosinha a consultar o oraculo infallivel sobre —
quem com mais extremo a amava.

A resposta foi esta :

« Esse mysterio sagrado
« Vai-se em breve revelar :
« Aquelle que mais te adora
« Amanhã te ha de salvar. »

Eu nunca fui tão louco, que chegasse a acreditar
em sortes : no entanto havia naquella, que eu aca-
bava de ouvir, uma idéa sinistra : — no dia seguinte
a interessante menina deveria correr algum perigo !

Por mais que me risse de mim mesmo, por mais
que trabalhasse para esquecer essas palavras, eu
me sentia escravo de uma puerilidade, e durante a
noite inteira ouvi repetidos dentro de minh'alma os
dous ultimos versos da sorte :

« Aquelle que mais te adora
« Amanhã te ha de salvar.

IV

O trinar dos canarios annunciou-nos a chegada
do dia : apagámos as luzes, e correndo para fóra
da sala, saudámos a aurora com um grito de
alegria.

Foi então, que eu pude bem apreciar o lugar onde
me achava.

Não sei precisamente o nome, pelo qual é conhe-
cido o sitio : fica para o lado de Andarahy. A cha-
cara era vasta e bem cultivada : no cimo de uma

collina pouco elevada mostrava-se a casa bella e elegante, desdobrando-se de redor della um jardim curioso : uma cerca de roseiras fechava-o de todas as partes ; na frente porém era elle defendido por um parapeito, que assentava sobre grades de ferro, e aos lados do qual lançavão-se duas grandes escadas de pedra, que ião terminar-se, cada uma por seu lado, perto de um lago profundo e limpido : não longe do lago deslisava-se pelo valle o pequeno rio de ***, e á margem delle vião-se novos jardins e um labyrintho.

Além disso havia o pomar e o campo e muito mais ainda ; e depois de tudo, e mais bello que tudo isso, estava a natureza brasileira : serras alcantiladas... montes elevados e coroados de bosques verdenegros, valles profundos... em uma palavra, o sublime por toda a parte.

Quando vi surgir o sol de detraz d'aquellas montanhas, quando vi brilhando ao reflexo de seus raios a cupula das florestas, não pude conter uma exclamação de enthusiasmo... parecia-me estar vendo surgir o sol das terras de minha infancia.

Noemtanto não se desperdiçavao tempo ; corria-se, brinvaca-se, dansava-se no jardim e á beira do lago com liberdade, expansão e confiança.

A festa da roça tem isso : uma respeitosa liberdade a preside : as etiquetas, as faceirices, e até mesmo as vãs presumpções desaparecem : o coração dilata-se prazenteiro e livre nesse immenso horizonte dos campos, como se aperta, e contrahido acanha-se no salão da côrte alcatifado ricamente, e ornado de ouro, e de sedas, de lisonjas e de mentiras.

Estavamos á margem do rio, uns sentados nos bancos de relva, outros passeiando por entre os arbustos, outros emfim perdendo-se no labyrintho ;

quando a voz de um mancebo nos chama, e nos reúne a todos para propôr-nos uma idéa feliz, que tinha inteiro cabimento naquella festa campestre.

Cada senhora deveria desde aquelle momento esquecer o seu nome baptismal, e prender no cabello a sua flôr predilecta para ser pelo nome della conhecida e tratada, a proposição foi geralmente applaudida, houve uma longa hora de lucta entre as senhoras, antes que a escolha das flôres fosse terminada; mas finalmente ellas acabaram por accommodar-se, e cada qual prendeu sua flôr entre os cabellos.

Com D. Rosinha não pôde haver questão: ella tinha o direito do nome: a Rosa foi rosa.

Desde aquelle momento cada senhora foi para nós uma flôr delicada, o grupo de senhoras um ramalhete precioso; e quando todas ellas se nos mostravam reunidas, parecia-nos ter diante dos olhos o mais completo dos jardins.

Corrêmos ainda durante algum tempo á margem do rio, ainda por algum tempo perdemo-nos no labyrintho, até que enfim subimos de novo á collina, e fomos todos reunir-nos no jardim, que ficava junto da casa; e ahi emquanto uns passeavam alegremente por entre as flôres, ião outros debruçados sobre o parapeito, mirar-se no lago, que alvejava a vinte pés de altura.

No entanto de dia como de noite eu me achava possuido do me-mo encanto: minha alma podéra apenas conquistar um instante de liberdade para saudar o sol das florestas e das montanhas com um grito de enthusiasmo; mas logo depois deixára-se outra vez exclusivamente levar captiva pelo bello astro, que radiava na terra.

Com effeito eu não podia nem arrancar meus olhos, nem afastar meus passos de D. Rosinha; eu

a seguia por toda a parte, como a sombra de seu corpo : e todavia, por mais que pozesse em torturas o meu espirito, não achava nunca uma idéa aproveitavel, nem uma phrase graciosa para ver, se, mercê dellas, podia merecer um sorriso.

Entretanto pude admirar suas faces reanimando-se ao sopro das auras matinaes ; pude applaudir mil vezes seu espirito faceiro vibrando settas de innocente zombaria contra suas companheiras ; pude apreciar a graça, com que ella tendo o rosto accendido em alegria infantil, ria-se gostosamente batendo palmas com suas mãozinhas brancas e mimosas, ao ver uma camarada escorregar e cair na relva molhada de orvalho, ou ao ouvir o grito de outra que se sentia perdida no labyrintho, pude vê-la a correr pelo valle com seus aneis de madeixa a voar pelos ares, com seu vestido branco um pouco levantado pela brisa e pela rapidez da carreira, deixando á mostra seu pézinho ligeiro e delicado ; pude emfim vê-la saltar, e traquinar graciosa como o genio do prazer e das travessuras.

E quando eu a via correr, e quando eu a via saltar, e quando eu a via traquinar, sem que eu me pudesse explicar a causa, vinhão-me ao pensamento aquelles dous sinistros versos da sorte por ella tirada na noite, que acabava de passar :

« Aqueile que mais te adora,
« Amanhã te ha de salvar.

E então, todo escravo de um vão temor, de um prejuizo pueril, eu corri tambem para perto della, temendo a cada momento ver chegada a hora do perigo.

Mas D. Rosinha era incansavel : um instante depois de subir comnosco ao jardim da collina, nós a vimos radiante de prazer, e rubra de fadiga, desa-

fiar uma joven de sua idade para luctar com ella na carreira : o desafio foi aceito e o campo escolhido foi o mesmo jardim.

Voaram ambas por entre as flôres, como dous anjinhos que brincassem no paraiso : D Rosinha venceu a camarada ; mas correu com tanta rapidez, que foi parar de encontro á grade... dobrou-se um pouco sobre o parapeito, e a rosa, que trazia no cabello, e cuja prisão se abalára na velocidade da carreira, desprendeu-se alli de todo, e cahindo dentro do lago, ficou nadando em cima d'agua.

A interessante mocinha soltou um grito de dôr.

Ouvindo esse grito corremos todes para junto della. D. Rosinha apontou pesarosa para o lago, vimos a rosa, e vinte vozes bradaram :

— A rosa cahio no lago !... a rosa vai afogar-se !...

— Quem a salva !... quem a salva !...

Todos os mancebos precipitaram-se pelas escadas para correr ao lago : eu sómente fiquei ao pé de D. Rosinha : ella tinha os olhos embebidos na flôr, como se n'aquella rosa perdesse um thesouro inapreciavel.

— A rosa é ella mesma ! dizião as outras senhoras rindo-se muito ; quem pois a salva !... quem a salva !...

Brilhou em minh'alma o mais extravagante pensamento ; não havia tempo para reflexão, executei-o logo : arrojéi para traz o chapéo, e saltando por cima do parapeito, precipitei-me no lago.

Um grito geral, um grito de espanto e de susto respondeu, como um écho, ao haque de meu corpo, caindo n'agua.

No primeiro instante desappareci mergulhando... logo depois mostrei-me de novo ; apanhei a rosa, e levantando-a sobre minha cabeça, vim nadando para fóra do lago com o braço, que me restava livre.

Applausos, bravos e vivas soavão de todos os lados.

Triumphante como o marinheiro intrepido, que arranca uma victima ao naufragio, fui direito á bella joven, que me recebeu com os olhos cheios d'agua e com o sorriso nos labios.

Eu não sentia mais nem acanhamento, nem enleio : cheguei-me a D. Rosinha, e entregando-lhe a flôr do seu nome, repeti-lhe os dous ultimos versos da sua terrivel sorte :

Aquelle que mais te adora,
« A . aubã te ha de salvar. »

V

Era de tarde : o dia voára nas azas do prazer : alguns de nossos companheiros de festa tinham cedido á fadiga de uma noite inteira, e de todo um dia passados em continuo folguedo : entre esses, que então nos faltavão, contava-se a mãe de D. Rosinha, que nos deixára para descansar alguns momentos.

No entretanto velava a infatigavel mocidade : velavão as moças, para as quaes não ha cansaço, nem frouxidão, nem somno, em quanto sôa um piano, que para a dança as convida, em quanto se ouve o ruido da festa, de que ellas são sempre as rainhas, e em quanto ha perto dellas olhos que as admirem, e corações que as amem : e velavão tambem os mancebos, que não dormem, que não podem, nem mesmo devem dormir, em quanto uma mulher estiver velando perto delles.

O sol inundava com seus ultimos raios todo o

seio do jardim : tinhamos cedido ao sol o campo e as flôres ; estavamos todos reunidos na sala.

Já havíamos dansado muito : as senhoras juravão que não cantarião á luz do sol nem mesmo o mais simples dos romances : era absolutamente necessario que um novo incentivo de alegria viesse avivar o nosso ardor.

— Um jogo de prendas ! disse um.

— Sim ! sim ! joguemos um jogo de prendas ! responderam a uma voz todos os cavalheiros.

Immediatamente sentámo-nos formando um circulo : coube-me por felicidade uma cadeira bem defronte de D. Rosinha.

Graças ao acontecimento da manhã desse mesmo dia, graças áquella rosa, que eu tinha salvado do naufragio, a interessante mocinha já não se mostrava para comigo tão desdenhosa, como d'antes : desprezando os gracejos de suas companheiras já ella ás vezes confundia-me com seu olhar travesso e malicioso, encantava-me com seus feiticeiros sorrisos, e feria-me com os raios de seu espirito faceiro : eu me julgava feliz por isso, e no circulo que se formára, sentado defronte della, parecia-me ter um anjo do Senhor diante de meus olhos.

O jogo escolhido foi o das flôres : nomeou-se um director, e cada um de nós tratou de tomar o nome de uma flôr : as senhoras já tinham os seus desde a manhã desse dia. Difficil jogo para mim !... era preciso prender a attenção e a vista n'aquelle que o dirigia, para não errar, e não pagar as prendas desejadas : oh !... era realmente um martyrio esquecer D. Rosinha, que estava alli defronte, para ter olhos e alma pendendo dos labios de um homem qualquer que elle fosse.

Suceddeu o que eu tinha previsto desde o começo do jogo : chanaram-se vinte vezes, antes que

eu respondesse uma só : riram-se de mim a todos os momentos ; fui o mais descuidado, o mais infeliz e o mais incorrigível de todos os jogadores de prendas.

Chegou a hora das sentenças : não houve tormento nem gloria, que alli se não dêsse em nome do castigo.

Ouvi finalmente proclamar esta sentença : « escolherá uma pessoa para dar-lhe um beijo. »

Suspirei ! se fosse uma de minhas prendas !... oh ! o director mostrou a prenda ; era o meu anel, o anel dos cabellos de minha mãe.

— Escolha ! escolha !... dizião-me de todos os lados.

Sorri-me olhando para D. Rosinha ; e ella córou abaixando a cabeça.

— D. Rosinha, disse eu.

E ella córou de novo : tornou-se o seu rosto todo da côr da flôr do seu nome : hesitou... mas teve de ceder ás exigencias da sociedade : toda banhada em ondas de pudor levantou-se e veio parar no meio do circulo, onde se achou diante de mim.

Eu tinha a bemaventurança no coração.

As senhoras rião-se e festejavão a perturbação da pudibunda mocinha : eu a vi tremendo chegar-se para mim... começava já a compadecer-me della...

— Cumpra a sentença !... cumpra o castigo... disseram-me de todos os lados.

— Castigo !... murmurou D. Rosinha ; a castigada sou eu !

Renovavão-se as exigencias.

— Aqui estou : disse ella.

Tres vezes busquei tocar sua linda face com meus labios, e ella tres vezes fugio-me com o rosto sorrindo-se e tremendo.

Mas era preciso acabar : D. Rosinha fechou os

olhos, como se assim pudesse escapar á vergonha d'aquelle beijo.

Ainda me lembro ! parece-me ter diante dos olhos sua graciosa figura : ella estava vestida de branco ; seus lindos cabellos cahião em longos caracões pelas faces enrubecidas : não pude resistir á expressão do seu rosto angelico. ; respeitei, e seria um sacrilegio não respeitar aquelle santo pudor de virgem, que lhe cerrára os olhos.

Oh ! não ! não a beijei na face : era muito, eu não merecia tanto ; tomei entre os meus dedos um d'aquelles aneis de madeixa, e beijei-o, apertando-o contra os meus labios.

Eu nunca tinha gozado tão grande ventura : não sei o que mais se passou naquella tarde : recordo-me sómente de algumas palavras que ouvi horas depois, mas recordo-me, porque essas palavras tiveram relação com o innocente beijo que eu havia deposto em um anel de madeixa.

Era quasi meia noite.

A mãe de D. Rosinha estava sentada entre mim e sua filha ; conversavamos um pouco distantes do resto da sociedade.

Ouviamos a voz de um joven, que propunha, como se propuzera de tarde, um jogo de prendas.

— Não queiras não, Rosinha, disse em voz baixa a respeitavel senhora ; não entres nesses jogos.

— Mas porque, minha mãe ?...

— É que ha nelles sentenças, que te hão de fazer córar : é possível por exemplo que sejas obrigada a permitir, que um homem estranho venha beijar-te nos labios : e uma moça deve sómente ser beijada na frente por seu pai, e nos labios por seu esposo.

Abaixei os olhos confuso, como se tivesse recebido uma reprehensão ; mais tive logo de ergue-los de novo ouvindo a voz de D. Rosinha.

— Minha mãe, disse ella : joguei um desses jogos na tarde de hoje.

— E então ?...

— Em cumprimento de uma sentença um moço escolheu-me para dar-me um beijo.

— E tu ?...

— Obedecei ; levantei-me tremendo, e corando : cheguei junto do moço, e fechei os olhos.

— E elle ?... beijou-te na face, não é assim ?...

— Não, minha mãe ; beijou um anel dos meus cabellos.

— Ainda bem, tornou D. Emilia : o homem que respeita o pudor, que se accende na face de uma mulher, é porque tem também pudor no coração.

— Já ouviu, Sr. Juca ?... disse-me então a interessante menina sorrindo-se alegremente ; já ouviu ?... paguei a sua generosidade com um elogio de minha boa mãe.

VI

A aurora do dia seguinte deveria pôr termo a nossa bella festa, e presidir a nossa partida.

À medida que a noite avançava, e que o dia vinha se aproximando, derramava-se a tristeza pelo meu rosto, e já á força de saudades contrahia-se-me o coração. Não era a lembrança dos prazeres gozados, que me entristecia : era sómente a idéa de D. Rosinha, o que me occupava e doía.

Decididamente eu amava aquella encantadora menina ; e amando pela primeira vez na minha vida, minha alma abandonava-se toda inteira aos encantos

e á pureza deste ingenuo e candido amor da idade dos risos.

E sem ter ainda colhido o mais leve signal de retribuição ao terno sentimento, que votava á D. Rosinha, já eu era ambicioso, exigente e contradictorio, como são todos os amantes.

Quando no principio via a bella mocinha fugir constantemente de mim, como se me aborrecesse, todos os meus desejos se limitavão a merecer, e ganhar um sorriso de seus labios : salvando a rosa que tombára no lago, ganhei mais do que um sorriso ; porque vi brilhar-lhe nos cilios uma lagrima de gratidão.

Desde esse momento multiplicaram-se os meus desejos : ambicionei seus olhares, suas palavras, seus gracejos, sua attenção; e tudo isso tive, e nada me bastou.

Ao avizinhar-se a hora da despedida, minha ambição tocou á crueldade : desejei ver aquelle rosto encantador e jubiloso abatido pela tristeza; e vi !...

Ah ! mas ao contempla-la assim melancolica e silenciosa, ella, que tanto se sorria, e que com tanto espirito fallava, senti um novo desejo devorar-me o coração : queria que ella me dissesse, que era por mim, que soffria; e ousei dirigir-me a ella para perguntar-lhe a causa de sua dôr ; mas D. Rosinha pareceu adivinhar meu pensamento, e apressada desapareceu da sala.

Disponha-me a segui-la, quando a mãe da linda menina chamou-me para junto de si.

— Está triste ?... perguntou-me ella.

— Sim, minha senhora; um dia e uma noite foram de sobra para prender meu coração a esta casa

D. Emilia sorrio-se, e contiouo dizendo :

— Pois volte muitas vezes a ver-nos : eu sou doente, padeço sempre, e agradeço sinceramente a quem se priva dos prazeres da côrte para fazer-me companhia.

Beijeí a mão da respeitavel senhora, prometendo visita-la repetidas vezes; e logo que achei occasião de levantar-me, voei ao jardim, onde tinha visto apparecer a graciosa cabeça de D. Rosinha.

Começava a derramar-se a primeira luz do dia : o jardim estava solitario : corri com os olhos todo elle, e descobri enfim sentado em um banco de relva o vulto de uma mulher : era ella.

Fui andando pé por pé... cheguei enfim sem ser sentido até junto de D. Rosinha : ella ficava de costas para mim ; dobrei-me um pouco para ver o que estava fazendo.

Abatida e melancolica, a interessante joven tinha na mão esquerda um *matmequer do prado*, e parecendo consultar a flôr a respeito de um sentimento mysterioso ia arrancando-lhe as petalas uma por uma; e, á medida que as arrancava, repetia com voz sumida, tremula e maviosa as costumadas palavras : *amo-te — muito — pouco — nada*.

Tive a vaidade de julgar-me objecto d'aquella magia campestre e esperei, abalado entre o receio e a esperanza, pelo fim da terna consulta.

Chegou finalmente a vez da ultima petala.

— Muito !... murmurou D. Rosinha sorrindo-se docemente ; ama-me muito !...

— Muito !... muito !... repeti eu, como um echo.

A bella mocinha deixou escapar um grito abafado, voltou-se. e vendo-me junto de si, deixou cair o calix da flôr, que ainda tinha na mão, e desapareceu correndo.

Oh !... não me envergonho de o confessar !... ajoelhei-me, beijei as pizadas do lindo anjinho, que acabava de fugir-me, apanhei o calix da flôr que lhe havia cahido, e quando me ergui, tornei a vê-la melancolica e pensativa observando-me de uma das janelas.

Ao amanhecer partímos.

VII

Correu depois um anno inteiro de embriaguez e de ventura.

Foi um desses annos, que voão ; porque são de felicidade e de risos : foi um desses annos, que são despercebidos desfiando-se em dias jubilosos, que vão ficando nos seculos do passado, mas de cujos innocentes gozos conserva a alma saudosa lembrança ; bem como a rosa, cujas petalas se desprendem, e são para longe levadas nas azas dos zephiros, deixando porém no seio do valle seu deliçado perfume.

Durante esse anno voltei cem vezes á chacara querida : os obsequiosos convites de Mauricio e de sua respeitavel senhora, e, mais que tudo, o desejo de viver algumas horas ao pé de D. Rosinha, fazião com que eu multiplicasse muito sensivelmente as minhas visitas.

Oh !... como voão as horas do tempo da felicidade !... é preciso ter amado aos dezoito annos e pela primeira vez, para comprehender em que mar de delicias me engolfei nesse anno.

O primeiro amor é o amor dos anjos ; não tem

deste mundo, senão o seu objecto ; tudo mais que ha nelle é ideal e sobrehumano ; exclue absolutamente o materialismo ; filho legitimo do espirito, e só do espirito, cresce embalado pela imaginação, e todo elle é vaporoso, cheio de bellas illusões, de magias, de encantos e de enlevamentos : é emfim um sonho brilhante, um longo sonho de poeta, que acordado se sonha.

Um primeiro amor é sempre cheio de fogo, quando se está sentindo, e baldado de interesse, quando se descreve : romance, que contém uma multidão de pequenos episodios quasi todos pueris e triviaes, que não tem nexos, nem ordem, nem significação para os indifferentes, reune-se constantemente todo elle em — *um olhar* — *um sorriso* — e *algumas palavras* ; — oh ! mas como é bello isso aos dezoito annos de idade !...

O meu primeiro amor foi tambem assim.

Innocentes, como duas flôres, D. Rosinha e eu passámos um anno iuteiro sem jámais pronunciarmos uma phrase, que arrazasse o segredo de nossas almas. Se suspeitavamos que eramos amados, os indicios do amor tinham sido sómente apanhados nos olhos ; receioso, não sei de que, vergonhoso, sem saber a causa, se eu estava a sós com D. Rosinha, tremia dirigindo-lhe uma palavra menos commum, em quanto ella mais habil que eu, mas igualmente enleada, escondia sua perturbação em uma travessura, ou disfarçava o seu embaraço em um gracejo inoportuno.

Como eramos porém ditosos vivendo essa vida de anhelos nunca explicados !... como está em tão pouca cousa a felicidade neste mundo !...

A's vezes D. Emilia chamava-me para ler junto della : o meu livro predilecto era então Paulo e Virginia : D. Rosinha sentava-se defronte de nós, bor-

dando, ou desenhando: ainda me lembro! quando eu chegava a essas bellas paginas, onde o amor innocente e candido mostra-se docemente palpitando no coração dos dous jovens, minha voz se elevava, eu me sentia possuido de ardor e fogo; D. Rosinha esquecia-se do bordado, ou do desenho para prender seus brilhantes olhos em meus labios; D. Emilia sorria-se furtivamente, e a filha apanhando-lhe o sorriso, abaixava os olhos e córava.

A's vezes eu encontrava a interessante menina occupada em lavar os vestidos de suas bonecas; para entender com ella eu mergulhava minhas mãos na agua, e por entre a branca espuma procurava encontrar as della; puxava-lhe os vestidinhos, em quando ella lindamente enraivecida batia com o pé e beliscava-me os dedos. Depois eu me offercia para deitar ao sol os vestidos, e D. Rosinha, olhando-me desdenhosa, corria a estendê-los sobre as flôres; procurando uma vingança, eu ia accusa-la a sua mãe, e mostrava-a exposta aos raios ardentes do sol; a mãe ralhava; ella recolhia-se para dentro agastada comigo; e logo depois repetia-se a mesma scena.

Outras vezes, aproveitando o crepusculo da tarde, nós passeavamos no jardim, e insensivelmente paravamos ambos a contemplar uma flôr: ficavamos assim olhando para a filha do arbusto esquecidos e mudos um tempo, que não podiamos medir; em fim como de ajuste suspiravamos ambos, erguimos os olhos, e mutuamente córavamos, como se houvessemos commettido um crime; de repente D. Rosinha voltava-se, e deitava a correr pelo jardim; quando sentia-se fatigada, parava, voltava-se de novo para observar-me e via-me colher e guardar sobre o coração a mesma flôr, para a qual ella e eu tinhamos olhado ao mesmo tempo.

Uma vez emfim... — foi a hora mais ditosa da minha vida! — alguns dias antes D. Rosinha havia feito annos; eu tinha aproveitado o ensejo, e posto em contribuição minha pobre musa; cada um de seus amigos lhe offerecêra uma prenda ou um presente; eu preferi offerecer-lhe um canto de poesia. Bons ou máos, meus versos tiveram a fortuna de tocar seu coração: vi nadar-lhe o prazer nos olhos e nos labios ao ler o hymno enternecido, onde a cada phrase palpitava meio encoberto o amor innocente e puro, que lhe votava; depois, quando outra vez nos encontrámos, havião visitas na sala; a idolatrada menina recebeu-me mais carinhosa de que nunca, e em um momento em que estavamos ambos um pouco afastados do resto da companhia, ella, tirando do seio um botão de flôr de laranjeira, offereceu-m'o dizendo:

— Minha prima casou-se ha tres dias: eis aqui um botão de flôr de laranjeira da sua corôa de noiva.

Aceitei ebrio de alegria o terno objecto, que na mãozinha branca e delicada, como um lirio, me offerecia tremendo.

— Mas... disse eu hesitando; um botão de flôr de laranjeira tirado de uma corôa de noiva deve sem duvida exprimir alguma cousa!

D. Rosinha abaixou os olhos e tornou-me:

— Eu não sei... disseram-me, que serve para fazer casar cedo...

— A quem?...

— Certamente a aquelle que o recebe e o guarda.

— Oh! e tambem a aquella que o dá?...

A formosa mocinha mostrou-se um pouco perturbada; mas bem depressa sorrindo-se meigamente, respondeu-me:

— Ah!... entendo... aquella que o dá?... mas a esse respeito não me disseram nada!...

Eu ia ainda instar por uma resposta, quando D. Rosinha, que o percebeu, valendo-se de seu espirito travesso, voltou-se de repente para as outras senhoras, e disse :

— Minha mãe, o Sr. Juca está dizendo que quer dansar..

.....
Foi assim que passámos um anno.

VIII

Uma grande desgraça veio surprender-nos na doce embriaguez de nosso innocente amor.

Emilia, a carinhosa mãe de D. Rosinha, soffria deste muito tempo uma das mais terriveis enfermidades : sempre abatida e pallida, sempre martyrisada por uma tosse teimosa e incommoda, vivia tambem constantemente embalada pela esperanza de um proximo restabelecimento, do que ella chamava — *sua defluxão* ; — a pobre filha brincava descuidosa ignorando o verdadeiro estado de sua mãe. Sómente com Mauricio tinham sido francos os medicos ; mas elle, sabendo que no seio de sua esposa estava já a morte a desfazer-lhe os pulmões, para poupar tormentos á sua familia, deixava a misera consorte abraçada com suas esperanças, e a interessante filha menos infeliz com sua ignorancia.

Chegou porém o momento em que a verdade terrivel, mostrando-se sentada á beira de uma cova, dissipou todas as duvidas, e encheu de luto e de amargura aquella estimavel casa.

Um ataque violento veio subitamente pôr em grave risco a vida da triste doente, e quando serenaram os symptomas, que tinham feito receiar uma morte proxima, os medicos declararam, que não podião mais disputar por muito tempo aquella victima ao tumulto, e que o unico meio de retardar o golpe inevitavel era levar a enferma para algum desses lugares da provincia, onde o clima saudavel e proprio consegue ás vezes extender a vida.

Não havia que hesitar : a sentença estava lavrada e o amor do esposo e da filha abraçou-se chorando com o só recurso que lhe restava.

Mauricio determinou-se logo a partir com sua familia para Nova Friburgo : a bella chacara, o theatro de tantos prazeres foi abandonada ; e a interessante familia veio immediatamente para á côrte a fim de tomar as disposições necessarias a viagem.

Oh !... como eu senti a força e a crueza de todos esses acontecimentos !... De um lado, via um homem respeitavel, que me tinha aberto as portas de sua casa, honrado com sua confiança, e muitas vezes amparado com a sua amizade ; via esse nobre homem chorando a viuvez, que o esperava, e, ao mesmo tempo, engulindo em segredo os seus soluços, devorando em silencio as suas lagrimas para tornar menos acerba a dôr de uma esposa quasi moribunda e a afflicção de uma filha quasi orphã.

De outro lado, mostrava-se a meus olhos a pallida figura de Emilia, a cuja cabeceira eu velava sempre : ah !... como, sem pagar tributo de dôr immensa, poderia eu contemplar essa adoravel senhora, que com tão doce amizade me tratára, essa, a quem em meus bellos sonhos de amor poetico eu entrevia lá no futuro olhando me com olhar de mãe, e que então eu via prostrada e gemendo em um leito

doloroso, esperando com resignação e doçura angelica a sua hora de agonia!...

E depois eu via tambem velando ao pé della, triste, abatida, muda, ensaiando ás vezes um mentiroso sorriso, que parecesse filho da esperança, ás vezes embebendo toda sua alma no olhar do medico, que acabava de observar a doente, como se quizesse adivinhar-lhe os pensamentos mais occultos, ás vezes indo pé por pé escutar a branda respiração da enferma, que dormia, e quasi sempre fugindo por minutos de junto do amado leito para ir soluçar ás escondidas, essa moça encantadora, que eu amava já com todo o fogo de um primeiro amor.

Oh! sim! eu tinha diante de mim uma terna amiga, que descia ao tumulo;... sentia a desraça que me roubava essa doce amizade, e que ao mesmo tempo exprimia entre seus dedos enregelados a bella flôr, que primeira se desabotoára em minha alma : e quando eu procurava uma esperança, uma illusão ao menos, que me fizesse duvidar de tão grande infortunio, a mais cruel das verdades, a verdade, que se chama desengano, bradava uma e mil vezes dentro de mim — *impossivel!*...

E finalmente essa partida fatal, que deveria separar-me para sempre da extremosa mãe de D. Rosinha, separar-me tambem da interessante joven... e sabe Deus até quando?...

Até quando! triste phrase, filha da saudade e do amor! Parece que ao pronuncia-la em uma terna despedida, nosso coração se volta para o futuro, e todo cheio de duvidas e de desejos procura adivinhar o instante do retorno!

Chegou emfim o dia e a hora da partida.

Em quanto Mauricio dava as ultimas ordens em sua casa, eu acompanhei as senhoras até o embarque, e fomos espera-lo dentro do batel.

Logo que entrámos, a doente sentou-se em uma cadeira baixa, e reclinando-se sobre um dos bancos do batel pareceu adormecer.

Ficámos sentados juntos um do outro D. Rosinha e eu, melancolicos ambos, e em silencio por muito tempo: ella com os olhos humidos, fitos em sua mãe, e eu com os meus nadando sobre aquelle mar, que em breve teria de roubar-me objectos tão queridos.

Depois de uma longa hora de triste mudez, rompi eu o silencio.

Oh! perdão! perdão eu peço de joelhos á alma bemaventurada dessa mãe extremosa, dessa amiga inapreciavel, se a esqueci então adormecida para pensar um momento em amor.

— Enfim, D. Rosinha; disse eu em voz baixa; é chegada o instante de nos separarmos!...

A formosa moça voltou seus olhos para mim, e ainda com elles cheios d'agua, respondeu-me com voz repassada de melancolia e ternura:

— É certo! e sabe Deus até quando!

— Tão feliz... tão ditoso, que eu fui durante um anno de innocencia e de risos!...

D. Rosinha deixou cahir a cabeça e murmurou sentidamente:

— Tudo acabou.

— Oh! não!... não era possível, que Deus desviasse de nós os olhos... elle se tem sorrido doce-mente para nós durante um anno... nós o amámos sempre e por tanto seremos outra vez felizes um dia!

— Felizes?! ah! senhor! é quasi um sacrilegio fallar-me de felicidade nesta hora amargurada!

— Perdão! tornei-lhe eu; não me esqueço, não posso esquecer-me dos tormentos, por que está passando; mas tambem não tenho força bastante para suffocar a esperanza que se abraça com a saudade no meu coração: esperemos!...

— Não, não : ao menos para mim... tudo acabou.

— Oh !.. é terrível !..

— Sim !.. tornou ella encruzando as mãos sobre o peito e embebendo os olhos no rosto de sua mãe com expressão de magoa profundíssima ; sim !.. é terrível !..

Compreendi seu pensamento, e sem poder sustenter-me, desatei a chorar ; d'ahi a um instante soluçamos ambos juntamente.

Ah ! eu tinha mil cousas para lhe dizer em despedida ; mas desde que começou a correr nosso pranto, nem ella, nem eu pudemos pronunciar uma palavra.

Tambem para que ?.. não estávamos nós chorando ?.. o que é que exprime a dôr melhor que as lagrimas ?

D. Rosinha abandonou-me uma de suas mãos, apertei-a contra meu peito, apertei-a contra os meus labios, molhei-a de minhas lagrimas.. era a primeira vez, que gozava tão subida ventura.

Depois, como se quizesse, ainda sem fallar, exprimir de uma nova maneira os sentimentos, que por ella nutria, arranquei de meu bolso com movimento repentino um pequeno embrulho de papel, abri-o, tirei de dentro um botão de flôr de laranjeira, e comecei a beijá-lo enternecidamente.

Era o botão de flôr de laranjeira, que D. Rosinha me havia dado.

Tudo naquelle momento solemne deveria ser eloquentemente demonstrado na scena muda, que representámos.

D. Rosinha ao ver o que eu fazia, hesitou um instante ; mas logo depois cedendo a um forte impulso, e mais que nunca debulhada em lagrimas, lançou a mão ao seio, e tirando de dentro do vestido, e dei-

xando-me ver uma rosa murcha, cobrio-a de beijos e de lagrimas.

Era amesmarosa que eu tinha salvado arrojando-me ao lago.

Muito mais do que poderíamos dizer, todos os ardentos sentimentos, que então fervião em nossos corações, o amor, a saudade, a esperança, tudo foi com eloquencia indizivel explicado por aquella rosa murcha e por aquelle botão de flôr de laranjeira.

Ficámos assim algum tempo chorando, e beijando nossas flôres até que enfim escravos de um só, e identico pensamento, nós as guardámos outra vez balbuciando a mesma palavra :

— Para sempre!

Equando acabavamos de pronuncia-la, vimos erguer-se pallida, mas com olhar brilhante, aquella que julgavamos dormindo, e que tudo havia observado.

Iamos talvez cair a seus pés, e pedir-lhe perdão do sentimento, que tinhamos deixado conhecer, quando a estimavel senhora socegou-nos de prompto com o sorriso eloquente, cheio de consolação, de amor e de ternura, que se espraizou em seus labios.

Bastou-lhe um passo para chegar até D. Sosinha e eu : muda, como nós, ella apertou ao mesmo tempo nossas duas cabeças contra seu seio, beijou sua filha nos labios, deu-me um beijo ardente na fronte, e desmaiou em nossos braços.

Abençoára o amor de sua filha!

Nossos cuidados a chamaram á vida, e d'ahi, a pouco chegou Mauricio.

Abracei os meus amigos... abracei pela vez derradeira aquella mulher angelica, que acabava de beijar-me na fronte : levei a mão de D. Rosinha a meus labios, e... partiram.

— Adeus ! — foi a ultima palavra que ouvi de sua boca.

O hatel cortou as ondas... acompanhei-o durante muito tempo com meus olhos, que se desfazião em lagrimas, e finalmente eu vi-o desaparecer, como a lua, que se embebe no seio do horisonte, como uma esperança, que se afoga no desengano, ou como o crepusculo da tarde que se vai apagando pouco a pouco e confundindo-se com as trevas da noite.

.....

Os cuidados de um esposo amante e de uma filha extremosa, e o clima abençoado de Nova Friburgo sustentaram ainda por mais de dous annos a debil chamma da vida de Emilia.

Mas finalmente triumphou a morte...

Não tornei mais a ver D. Rosinha.

.....

São já passados cinco annos : não sou mais aquelle joven puro e ingenuo, que parou em extasis defronte de uma menina, como se o fizerã diante de uma visão de anjo ; oh !... sacrifiquei minha innocencia aos pés dos falsos idolos de um mundo perverso ; tenho sido cem vezes perjuro ao primeiro juramento de amor, que pronunciaram meus labios ; escravo dos prazeres, vaidoso de parecer amado, cedendo ao impeto das paixões, tenho zombado do mais santo dos sentimentos : não mereço mais aquelle candido amor de menina de treze annos ; eu sinto com vergonha de mim proprio ; — quando porém volto meus olhos para o passado, quando torno a viver o tempo já vivido, a imagem de D. Rosinha desponta no céu da minh'alma semelhante ao rubor de uma aurora, que vem surgindo no horisonte, e a lembrança de seu amor vai passando sobre o meu coração saudosa, terna e suave, como a brisa matutina impregnada

de perfumes deleitosos, que se deslisa por cima de uma flôr já desbotada.

.....

Quando o Juca deu fim á leitura do seu romance não acabado, terminava tambem o cabelleireiro o penteado de Clara, e a moça erguendo-se, vio o estudante melancolico e pensativo com os olhos esquecidos sobre os seus papeis; sua velha mãi muito sensibilisada enxugando as lagrimas com a manga do vestido, e o publicista com uma cara assim a modo de noivo logrado.

— Então que é isto?... disse Clara; Sr. Juca, dir-se-hia, que está com saudades da sua Rosinha!

— Pois que duvida! respondeu o estudante; quem póde sem doer-se recordar o bello tempo de uma felicidade perdida?...

— Como perdida?... a Rosa e o Zephyro vão encontrar-se de novo: olhe, o seu romance não está mal principiado, aconselho-o pois, que faça por conclui-lo. Que diz a isto, mano Faustino?

— Heim?...

— Está surdo?... bem bom: antes surdez, que a repetição da erysipela: mas responda sempre, que diz do romance do Sr. Juca?...

— Metade d'aquillo é mentira.

— Já ouviu esta, minha mãi?

— Deixa-o fallar, minha filha: disse a velha com cara de choro; Juca, a tua historia é muito bonita: tambem eu sou a ternura em pessoa, — não pude ouvi-la sem chorar; quando leio o livro de Galatêa me succede o mesmo; dá-me até vontade de furar o olho do Polyphemo.

A observação da velha dissipou a melancolia do

estudante : radiou outra vez o prazer em seu vivo rosto.

— Obrigado, Sra. D. Basília, disse elle ; agradeço muito as suas lagrimas, e procurarei paga-las, escrevendo outro romance.

— Não ! outro não ! acudiu Clara ; o senhor deve concluir primeiro o da sua Rosa.

— É impossível, respondeu o Juca : ha aqui nestes papeis a revelação de um amor innocente e puro. Naquelle tempo eu podia amar desse modo ; agora não, eu o confesso ; o mundo perverteu-me : se eu ousasse continuar a amar D. Rosinha, não poderia mais fazê-lo, como no principio ; e portanto, antes quero conservar incompleto o meu romance, do que acaba-lo profanando-o.

— Mas... com a mesma pessoa...

— Com a mesma?... não se lembra, de que D. Rosinha já está feita D. Rosa ?...

— Ora que tem isso ?

— Desconfio de que já se escondão alguns mysterios naquella alma de moça de dezoito annos... até pela regra de serem as senhoras mil vezes mais sensiveis que os homens. Sim... é impossível continuar um amor como aquelle ; actualmente seria um anachronismo ; além disso, hoje não se pôde amar sem casaca nova, e eu estou reduzido a um miseravel paletot republicano. Ha cinco annos passados, usava-se deixar sahir o amor do coração em perfumes, e hoje costuma-se deixa-lo sahir simplesmente dos labios em chuva de palavras, e tempestades de juramentos. Neste ponto cinjo-me aos usos do tempo : agora ama-se .. (bem se vê que isto não se entende com as senhoras) ama-se por vaidade, ambição ou passatempo ; uma namorada é assim uma especie de sorvete, que se dá ao coração : além disso amando outra vez a D. Rosinha, eu criaria uma nova dif-

ficuldade para minha vida, contrahiria uma divida de impossivel pagamento ; porque, sem contar com a Bonifacia, tenho jurado amor eterno a vinte sete; além disso o publicista tem os olhos fitos em mim, e a penna presa entre os dedos para desabar-me em um artigo de fundo; e além disso... e além disso... é verdade, D. Clarinha, que horas são ?...

— Sete horas, respondeu a moça.

— Misericordia! e eu ainda por vestir-me!... ainda trazendo sobre as minhas costas este indigno paleto!... oh! maldito publicista, vai-me buscar a tua casaca nova!...

— Pois devéras queres ir... ia perguntando Faustino.

— Ao baile!... ao baile!... exclamou o estudante interrompendo e arrastando o publicista para fóra da sala onde estavam.

A velha e a moça desatavão a rir, em quanto o Juca levando Faustino pelo corredor continuava a bradar enthusiasmado :

— Ao baile! ao baile!...

IX

No baile

Não ha bonito sem senão : todos os grandes homens são sempre amesquinhadados por alguma frivolidade. O commendador Sancho, que era incontra-dictavelmente o — non plus ultra — do bom tom,

incorria sempre no crime de máo gosto por apresentar-se nas salas de baile ás oito horas em ponto.

Pois era uma pena ! um cavalheiro, que pretende honras de leão de Paris, dandy de Londres, janota de Lisboa, ou conquistador do Rio de Janeiro deve nos bailes preceder apenas dez minutos ás senhoras do bello mundo : e estas, segundo as regras estabelecidas no codigo da moda, costumão apparecer nos saráos depois das nove da noite, e desaparecer pouco depois das onze : convém que cheguem tarde para se fazer desejadas, e que se retirem cedo para deixar saudades.

Nessas duas breves horas tem ellas tempo de sobejo para mostrar-se e brilhar : dansão a primeira quadrilha ex-officio, a segunda por prazer, a terceira por fineza, e uma walsa por deleite ; depois de tres contradansas, e uma walsa franceza não é possível que deixem de estar morrendo de fadiga ; não podem, nem devem dansar mais ; cumpre, é verdade, que se lhes vá pedir mais uma quadrilha, que se inste mesmo com ellas por isso ; sómente porém para ouvi-las responder com voz sumida e suspirante :

— Não posso : eu bem quizer , mas tenho a cabeça em fogo... a walsa fez-me mal... realmente estou muito incommodada... senão, com o maior prazer.

E é também de regra, que seja assim : uma senhora do grande tom jámais deverá dizer, que goza saude perfeita. Manda o bom gosto, que se mostre pallida, que tenha tosse secca, que padeça dos nervos, que se queixe de palpação, e que emfim assuste os seus admiradores pelo menos com um faniquito por semana.

Entrão portanto depois das nove horas da noite na sala do baile com ares de terem vindo contra-

feitas, e unicamente para fazer vontade ao papai : e pouco depois das onze dobrão um lencinho branco e finissimo até ficar da largura de uma fita estreita, cingem com elle a cabeça, envolvem-se com o chale romanescamente á maneira de Othelo, quando vai matar Desdemona, e retirão-se desapparecendo de subito, como visões graciosas de um sonho de poeta.

Os cavalleiros conquistadores devem ser os satelites desses brilhantes planetas, e como taes segui-los constantemente.

A tão alto porém não chegava o commendador Sancho : amante extremoso e dedicado de todas as senhoras em geral, e de cada uma em particular, com a unica excepção das velhas, que tinham andado com elle na escola, apresentava-se nos sarãos ás oito horas em ponto com um espirituoso cumprimento pendurado nos labios para sopra-lo sobre a primeira joven que chegasse. Como fosse de natureza pouco fertil em materias de imaginação, esse cumprimento com antecedencia estudado e preparado servia para dez ou doze senhoras na mesma noite ; e em quanto não havião vestidos na sala, empregava elle o seu tempo em repetir baixinho a saudação já decorada, em passar o lenço sobre a sua commenda, e em ir mirar-se, a furto, no espelhinho delicado, constante locatario do bolso de sua casaca.

Já a boa meia hora passeava suspirando pelas salas o commendador, quando ouviu o rodar de alguns carros, e pouco depois o estalar dos beijos, e o ruido das risadinhas misturadas de palavras, que se trocavão ao mesmo tempo entre diversas senhoras.

O commendador exhalou um profundissimo suspiro : para aquelle coração brando, mavioso e terno não havia canto nem musica, que em suavidade e harmonia pudesse comparar-se com o écho da voz de

uma moça, nem mesmo com o ruído dos passos de meia duzia dellas.

— Enfim! enfim! murmurou elle, e correu a um canto para ainda uma vez esfregar a sua commenda, e mirar-se no seu espelhinho.

No entretanto algumas senhoras entraram na sala, e depois de partirem todas a visitar o toilette, voltaram para sentar-se e receber os primeiros cumprimentos dos cavalheiros presentes.

— Não lhe dizia eu, minha avó, que isto ainda era de manbã cedo para um baile?! exclamou uma das recém-chegadas.

— Tanto melhor, Laura, respondeu uma velhinha de semblante muito alegre; teremos mais tempo para descansar

Aquella a quem a segunda senhora, que fallára, acabava de chamar pelo nome de Laura, era uma moça alta, delgada, e muito bem feita: tinha os cabellos castanhos, o rosto pallido, os olhos grandes, pardos e langarosos, a boca graciosa, e quasi sempre ornada com um sorrir melancolico; pelos seus modos parecia pertencer á classe das sentimentaes: mesmo descrevendo assim ligeiramente essa moça, não é possível esquecer um signalzinho de bexiga, que ella tinha na face esquerda, e que na realidade dava-lhe ao rosto um não-sei-que de engraçado.

Estava penteada com crespos, e sobre sua cabeça ostentava-se orgulhosa uma rosa-constantino. Uma chusma de bellos cachos de madeixa cabião vacilantes, inquietos e retorcidos, como travessos caracões, sobre suas faces brancas e macias; vestia um vestido de seda côr de rosa aberto dos dous lados com enfeites de escomilha e fitas da mesma côr, e com o corpinho de bico com pregas no peito; trazia enfim presã na altura do seio uma flôr em tudo semelhante á da cabeça.

O sensível Sancho não tardou em mostrar-se aos olhos das senhoras.

— D. Julia, disse Laura á moça que lhe ficava mais vizinha, você quer ver como o nosso bello commendador vem direito a mim pedir-me já um passeio ?...

— Eu não duvido : e você ?..

— Levanto-me logo: o commendador Sancho é um homem, como ha poucos : quer falle, quer não falle, faz sempre a gente rir.

— Lá vem elle !

Foi dito e feito : o quinquagenario mocetão chegou-se ás senhoras, e depois de saudá-las com quanta suavidade pôde, dirigio-se a Laura particularmente.

— Minha senhora, seria eu tão afortunado, que V. Ex. me concedesse a bemaventurança de um passeio ?

— Com summo prazer, respondeu a moça sorrindo-se e mal podendo conter umai com a dôr do be-liscão, que acabava de dar-lhe a vizinha.

— Que foi isso ? perguntou Sancho.

— Foi um suspiro, acudio D. Julia.

— Ora... eu não sou merecedor...

— Um passeio com o Sr. commendador, disse Laura levantando-se ; além de ser para mim uma grande distincção, tem sobretudo um encanto inexplicavel.

— Minha senhora, não comece V Ex. a zombar do seu escravo já ao levantar-se !

— Ao contrario, eu me levanto anciosa por admirar o espirito do mais elegante dos cavalheiros.

Desde meia hora que Sancho tinha o sol entre os labios ; aproveitou portanto a occasião, e apenas havia dado dous passos com a interessante Laura pelo braço, atirou com castro de luz em cheio sobre ella.

— Até que enfim brilhou o sol! disse elle.
— O que!... perguntou a moça.
— Brilhou o sol, repetiô o commendador.
— Ah! sim! o sol... mas onde está elle?..
— V. Ex. não o póde ver, nem sentir o ardor de seus raios; porque a modestia... quero dizer, que V. Ex. é a propria modestia; eu porém que vagava por estas salas no escuro, eu que já tinha ordenado aos criados que acendessem as velas, quando os lustres estavam desde muito tempo brilhando; porque enfim eu não via nada... eis que de repente surge V. Ex., e tudo resplandece aqui, como em uma aurora boreal.

— Oh! não, não, isso é de mais: ou então se eu brilho tanto assim, é sómente com o reflexo dos raios de seu espirito.

O commendador tomou uma larga respiração e dispôz-se a começar novo discurso.

— Brilhou por tanto o sol, e eu...

Mas não pôde acabar a phrase; porque D. Laura soltou um pequeno grito e esteve a ponto de desmaiar.

— O que tem, minha senhora?... perguntou Sancho assustado.

— É elle! murmurou Laura mostrando um manco, que acabava de entrar na sala.

Era o Juca.

Festejava-se o estudante com verdadeiro entusiasmo: aquelle Juca era um rapaz de reputação solidamente estabelecida no Rio de Janeiro; e depois de dous annos de longa ausencia apparecendo inesperadamente, fazia-se objecto da attenção geral; as senhoras o recebiam com o sorriso nos labios, os homens o abraçavam, e o commendador começava a sentir suores frios, porque o terrivel estudante fôra em outro tempo o seu Cabrion desapiadado.

O Juca com a casaca de Faustino toda abotoada para não parecer tão larga, e aturdido com os mil cumprimentos que chovião sobre elle de todos os lados via-se obrigado a responder a dez perguntas de cada vez que abria a boca.

— Está bem, minha senhora, disse Sancho a D. Laura olhando com desprezo para o estudante; deixemos esse pobre coitado e continuemos com o nosso passeio.

— É impossível, respondeu a moça : foi uma surpresa... eu não podia prever... quero sentar-me.

Mas nem foi dado ao commendador o prazer de acompanhar a senhora á sua cadeira; o Juca acabava de vê-los, e foi ao encontro do par anachronico.

— D. Laura!... exclamou elle apertando a mão da bella moça : que felicidade immensa! que dita!... parece um sonho!...

Laura ainda muito commovida pôde apenas balbuciar o nome do mancebo.

— Sr. Juca...

— Permitta, permitta, disse o infeliz Sancho; a senhora está incommodada e vai sentar-se.

— Excelso commendador! ia dizendo o estudante.

— Permitta... permitta... a senhora não está boa.

— Por isso mesmo, tornou o Juca pondo-se diante do desapontado cavalheiro; a medicina não deve estar ociosa, e eu tenho já meus direitos academicos. O senhor commendador é um homem muito delicado, e como tal não ha de querer arrancar uma doente do lado de um filho de Hippocrates; sim.... ella não está boa; mas bastar-lhe-ha respirar um ar mais livre para restabelecer-se. D.

Laura, consinta que eu a acompanhe; Sr. commendador, com licença.

E sem mais cerimonia o Juca apoderou-se da moça, e foi-se com ella passeando.

— Miseraveis!... miseraveis!... miseraveis!... rousnou o commendador; batão-lhe nos bolsos, e não poderão ouvir tinir nem quatro vintens!... possuem uma riqueza de sonetos e mais nada; e no entretanto ousão mostrar-se ao pé de homens ricos e condecorados!

E ficou bufando.

Sem attender aos justos furores do commendador, Laura ia-se restabelecendo de seu passageiro incommodo, gracias ao hygienico passeio, que dava de braço com o Juca: a conversação que entretinham os dous devia ser mesmo bem interessante, pois que tocou-se a primeira contradansa e a moça preferio continuar passeando.

No meio da quadrilha chegou Mauricio com sua filha e Anastacio: o primeiro dirigio-se logo para as mesas de jogo, o velho da roça sentou-se na cadeira que mais conveniente lhe pareceu para fazer suas observações, e Rosa entrou na sala pelo braço de um elegante cavalheiro.

Vinha a bella moça penteada com bandós, que perfeitamente nella assentavão, porque mais se apreciava assim a brilhante negrura de seus cabellos. Sua graciosa cabeça coroava-se com uma grinalda de lindissimas margaridas; trazia o collo nú, como ufanando-se da perfeição, com que o encarnára a natureza; seu vestido era de escamilha branca com saiote lançado sobre saia de setim da mesma côr, o corpinho de bico com cabeção de renda, e as mangas singelas; mostrava-se em seu peito uma orgulhosa margarida, que parecia vicejar com o ardor d'aquelle seio de virgem; ainda as

mesmas flôres dispostas em ramos desdobravão-se em cercadura pela saia do vestido, e como que se curvavão trabalhando, debalde para ir beijar-lhe os pés apertados em sapatinhos de setim ; em sua mão direita vacillava em estudado abandono um leque de madreperola, ao mesmo tempo que na esquerda ostentava-se viçoso, bello e fragrante o bouquet de cravos e violetas.

Apenas um momento demorou-se Rosa na sala ; correu logo ao toilette, e só parou defronte do tocador ; vio que nada lhe faltava, e achando-se ella mesma encantadora, sorrio-se para o espelho com desculpavel e interessante vaidade. Voltava emfim, quando por defronte da porta do toilette vio passar o estudante e Laura.

D. Rosinha recuou dous passos e sem poder fallar, sem soltar um grito, cahio sobre uma cadeira : ergueu-se outra vez depressa, e ia correr ao encontro do feliz mancebo ; mas de subito parou na porta suspensa por um pensamento sinistro, que inesperadamente se accendêra em sua alma : tinha em breve momento apanhado olhares ardentes trocados por Laura e o estudante.

— Quem sabe?!! murmurou a moça tremendo ; quem sabe?!! tudo é possível !

E apertando convulsivamente a cortina, que encobria a entrada do toilette, em suas delicadas mãozinhas, continuou dizendo :

— Se elles fallassem, passando por aqui ;... oh ! sim ; uma palavra só bastava !

E cerrando a cortina ficou em pé e immovel por detraz della.

D'ahi a alguns instantes D. Rosinha sentio que os dous se approximavão ; com os labios entre-abertos, comprimindo a respiração e com a alma toda nos ouvidos, escutou :

— É impossível! dizia Laura suspirando.

— O que se passou entre nós;... respondia o Juca.

Rosa não pôde ouvir mais; abriu porém de novo a cortina, e dobrando-se para fóra, uma onda de ar toda perfumada veio trazer-lhe aos ouvidos a palavra — *amor*.

A filha de Mauricio recuou de novo pallida, e quasi sem poder respirar; lançou apressadamente agua em um cópo, ajuntou-lhe algumas gotas de agua da colonia, e foi bebendo a tragos. Quando sentio-se menos agitada, ergueu-se e collocou-se diante do espelho: tinha desaparecido do seu rosto toda a pallidez de ha pouco, e ella mesma achou-se então brilhante de rubor e de fogo.

— Ainda bem!... disse; ainda bem!... nunca me vi tão formosa.

Sentou-se outra vez, e ficou meditando: a musica tocava por acaso uma contradansa cheia de ternas harmonias; D. Rosinha foi gradualmente deixando-se enternecer, até que desfazendo-se em lagrimas, exclamou:

— Minha mãe!... minha mãe!... quem diria?!

Porém a musica parou, e a moça passando de repente da ternura á colera, disse, batendo com o pé, no tapete:

— E eu tão crente!!! e ella, que se dizia a minha melhor amiga!... e elle então!... mas que tenho eu com elle?...

Sentio passos; enxugou as ultimas lagrimas, que ainda lhe estavam brilhando pendentos dos cilios, e vendo entrar no toilette uma de suas camaradas, correu para ella abraçando-a, e beijando-a repetidas vezes.

— Que é isto D. Rosinha?... você perdeu o juiço?... que quer dizer isto?...

— Pois não vê?... estou alegre, sinto-me feliz : isto é prazer. .. é ventura.

E desatou a rir como louca.

— Mas eu não comprehendo... esse prazer é fingido, esse rir não é de alegria... você não está em si !

D. Rosinha estremeceu : pensou que estava deixando suspeitar alguma cousa ; pareceu perturbada durante um curto momento, mas logo depois começou a rir-se outra vez.

— E você continua?... oh !... mas o que tem?... diga.

— Aquelle commendador Sancho é um homem, como não ha segundo !... exclamou ella.

— Então elle...

— Vou já d'aqui pedir-lhe um passeio...

— Mas o que lhe fez o pobre Sancho?...

— Nada menos do que uma declaração de amor: é meu namorado; está dito... vou passear com elle.

E enquanto a outra moça ficava reflectindo curiosa sobre o que devia pensar, do que acabava de passar-se no toilette, D. Rosinha sahio apressadamente : tornou a ver o Juca e Laura passeando e conversando cada vez com mais vivo interesse ; e dirigindo-se logo ao commendador :

— Senhor, disse ella ; venho pedir-lhe um passeio.

— Oh ! minha senhora, será possível, que...

— Nada de cumprimentos esta noite. Repito, que venho pedir-lhe um passeio ; com duas condições porém...

— Sujeito-me a ellas desde já.

— Primeiramente o Sr. commendador medirá os seus passos pelos meus, e passearemos sómente por onde me parecer, sem lhe importar a razão disso.

— Estou ás ordens de V. Ex.

— Em segundo lugar o senhor não ha de abrir a boca, não me ha de pronunciar uma unica palavra durante todo passeio.

— Eis o que se chama exigir um sacrificio sobre humano !

— Responda : ~~sim~~ ou não?...

— Mas, se eu...

— Sim ou não?... não tenho tempo a perder : sim ou não?...

— Submetta-me á terrivel condição.

— Pois bem ; dê-me o braço, e... silencio.

O commendador offereceu o braço a D. Rosinha e sujeitou-se ao doloroso sacrificio; doloroso certamente, porque o misero Sancho estava de novo com o sol entre os labios fazendo-lhe cocegas insupportaveis.

D. Rosinha não perdêra de vista os dous jovens. Levando o seu cavalheiro á vontade, collocou-se sem ser sentida, atraz de D. Laura e do estudante, e os foi acompanhando tão de perto, que nada lhe escapou do que elles conversavão.

— O senhor ha de fallar-me a verdade por força ; dizia nesse momento a moça.

— Mas, D. Laura, até agora eu ainda não disse mentira nenhuma : tanto mais que se não póde mentir junto de um anjo.

— Ora... anjo... anjo... essas lisonjas são já de pessimo gosto : deixe isso para o commendador.

O pobre Sancho fez uma careta horrivel.

— Diga, diga ; continuou Laura, qual foi a razão porque voltou ao Rio de Janeiro tão inesperadamente?...

— Pois já não lhe confessei uma vez?... morria de saudades ; não podia mais resistir aos ardentes desejos que tinha, de tornar a vê-la.

— Então na Bahia não havia moças bonitas, que o fizessem esquecer-se de mim ?..

— Bonitas ?... bonitas, como D. Laura ?..

— Sim, como eu, e mais do que eu ?..

— Não : no céu... talvez : aqui na terra creio firmemente, que não.

— O senhor continúa a zombar comigo : é o seu velho costume desde muito tempo : ai de quem o acredita !

— Que injustiça, meu Deus !..

— Oh ! não se exalte... ou antes não se finja tão offendido ; a sua reputação está muito bem estabelecida : o Sr. Juca pertence ao circulo daquelles que pensão que mentir a uma moça não é peccado. Eu sempre o conheci assim... fingindo... jurando, perjorando e riudo.

— D. Laura, será moda agora no Rio de Janeiro maltratar aquelles que nos amão ternamente ?..

— Mesmo nesses bellos dias, continuou a moça ; os ultimos que passou nesta cidade, eu sei bem, que era uma pobre infeliz illudida... atraçoada, como outras muitas !

— Misericordia, minha senhora !..

— Eu digo que é uma cousa abominavel zombar assim da innocencia, da credulidade e do amor de uma triste mulher !

— D. Laura, a senhora ainda não perdeu esse máo costume de ser ciumenta ?..

— Ah ! respondeu ella abaixando a cabeça ; mas se não se póde amar devéras sem passar por esse martyrio ?

— Ainda bem ! ainda bem ! e se por minha parte eu tivesse tambem ciumes ?..

— De mim ?..

— Pois então de quem ?... não foi a senhora, que me trouxe de tão longe ?..

— Ora... porém de mim ! porque ?...

— Com quem a encontrei eu passeando ?... com um homem, que apesar de quanto tem de ridículo, é rico e pretencioso ; é...

— O commendador !... exclamou Laura rindo-se muito ; eu, namorada do commendador !... que lembrança !...

E ria-se cada vez mais !

Rosa não pôde resistir á força com que o desgraçado Sancho a obrigou a recuar : o pobre homem não se achou com animo de continuar a soffrer em silencio tantos tormentos.

— Vamos , senhor ! disse D. Rosinha, que não podia comprehender o martyrio do seu cavalheiro ; vamos !

— É impossivel !... respondeu elle encolerizado ; ou hei de fallar ou rebento !...

A voz do commedador attrahio a attenção do Juca e de Laura : voltaram-se ambos, e viram a alguns passos o infeliz desapontado, e a bella moça, que a seu lado estava.

Laura teve a crueldade de continuar a vir-se, e deixando o braço do Juca, foi abraçar a amiga.

Chegou emfim para o estudante o momento de parar tambem sorprendido ; e como se unia scena de sua vida passada devesse ser de novo repetida, elle, diante daquella encantadora moça de dezoito annos, ficou, como ficára ao vêr pela primeira vez a moçinha de treze, mudo, immovel, em um verdadeiro extasis.

E a primeira palavra, que sahio de seus labios foi ainda a mesma, que a cinco annos passados, e em identicas circumstancias, tinha elle instinctivamente pronunciado :

— Meu Deus !

D. Rosinha abraçou a amiga com os olhos no

mancebo, observando a impressão, que nelle produzia sua presença ; depois estendendo-lhe a mão, disse com um tom de simples amizade ;

— Bem vindo seja, Sr. Juca.

O mais destro observador não poderia descobrir no rosto da moça o menor indício de amor, nem de despeito : havia entretanto sensível frieza na saudação que acabava de dirigir.

O estudante levou aos lábios a mão que lhe offerecião, e sobre ella sentio D. Rosinha cahir ao mesmo tempo uma lagrima e um beijo.

— Vou priva-lo de um prazer, disse a filha de Mauricio retirando promptamente a mão ; peço-lhe que não fique mal comigo ; mas sou obrigada a roubar-lhe esta senhora, sobre a qual tenho *tambem* alguns direitos.

E dando o braço a Laura, foram-se ambas conversando e rindo.

Acompanhando-as de longe, o Juca pôde mais a sangue frio admirar o interessante objecto de seu primeiro amor.

Cinco annos tinham vindo á porfia um depois do outro chøver encantos sobre a liuda moça : não conservava mais, é certo, aquellas graças infantis, que pertencem exclusivamente á idade da innocencia e dos risos, e que não podem caber, senão a ella ; seu olhar pôrem tornára-se mais ardente e magnetico ; seus sorrisos tinham um feitiço inexplicavel ; suas fórmulas tocavão a perfeição ; e havia ainda mais doce e enlevadora harmonia na sua voz, graça dobrada no seu andar ás vezes magestoso como o de uma altiva princeza, ás vezes ligeiro, como o de uma menina travessa ; e sobretudo em seus movimentos, em seus olhares, em suas palavras, em toda ella emfim achava-se, talvez apezar della, um não sei que de malicioso, anhelante, e ao mesmo tempo desde-

nhoso, que tornava-a mil vezes mais perigosa de se contemplar.

O Juca, rapaz sensível e amante do bello não pôde ver impunemente tantos encantos reunidos. A imagem da pobre Laura desapareceu, como um relampago, de seu pensamento; operou-se uma resurreição completa de seu antigo amor por D. Rosinha; em sua imaginação já o estudante se dava os parabens pelos direitos de antiguidade, que tinha, sobre o coração da filha de Mauricio; e disposto a fazê-los valer immediatamente, apenas viu separadas as duas senhoras, e sentada aquella que acabava de commovê-lo tão fortemente, correu a seus pés, e depois de breves cumprimentos :

— V. Ex. dá-me a primeira quadrilha que se dançar?... perguntou elle.

-- Já dei-a a um homem que não conheço; respondeu friamente D. Rosinha.

— A segunda?...

— Já dei-a a um moço, que me quer bem.

— Diabo! pensou consigo o estudante; querem ver que é por causa desta maldita casaca do publicista!...

E voltando-se para a bella senhora, continuou :

— A terceira, minha senhora?...

— Já dei-a a um velho, que me diverte.

— A quarta?

— Retirar-me-hei antes della.

— Uma walsa?...

— Jurei não walsar neste baile.

— Mas isto é incrível?... eu desespero, se não danso com V. Ex!...

— Que desespero é esse?... quando ha tantas, e tão bonitas senhoras na sala...

— A nenhuma dellas me dirigirei esta noite.

— Deveras?...

- Prova-lo hei bem depressa.
- Ora veja... o senhor está fazendo-me pena!... se eu podesse...
- Diga antes, se quizesse, minha senhora.
- Pois bem : verei, se na terceira contradansa o senhor merece que eu deixe o meu querido commendador sentado para pagar-lhe o sacrificio, a que se compromette.
- A musica tocou : vieram buscar D. Rosinha para dansar, e o Juca aproveitou a occasião para ir comprimentar a Mauricio ; voltando porém depressa, sentou-se junto de Anastacio, a quem não conhecia, e embebeu os olhos na encantadora moça.
- A posição do estudante era tão difficil, como dolorosas foram as impressões, que recebeu, observando a filha de Mauricio.
- A posição era difficil ; porque elle sempre tão inquieto, tão alegre, e tão buliçoso, elle que tinha sempre nos labios um dito agudo para dirigir a senhora que passava perto, uma intriguinha prompta para lançar entre duas amigas, uma indirecta para jogar sobre esta, um segredo que descobrir a aquella, elle enfim tão constante junto das senhoras mostrando-se então retirado, e submerso mesmo em uma subita invasão de melancolia, via-se obrigado a dar a cada momento explicações a respeito do seu estado, ora pretextando fadiga, ora inventando incommodos : elle, o perseguidor, tornára-se o perseguido ; D. Laura dardejava-lhe em cada olhar uma seta de ciume ; e Clara, que o não perdia de vista, tomava-o para alvo de todas as suas zombarias. Uma vez passando por defronte d'elle :
- Sr. Juca, perguntou sorrindo-se, que tem que está tão triste e tão retirado ?...
- Dóe-me a cabeça, respondeu estupidamente o pobre rapaz.

— Ainda bem, tornou ella ; isso nos prova, que ao menos trouxe cabeça da Báhia.

O Juca não respondeu ; tinha o inferno no coração. D. Rosinha fazia-o provar martyrios indiziveis.

Bella, offuscante, graciosa e alegre, era ella a rainha da sala : com seu olhar de fogo. com suas palavras animadoras, com seus sorrisos dadivosos de esperança, fazia-se nesse baile rodear de uma numerosa còrte de adoradores. Nenhum dos que até aquella noite tinham sido por ella mais desdenhados, deixou de receber de seus labios um dito lisongeiro, ou uma phrase carinhosa. Até então insensivel a todos aquelles cavalheiros, e nessa noite fazendo-se de improviso conquistadora, a caprichosa moça, sem desanimar a nenhum, desafiava a todos, concedendo um agrado a cada coração de mancebo, como uma borboleta que n'uma só hora imprime um beijo em cada uma de mil flôres.

Havia por isso um movimento estranho e nevo na sala : todos os jovens corrião a render homenagem á nova conquistadora ; e as senhoras umas despeitadas, outras confusas murmuravão desapiedadamente da ousada moça. D'antes accusavão-n'a sem razão, e irritavão-se por não tê-la, e emfim no baile, que tinha lugar, começavão a exasperar-se ; porque a accusação era justa, e a nova conquistadora uma rival poderosa.

— D. Rosinha, disse-lhe Laura aproveitando um breve instante, em que se achavão sós ; você hoje está com espirito maligno ?...

— Reparação em mim ?... perguntou Rosa rindo-se com um rir de louca.

— Oh ! muito !... murmurão mesmo.

— Tanto melhor !... é porque eu triumpho.

E depois olhando para Laura com olhar fixo e incisivo, perguntou tambem por sua vez :

— E você não tem, como eu, nada de novo esta noite?...

— Eu... não!... não tenho nada.

— Ainda bem!... tudo é velho...

E suspendendo-se ao pronunciar essa ultima palavra, desatou a rir, retirando-se e repetindo :

— Com effeito, ella disse bem!... é uma historia velha!...

Debaixo de um exterior leviano, inconstante, ligeiro e inconsequente, Rosa escondia um coração cheio de sensibilidade e de nobreza : romanesca, sensível, e dotada de ardente imaginação, parecendo á primeira vista dobrar-se gostosa ao imperio dos prazeres e das illusões da sociedade, no meio da qual vivia, ella no fundo d'alma olhava com desprezo e tédio para essa vida artificial, que se vive nas festas e nos bailes, onde o amor é jogado como um passatempo, ou um brinco de crianças : coração virgem, nobre, dedicado e firme, tinha amado uma vez aos treze annos, e cultivava seu terno sentimento com religioso cuidado ; não se esquecera nunca do joven, a quem déra um botão de flôr de lorangeira, tirado de uma corôa de noiva ; e em seus sonhos de venturas, ella via-o muitas vezes chegar apaixonado, como d'antes, e correr a seus pés ardendo no mais puro amor.

O baile dessa noite viera quebrar com uma mão de ferro a mais doce das suas esperanças : encontrando alli inesperadamente o objecto de suas saudades de cinco annos, quando pensava em correr a elle ebria de prazer e de ternura, teve de parar de subito apanhando uma traição em seus olhos e um perjurio em seus labios.

A sensitiva dobra suas folhas ao menor contacto de um corpo estranho : o coração de Rosa resentio-se do golpe que recebêra, e ella caprichosa, ardendo

no desejo de uma vingança, escondeu todos os sentimentos nobres e generosos, que nutria, cobrio seu rosto com uma mascara de falso prazer, e mostrou-se aos olhos d'aquelle que amava, como se fôra a mais louca das loureiras.

A vingança era de um genero novo e estranho ; mas produzio o effeito desejado.

O estudante acompanhava com olhos ardentes de ciume e de colera a terrivel senhora, que parecia havê-lo de uma vez esquecido ; agitava-se convulso na cadeira, em que se achava sentado, quando observava-a passeando pelo braço de algum elegante mancebo, ouvindo, e dizendo finezas ; retorcia-se todo ao vê-la tirar do seu *bouquet* uma violeta ou um cravo para prender o cavalheiro, com quem acabava de dansar ; e a caprichosa moça proseguia sempre em sua barbara vingança, alegre, festiva e descuidosa, passando longe ou perto do pobre Juca sem jamais conceder-lhe um olhar, nem um sorriso.

Em materias de despeito e de amorosas hostilidades as moças tem uma vontade de ferro : observe-se uma dellas, que se ache com taes disposições, e ficar-se-ha espantado diante de um rosto prazenteiro, risonho, e ás vezes frio como a propria neve. Ponha-se-lhe ao mesmo tempo a mão no peito, e sentir-se-ha o coração quente, como um brazeiro. São inabalaveis : a semelhante respeito o mais presumptuoso dos homens ao pé dellas fica mais pequeno, que um insecto.

Despeitado e furioso, o Juca chegou a invejar a posição do commendador Sancho. Reflectindo sobre o que lhe cumpria fazer, resolveu-se a não procurar D. Rosinha para dansar a contradansa prometida ; mas logo depois entendeu, que a melhor maneira de castiga-la era fingir-se contente como ella, não se dar por offendido do que se passava a

seus olhos, e trata-la finalmente, como uma loureira que era.

Disposto portanto a não dar o seu braço a torcer, esperou ancioso a terceira quadrilha : era uma occasião favoravel para zombar della, e o estudante jurava entre dentes puni-la de sua inconstancia e leviandade sem dó nem compaixão.

O Juca estava na regra : considerava crime em uma senhora aquillo mesmo, que elle praticava por gosto e passatempo, segundo os habitos dos senhores homens.

Apenas ouviu a musica tocar os primeiros compassos de prevenção, levantou-se, e dirigindo-se á D. Rosinha chegou quasi ao mesmo tempo, que tambem chegava o commendador : ambos os pretendentes estenderam as mãos para recebê-la.

A moça olhou para o Juca admirada :

— Como?... perguntou ella : o senhor tambem?... mas... realmente... eu não me recordo de lhe haver promettido cousa alguma!...

O estudante mordeu os beiços.

— V. Ex. prometteu-me esta contradansa : balbuciou o commendador meio desapontado.

— Eu não dansei : disse simplesmente o Juca.

— Ah! sim... agora parece que me lembro... mas eis aqui o que se chama uma verdadeira difficuldade! como decidir entre dous cavalheiros tão interessantes ?!! na verdade eu tenho uma cabeça de louca... prometto o que não posso cumprir!

— Decida entre nós, V. Ex. ; disse Sancho endireitando-se para melhor mostrar a commenda.

— Não dansei : repetio com frieza o estudante.

— Com effeito, respondeu a moça ; tragou até as fezes o seu calix de amargura ; merece piedade por isso : meu caro commendador, eu dou-lhe uma walse por esta contradansa.

— Mas então eu hei de ficar sentado?... perguntou o pobre Sancho fazendo uma cara horri-vel.

— Ninguém lhe diz que não fique de pé ; acudiu o Juca rispivamente.

— Sr. commendador : uma walsa vale dez quadrilhas e eu tinha jurado não walsar hoje : descanse pois para voarmos juntos ao redor desta sala d'aqui a pouco.

E levantou-se aceitando o braço do mancebo.

— No entretanto, murmurou Sancho passando a mão por cima da commenda ; no entretanto ninguém o acreditaria !!!

E como ficar sentado era uma cousa detestavel, o infeliz appellou para um dos dous batalhões de reserva : foi buscar uma menina de seis annos e tomou lugar na quadrilha.

Em quanto se dansou, o Juca e D. Rosinha não trocaram senão palavras muito triviaes : terminadas porém as contradanças o estudante deu-lhe o braço, e passearam

Era a occasião do combate : a moça foi quem en-cetou a conversação.

— Sr. Juca, em outro tempo o senhor meditava pouco, e fallava muito : reparo que hoje faz o contrario disso.

— Ah !.. então V. Ex. lembra-se do outro tempo ?.

— Alguma cousa.

— Recorda-se portanto da noite, em que pela primeira vez nos achámos defronte um do outro ?..

— Tenho assim umas lembranças disso..... quando foi ?..

— Uma noite de S. João.

— Sim... sim... parece que foi isso mesmo.

— Passámos dous bellos dias : lembra-se daquelle factó da rosa e do lago ?..

— Da rosa e do lago?... não : que rosa foi essa?... o que houve no lago?...

— Nem ao menos se recorda de um malmequer do prado, e cujas petalas V. Ex. arrancava no jardim, pretendendo decifrar um mysterio?

— Malmequer do prado?! ora é notavel, que tambem não me lembre de tal!...

— De um botão de flôr de laranjeira, que eu recebi cheio de enthusiasmo?...

— Botão de flôr de laranjeira?... quanta coisa bonita, de que me tenho esquecido! uma rosa, um malmequer do prado, um botão de flôr de laranjeira!... pois é uma pena : porque eu gosto muito de flôres : isto faz-me ficar triste.

O estudante estava vendo estrellas ao meio dia.

— Oh! nada de tristezas, disse elle com ironia. Não fallemos mais disso : são puerilidades insignificantes, que ordinariamente se olvidão ; o tempo consume com facilidade essas lembranças, do mesmo modo, que o vento apaga na arêa as pisadas de dous meninos ; que brincaram á borda do mar.

Calaram-se ambos por alguns instantes : o despeito e o ciume transluzia por entre os sorrisos mal fingidos que os dous jovens tinham nos labios.

— Quando chegou da Bahia, Sr. Juca?... perguntou logo depois D. Rosinha.

— Hoje mesmo.

— E já n'um baile!... o senhor é infatigavel!...

— Eu tinha a certeza de encontra-la aqui ; respondeu o estudante rindo-se ; previ, que V. Ex. estaria com muitas saudades minhas e apressei-me a vir mata-las.

— E não se enganou, tornou-lhe a moça no mesmo tom ; creio porém que não foi para matar-me as saudades, que deixou tão inopinadamente a cidade da Bahia.

— Confesso que não, minha senhora : empurram-me á força para o Rio de Janeiro : quer V. Ex saber a causa?

— Sem duvida : sou muito curiosa ; tenho todos os defeitos do meu sexo.

— Pois bem : eu estava namorado, apaixonado, *como nunca estive em minha vida.*

— E' explicavel : a ultima paixão parece sempre mais forte que a penultima ; pelo menos isso succede comigo.

O Juca olhou fixamente para aquella senhora, que lhe fallava assim, e encontrou fito tambem sobre o seu rosto o olhar penetrante della.

— Fingiram amar-me... continuou o estudante.

— É um velho habito de todas nós, observou a moça.

— Depois zombaram de mim...

— Tudo isso é muito commum, Sr. Juca.

— Mas eu estava apaixonado até os olhos...

— E teve medo de ficar cego?...

— Não, minha senhora ; porém meus amigos forçaram-me a embarcar para o Rio de Janeiro : porque começava a brilhar em minha alma a idéa sinistra de um suicidio.

— E veio em vapor, ou em barco de vela?...

— Vim no vapor.

— E fez bem ; dizem-me que o cheiro do carvão de pedra é contrario a essa especie de mania de que principiava a soffrer.

— Oh! não zombe, minha senhora ; creia que eu amava muito : repito, que amava, *como nunca amei na minha vida* e desprezado por uma perjura, concebi o pensamento de matar-me.

— Por causa de uma mulher?... perguntou D. Rosinha fingindo-se admirada.

- E então ?!!!
- Não ha mulher alguma, que valha a pena de um suicidio : tornou ella rindo se.
- Deveras ?...
- Já lá vai o tempo do heroismo no amor : hoje em dia.... Sr. Juca, dê licença que eu estenda a minha regra até os homens ; hoje em dia nós e vós amamos para passar o tempo.
- V. Ex. sente o que diz, minha senhora ?...
- Certamente.
- Não penso eu assim : quando um homem tem concentrado toda sua esperança de felicidade no amor de uma mulher, quando tudo se tem feito por ella, e recebe-se em paga um perjurio e o desprezo, é melhor morrer.
- Qual, senhor ! é melhor viver.
- Mas para que?...
- Para amar a essa mulher, e a outras muitas.
- Também a essa ?...
- Sem duvida, e para ser amado por ella.
- Como ? se o desprezo...
- Oh ! meus peccados ! meus peccados !... que cegueira a destes homens ! a mulher é a mais fraca das creaturas, e com um bocadinho de trabalho e de paciencia faz-se de um desprezo uma paixão ardente.
- Gastando amor com uma ingrata ?..
- Que loucura !... fazendo-se antes o contrario disso, meu caro senhor.
- Realmente eu não comprehendo...
- Realmenté eu pensava que o Sr. Juca tinha mais juizo !..
- Sinto-me offuscado pelo talento de V. Ex. !...
- Agradecida.
- Mas eu rogo a V. Ex. que me ensine esse remedio apreciavel.

— A receita é muito antiga, e muito conhecida ; mas nem por isso menos infallivel.

— Então...

— Finge-se amar uma outra aos olhos da ingrata.

— E o remedio é seguro?...

— O effeito é mais ou menos demorado, porém sempre certo.

— V. Ex. aconselha-me que aproveite essa receita na primeira occasião?...

— Seguramente.

— Desconfio de que alguém já a tenha usado contra V. Ex. mesma !

— Não ! não ! esse remedio é antidoto do desprezo, e o Sr. Juca deve ter reparado, esta noite, que eu não desprezo a ninguem.

Nesse momento soou a walsa : o commendador veio arrancar D. Rosinha do braço do estudante e com ar victorioso, depois de breves passos pela sala, desatou a walsar.

O velho roceiro, que até então se conservára a roer as unhas sem deixar nunca a cadeira, em que se sentára ao entrar, ergueu-se subitamente ao ver a sobrinha dansando com Sancho, e sahio resmoinhando enfezado.

X

O Juca despeitado

No dia seguinte, á hora do almoço, appareceu o Juca com semblante tão carregado, que attrahia logo a attenção de seus hospedes.

— Melhor cara traga o dia de amanhã, disse Clara.

— Que diabo é isso?... perguntou Faustino; pas-saste mal a noite?...

— Elle tem o que quer que seja! accrescentou a velha.

— Tenho fome respondeu o estudante; tenho fome e juro que antes de almoçar ninguem me ha de arrancar uma palavra.

O Juca era teimoso, como um paulista; e em materia de juramentos cumpria-os sempre religiosamente, com a unica excepção daquelles que prestava ás moças.

Foi por tanto necessario esperar que terminasse o almoço para encetar-se a conversação. O Juca comeu como um padre de capellania; Faustino devorou, como homem politico, que era; Basilia matou sua fome sem cerimonia nenhuma, como velha, que já não tem pretensões neste mundo; e enfim Clara fez cara feia a todos os pratos, e tomou apenas meia chavena de chá com um simples biscoutinho, como faz ahi qualquer moça da moda, que conta e calcula com a chave da dispensa.

Levantaram-se finalmente da meza, e forão todos quatro sentar-se na sala de visitas.

O semblante do Juca estava cada vez mais sombrio.

— Juca, disse a velha; queres saber uma cousa? não te assenta bem esse rosto amarrado assim.

— O estudante encolheu os hombros, como quem diz — que me importa! — e a filha de Basilia começou a rir-se.

— Mana, de que está você rindo-se?... perguntou o publicista.

— Eu?... ora é boa! de nada: as moças quando não tem que fazer, riem-se para passar o tempo.

E continuava a rir-se.

— Aqui ha cousa! aqui há cousa! exclamou Faustino.

— Minha senhora, disse o Juca ; se é comigo, não faça cerimonia.

— É com o Juca !...

— Clara, disse o que é ; não nos faça andar com a alma pelos ares.

— Não devo fallar, minha mãe ; é um segredo, que apanhei no baile de hontem.

— D. Clara, tornou o Juca, que principiava a desapontar-se : se é segredo, deite-o fóra immediatamente : olhe que os segredos causão indigestão ás senhoras.

A moça deu o cavaco com a observação ; corou, mordeu o labio inferior, e respondeu :

— Pois não é segredo : é do motivo da sua improvisada melancolia, que me estou rindo.

— Ainda bem !... venha lá isso.

— Mano Faustino, o Sr. Juca... está...

— Acabe...

— Está affectado do mal dos ciumes.

O estudante deu um salto da cadeira, e foi parar no meio da sala.

— Eu de ciumes !... bradou elle.

Faustino batia palmas de contente, e pulava na sala, como um endemoninhado.

— Eu de ciumes ?... mas porque ?... de quem ?... falle, diga de uma vez...

— Por causa de uma linda rosa, que hontem á noite o espinhou cruelmente...

O Juca empallideceu.

— D. Rosinha ?... perguntou Faustino endireitando-se todo, como um namorado, que se acredita feliz ; então D. Rosinha !...

— Não fez caso delle : respondeu Clara com reflectida acrimonia.

— E o pobre coitado ?...

— Perseguiu-a inutilmente toda a noite.

— Nego ! gritou o estudante.

— Sustento ! replicou a moça.

Havia no animo de Clara firme proposito de atormentar o Juca n'aquelle dia ; e até certo ponto a moça tinha razão.

O tal Sr Juca, rapaz muito considerado na cidade do Rio de Janeiro, notavel pelo seu bom gosto, reconhecido apreciador das senhoras, dan-sarino eterno. que antes queria que lhe sahisse branco um bilhete na loteria do que perder uma contradansa, ou uma walsa, commettêra na ultima noite a estulticia de se deixar ficar sentado horas inteiras sem querer dansar nem passear, com os olhos embebidos em uma unica senhora, e apenas quasi no fim do baile se erguêra para contradansar, e dar o seu passeio com essa mesma senhora para quem sómente soubera ter olhos. Erro inescusavel !... ninguem, é verdade, póde furtar-se a certas predilecções ; mas em uma sala de baile as predilecções guardão-se bem escondidas no fundo do coração sob pena de agradar a uma of-fendendo a cem.

O procedimento do Juca tinha pois importado uma sensível preferencia, a que Rosa pareceu pres-tar bem pouca attenção. e a que as outras moças deram muita importancia. Na opinião dellas perdêra o estudante, no que diz respeito á delicadeza e bom gosto, cincoenta por cento do que até então valêra : todas ellas suspiraram por achar um momento feliz, em que se podessem vingar da offensa recebida, e Clara jurou aos seus colchetes desferrar-se logo na manhã seguinte.

A vingança da moça tinha pois começado.

-- Sustento ! repetio Clara : o Sr. Juca tem des-peito no coração, ciume nos olhos, e.

— E o diabo no corpo!... acudio Faustino rindo-se ás gargalhadas.

— Eu com ciumes!... disse com fingida calma o estudante; eu com ciumes!... ora não faltava mais nada!... então, minha senhora, seis annos de vida de sarãos e de festas, seis annos votados não só ao prazer, mas também á observação; seis annos em fim de estudos e de experiencia não me havião de servir para alguma cousa?

— Honra ao Socrates!... respeito ao philosopho!... disse o publicista fazendo uma reverente cõrtezia.

— E gastou todo esse tempo em aprender a não ter ciumes?... perguntou Clara.

— Oh! não: aprendi cousa muito melhor.

— Então o que?...

— A conhecer a mulher.

— Ah! está, o que querias ouvir, disse a velha; eu bem te tenho dito, que não te mettas em discussões com o Juca.

A moça escondeu um movimento de desagrado.

— A conhecer a mulher., repetio ella sorrindo-se; e... conhece-a bem? ..

— Tanto quanto me é necessario para livrar-me de seus enganõs.

— Ainda bem! tornou a moça; mas tenha sempre cuidado com ella; é um leopardo que surprehende a victima quando mal se espera: é um bicho terrivel, não é assim?...

— Oh! não! não! minha senhora; não tome o que acabei de dizer tão ao pé da letra. Deus me livre de offender por tal maneira o sexo amavel; eu pertenço até ao numero dos que têm por elle mais attencões e desvelõs.

— Com effeito, ainda agora mesmo o mostrou. Eu agradeço a sua delicadeza em nome de todas as minhas irmãs. No entretanto continue: diga-nos o

que colheu de bom nos seus seis annos de estudo sobre a mulher.

— Aprendi que a mulher é um anjo...

— Um anjo ?!!!

— Sim, senhora, mas por pouco tempo; é um anjo nas fachas, e na infancia...

— Só ?...

— A's vezes continúa a sê-lo quando moça ainda um anno, ou por um dia : innocente, ingenua, modesta, meiga, terna, com a alma votada para Deus, e o coração cheio dos amores da familia, e mesmo tambem com o amor de um homem misturado com esses, a mulher, que já se pentêa e se veste cuidadosamente, desejando parecer bonita, mas que ainda agradece a quem lhe ama... é um anjo.

— E depois ?...

— Depois os homens a **cercão** ! exclamou o estudante exaltando-se ; lanção o mortal veneno das lisonjas em seus ouvidos ; á força de lhe repetir, que tem olhos brilhantes, fazem de um olhar celeste um olhar mundano ; dizendo-lhe mil vezes, que seu andar é gracioso, roubão-lhe o encanto da natureza, e desafião as affectações da vaidade, que é a mais imbecil das artistas ; jurando-lhe todos os dias e a todas as horas, que ella é encantadora, matão-lhe a modestia, que é o matiz da formosura ; ensinão-lhe até ás vezes a não acreditar no proprio espelho, e ella, emfim pretenciosa, não agradece mais o amor, que lhe votão : inflammada de presumpção, crê que por dever **devem** todos ama-la, que por gloria deve pisar sobre corações., em uma palavra ; deixa de ser anjo, e fica sendo simplesmente uma mulher.

— **Bravo** o Socrates !... exclamou Faustino.

— Muito bem, Sr. Juca ; muito bem !.. aceito a sua theoria de todo o meu coração ; cumpre-me

contudo notar que ella está em contradição com o que aconteceu no principio do mundo.

— Como ?...

— No paraíso, quem tentou a mulher foi a serpente, e quem tentou o homem foi a mulher; e agora neste mundo a vaidade perde primeiro o homem, e é finalmente o homem quem deita a perder as pobres mulheres... bem entendido, segundo a sua theoria.

O estudante passou a mão pelos cabellos meio atrapalhado, e depois disse :

— Convenho.

— Ah! é assim!.. pois então de que se queixão?.. sois vós, meus senhores, que nos encheis o coração de vaidades. Com que direito então vindes depois chamar-nos presumptuosas e tolas? . presumptuosas e tolas!.. quando o somos?.. quando os não attendemos, prosequio Clara sorrindo-se diabolicamente; quando os seus juramentos entrão-nos por um ouvido, e saem pelo outro; quando com o bico de nosso sapato atiramos para longe um coração, que nos querem dar, e que não nos serve, um coração, que já tem corrido cincoenta donas, como um escravo quilombola, que não acha senhor que o queira; uma especie de petéca, que anda sempre aos tombos; finalmente um coração, que não presta para nada... um coração de homem. Sim! então é que somos tolas, vaidosas, e tudo quanto lhes vem á cabeça chamar-nos: ah! Sr. Juca, não lhes queremos mal por isso; perdoamos todos esses insultos, que provão sómente o nosso poder. Insultão-nos por... Sr. Juca, não se offenda porque eu estou fallando em geral, e não lhe talho carapuça, insultão-nos por despeito, e por... ciume.

— Bem raciocinado!.. disse ironicamente o estudante.

— E o ciume não é negocio de brinquedo, continuou Clara no mesmo tom. O ciume é como o veneno da cobra; demonstra-se por mil maneiras; não faz deitar sangue pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem pelas unhas, mas faz-o ferver nas veias; accorda a gente de máo humor; do rosto mais alegre deste mundo faz uma cara de condemnado; se é um homem o ciumento, pobres das mulheres, são todas arrastradas pelas ruas da amargura. Não é assim, Sr. Juca?...

— Ah! D. Clarinha; eu creio que a senhora pôde fallar de cadeira nesta materia.

— Tambem concedo; como porém o senhor parece estar soffrendo da cruel enfermidade actualmente...

— Repito que não! como ter ciumes se eu não amo?...

— Não ama?...

— Não; não.

— E D. Rosinha?...

— Amei a D. Rosinha nos seus treze annos de idade; amei-a innocente, ingenua e modesta; hoje não é a mesma... eu o tinha previsto; disse-o aqui hontem antes de partir para o baile: hoje não posso amar; deixou de ser anjo... é presumçosa e tola... desprezo-a.

— Presumçosa e tola!... está na regra dos metes quando...

— Presumçosa e tola!... repetio o Juca alterando-se; presumçosa, e tola... desprezo-a.

— São os figos, que estão verdes, Sr. estudante.

— Bravo, mana!... exclamava de momento a momento o publicista batendo palmas.

— Não dê o cavaco, Juca! dizia a velha.

— E'u?... porque?...

— Porque está ouvindo referir os seus padecimentos de hontem a noite.

— Que padecimentos !... ora é boa esta !...

— Pois bem, diga porque não dansou, senão uma quadrilha !...

— Porque não quiz.

— A resposta é delicada ; mas vamos adiante Porque esteve toda a noite retirado e triste?... —

— Confesse.. confesse...

— Juca, eu reparei muito nisso, disse Basilia. Vocês pensão que os velhos não veem nada ; pois comigo estão enganados.

— Foi uma noite de amargura : teve ciumes até do proprio commendador Sancho.

— Menos isso, respondeu o estudante ; tudo quanto quizerem, menos isso. Confesso, que estive triste : confesso que a causa da minha tristeza foi o procedimento de D. Rosinha, que...

— Ah ! ah !...

— Mas não havia nem despeito, nem amor offendido... nem ciume nessa tristeza.

— Então o que havia?...

— Pena.

— Pena?!!! D. Rosinha ha de lhe ficar muito agradecida.

— Oh ! sim ! era pena. Quando um homem tem conhecido uma mulher nos annos mais bellos de sua vida, e a tem visto com a alma candida, pura e angelica reflectida no mais encantador dos semblantes ; e quando, depois de alguns annos, em que a força dos acontecimentos obrigou-o a viver longe dessa mulher vem encontra-la de novo, mas encontra-a então sem a ingenuidade, sem os celestes encantos do tempo da innocencia ; quando procura o coração nobre, generoso e romanesco que outr'ora conhecêra e acha um coração enregelado,

prosaico, positivo, com a época e o mundo de mentiras em que ella vive, esse homem, ainda mesmo não tendo amado a bella mulher, retira-se penalizado e melancolico! e sem que possa praguejar contra ella, amaldiçôa o mundo e os homens que a encheram de vaidade, e que fizeram do — anjo — uma simples mulher.

— E se esse homem a tivesse amado?...

— A impressão seria muito mais profunda; a dôr mais forte, e dobrada a pena.

— E nada de ciumes!... o Sr. Juca o que não quer, é que se falle em ciume.

— Que ciume, senhora!... ainda mesmo, que eu amasse D. Rosinha!... quando se ama não é possível o ciume: ha zelos.

— Que!...

— O ciume é filho da paixão desregrada... o ciume é torpe...

— Mas quando se chega a um ponto em que o zelo não basta?...

— Nesse caso, minha senhora, luz a desconfiança, e apaga-se o amor.

— Aceito a explicação! luzio-lhe pois a desconfiança no baile de hontem a noite!

— Era possível; porque o amor ha muito tempo que estava extincto.

— Qual!... pelo menos tiveram bastante poder sobre o senhor as ternas recordações delle.

— Não duvido; mas porque?...

— Porque D. Rosinha foi a unica, que lhe mereceu a honra de uma contradansa...

— Oh! minha senhora, exclamou o estudante rindo-se; perdão, se lhe offendi!

— A mim?... não: tres dias antes do baile eu já não tinha mais contradansas para dar: no entretanto foi bem notavel, que sómente D. Rosinha

merecesse a gloria de dansar com o Sr. Juca.

— Reparou-se nisso?...

— Oh! necessariamente : D. Laura, por exemplo, devia ficar bem agastada.

— Sim?... D. Clarinha, falle-me dessa bella senhora...

— Far-lhe-hei a vontade, tanto mais que o vejo alegrar-se só ao escutar-lhe o nome; com uma condição porém...

— Qual?...

— Ha de dizer-nos se teve muito prazer ao recordar-se do seu primeiro amor, quando passeou com D. Rosinha.

— Muito! muito! respondeu o estudante fingindo-se contente, posto que se sentisse exasperar a semelhante idéa : e fez mais do que recordar; recebi lições...

— O mestre recebeu lições?!...

— Curvo-me diante de D. Rosinha : é jubilada ; ensinou-me cousas, que nem a peso de ouro se pagão.

— Então o que lhe ensinou ?

— A vencer a indiferença de qualquer moça.

— De qualquer?...

— Até della mesma, se fôr preciso.

— Ensina-me isso, Juca da minh'alma! brandou o publicista, abraçando o estudante.

— Nada mais simples, nem menos ignorado : é fingir amar uma outra aos olhos da ingrata.

— Isso é velho, estulto e de máo gosto, disse Clara.

— O mesmo asseverou D. Rosinha ; mas accrescentou que era remedio seguro.

— Porque?...

— Porque, diz D. Rosinha, todas as senhoras são invejosas do amor das outras.

— Ella disse isso ?

— É mais ainda.

— Presumpçosa?... tola !... inconsequente !...

— Que é isso, D. Clarinha !

— Os homens tem razão ! devem zombar de nós : achão uma mulher que lhes diga asneira dessa natureza ! e asseverão que ella tem espirito !...

— A mana Clara está como uma brasa !... disse Faustino.

— Com effeito a moça esquecêra-se completamente de que tinha em vista atormentar o pobre estudante ; a receita de Rosa era um insulto feito a todas as senhoras : onde está o maior cessa o menor, e portanto descansava o Juca, e começava a padecer a filha de Mauricio ; mas de repente Clara fitou os olhos no joven, e disse :

— O senhor é um mentiroso.

— Que !...

— O senhor está despeitado contra D. Rosinha, e quer compromette-la connosco.

— D. Clarinha, palavra de honra, que o que eu disse é a propria verdade.

A moça não se pôde conter.

— Que vergonha !... sabe, minha mãe ; sabe meu mano ; sabe, Sr. Juca, o que isto quer dizer ?... é a serêa, que canta !... quando eu digo que aquella moça tem o diabo no corpo, não querem me acreditar !...

— Mas o que é ?... explica-te menina.

— Ella vio que o Sr. Juca se mostrava despeitado : temeu que lhe fugisse esse coração, que ella quer ajuntar aos dos outros tolos que a festejão... e ensinou um remedio para ser applicado a ella mesma !...

— Esta minha irmã falla como um deputado !...

tem só um defeito ; quando abre a boca é para levantar aleives ás outras.

— Mano, você não entende disto : vá escrever periodicos.

— Mas, D. Clarinha... a sua idéa não é de se deitar fóra...

— Póde crer... e se quizer experimente.

— Não, Juca ! gritou Faustino.

— Cala-te, publicista : brilha-me na mente um pensamento extravagante, e por consequencia digno de se pôr em pratica. D. Rosinha merece ser castigada por seus erros ; vou feri-la com suas proprias armas. Ella finge amar a todos, e a nenhum ama devéras ; pois bem : zombaria por zombaria ! que todos os cavalheiros pareçam a seus olhos captivos de seus encantos, e que um só não haja que tome ao serio o amor de moça tão loureira ! eia pois !... não quero ser dos ultimos : vou requesta-la.

— Quando começa ?...

— Já : hoje mesmo. Conquistadora ! inconstante ! pretenciosa ! é preciso que ella soffra tambem por sua vez. D. Clarinha, abraço a sua idéa. Das duas uma, serei bem recebido ou desprezado : bem recebido, principiará mais cedo a minha vingança ; desprezado, farei uso da receita que ella mesma me ensinou. Vou escrever á D. Rosinha.

— Apoiado !... disse Clara.

— Isto é indigno !... bradou Faustino.

— Publicista, descansa, que não pretendo robar-te a amada ; quero apenas vingar-me della. Venha papel e tinta.

— Que cabeça a destes rapazes !... murmurou a velha benzendo-se.

Clara trouxe ao Juca papel bordado e perfumado, que ella tinha sómente para escrever ás amigas.

O estudante sentou-se, e depois de meditar por breves instantes escreveu :

« Senhora. — Será possível que de vossa memoria se tenha riscado aquella triste hora de despedida, em que dentro de um batel, depois de beijarmos, vós uma rosa murcha, e eu um botão de fiôr de laranjeira, guardámos nossas flôres, com os olhos embebidos um no outro, exclamando ao mesmo tempo : — para sempre ?!! — »

O estudante parou ; leu em voz alta o que acabava de escrever, e sentio que se ia commovendo.

— Assim vai bem, disse Clara ; continúe.

— Não ! respondeu o Juca rasgando o papel com movimento repentino, não !... de modo nenhum ! isto era um sacrilegio : aquelle amor foi angelico ; nada de profana-lo, confundindo-o com um galanteio.

— O certo é, disse a velha, que elle mostra ter suas saudades da menina de treze annos.

Clara pareceu descontente, e o extravagante moço escreveu nova carta.

« Senhora. — O fogo de vossos olhos é como o raio do céo. abrasa em um momento : eu o sinto desde a noite de hontem ; e agora, depois de ter contemplado vossos encantos, não poderei mais supportar o peso da vida sem a esperanza de ser amado. »

O estudante levantou-se, e lendo o que havia escripto, começou a rir-se.

— Ridicula... desfructavel... mesmo como uma carta de amor !... mas enfim está prompta.

E fechou a carta.

— E agora ?...

— Vou vestir-me e sahir. Hei de por força achar algum piedoso Tobias, que se encarregue da missiva ; e depois dou um pulo á casa do meu correspondente. Quero antes de tudo dinheiro, e depois do dinheiro antes de tudo, trocar o mais republicano

dos paletots pela mais aristocratica das casacas.

— Que cabeça de vento !... disse Basilia ao ver o Juca sahir da sala correndo.

— Hei de descompô-lo no meu jornal de amanhã ! exclamou o publicista ardendo em colera ; hei de ataca-lo... insulta-lo... rebaixa-lo !... hei de accusa-lo de... de...

— De que ?... de que ?... perguntou Clara.

— De qualquer cousa, que me convenha ; por exemplo de... de... de communista !

— Mas isso é falso... é calumnia ! acudio a moça.

— Embora, tornou Faustino, estou nos meus principios.

XI

A medida de uns sapatos

Em casa da velha Basilia era regra almoçar ás oito horas da manhã ; não succedia porém outro tanto na de Mauricio : ahi tudo andava sujeito aos caprichos da bella moça, que fazia as delicias de seu pai ; não havia licença de ter fome sem que D. Rosinha a sentisse tambem, de modo que a hora do almoço variava desde as sete da manhã até as vezes o meio dia.

O baile, o encontro imprevisto com o Juca, a sua conversação com D. Laura apanhada com tanto cuidado, o passeio, que seguiu a terceira quadrilha emfim, causaram tão forte impressão no animo de

D. Rosinha, que de volta para casa perdeu ella o resto da noite a meditar, é pôde sómente conciliar o somno ao romper d'aurora; de modo que já era alto dia, e ainda não tinha sido possível vê-la descer do segundo andar, onde era o seu gabinete.

Mauricio, que nessa manhã devia occupar-se de negocios importantes de sua casa, sahio logo cedo, declarando que só voltaria para jantar.

E ficou o velho roceiro a passear pela sala, esperando por sua interessante sobrinha.

Ninguém almoça mais cedo do que um bom lavrador; e Anastacio habituara-se, desde longos annos, a despertar antes da aurora, e a ter uma fome desesperada quando brilhavão os primeiros raios do sol.

Ora ajuntando-se a este costume a natural impaciencia e rabugento genio do velho roceiro, pôde-se bem comprehender com que máo humor e ardente desejo de ralhar sentia elle irem correndo as horas com um estomago vazio e uma dessas fomes de caçador.

Anastacio passeava pois pela sala resmoneando a sós, e deixando escapar de momento palavras vehementes, que erão como faiscas de colera abraçada.

De cada vez que o relógio dava horas, sentia o velho um accesso de frenesi, e lançava um sarcasmo contra a sobrinha, o irmão, os bailes, e a córte em peso.

Ouvio no entanto soar nove, dez, e onze horas. Já era muito: devorava-o uma fome insupportavel! Quando o relógio deu meio dia, lançou mão da sua bengala, e correndo á escada do segundo andar, começou a bater nos degrãos com tanta força, como se quizesse deita-los abaixo.

— Que é isso ahi na escada?... quem é que bate assim?... perguntou uma voz argentina.

— É um seu criado, minha senhora! respondeu o velho com accento alterado.

— Ah! é vossa mercê, meu tio?... que horas são?...

— Meio dia! meio dia! Sra. dona da casa! tornou Anastacio apertando o estomago com as mãos.

— Misericordia!... e provavelmente está vossa mercê ainda sem almoçar! eu já desço.

O velho voltou para a sala, e d'ahi a um quarto de hora que a elle pareceu um seculo, ouviu se os passos da moça, que descia a escada apressadamente.

— O almoço! gritou ella.

Quando Rosa acabava de descer o ultimo degráo, appareceu-lhe como por acaso, o mais esperto dos pagens de seu pai; e parando perto della, estendeu o braço procurando entregar-lhe um papel, que estava dobrado á maneira de carta; mas que não trazia sobrescripto.

Era a carta do Juca.

— O que é?... perguntou Rosa.

— Um papel para minha senhora, respondeu o pagem.

— Meu pai não está em casa?...

— Não, senhora.

— Deixou me isso?...

— Não, senhora.

— Está bem, verei o que é, disse emfim ella recebendo a carta.

Rosa mal podia suspeitar a natureza d'aquelle papel: entrou na sala com elle na mão, e dirigindo-se ao velho.

— Perdão, meu querido tio, disse ella meigamente; perdôe-me tê-lo feito esperar até esta hora: juro-lhe que me hei de corrigir.

— Duvido, respondeu laconicamente Anastacio.

O rosto de D. Rosinha mostrava-se pallido e um pouco abatido, como resentindo-se da fadiga da noite passada; desenhavão-se por baixo de seus olhos duas olheiras roxas, e o velho roceiro, que já abria a boca para tirar disso o thema de um sermão que queria pregar contra os bailes, parou de subito ao ver a sobrinha córar de repente até á raiz dos cabellos, e bater no assoalho accessa de colera com seu pézinho de andaluza.

A moça acabava de abrir a carta, e de ler as apaixonadas phrases, que lhe dirigia o Juca; voltára olhos ardentes para o corredor, como procurando o atrevido pagem, que ousára ser o portador da missiva de amor, e não o vendo mais, corára de pejo e de ira.

— Que é isto?... perguntou Anastacio avançando dous passos : deve ser bem importante um papel, que a fez córar assim !...

Rosa serenou n'um momento.

— É a mais exagerada das contas que tenho recebido da minha costureira, respondeu ella sem hesitar.

— Deixe ver, tornou o velho estendendo o braço.

— Não, disse Rosa sorrindo-se e guardando a carta no bolso do avental; não, meu tio, vossa mercê tem máo genio e ralharia comigo.

Anastacio fez um movimento de impaciencia.

— Vamos almoçar, meu querido tio, tornou-lhe a moça ameigando-o; não esteja mal comigo, porque isso me desconsola; convenho, que ás vezes devo parecer extravagante; mas, vaidade para um lado, eu não sou má.

Havia tauta doçura no fallar de Rosa, que o tio

apezar do quanto era rabugento, mal pôde esconder um sorriso.

Meia hora depois voltava Anastacio para a sala menos agastado com a sobrinha, pois que tambem achava-se completamente restabelecido das terribes dôres de estomago, que o tinham atormentado toda a manhã.

Rosa subio de novo ao segundo andar, e, escondida no fundo de seu gabinete, tornou a ler a carta do Juca.

Ficou depois pensando muito tempo sobre o que lhe cumpria fazer.

Os corações nobres e generosos, que sabem amar com extremo, resentem-se tambem mais que nenhuns outros das ingratidões, que soffrem. Succedelhes um phenomeno curioso, mas que está completamente em sua natureza: perdão com notavel facilidade as offensas dos inimigos, e com difficuldade as que recebem daquelles de quem são amigos.

Acontecia isso á bella filha de Mauricio. Amára sempre o feliz estudante; esperára constante e saudosa por elle durante cinco annos, contando ser tambem objecto de um amor tão puro, tão delicado e firme, como o que sabia nutrir. A noite do baile desfez suas mais doces illusões: talvez lhe dissessem, que o mancebo gastava com D. Laura e com outras muitas affectos simulados e uma ternura improvisada; mas no pensar de Rosa isso mesmo era um crime, era um sacrilegio.

A carta do Juca nada fez portanto em prol de seu autor: lisongeou até certo tempo a interessante moça; nada porém mudou da opinião, que desde a noite passada formava ella do extravagante joven.

— Quem sabe, pensou Rosa fallando consigo mesma, quem sabe se esta mesma manhã não man-

dou elle á D. Laura uma outra carta igual a esta que me escreveu ?....

Reflectindo assim determinou a moça reprehender asperamente o ousado pagem, que a fizera córrar, e deixando sem resposta a carta do estudante, esperar encontrar-se com elle para lançar lhe em rosto a inconveniencia e leviandade de semelhante facto.

Resolvida definitivamente a isso, mas não podendo, mesmo a pezar seu deixar de pensar no vulvel mancebo, a bella moça desceu outra vez a escada, e foi para a sala a fim de furtar-se ás suas tristes reflexões, conversando com seu tio.

Anastacio estava occupado a ler um por um todos os annuncios do *Jornal do Commercio*; parecia agradar-lhe tanto aquella leitura, que nem ao menos desviou por um instante os olhos da folha que lia, ao sentir a sobrinha vir sentar-se ao pé d'elle.

Rosa esteve esperando muito tempo que seu tio deixasse emfim o *Jornal*; vendo porém que elle cada vez mais se prendia aos enfadonhos e interminaveis annuncios, resolveu-se a perturba-lo ainda que isso lhe custasse um sermão.

— Meu tio! disse ella sorrindo-se.

O velho não ouviu.

— Meu tio! repetio a moça elevando a voz.

Anastacio continuou a ler.

Se Rosa não estivesse já disposta a interromper aquella leitura, bastava a teima do velho em não querer ouvi-la, para fazer-lhe desejos de arrancar lhe o *Jornal*.

— Meu tio!... meu tio!... disse outra vez ella puxando pelo braço do leitor.

— Que temos?... perguntou Anastacio.

— Estou furiosa contra esse periodico.

— Porque?...

— Porque faz com que vossa mercê me esqueça, e não converse comigo.

— Conversar em que ?...

— Ora !... em tudo.

— Que é o mesmo que dizer em nada ! tornou-lhe o velho roceiro, lançando mão do *Jornal*.

— Oh ! não !... não !... exclamou a moça suspendendo-o ; ralhe comigo... pregue um longo sermão contra os meus caprichos e as minhas loucuras ; olhe porém para mim, falle-me e atire para longe esse maldito papel !...

— Temos outra ! murmurou o velho, tendo sempre na mão o *Jornal do Commercio*.

— Escute, meu tio. Ha neste mundo sómente duas cousas, que eu aborreço, e mostrar predilecção por ellas á minha vista é offender-me tambem : eu detesto as cartas de jogar, e os periodicos. São os dous maiores inimigos da mulher.

— E quaes são os amigos ?...

Rosa adivinhou que ia triumphar do *Jornal do Commercio* ; respondeu sorrindo-se :

— Muitos... numerosos, meu querido tio : por exemplo... o baile.

Anastacio machucou o *Jornal* com movimento de despeito :

— O baile !... exclamou elle : olhein lá o terno e delicado amigo, com que conta minha sobrinha !... pois digo-lhe, que póde limpar a mão á parede.

— Mas porque ?... eu não comprehendo essa anti-pathia, que meu tio tem pelos bailes !

— A mocidade é como a mariposa ; atira-se á chamma, que a póde abraçar : o baile !... o baile tal como tenho agora observado, é o veneno que se derrama no seio da innocencia !... lá ninguem vai dansar ; aquillo não é dansa... é uma cousa ridicula... monotona... detestavel !... vocês todas lá vão

sómente para passear com os rapazes, e conversar horas inteiras em meia voz !... que lições, e que futuro...

— Porém, meu tio, o que é que se póde dizer nesses passeios a uma senhora, que com dobrado perigo se não dissesse antigamente ás escondidas dos pais ?... é melhor consentir, que se converse na sala, do que fazer vontade de ir conversar na escada.

— Sra. D. Rosa, dou-lhe os parabens pelo seu adiantamento !... provavelmente é discipula do tal commendador Sancho de gloriosa memoria !..

O máo humor de Anastacio divertia a bella moça que continuou de proposito para impacienta-lo.

— Eu entendo, que os passeios de que tratamos, são inconvenientes por milhares de razões : primeiramente a moça no fim de uma duzia de bailes, á força de ouvir finezas de juramentos de quasi todos os cavalheiros com quem passeia, acaba por não dar importancia a finezas, e por não acreditar em juramentos de homem nenhum.

— Sim, senhora, e vai tambem ficando com a sensibilidade embotada, e vai ficando com o coração como um espelho, que reflecte todos os semblantes, e vai tambem por sua vez mentindo e jurando falso...

— Oh ! não ! não ! uma mulher nunca mente, como um homem.

— É porque tem a habilidade de em materias dessa natureza mentir, como uma duzia delles.

— Meu tio !....

— Pois deixe-me ler o *Jornal do Commercio*.

— Isso tambem não, continuou Rosa alegrementemente. Conversemos sempre ; vamos ainda aos passeios : eu julgo, que elles importão uma grande commodidade, que não é para se desprezar.

— Qual?...

— As moças de hoje escrevem cem vezes menos cartas, do que escrevião as do outro tempo ; porque dizem passeando, o que poderião mandar dizer escrevendo.

— Mas era melhor, que não fizessem nem uma, nem outra cousa.

— E como se poderia embaraçar a uma senhora de pouco juizo o escrever a um homem !... não é pois preferivel o passeio ?...

— Embaraçava eu, se fosse pai.

— Meu tio julga-se capaz...

— Sim ! bradou o velho ; tenho a educação austera do outro tempo, sou tenaz ; eu com austeridade, e com tenacidade faria minha filha obedecer-me.

Os olhos de Rosa brilharam com vivo fulgor.

— Embaraçar uma moça de escrever ao homem, que amasse !...

— Sim ! sim ! e sim !

— Ah ! meu tio, eu tinha vontade de ser bem tola, e de ser sua filha, ao menos vinte e quatro horas.

— Para que ?...

— De ser bem tola para escrever a um homem ; e de ser sua filha para mandar a minha carta mesmo á sua vista, sem que vossa mercê percebesse...

— Não era capaz !...

— Oh ! se era !... exclamou Rosa desatando uma risada.

— Senhora minha sobrinha, tenho os olhos mais vivos, do que lhe parece.

— Meu tio, nestes negocios a mais pateta das moças vale o dobro do mais esperto dos homens.

— Quer saber uma cousa ?... perguntou Anastacio exaltando-se.

— Diga, meu tio.

— Tenho pena de não ser seu pai.

— Agradecida ; mas pelo que ?...

— Porque, se eu lhe apanhasse uma carta dessas, fechava os olhos, e dava-lhe de vára, e de véras.

— E eu protesto que havia de escrever impunemente quantas cartas me parecesse.

— Não escrevia!

— Meu tio, lembre-se que sou mulher!...

— E portanto vaidosa.

A moça mordeu os lábios e tornou:

— Pois façamos um ajuste.

— Qual?... vamos ouvir mais essa.

— Em quanto se demorar na côrte, supponha-se vossa mercê meu pai, e puxe-me as orelhas, se me apanhar uma carta.

— Veja lá o que diz! olhe que eu sou seu tio, e puxo-lhe as orelhas sem cerimonia nenhuma!

— Eu digo, meu tio que nunca na minha vida escrevi cartas desta natureza; digo que estava firmemente resolvida a praticar sempre o mesmo; mas agora não: agora hei de escrever uma carta pelo menos para, mesmo em sua presença, manda-la entregar.

— Senhora minha sobrinha, eu puxo-lhe as orelhas.

— Convenho nisso, disse Rosa: estamos portanto ajustados?...

— Sim, senhora.

— Olho vivo, meu tio! tornou a moça rindo-se.

— Orelha em pé, minha sobrinha! respondeu o velho no mesmo tom.

Rosa levantou-se e foi para o piano; tocou e cantou durante meia hora, depois ergueu-se, dobrou suas musicas, e retirou-se da sala.

— Adeus, papai? disse ella sahindo.

Anastacio, quando se achou só, sacudiu levemente a cabeça, sorriu-se e murmurou.

— Bom coração e pouco juizo! mas se eu lhe

apanho a carta, dê no que der, puxo-lhe as orelhas.

O velho roceiro desafiando a sobrinha, tinha cometido uma imprudencia : no animo da moça accendeu-se um desejo irresistivel de illudir aquelle homem pretencioso, que se julgava capaz de disputar com uma mulher em viveza e astucia.

Rosa concebêra o seu plano em poucos momentos ; subio ao segundo andar, e fechando-se em seu gabinete, tomou a carta do Juca, escreveu nella algumas linhas, e depois guardou-a aberta dentro de uma pasta de papeis.

Feito isso, foi a uma gaveta, e tirando della alguns pares de sapatos de lã e botinas, occultou-se cuidadosamente : pegou emfim n'uma tesoura, e deu um golpe em um dos sapatos, que tinha calçado.

Desceu ao primeiro andar, e chamando o pagem, que lhe entregára a carta do estudante, disse-lhe com semblante carregado :

— Se uma outra vez cusares encarregar-te de commissão igual a aquella, de que te encarregaste hoje, fica sabendo, que eu direi a meu pai para te fazer castigar, como mereces.

O misero escravo tinha os olhos no chão, e não se animava a levantar o rosto.

— Ouve : d'aqui ha pouco te chamarei, e irás comprar-me calçado. Depois que o fizeres, correrás a procurar a mesma pessoa, que te deu aquella carta, e lhe entregarás a medida dos sapatos : essa medida é a carta, que ousaste trazer-me, e que ha de parar outra vez na mão desse homem que se atreveu a escrever-me, ou na de meu pai para que sejas castigado.

O pagem retirou-se confundido, e Rosa fazendo desaparecer a austeridade, com que armára seu rosto gracioso, correu para a sala, onde estava o velho roceiro.

Mas foi tal a precipitação, com que entrou, que faltou-lhe um pé, e escorregando cahio sobre uma cadeira.

— Meu tio !... gritou ella.

Anastacio veio immediatamente em seu soccorro :

— Que foi isso ?.. o que tens ?.. levanta-te !

A moça ergueu-se meia risonha, meia envergonhada, e ao dar o primeiro passo, sahio-lhe um dos sapatos do pé.

— Ah !... disse ella ; rasguei o meu sapato.

— Antes isso ; observou o velho.

Rosa sentou-se, chamou uma de suas criadas, e mandou-a buscar-lhe calçado.

A criada foi ao segundo andar e d'ahi a pouco voltou dizendo, que não achava na gaveta, senão sapatos de setim.

— Tanto peor para meu pai, que é quem paga. Vai buscar a minha pasta, e dize a Raphael que venha fallar-me.

A criada obedeceu, e Rosa foi sentar-se ao piano.

O velho Anastacio tornou a recostar-se no sofá d'onde se tinha levantado.

Chegou a pasta, e appareceu o pagem.

Rosa tirou d'entre os papeis a carta do Juca, que estava aberta, dobrou-a como uma medida ; tomou o cumprimento e a altura do seu delicado pézinho, e depois entregando a medida ao pagem :

— Vai buscar-me sapatos de lã preta : disse ella.

O escravo sahio ligeiro, como quem sabia, o que tinha de fazer.

Cinco minutos depois Rosa não se pôde mais sustenter, e começou a rir, como uma louca.

— Que novidade é essa ?... perguntou o velho.

— Meu tio, proponho-lhe, que demos por nullo o nosso ajuste.

— Oh ! já !...

- Sem duvida; já.
— Então porque?...
— Porque não quero escrever a homem algum e porque já demonstrei que podia mandar uma carta mesmo á sua vista.
— Como?... essa é boa.
— Meu tio, tornou a moça sorrindo-se com indizível graça; não é verdade, que na medida de uns sapatos póde-se fazer ir uma carta de amor?!?!
O velho levantou-se; pôz-se na ponta dos pés, e exclamou :
— Esta só lembra ao diabo!...
— Ou á mulher, meu tio, respondeu a moça.

XII

Paixão romantica.

- Ao meio dia em ponto entrou o Juca, que vinha pulando de contente.
— Juca vio passarinho verde : disse a velha.
— É verdade, Sra. D. Basilia, encontrei o meu correspondente.
— Que novidades ha?... perguntou o publicista.
— Comprei uma casaca nova e vou dar ferias ao paletot.
— Mas o que fez?.. o que aconteceu, Sr. Juca?
— D. Clarinha, escrevi a meu pai, e recebi dinheiro do meu correspondente.
— Porém não é isso o que nos importa saber; trata-se da carta de D. Rosinha.
— Ah! sim! .. mandei-a.

- E a resposta?...
- Ainda é cedo : esperemos.
- Custa muito a esperar!... disse a moça suspirando.
- Principalmente por um marido ; não é ássim, D. Clarinha?...
- Ora... eu não penso nisso : tratemos de outra cousa...
- Vá feito : a senhora prometteu-me fallar de D. Laura, aproveitemos a occasião.
- Mas se é sómente o Sr. que nos póde dizer alguma cousa !
- Sobre que?
- A respeito da sua paixão por essa senhora.
- Nada : isso tambem é muito !
- Conta-nos essa historia, Juca !
- É verdade, Juca ; ainda me lembro, que me fizeste chorar com a historia da tua — Rosa : — vamos ver este outro caso....
- Mas... é quasi uma traição, que eu faço á pobre moça !
- Ora... tambem ella a quantas amigas não terá confiado esse segredo....
- Pois vá feito.
- A velha, o publicista e a moça ficaram com os olhos pendendo dos labios do diabolico estudante, que depois de pensar por alguns momentos, começou a sua historia dizendo :
- Declaro que gosto de D. Laura.
- E ella?.. perguntou a Clara.
- Ora, minha senhora, eu creio, que não sou peça tão ordinaria, que me desprezem assim sem mais nem menos.
- Mas emfim....
- Penso que ella tambem gosta seus muitos cá da pessoinha.

- Tens provas disso? perguntou Faustino.
- Sim.
- Quaes são?...
- As do costume: flôres murchas, uma trança de cabellos e cartinhas perfumadas.
- Está bonito! e a sujeitinha escreve bem?...
- A respeito de orthographia temos conversado.
- Isso era dever de prever; mas que escola de litteratura segue ella?...
- A ultra-romantica.
- Bravo! e então?...
- Em cada uma de suas cartas falla dez vezes em morte, abysmo, veneno, punhal, furias, inferno e maldição.
- Upa!... a menina é sentimental.
- É adoravel!...
- Que monstros! exclamou Clara querendo mostrar-se offendida; que monstros!... fingem morrer de amor pela gente, e depois divertem-se à nossa custa!...
- No meu tempo, acudio Basilia, não se vião cousas tão feias como agora!
- Mas que diabo! disse Faustino; tu a principio não gostavas de D. Laura...
- Que importa isso!... gostei depois.
- Que idade tem portanto essa paixão!...
- Já caduca de velha, que é; tem quasi tres annos!... é um milagre de constancia.
- Vamos pois: conta-nos a historia.
- Vejão lá se vão pôr na boca do mundo.
- Ora!...
- Bem: attenção!... lá vai á maneira de romance...
- O estudante principiou.
- Nomeado do anno de 1843 dous estudantes, que

procuração casa, no Rio de Janeiro, viram no *Jornal do Commercio* annuciado um segundo andar na rua de ***, o qual se offerecia para ser alugado a pessoa decente. Ora não ha ninguem neste mundo mais decente, mais rico e mais nobre do que um estudante.

— Vejão que modestia!... observou Clara.

— Os dous amigos correram a tratar de obter a casa, cujo senhorio era, por desgraça, uma senhora viuva que contava seguramente de sessenta a setenta annos de idade: digo por desgraça, porque a viuva era velha, e é cousa já muito sabida, que assim como o rato é inimigo do gato, a ovelha do lobo, a aranha da vassoura, a coruja do sol, as moças do vento, e o traficante do poeta, assim tambem a velha é inimiga do estudante.

— Portanto....

— Portanto logo que a boa da viuva soube, o que erão os sujeitos que se apresentavão para inquietos, benzeu-se tres vezes com a mão toda, como se tivesse diante de si dous diabos; mas tantas voltas deram os rapazes, tanto aldrabaram, prometteram e juraram, que a Sra. D. Juliana acabou por alugar-lhes o segundo andar.

— Olhe, minha mãe, disse Clara; Juliana é mesmo o nome da avó de D. Laura.

— É uma pouca vergonha, exclamou Basília; estarem estes brejeiros a metterem a gente séria nas suas historias!...

— Anda, Juca; acaba com isso, disse Faustino.

— Boa laia de velha!... proseguio o estudante; era uma mulherzinha de vinte palmos em quadro!.. nunca foi vista sem a sua touca preta cheia de rendas da mesma côr e de tão grande copia de fitas roxas, que a custo se descobria lá dentro um rosto microscopico, trigueiro e alegrezinho, de

modo que quando extendia o pescoço, e melhor surgia d'entre as fitas roxas o tal rostinho, dir-se-hia a cabeça de um jaboty, que...

— E os estudantes?... exclamou Faustino, que começava a impacientar-se com a prolixidade do narrador...

— Ah! sim! os estudantes?... chamava-se um delles Julio, que estudava bellas letras, e o outro, que se destinava á medicina, era, sem mais nem menos, este teu criado. Desde que os dous moços estabeleceram-se na casa da velha, aquelle segundo andar tornou-se o quartel general da boa rapaziada. Um celebre Faustino, que deu depois em publicista, lá apparecia frequentemente; e a Sra. D. Juliana tinha de soffrer todas as noites uma cousa, que os estudantes chamavão baile, e a velha trovoada: o que é verdade, é que no segundo andar havia sala de dansa, de esgrima e de pugilato.

— Isto não se acaba hoje, disse Faustino.

— Felizmente, proseguio o Juca, os rapazes erão pontuaes no pagamento do aluguel da casa, e o jaboty, como elles chamavão á velha, contentava-se com isso. Tambem aquella vida de movimento e desordem do segundo andar deveria até certo ponto divertir a viuva, que posto que tivesse uma neta, como esta vivia sempre no collegio, e só vinha passar com ella as quatro festas do anno, via-se condemnada a uma vida de solidão, e occupava-se exclusivamente em rezar, e criar pombos.

— Juca! digo-te, que ainda me falta um artigo para o meu jornal de amanhã, e que nem ao menos tenho ideado a mentira, que devo embutir ao publico! acaba portanto com essa massada.

O estudante não mostrou ouvir o que lhe dizia o publicista, e continuou:

— O tempo foi correndo, como costuma. Não ha

ninguem neste mundo, que mude tantas vezes de casa, como um estudante : de ordinario no fim de dous ou tres mezes o estudante chama um preto do ganho, põe toda sua mobilia, toda sua louça, toda sua bibliotheca, todas as suas riquezas emfim dentro do cesto do *meia cara*, e vai estabelecer-se em novo palacio, que do mesmo modo abandona no fim de outros tres mezes ; mas o segundo andar da casa do jaboty tinha feitiço ; havia tão bonitas vizinhas defronte, e a janella da cozinha abria-se tão a proposito para um jardimzinho de outra casa, que um dos dous estudantes chegava ás vezes a dormir no fogão, e nunca lembraram-se os rapazes de mudar de domicilio.

— Adiante.... adiante....

— Passaram-se tres annos. Julio deixou o Brazil, e foi estudar a passear pela Europa, e eu que cada vez tomava mais amor ao segundo andar, não me pude resolver a deixa-lo, apesar da ausencia do meu companheiro : procurei um outro amigo, e continuamos na boa vida. É necessario tambem declarar, que a casa do jaboty tinha-se então tornado um pouco mais interessante : até o fim dos tres annos era ella habitada primeiro pelos estudantes, e depois pela velha, por meia duzia de escravos, e pelos pombos ; mas no começo do quarto anno veio animar o primeiro andar a neta do jaboty.

— Até que emfim !... disse Faustino.

— Custou !... observaram a um tempo Basilia e Clara.

O Juca não se incommodou com as observações e proseguio.

— D. Laura acabava de sahir do collegio com os seus quinze annos de idade e veio para a companhia da avó, trazendo o seu piano, as suas musicas, os seus papeis de desenho, e não sei que mais.

Dizião que a tal mocinha não era feia : com effeito estudada pelo methodo analytic, a conclusão chegava a ser-lhe muito lisongeira. D. Laura tinha os cabellos um pouco loiros, o rosto muito bem proporcionado, os olhos pardos, grandes e bellos, a boca pequena, os dentes lindos, e era toda muito bem feita ; porém quando eu contemplava reunidos no todo, que formavão, esses bons bocados, sempre me dizia o coração, que lhe faltava o tal não sei que, que é tudo ; que se chama graça ; que se chama o que lhe quizerem chamar, mas que é tudo para mim. Consequentemente achava eu que a Sra. D. Laura seria bonita, como affirmavão ; porém que ao mesmo tempo fizesse ella o que fizesse, não podia escapar de ser uma dessas creaturas desenxabidinhas, que se assemelhão ás flôres que não têm aroma, aos periquitos que não fallão, ás festas onde não ha moças, ou emfim a um guisado, que não levou sal.

— É tal e qual !... disse Clara ; aquella D. Laura, coitadinha, é mesmo desenxabida assim.

— No entretanto, continuou o Juca, eu tratei de cumprir a minha obrigação de estudante : quando me achava em casa, a neta do jaboty não punha pé em ramo verde. Ah ! D. Clara do meu coração !... a pobre moça viã-se tonta comigo. A casa tinha uma área, para a qual abria janellas tanto o primeiro, como o segundo andar.

— Exactamente, observou Faustino : era a área onde estavam os pombos da velha.

— Pois D. Laura não era senhora de recostar-se em nenhuma dessas janellas, emquanto eu estava em casa : com effeito, quando a pobre moça pretendia divertir-se dando milho aos pombos, ouvia por cima de sua cabeça um arrulhar, que fazia inveja ao melhor pombo pernambucano. D. Laura levantava os olhos, e dava comiso na janella do segundo an-

dar. Era um martyrio incessante, uma perseguição insupportavel e continua, que punha a moça em torturas.

— Boa maneira de se fazer amar! disse Clara.

— Se até então eu não tinha podido ganhar as sympathias do jaboty, de então por diante fui o objecto da reprovação da velha, e das pragas da moça. Fugião ambas dos meus olhos, como da presença de um leproso. A neta não via eu, senão de relance para apanhar-lhe algum — diabo! peste! cousa ruim! — ou outro mimoso epitheto semelhante, que ella deixava escapar por entre os dentes, fugindo-me. A avó sómente uma vez em cada mez me via com bons olhos: era quando lhe ia pagar o aluguel da casa.

— Mas emfim...

— Mas emfim uma tal vida não podia continuar por muito tempo; as cousas foram tomando aspecto tão grave, eu me fui tornando tão importuno e intoleravel, que o jaboty ameaçou-me de pôr-me os trastes na rua, e recebi ordem de procurar novo domicilio. Fiquei furioso!... ia perder as minhas bonitas vizinhas de defronte, a bella vista da janella da cozinha, e aquella casa abençoada, onde eu morava já a uma eternidade de tres annos!... ah! que dôr immensa!... escrevi versos pelas paredes... pintei saudades nas portas... quebrei as vidraças de noite... concebi até a luminosa idéa de deitar fogo no sobrado...

— Mas emfim!... mas emfim!... mas emfim!...

— Reinavão então com grande intensidade as bexigas no Rio de Janeiro.

— Ora ainda mais esta!...

— Uma tarde estava eu acabando de escrever com carvão em uma das paredes da sala a mais brilhante das oitavas passadas, presentes e futu-

ras, quando bateram-me na escada : era uma escrava do jaboty, que me vinha chamar em nome de sua senhora ; desci e encontrei-me cara a cara com o Sr. Dr. **

— Sr. estudante, disse-me elle sorrindo-se ; a sua pessoa não goza a melhor reputação possível nesta casa, e eu quero dar-lhe occasião de desmentir esse máo conceito.

Fiz-lhe uma reverente cortezia, que tinha seu tanto de capotagem.

— Sabe que a quadra é terrível, continuou elle ; e que eu de pouco tempo disponho para acudir a todos os meus doentes.

Fiz-lhe nova cortezia, que significava *sim*, posto que eu não tivesse noticia alguma dos doentes do Sr. D. ***

— A Sra. D. Laura, concluiu o Hypocrates, acaba de adoecer, e supponho que teremos ainda mais um caso de - *variola* - ; virei vê-la todos os dias ; entrego porém esta doente com muita particularidade aos seus cuidados.

Alli não havia que dizer, proseguio o Juca ; grudei-me á cabeceira de D. Laura, que esteve por um triz a traduzir-se, pois começou a batalha por uma meningites e...

— Adeus, minhas encommendas ! acudio Faustino ; temos agora que ouvir quanta asneira elle sabe acabada em *ites* !

— Não se assustem, que agora vou de um salto, disse o estudante continuando : vencida a meningites, o mais foi um mar de rosas ; as bexigas foram das mais benignas, seis ou oito pustulas, sendo uma apenas no rosto, bem no meio da face esquerda. No decimo sexto dia D. Laura entrou em convalescença.

— E depois ?... perguntou Clara.

— Depois, como era muito de esperar, mudaram-se as scenas : eu tinha velado três noites inteiras junto da doente, de continuo a visitei durante todo o tempo de sua enfermidade, gastei com ella todos os desvelos possiveis, e portanto não é de admirar que a boa velha se tornasse minha amiga do coração e a moça não me chamasse mais nem diabo, nem peste, nem cousa ruim. Mas D. Laura foi passar quinze dias na chacara de uma parenta e quando voltou, estava outra : conquistára em quinze dias todo o matiz da saude, e, o que é mais, oh ! milagre !... oh ! espantoso assombro !...

— Então o que foi? dize.

— Estava engraçada!!!

— Quem?... perguntou Clara a rir-se; quem?... a desenxabida?... a flôr sem aroma? o periquito, que não fallava?...

— Ella mesma.

— Mas como foi isso?... perguntou Basilia.

— Eu lá sei, Sra. D. Basilia!... a graça é uma cousa, que se não entende; é, como dizia o outro, uma cousa assim á maneira de phosphoros; a graça ás vezes está em uns cabellinhos soltos, que se enrolão em caracol ao pé das orelhas; ás vezes n'uma verruguinha microscopica junto da commissura dos labios; ás vezes em um signalzinho preto destacando-se n'um collo de alabastro; a graça está... está...

— Onde? acaba...

— A graça está em qualquer cousa, Faustino.

— E onde foste descobrir a graça de D. Laura?

— Vê se adivinhas.

— É impossivel.

— Lembra-te de alguma cousa, que ella não tinha, e que ficou tendo.

— Não posso; dize!

— Pois não te lembras da pequena cicatriz resultante da pustula, que sahio no meio da face esquerda?

— Ora!...

— Ora?! a tal cicatriz, o tal senhor signal de bexigas veio dar a aquelle rosto uma expressão, que elle não tinha; veio dar-lhe fogo... viveza .. malicia... vida!...

— Então ficaste doudo de amores por um signal de bexiga?!!!

— Tal e qual.

— Vamos ao fim da historia.

— O fim é muito simples; comecei a desenvolver toda a tactica amatoria, que me lembrou, para enternecer D. Laura. Olhei... suspirei.. e fiz versos.

— E ella?

— Muita amizade... muita gratidão; mas a respeito de amor... taboa redonda.

— E tu?...

— Mudei de systema : namorei a velha.

— Esta é melhor!...

— Namorei, sim senhor; bem entendido, com o fim de agradar-lhe, de fazê-la cem vezes mais minha amiga, e de torna-la em minha advogada ao pé da neta. Levei-lhe Carlos Magno, Reinaldo de Montalvão, e muitos outros livros da mesma natureza : a velhinha devorava aquillo, como um estudante o seu ponto de exame.

— E fazia muito bem! exclamou Basilia; empregava optimamente o seu tempo; porque tratava de se instruir.

— Depois, continuou o Juca; cheguei a sujeitar-me a criar pombos de dia e a ir de noite jogar a bisca de novê com o jaboty.

— E finalmente...

— Qual finalmente! ainda é muito cedo. Uma noite veio a moça sentar-se junto a nós para ver-nos jogar; tirei-me dos meus cuidados, extendi a perna, e pisei-lhe no pé; D. Laura córou, levantou-se, e, ai meus peccados! sahio, e não voltou mais á sala.

— E tu ?...

— Eu ?.. eu tinha paixão até a ponta dos cabellos : estava mesmo de juizo voltado ; havia já esgotado todos os recursos de minha intelligencia para com-mover D. Laura; a esperança acabava de abandonar-me, concebi a sinistra, porém romanesca idéa, de deixar-me morrer de fome.

— A melhor!... a melhor !...

— Deitei-me, e calei-me : durante dous dias nenhum dos meus amigos conseguiu arrancar-me uma palavra, nem obrigar-me a comer uma fatia de pão. D. Juliana já me tinha feito uma duzia de visitas, e resado de quebranto duas vezes ; eu começava a sentir uma fome desesperada e irresistivel ; no principio da segunda noite não pude mais com ella, saltei fóra da cama e ia lançar-me ao armario quando senti que subião a escada : agasalhei-me de novo em baixo dos lençóes, e entraram no meu quarto a avó e a neta.

— Então como vai, meu filho ?... perguntou D. Juliana.

Nem palavra.

— É isto ! nem come, nem falla : othem que olhad o venenoso lhe lançaram !... é quebranto, menina, é quebranto ; sou eu que t'o digo.

D. Laura chegou-se a mim : ella estava docemente melancolica, e trazia na mão um pires e um colher.

— Sr. Juca, disse-me, eu sou sensivel aos seus padecimentos.... vamos ver se o senhor é mal agra-

decido ; eu mesma com a minha mão fiz este pires de mingão de araruta para trazer-lhe : quer comer ?...

Aquella voz maviosa tocou-me no coração : abri a boca para deixar sahir um suspiro, e a moça aproveitando o ensejo, despejou-me uma colher de mingão.

O primeiro passo estava dado : o mingão sabia ás mãos que o havião feito, era comer e gritar por mais ; só me faltou lamber o pires.

— Até que emfim ! exclamou a boa velha : sempre lhe valeu a segunda reza. Amanhã hei de reza-la terceira vez : agora vou buscar-lhe um calix de vinho generoso.

Fiquei só com D. Laura.

— Comprehendo tudo, disse-me ella córando.

— E então ?... perguntei-lhe quasi gemendo.

— Eu não sou má, murmurou a moça com os olhos no chão. Deus me livre de ser causa de sua morte.

— Ah ! pois bem !...

— Eu quero que o Sr. viva.

— Juro-lhe que estou com vontade de não morrer nunca.

— Quero que o Sr. coma.

— Terei amanhã uma indigestão.

D. Laura começou a rir-se; e a avó entrou com uma garrafa e um calix.

Bebi o vinho da velha com os olhos no rosto da moça.

— E finalmente ?... exclamou Faustino.

— E finalmente, respondeu o estudante ; operou-se uma revolução completa depois dessa noite Restabeleci-me n'um abrir e fechar d'olhos ; principiou a vida do nosso amor. De dia D. Laura e eu nos correspondiamos por cartinhas, e com os olhos, conversando nas janellas da área : e de noite ia eu

jogar a bisca de tres com a avó e a neta : oh ! que bisquinha aquella !... ao tempo que em cima da mesa D. Laura fingia querer furtar-me uma carta, e eu aproveitava a occasião para apertar-lhe os brandos dedinhos, por baixo da mesa vingava-se ella em pizar-me o pé ; ao tempo que...

— Basta, disse o publicista ; o mais que podias dizer é sedição ; fizeste o que todos fazem.

— Juca, observou Basília, a historia da tua Rosa é muito bonita ; quanto a esta podes muito bem deita-la fóra.

— Mas como é isto, Sr. Juca ?... perguntou Clara ; entendamo-nos ; ama deveras a D. Laura ?...

— Eu ?... ora essa é boa ! quem disse semelhante asneira ?...

— Pelo que acaba de contar-nos...

— Confesso que andei meio atacado do mal das ternuras no principio ; mas ao cabo de dous mezes já tinha o coração livre, como um passarinho ; e fiz muito bem, porque a tal Sra. D. Laura é impertinente e como um demandista velho e ciumenta, como uma mulher feia casada com um marido bonito.

— Pois digo-te que fazes mal : acudio o publicista.

— Então porque ?..

— Porque ha um anno perdeu D. Laura uma tia rica, que lhe deixou uma grande chacara para ajuntar ao seu dote.

— Este miseravel publicista tem a alma fundida na casa da moeda !...

— Tenho os principios do seculo e a logica da época : — merecer é ter dinheiro.

— Portanto D. Laura...

— Ficou cem vezes mais bonita depois que lhe morreu a tia.

— Pois vai fazer-lhe os teus arrasta-pés, rapaz!
— Tempo perdido! não posso lutar contigo: tu és bem apessoado, e eu sou feio...

— Tanto peor para mim: lembra-te da regra!

Nesse momento bateram na escada: era um pagem, que procurava o Juca.

Um instante depois o estudante, que tinha ido ver o que lhe querião, entrou de novo na sala. Trazia o semblante alterado, mas não se distinguia bem se nelle se espalhára expressão de prazer e orgulho, ou de mal desfarçado despeito.

— O que foi?... o que foi?... perguntou Clara.

— A resposta de D. Rosinha na medida de uns sapatos.

— Oh!...

— Na medida de uns sapatos?!!!

— Aquella sonsazinha é capaz de enfiar o Pão d'Assucar pelo fundo de uma agulha!... acudio Clara.

— Estou convencido, disse Faustino; é uma hypocrita! é uma loureira... é...

— Qual!... tornou a moça com ironia; aquillo é um anginho escapado do céu por descuido.

— Alto lá! exclamou o estudante; honra a D. Rosinha!

— Bravo! já está tomando a peito defender a namorada!...

— Não, não; fui repellido por ella.

— Como?...

— Lê-nos a sua resposta, Juca!

— Escreveu-me umas cinco linhas por baixo da minha mesma carta, que me fez voltar.

— Pois lê-nos as cinco linhas!

— Lá vai: « Senhor: não quero conservar uma carta, que vos faria perder muito no meu conceito: em outro tempo fostes generoso, devo crer que o

sois ainda, e que portanto estareis profundamente arrependido de me haverdes feito córar diante de um meu escravo ; quanto ao amor, que me offereceis, penso que o podereis empregar em outra, que mais o mereça, e que saiba melhor corresponder-vos. »

— Bravo !... gritou o publicista : dou o dito por não dito !...

— Que hypocrisia refinada ! exclamou Clara ; aquella sonsa ainda ha de mostrar o que é !...

— E agora, Juca ?... perguntou a velha.

— Agora, Sra. D. Basília, vou lançar mão do remedio que ella mesma me ensinou : vou requerer D. Laura á vista de D. Rosinha.

XIII

Em casa de Mauricio.

Costumava Mauricio reunir os seus amigos duas ou tres vezes por semana para gastar parte da noite divertindo-se ao jogo do voltarete. Rosa aproveitava o ensejo para rodear-se tambem das suas melhores amigas ; e em quanto os homens se entretinham com as cartas, as senhoras occupavão-se em conversar a respeito dos seus vestidos e enfeites, quando (seja dito aqui bem em segredo) consentião em deixar em paz as camaradas ausentes.

Erão constantes nessas reuniões alguns teimosos parceiros, e sobre todos o commendador, que não jogava os jogos de cartas, porque suppunha-se exclusivamente destinado a tomar parte nos jogos

de amor. D. Rosinha reunia por seu lado um interessante grupo de moças, que erão todas, pelo sim pelo não, menos bonitas que ella, e como se, porque Sancho era um velho com balda de rapagão, devessem ellas ter também entre si uma velha com pretenções de rapariga, era infallivel nas taes partidas a Sra. D. Irene, joven viuva de seus onze lustros que tingia os cabellos, trazia dentadura postica, contava os annos para traz, e fallava como um papagaio quando tem fome.

Cousa notavel!... O commendador e a viuva aborrecião-se mortalmente. Ninguem tinha podido comprehender a razão de semelhante inimizade; e no emtanto nada havia mais simples: ha perto de meio seculo Irene e Sancho tinhão-se encontrado aprendendo a ler na mesma escola.

Exactamente na noite, que seguio ao dia, em que Rosa tinha recebido o bilhete do Juca, achava-se a sala de Mauricio, desde as oito horas, animada por numerosa companhia.

Já o voltarete havia começado em duas ou tres mesas; o commendador comprimentava as senhoras, comparando-as com o sol, com a lua, e com as estrellas; o velho roceiro tinha o seu olhar incisivo e sarcastico fito nelle; estavam porém ainda todos cercando as mesas do jogo, quando D. Rosinha erguendo-se disse:

— Minhas amigas, não ha remedio, fujamos de junto destas mesas; vamos povoar aquelle sofá, e aquellas cadeiras. Estes senhores preferem uma só de suas damas de papel pintado a todas nós reunidas: preferencia abominavel sem duvida!... mas força é que nos sujeitemos a ella, contentando-nos com a amabilidade do Sr. commendador e de meu tio. Vamos.

As senhoras levantaram-se, e acompanhadas dos

dous velhos foram sentar-se formando um pequeno círculo ao pé do sofá.

Entre as cousas menos faceis desta vida pôde-se contar o trabalho de encetar uma conversação : estiveram pois todos em silencio durante cerca de dez minutos ; apenas se ouvia o ruido dos segredos e das risadinhas das moças, que se apuridavão ; Irene remechia-se na cadeira, douda por dizer alguma cousa ; o commendador suspirava com olhos embebidos no rosto de alguma das senhoras ; Anastacio cochilava na cadeira a ponto de tombar para os lados ; mas D. Rosinha quebrou emfim o silencio exclamando :

— Senhor commendador !... meu tio !... conversemos !... é uma cousa horrorosa, que dous cavalheiros deixem assim por tanto tempo caladas a umas poucas de senhoras !...

— Então eu !... disse a viuva ; eu cá que morro por conversar com cavalheiros espiritalisados !...

— O velho roceiro lançou um olhar de revez sobre Irene, e continou a cochilar.

— Pois, minhas senhoras, conversemos ; respondeu Sancho.

— Conversemos, Sr. commendador !

— A questão é decidir sobre que objecto, tornou elle, que via-se meio atrapalhado ; e querendo confundir tambem o velho roceiro, continuou : — se o Sr. Anastacio quizesse ter a bondade de guiar-nos...

— Oh ! pois não ! respondeu Anastacio bocejando nada ha mais facil : os jardineiros conversão sobre flôres, os demandistas sobre processos e chicanas, os vadios sobre politica, e os mocetões como o Sr. commendador sobre moças e bailes.

Sancho torceu-se todo com a primeira investida.

— Sobre moças e bailes, Sr. commendador ! so-

bre moças e bailes ! exclamaram as senhoras a uma voz.

— Sobre moças ainda bem, tornou Sancho, porque eu me vejo cercado das mais formosas ; mas sobre bailes não, porque não se pôde lembrar de outra qualquer reunião quem está em uma tão agradável como esta.

— Muito bem ! muito bem !

— Pois eu protesto, acudio Rosa ; que o Sr. commendador inda tem de acha-la melhor.

— Porque ?

— Tenho um dedinho que adivinha ; e elle me diz, que hoje, que d'aqui a bem pouco mesmo deve receber a visita de uma bella senhora, que enche os olhos do nosso interessante cavalheiro.

— Quem é ?...

— D. Laura.

— Mandou dizer que vinha ?...

— Não ; mas conto com a sua visita.

— Teve noticias della ?

— Não, mas ha de vir.

— Ah ! prevenio-a disso no baile de hontem !...

— Não ; mas sei que vem.

— Mas então como pôde asseverar ?...

— É o meu dedinho, que adivinha.

— Aqui ha mysterio !... exclamou uma das moças.

Rosa encolheu os hombros graciosamente.

— Pois não vem, acudio a viuva : hontem depois do baile teve ella um ataque de estremicilios nervosos.

— Ora... por isso mesmo ; por causa do seu ataque de nervos teremos sem duvida o prazer de vê-la aqui hoje. Ella pensa, que eu lhe posso dar um excellente remedio contra o mal dos nervos.

— Temos segredo do baile de hontem !... tor-

nou a exclamar a moça, que fallára em mysterio.

— Pois eu aposto que não vem, disse Sancho : estive esta manhã em sua casa, e achei-a de cama, e tão cahida, que fez-me vontade de chorar.

— Ah!... o Sr. commendador é sensível a ponto de passar a chorão.

— Aposto que não vem!...

— Quanto perde?...

— Dous abraços.

— Muito agradecida : em tal caso eu trabalharia para perder a aposta.

— Então o que?... disponha V. Ex.

— Pois sim... se eu perder darei os dous abraços ao Sr. commendador.

— Aceito! aceito! exclamou Sancho esfregando as mãos.

— Se porém eu ganhar, andaré o Sr. commendador tres mezes sem commenda.

— Mas, minha senhora respondeu o pobre homem um pouco formalisado; rogo-lhe que observe, que isto de commenda é um negocio muito sério.

As moças desataram a rir.

— Bravo! tornou D. Rosinha! muito obrigada! então os meus abraços valem menos, do que a sua commenda?

— Apoiado! responda! responda!...

Sancho via-se em torturas.

— Responda, Sr. commendador! decida!

— Está feita a aposta, minha senhora.

O velho roceiro levantou-se, e dirigindo-se á janella. murmurou entre dentes.

— Não ha duvida! este meu amigo Sancho tem um ninho de mosquitos nos miolos.

Nesse mesmo momento bateram palmas na escada.

— Quem será?

— Talvez ella.

Appareceu um criado e annunciou :

— A Sra. D. Juliana, e a Sra. D. Laura.

O commendador ficou estupefacto ! em quanto Rosa em vez de alegrar-se, córou até a raiz dos cabellos, levantando-se para receber as recém-chegadas.

— Perdeu ! perdeu !... exclamaram as moças dirigindo-se ao infeliz Sancho.

— Sim ! perdi !... murmurou elle com voz sumida, cobrindo instinctivamente a commenda com as mãos como se quizesse escondê-la.

Ou fosse que D. Rosinha conhecesse a fundo o character e os fracos da sua camarada, ou fosse que, levada por um desses raciocinios subtilissimos, cujas consequencias chegam a parecer-se com uma previsão, raciocinios que são como um privilegio exclusivo das senhoras, sempre que o seu objecto é o amor ou o ciume, o certo é, que Rosa contava com a visita de Laura.

— Ella ha de vir ! pensára comsigo a filha de Mauricio ; espera sem duvida encontrar aqui o seu querido estudante, e portanto lembrar-se-ha de fazer uma visita á sua *amiga do coração* !... oh ! mas achar-se-ha bem enganada !... não é possível, que esse moço ouse tão cedo mostrar-se diante d'aquella, que acaba de repelli-lo.

A chegada de D. Juliana e de sua filha veio provâr até que ponto tinha sido verdadeiro e seguro o raciocinio de Rosa.

No primeiro instante não pôde esconder o despeito e o ciume, de que se sentio possuida ao ouvir annunciar a visita de Laura. Córou fortemente ao levantar-se ; antes porém de chegar á porta da sala a habil moça tinha recobrado todo o socego e serenidade.

Rosa e Laura sorriram-se uma para a outra, abraçaram-se e beijaram-se como as duas maiores amigas deste mundo.

Um momento depois a conversação continuou.

— Olhe, D. Rosinha, disse Juliana : a senhora não tem uma amiga, que lhe queira mais bem do que minha neta : apesar de um ataque de palpitações nervosas, que teve hoje, insistio tanto em vir visita-la, que eu tive medo de vê-la cair com novo ataque, e commetti a imprudencia de trazê-la.

— Não lhe fico devendo nada, respondeu Rosa ; e a maior prova de amizade que lhe posso dar é que chego a adivinhar os seus proprios pensamentos e desejos.

— Como ?... Rosinha, como é isso ?... perguntou a neta de Juliana.

— Laura, é que tinha adivinhado que tu havias de vir ver-me por força esta noite.

— Ora... murmurou a moça córando levemente.

— Ora ?!!! pergunta a estas senhoras se o que eu digo é ou não verdade.

— É tal e qual, exclamou a viuva elevando uma vozinha de taboa rachada acima das vozes de quatro moças, que todas querião responder ao mesmo tempo ; é tal e qual ! e tanto que apostou com o Sr. commendador, que a senhora viria visita-la hoje necessariamente.

— Necessariamente ?!!!

— Se *necessariamente* não foi a palavra, de que ella se servio, tornou Irene, foi algum outro adjectivo do mesmo genero.

Anastacio tornou a olhar de revez para a viuva.

— Esta maldita velha, disse uma moça ao ouvido da que lhe ficava ao pé : não dá licença que falle outra pessoa quando ella está presente !

— E não abre a boca, senão para dizer asneiras !

— E então apóstaram deveras ?... perguntou Laura.

— É verdade : D. Rosinha perdia dous abraços, se a senhora não viesse.

— E o que perdeu o Sr. Sancho... quero dizer, o Sr. commendador ?...

— O direito de andar de commenda durante tres mezes.

— Aqui ha segredo entre as sujeitinhas ! disse a velha Juliana.

Laura, que tinha ficado alguns momentos pensativa, ergueu-se, e tomando a mão da amiga, disse-lhe :

— Rosinha, palavra, que tu precisas muito contar-me alguma cousa.

— Não... eu não tenho segredos... nunca os tive mesmo...

— Olhem lá a innocente !...

— Precisas, precisas, tornou Laura. Minhas senhoras, eu a roubo por cinco minutos sómente. Vem cá, Rosinha, vamos conversar um instante n'aquella janella.

As duas moças dirigiram-se á janella : quando passavão por entre as mesas de jogo, dizia Mauricio em alta voz :

— Codilho por força ! temos um codilho !... Rosa sorriu-se.

— Ouves !... perguntou ella á amiga, diz meu pai, que haverá um codilho por força : aquillo entende-se comnosco ?...

— Não... é palavra de jogo.

— Ainda bem.

— Chegaram as duas moças á janella, e começaram a conversar em meia voz.

— Queres que eu te diga, porque desejavas a minha visita ?... perguntou Laura.

— Sim, respondeu Rosa, e protesto, que, se te enganares dir-te-hei logo a razão porque eu *contava* com ella.

Laura còrou um pouco ; mas serenando immediatamente, continuou sorrindo-se :

— Rosinha, tu és na verdade uma *rosa*.

— Sim?... mas porqué o dizes ?...

— Porque sobretudo tens espinhos.

— Laura, fazes-me temer, que, sem o pensar, tenha eu chegado a espinhar-te !

— Oh ! não !

— Olha ; não me perdoaria nunca ter sido causa do teu ataque de nervos esta manhã.

— Ah ! nem vale a pena de se fallar nelle : foi tão ligeiro, que me não impedio a ventura de vir abraçar-te.

— Tanto melhor : comprehendo que devias sofrer muito, se não viesses.

— Porque ?...

— Ora !... respondeu Rosa sorrindo-se, provavelmente porque perdias a ventura de vir abraçar-me.

— Não só por isso, tornou Laura ; mas tambem porque eu pensava, que tu tinhas um perdão que pedir-me, e um segredo que confiar-me.

— Ah ! que coincidencia ! exactamente eu contava contigo pelas mesmas razões.

— Sim ?...

— Certamente, com uma muito simples differença porém.

— Qual ?...

— Suppunha que era eu quem devia dar o perdão, e ouvir a confidencia.

— Vejo que não nos comprehendemos, Rosinha.

— Ao contrario, Laura, vê-se bem que nos estamos entendendo ás mil maravilhas.

— Sim... tu... póde ser : és tão intelligente... tão penetrante.

Rosa encarou a amiga fixamente e perguntou com voz firme :

— Laura, intelligencia e penetração, em teu entender, serão synonymos de franqueza ?...

As duas moças tinham até esse momento procurado ferir-se mutuamente com indirectas, e picantes ironias : mas a ultima pergunta de Rosa era tão positiva, disparára ella uma seta tão a descoberto, que Laura apresentou-se tambem francamente para o combate.

— Pois fallemos com clareza, Rosinha : eu pela minha parte não receio entrar em explicação alguma.

— Muito bem : queira dizer-me a razão, por que eu desejava a tua visita.

Laura hesitou ainda alguns momentos ; mas por fim começou dizendo :

— Hontem, quando entraste no baile, encontrei-me passeando e conversando com um mancebo, que te é caro... fizeste máos juizos a meu respeito... acreditaste ver em lugar de uma amiga uma rival...

Rosa fez um momo gracioso.

— E hoje desejas ver-me para ou receber uma confissão de meus labios, ou sorprendê-la nos meus olhos...

A filha de Mauricio sorrio-se maliciosamente.

— E eu que adivinhei tudo, continuou Laura, corri a livrar teu coração desse martyrio : vim dizer-te, que te enganaste, Rosinha, que eu não pretendo nada, que eu só desejo applaudir a tua felicidade.

Rosa desatou a rir.

Então, tu te ris?...

— Sim, Laura ; rio-me dessa tua immensa fran-

queza!... porque, minha querida, uma franqueza tão grande assim é um verdadeiro anachronismo!... rio-me também da minha má cabeça, e do meu pouco juízo: realmente eu fui muito injusta contigo.

— Ainda bem, que o reconheces.

— Com effeito julgar-te capaz de te levantares diante da minha felicidade! de me disputares a posse do coração de um mancebo, que amo!...

— Ah! confessas?! exclamou Laura mal podendo conter um movimento de ciúme.

— Espera... espera; para comprehenderes bem até que ponto eu fui má, escuta-me ainda: vou dizer-te a razão porque contava com a tua visita.

— Vamos! disse Laura comprimindo-se.

— Julgava-te minha rival, proseguiu Rosa rindo-se de um modo, que fazia exasperar a amiga; e escrava desse máo pensamento, cheguei a pensar, que tu havias de vir hoje ver-me por força: primeiro, para observar-me, ou *receber uma confissão de de meus labios, ou sorprendê-la nos meus olhos!*...

— Como eu pensava também!... murmurou Laura com os dentes quasi cerrados.

— E depois, continuou Rosa, porque tu esperarias encontrar hoje comosco o Sr. Juca, que nos honra com sua amizade, e então optimo era o ensejo para vires abraçar a tua amiga do coração!...

Ficaram as duas amigas em silencio por alguns instantes. Respirando anciosamente, rindo-se com um rir tremulo e mal fingido, observavão-se ambas como dous meninos agastados, que se vão dispondo para travar lucta. O tal senhor estudante estava fazendo travessuras diabolicas naquelles dous corações de moças.

Por fim, foi Laura a primeira que fallou.

— Devias ter tido confiança em mim, pois que somos amigas, disse ella.

— Oh! não, respondeu Rosa; sou obrigada a confessar, que lá nesses segredos de amor, confio tão pouco em ti, como em qualquer outra moça que me seja indiferente. Neste caso diz bem o adagio antigo — amigos amigos, negocios á parte.

— Agradecida... muito agradecida! com o proposito de julgar-me, tu estudas o meu coração de maneira tal, que me pareces mesmo uma menina, que se deixa ficar esquecidamente olhando para um espelho.

— Vejo que te agastas comigo, Laura! pois olha, não tens razão, nem quero que te vás hoje mal comigo. Escuta: o que eu dizia ha pouco, era simples gracejo; descansa... eu ainda não lancei olhos profanos sobre o teu querido Juca.

— Oh! ainda melhor!... estás sublime hoje, Rosinha; mas dado o caso, que eu tivesse pretensões ao amor desse estudante, era agora occasião de dizer-te, que, se em materias desta natureza não tens confiança na minha amizade, tambem tenho eu o direito de não prestar fé ás tuas palavras.

Rosa e Laura ião se tornando cada vez mais sérias.

— Pois muito bem, disse a primeira, ficaremos assim.

— Não, respondeu a outra, é preciso decidir isto.

— Decidir o que?... eu não vejo nada complicado... está tudo tão claro... tão positivo!...

— Sei bem que uma rosa não crê em combate possivel... a victoria é seu privilegio...

— Oh! minha senhora, o que eu queria dizer era, que fui hontem testemunha de seus triumphos, e não ousaria lançar-me no meio de seu caminho

com medo de ser esmagada pelo carro da conquistadora...

— Ao contrario, respondeu Laura no mesmo tom ; creia, que eu sei respeitar os direitos de antiguidade, minha senhora !...

— Direitos de antiguidade !... exclamou Rosa exaltando-se ; é necessario lembrar, que nunca vi esse moço, senão no tempo em que eu pensava sómente em rir e brincar : vi-o aos treze annos de idade, e depois retirei-me da Córte, e só o tornei a ver agora.

— Que tem isso ?... aos treze annos de idade já havias de dar muitas esperanças para o futuro : foi um bello noviciado, que tiveste.

— Vamos, pois ; e de tudo isso, o que se conclue ?.

— Que amas o Sr. Juca, a quem muito respeito.

— Sim ?... no entretanto não fui eu que arranjei faniquitos esta manhã.

— Arranjar faniquitos !... affirmo que estive seriamente incommodada !

— Foi pena que não mandasses chamar o teu estudante de medicina para encarregar-se do tratamento : dizem-me, que elle toma bem o pulso...

— Ora... confesso que lembrei-me disso ; tive porém receio de offender á minha amiga.

— Que puerilidade !... estas namoradas adivi-nhão rivaes a cada passo e em toda a parte !...

— Rosa !,..

— Laura !...

— Ainda mesmo quando fossem bem fundadas as tuas suspeitas, eu não poderia luctar com uma moça de tanto espirito... de tanta experiencia nestes negocios...

— Oh ! não ! seria eu, que teria de ficar offuscada pelo esplendor da minha rival...

- **Repito**, que não haverá lucta... eu cedo...
- Sei muito bem que um de menos não te faria grande falta; mas eu não aceito...
- Rosa, começa a incommodar-me.
- Ah! sim! comprehendo tambem o que te incommoda: tenho observado, que de momento a momento voltas os olhos para a porta.
- O que?..
- Falta aqui **alguem**, com quem contavas: *elle* não veio.
- Pois bem: ainda não é tarde não é possível; que *elle* deixe de vir adorar a bella de seus pensamentos.
- Oh!...
- Ha de vir... ha de vir...
- Quando?..
- Hoje mesmo: digo, que não faltará.
- Ora... tão tarde.
- Não ha cedo nem tarde para aquelles que se amão.
- Qual!... acredita, que perdeste a tua visita; *elle* não vem cá hoje.
- Oh! se vem...
- Affirmo que não.
- Bravo! exclamou Rosa: querem ver, que tu vás apostar comigo, como fez ainda agora o pobre commendador?..
- Laura pensou, que não poderia achar momento mais opportuno para dar fim a aquella conversação, que se tornára tão ferina; e por isso voltando com Rosa para o seio da companhia:
- **Sr. commendador**, disse ella, Rosinha e eu acabamos de fazer uma outra aposta.
- Qual?..
- Diz ella que **ninguem** mais virá tomar parte na reunião dessa noite, e eu sustento o contrario

disso, e declaro que em breve teremos de ver apresentar-se aqui um elegante mancebo, ao qual a minha boa amiga tributa a amizade mais innocente deste mundo.

— E a quem Laura, não sei mesmo pelo que, aborrece tanto, que chega a fazer pena do pobre rapaz! accrescentou Rosa sorrindo-se.

— E então apostaram?...

— Sim: se elle não vier, dou eu por demonstrada e provada uma certa cousa, que Rosinha pensa a meu respeito.

— Nada de mysterios!

— Não póde ser de outro modo; mas se o bello mancebo apparecer a nossos olhos, perde Rosinha... perde... é verdade, perde o que ganhou ainda ha pouco.

— O que?...

— Fica o Sr. commendador com o direito salvo de andar com a sua commenda de dia e de noite, acordado e dormindo mesmo nos tres mezes de que trata a aposta precedente.

— Muito bem; mas quem é o feliz joven?...

— Um estudante.

Sancho fez uma careta de desprezo.

— Mas como se chama?...

— Não me lembro bem. Como é mesmo o nome d'elle, Rosinha?...

— Ah! respondeu Rosa, dando á sua voz estudada doçura: tem um nome tão bonito! chama-se Juca.

— Bello!... bello!... exclamou Irene; como está symbolica e romanesca esta noite!...

Continuou assim por algum tempo a conversação. Laura começava a impacientar-se com a demora daquelle que ella, inspirada pelo ciume, contava ver chegar, em quanto Rosa não acreditando possivel que depois da resposta que dera á carta do Juca,

tivesse elle **coragem** bastante para apresentar-se tão cédo a seus olhos, gracejava e brincava com todos, dardejava setas de ironia contra a rival, e contava com a **segunda** aposta tão vencida, como vencêra a primeira.

Mas... bateram palmas.

— Oh!... quem será?... balbuciou Laura animando-se.

Rosa empallideceu sem querer.

Appareceu um criado e annunciou.

Era o Juca.

Laura desatou a rir, como uma louca; correu depois a amiga, em cujo rosto trocára-se de subito a palidez pelo rubor do despeito, e dando-lhe um beijo sentio nos labios o fogo em que ardia a face beijada.

— Que fogo, Rosa!

— E que beijo, Laura!..

— Perdeu! perdeu!... disseram todas as senhoras dirigindo-se a Rosa.

— É verdade, respondeu esta é verdade, perdi; mas perdi por ter commettido o erro inexcusavel de calcular com o juizo de um estudante!...

Entrou o Juca.

XIV

Escaramuça.

O Juca entrou.

Ao ver-lhe o rosto alegre, os modos desempedidos e a firmeza do olhar, ninguem diria que aquelle tra-

vesso estudante tinha dado o desfructo de escrever uma carta de amor a uma senhora, que então diante d'elle se mostrava, e muito menos que houvesse passado pelo dissabor de receber uma resposta, que lhe devia ter posto a cara á banda.

Entrou como o villão em casa de seu sogro, e com a maior sem cerimonia deste mundo, desgrudou-se de Mauricio n'um abrir e fechar d'olhos, e veio, mesmo antes de ser para isso convidado, fazer parte da assembléa de Rosa.

Começou então uma dessas scenas curiosas e apreciaveis, que mal ou nunca podem ser descritas : travou-se entre as duas moças e o estudante uma especie de lucta ás vezes muda e sómente sustentada por sorrisos significativos, e olhares prescrutadores, e ás vezes apenas denunciada por monosyllabos e indirectas, que as pessoas que os cercavão não podião bem comprehender em todo seu alcance.

Foi a boa da viuva quem deu principio á conversação, dizendo ao Juca :

— V. S. é um joven muito venturoso...

— Oh ! minha senhora, quando mesmo me houvesse julgado infeliz até hoje, bastava estar gozando a presença de V. Ex. neste momento para considerar-me ditoso.

— Muito agradecida ! disse a velha com voz assucarada, e limpando a boca com um lencinho branco todo bordado de amores côr de rosa.

— Mas poderei eu saber a razão porque me julga feliz ?...

— É que foi aqui o objecto de uma aposta de moças.

— Eu ? ! ! mas então é realmente uma ventura inaudita !... apostaram ?... o que ?... o meu coração talvez ?... palavra de honra, que a pessoa que o

ganhou, ha de suar camisas para dar com elle.

— Sim?... então pelo que?...

— Porque fiz presente de meu coração ha perto de tres annos, respondeu o Juca fitando os olhos em D. Laura.

Rosa desatou a rir.

— Visto isto ficou ôco do lado esquerdo?... perguntou ella.

— Não, minhasehora, escapei dessa enfermidade, que tanto persegue algumas pessoas do meu conhecimento; porque soube preencher o lugar, que no peito me ficára vasio, com a esperança do mais terno amor.

— Sr. Juca, tornou a moça; esperanças são têsas de aranhas: vê-se portanto que o seu peito tem grande necessidade de ser vasculhado.

— O meu peito, disse o estudante sorrindo-se, está muito ás ordens de V. Ex...

— Oh? não! não!... eu tenho medo do vacuo.

— Mas por ora ainda estou em jejum a respeito da natureza da aposta, que houve....

— Laura, explica ao Sr. Juca...

— Nada! exclamou a viuva; fui eu que dei principio a esta questão, sou eu que devo leva-la ao fim.

O estudante estava sentado ao lado direito de Sancho.

— Sr. commendador, disse elle em voz baixa; por quem é, entretenha esta senhora para que eu possa conversar com as moças.

— O que diz?... perguntou a viuva.

— Accusava-me de um incommodo aqui ao Sr. commendador, respondeu o Juca; e como tenho minhas tendencias para a homœopathia, queria curar-me com a medicina dos semelhantes.

— Não entendo o que o Sr. quer dizer com isso, rosnou o commendador.

— Pois bem... pois bem... vamos á aposta...

— Tratava-se... ia dizendo a viuva.

— Perdão, minha boa amiga, acudiu Rosa; mas peço-lhe que deixemos Laura contar o caso: teve hoje o seu ataque de nervos, e convém que se distraia...

— Com summo prazer, Rosinha, disse Laura, e voltando-se para o estudante continuou: Sr. Juca, o caso é o mais simples do mundo; ainda a pouco Rosinha asseverava que não teria de receber hoje mais visita alguma, e eu pelo contrario affirmava que necessariamente havia de receber a sua: apostámos... e... e está mais que demonstrado, que eu calculei melhor.

— Sou a primeira a confessa-lo, tornou Rosa: Laura ha perto de tres annos que tem-se feito superior nos calculos desta natureza.

— Pela minha parte admiro a ambas as senhoras, disse o estudante; e estimaria muito saber o porque uma asseverava que eu não viria, e a outra o contrario disse.

— Ora... respondeu Rosa, eu pensava que o Sr. Juca além de muito cansado da sua viagem do baile de hontem, teria tido tanto que fazer, tanto que escrever... esta manhã, que não pudesse honrar os seus amigos á noite.

— Não, não, minha senhora; a viagem apenas enfatiou-me... o baile deu-me forças novas... os meus trabalhos desta manhã foram muito breves, e quanto ao escrever... minha senhora... creia V. Ex., que as mais das vezes eu escrevo por divertimento.

Rosa escondeu um movimento de despeito.

— Quanto a mim, disse Laura, julguei que o Sr. Juca não deixaria de apparecer; porque sei perfeitamente que jámais ha fadiga bastante forte para impedir-lhe visitar as pessoas a quem *quer bem*.

— Julgou com acerto, respondeu o estudante ; e a prova é, que antes de vir aqui tive a honra de passar pela casa de V. Ex.

Laura triumphava, e Rosa procurava disfarçar sua perturbação e resentimento, conversando com as outras senhoras.

Bem depressa a conversação tornou-se geral : a viuva tomou conta do Juca, e o commendador dividiu-se entre Rosa e Laura. A scena começava a apresentar-se sob aspecto muito interessante : Rosa observava os dous jövens com essa habilidade de moça ciumenta e dissimulada, que conversa com umas poucas de amigas ao mesmo tempo, e não perde nem um olhar, nem um sorriso, nem uma palavra daquelles que observa ; Laura tambem ardendo em ciumes ouvia o commendador e respondia-lhe de má vontade, volvendo constantemente olhos de fogo de Rosa para o estudante, e deste para aquella ; o Juca impassivel e pondo em acção o seu plano, fingia-se todo apaixonado de Laura e quasi esquecido da presença dessa, que lhe tinha ensinado a receita para se fazer amar ; restava o commendador, que dizia um disparate ás duas senhoras de sua predilecção de cada vez que abria a boca ; e emfim a viuva, que dava tratos ao espirito para enternecer o estudante, cujo coração premeditava conquistar.

O velho roceiro tinha adormecido na cadeira.

Servio-se o chá : Anastacio despertou de má humor, principiou a prestar attenção ao que diante d'elle se passava, e a sentir uma antipathia desesperada com o estudante.

Appareceram as balas de estalo.

— A ellas, Sr. commendador ! exclamou Anastacio ; não perca tempo... entre no seu elemento.

O Juca offereceu uma bala a Laura, e no momento em que a moça ia arrebenta-la, córou ao sentir que

o estudante apertava-lhe os brandos dedinhos.

Nada disso escapou aos olhos do velho roceiro, que dirigindo-se a seu irmão, perguntou :

— Quem é aquelle *pires-lires*, que vejo aqui pela primeira vez ?...

— É um estudante de medicina, moço de excellentes qualidades e de bastante talento.

— Não duvido : estala balas com muita habilidade ; desconfio porém que não ha de passar dahi.

Sancho via-se perdido em um mundo de estalos ; não tinha mesmo tempo de ler todos os versos que lhe sahião. Anasiatio benzia-se com ar de piedade olhando para elle.

Terminado o chá, Laura levantou-se e foi para uma janella ; o Juca não se fez muito tempo esperar, e deixando a viuva, correu a conversar com a moça.

Rosa sentio que uma mão de ferro acabava de apertar-lhe o coração ; recebeu que sua perturbação podesse ser notada por algumas de suas amigas, logo rindo-se muito exclamou :

— Meu tio ! meu tio ! eis alli naquella janella mostrando-se uma predilecção bem justa, bem esperançosa, e bem... o que ?... o que, meu tio ?...

O velho roceiro que estava a roer as unhas, vermelho como um camarão, quiz responder, hesitou, deixou escapar alguns monosyllabos, que se não entendêrão ; e temeroso de não poder por muito tempo supitar seu genio colerico, sahio arrebatadamente da sala, dizendo :

— Deus lhes dê muito boas noites.

— Que é isto ?... perguntou a mãe de Laura.

— Não é nada, respondeu Rosa, este meu tio é da raça ; ha muitos annos que não vem á côrte e exaspera-se com a liberdade, que observa em nossas assembléas.

— É um bicho intratavel !... murmurou Sancho.

— Alto lá, Sr. commendador ! disse Rosa corando; lembre-se que é a respeito de meu tio que falla, e que se por ventura podem-lhe lançar em rosto o ser exagerado em seus ataques contra os nossos costumes, ninguem poderá com justiça duvidar da nobreza de suas qualidades...

— Minha senhora...

— Tem ainda um grande merito, continuou a moça : meu tio *mostra ser o que realmente é*.

Rosa nunca parecêra tão acrimoniosa, como nessa noite : estava de máo humor e sua primeira victima foi o commendador, que ficou desconcertado.

No entretanto travára-se junto da janella um dialogo, que tinha alguma cousa de curioso.

O Juca chegou ao pé de Laura.

— O que vem fazer aqui?... perguntou ella.

— Oh ! D. Laura, pois então desejava antes, que eu não viesse ?...

— Eu não quero ser aborrecida por sua causa ; não tiro vantagem nenhuma disso.

— Mas...

— Que *mas* senhor ?... vá-se embora... D. Rosinha não ha de gostar... póde offender-se... e depois o senhor perder uma felicidade tão grande...

— D. Laura, declaro que não me é possível comprehendê-la !

— Pois olhe, pela minha parte eu o comprehendo perfeitamente ; comprehendi-o no baile de hontem e na visita de hoje... em uma palavra, o senhor é homem e basta.

— Minha senhora, repito que não entendo o que quer dizer...

— Quero dizer, que o senhor toma-me para seu divertimento, que zomba de mim como talvez de muitas outras, e que isso é indigno, senhor ?

— Mas zombar como ?...

- No baile de hontem...
- No baile de hontem eu não tinha cabeça...
- Oh!... e quando a terá, Sr. Juca?... diga; porque correu logo a vir vê-la hoje?...
- Ver a quem?... eu não entendo...
- Ah!... quer que também dê o prazer de pronunciar o bonito nome?... pois eu lhe faça a vontade, Porque apressou tanto a sua visita a D. Rosinha?...
- Eu tinha passado por sua casa, e como não a achei, supuz...
- Vamos a melhor : quer agora que eu acredite que veio aqui por minha causa?...
- Porém, D. Laura, a senhora pôde negar, que aqui mesmo, que ainda ha bem pouco, eu lhe dei a mais sensível preferencia?...
- Sim?... e pensa, que eu não sei, o que é um *espinho*?... que eu sou tão tola, que não comprehenda que muitas vezes finge-se preferir uma pessoa para offender a vaidade de outra, e attrahir assim attentões, que parecem ir esfriando?....
- É impossivel portanto fazer acreditar a mais simples verdade, a quem responde por semelhante maneira!
- O senhor ama a D. Rosinha!...
- Juro-lhe que não : ninguem ama a duas senhoras ao mesmo tempo.
- Ora! o senhor seria capaz de amar a duzentas.
- Temos outra! eu creio, que o melhor é nã dizer palavra.
- É preciso decidir isto de uma vez, senhor!
- Eu pensava que isto já estava decidido ha perto de tres annos, minha senhora.
- O homem ou a mulher que não tem franqueza e decisão em semelhantes materias, é porque não ama bastante, ou faz tenção de enganar.

— Sou do mesmo parecer.

— Então porque não decide ? ! ! murmurou Laura batendo com seu pézinho, e lindamente enraivecida.

— Mas decidir o que ? ...

— Decidir, se quer amar-me, só a mim, e a mais ninguém !

— Oh ! como porém hei de eu dizê-lo, jura-lo, e fazer-lhe crer ? ...

— Pois bem : promette que nunca mais voltará a esta maldita casa ? ...

— É impossível ! ... com que pretexto quebrarei eu os laços de amizade, que me ligão ao Sr. Mauricio ? ...

— Veirão mais esta ! ... pretende agora fazer-me acreditar, que elle vem aqui por causa do Sr. Mauricio ! ... isto é uma traição abominavel !

— D. Laura, a senhora tem umas exigencias, que só devião passar pela cabeça de uma moça feia ...

— Que !

— Dir-se-hia, que tem medo de todas as outras senhoras, porque se considera menos bonita que ellas.

O estudante ganhou a partida : Laura sentio despertar toda sua vaidade ao escutar aquellas palavras.

— Não é por mim, é da sua volubildade que tudo receio ; no entretanto eu cedo alguma cousa da minha parte, cedendo tambem alguma cousa o senhor.

— Farei, o que me ordenar : eu lhe amo, e basta.

— Prometta, que não virá a esta casa vez nenhuma sem prevenir-me antes.

— Prometto.

— Veja o que diz ...

— Juro, que ...

— Oh ! jurar não : o juramento dos homens é uma cousa, que eu aborreço. Quasi sempre quando elles

têm o juramento nos labios, já estão com o perjuro entre os dentes.

Aqui foram os dous interrompidos : as senhoras tinham-se levantado, e começavam as despedidas.

Laura voltou-se, e disse ao Juca :

— Offereça-nos o braço para acompanhar-nos casa.

— Com summo prazer.

Laura foi ter com sua mãe.

— Que disfructo !... que disfructo !... disse consigo o estudante deixando tambem a janella.

Uma hora depois estalavão enfim os beijos de despedida.

— Adeus, Laura, disse Rosa ; volta mais vezes a ver-me : agora já tens um cavalheiro bem agradável para acompanhar-te.

E dirigindo-se ao estudante continuou :

— Sr. Juca, espero que seja assiduo nesta casa ; trabalharei para ter sempre ás suas ordens uma janella, uma noite de luar, e uma moça bonita que converse bem.

XV

Uma questão de bordado.

O caracter de Rosa começava a soffrer uma estranha modificação : de alegre, desinquieta e gracejadora, que era, principiou a moça a **mostrar-se** melancolica, pensativa, e até ás vezes **rabugenta**.

Tres dias apenas tinham passado depois do ultimo baile, dous sómente depois da noite do voltarete, em que o Juca inesperadamente se apresentára, e nesse curto espaço a mudança, que em seu genio fizera Rosa, era já muito sensível.

Notava-se sobretudo uma contradicção inexplicavel em todas as suas opiniões.

As vezes declarando-se de subito contra os bailes e os costumes da côrte, deixava muito atraz de si seu velho tio; e quando este dava-se os parabens pelo triumpho que alcançára sobre o character de sua sobrinha, ouvia-a bem dépressa, mudando de parecer, exasperar-se por não haver todas as manhãs uma festa, todas as tardes um passeio de sociedade, e todas as noites um saráo.

Outras vezes declarava guerra eterna ao piano; jurava não abri-lo mais nunca; fechava suas musicas, porque só a vista dellas bastava para incommoda-la; ficava um dia inteiro firme neste proposito; guardava mesmo seu juramento uma parte da noite; mas de repente corria para o piano e deixava-se ahi tocando e cantando até quasi o amanhecer.

Succedia pouco mais ou menos a mesma cousa quando se tratava de formar um juizo a respeito de qualquer pessoa de sua amizade: sobre o Juca muito especialmente erão espantosas as suas contradicções.

Quanto a ella o estudante mostrava ser um manco importuno, sem futuro, de máos costumes, e de peiores idéas; mas se Anastacio ousava levantar a voz para apoia-la, porque era em verdade esse o seu parecer, então Rosa erguia-se rubra de despeito, proclamava o talento do Juca, sonhava-lhe um porvir brilhante, achava-o modesto, engraçado, espi-rituoso e dotado das mais nobres e distinctas qualidades.

E em resultado de todas essas questões retirava-se a moça despeitada e jurando que ninguém a sabia comprehender naquella casa ; e ficava o velho roceiro, que era o seu constante adversario, de boca aberta, espantado e confundido.

Se fosse dado a Anastacio penetrar o coração de sua sobrinha, todo o seu espanto desapareceria n'um momento.

Rosa amava ; e acreditando-se infeliz no seu amor, vivia ha tres dias doudejando por isso.

Quando se achava na companhia de alguém, e particularmente na de seu tio, confundia-se, contradizia-se e irritava-se, porque não era comprehendida. Quando estava só, meditava, e ás vezes soffria menos, porque então chorava.

Oh !... a mulher padece tanto, quando ama !... essas encantadoras moças, que vêdes a brincar, a rir-se nas assembléas, como se nadassem em um mar de felicidade, quando estão sós, quando vão dormir, quando despertão dos seus bellos sonhos, chorão tantas vezes !...

Rosa fazia como fazem todas ellas em identicas circumstancias : ora trabalhava por esquecer-se do voluvel mancebo, que tão mal pagava o seu amor, mas debalde !... a imagem do estudante vinha sempre pousar em sua alma, como uma borboleta sobre a flôr de seus amores : ora combinava todos os factos, repetia todas as palavras, lembrava todas as acções que tinha observado e ouvido na noite do baile e na seguinte, para ver se podia achar uma taboazinha de salvação, mercê da qual escapasse do naufragio e da morte o seu bello amor ; em vão porém... tudo lhe dizia que Laura era feliz e preferida ; depois, ardendo em desejos de vingar-se, pedia ao céo que aquelle que lhe fôra infiel, fosse-o tambem á sua rival.

Chorava.

Mas em uma dessas horas de amargurados pensamentos, Rosa teve uma idéa extravagante : lembrou-se da receita para se fazer amar, que no baile havia, por gracejo, ensinado ao estudante ; e em vez de pensar, que elle a estava pondo em uso, pensou que era ella quem devia experimenta-la.

— Fingirei amar a um outro ! disse ella comsigo : talvez que isto o mortifique. Sem duvida elle pensa que ainda o amo... pois bem... será ao menos uma vingança. Fingirei amar... mas a quem?... não me serve nenhum desses mancebos, que me requestão ; o mundo tomaria ao serio o meu amor... e amanhã chamar-me-hia leviana e inconstante, sabendo que tudo isso era uma simples zombaria ; e sobretudo eu quero preferir a esse moço, que me atraiçôa, um homem que esteja bem abaixo delle, porque ao menos o rébaixarei tambem dessa maneira. Pensemos... ha tantos... tantos importunos, que me perseguem... façamo-los passar todos por diante dos olhos.. quanta gente enfatuada... quanta cabeça sem juizo... quantos ricos pobres de espirito... quantos fidalgos improvisados... ah!... eis um que me serve!... o melhor de todos : porque é o mais parvo, o mais velho, o mais credulo, e o menos digno de todos elles ; pois sim... o commendador Sancho !

Ella pensou em silencio durante algum tempo, e depois proseguio como se fallasse com alguem.

— Oh !... mas fingir amar é um sacrilegio ! não ; não o farei : é melhor ser desgraçada... como porém hei de eu tolerar que essa falsa amiga, e esse moço desleal venhão com seu amor insultar-me na minha presença ?!! como são estes homens todos, meu Deus ?!! como zombão de nós outras, pobres mulheres ! não basta que tenhamos por destino ser suas escravas, querem tambem que sejamos suas victi-

mas?... riem-se de nós... ferem nossos corações... apunhalão nossa reputação... manchão a nossa fama... maldizem o nosso nome e, o que é mais horrível ainda, ridicularisão o sentimento sagrado, que é tudo em nós, que é a nossa historia toda inteira; porque emfim os homens serão o que quizerem, mas a mulher é amor, amor sómente, amor, e mais nada !..

E a pobre moça desatou a chorar; mas, passados alguns momentos, ergueu a cabeça.

— Nada de lagrimas, disse; é uma fraqueza indigna de mim. Nada de considerações também: o mundo e os homens não as merecem de nós, e diante de minha consciencia eu não serei sacrilega. Estou decidida: se elles vierem de novo ostentar o seu amor a meus olhos, também eu terei um amor bem igual ao delles para mostrar-lhes !... Veremos esta noite.

Com effeito nessa noite tinha de haver partida de voltarete, e o coração de Rosa adivinhava que Laura e o Juca não faltarião a ella; dispôz-se portanto a esperar para ver se devia ou não executar a vingança que meditára.

Não ha vingança neste mundo mais pontual do que um parceiro de voltarete: ás sete horas da noite começaram a entrar os amigos de Mauricio, e ás oito appareceu o Juca.

Rosa sabia perfeitamente o segredo de esconder os seus pezares aos olhos do mundo, e de rir-se no meio de suas dôres: recebeu pois com todo agrado o estudante.

— Pois vem só?... perguntou ella alegremente.

— Como um homem solteiro que sou, respondeu o Juca.

— Ah! eu pensava que o seu braço tinha seguido o destino do seu coração...

— Mas, minha senhora, não se dá tudo de uma vez...

— Ainda bem : desse modo sempre se tem algum presente de reserva.

— Sr. estudante, disse Mauricio ; falta-nos um parceiro nesta mesa.

— Eu jogo mal...

— Enquanto não chega o proprietario desta cadeira... ande... faça-nos o sacrificio de uma hora.

O Juca não se fez rogar : ainda não tinha chegado nenhuma das amigas de Rosa ; e pois ella sentou-se entre o estudante e seu pai.

— Tambem gosta de jogar ?... perguntou.

— Eu sou louco pelas senhoras, respondeu elle ; e jogo sómente por lembrar-me que em cada baralho de cartas ha sempre quatro damas.

— E bellas que são ! tornou a moça.

— Tem a melhor das qualidades, e o mais rico dos dotes, observou Anastacio, que acabava de chegar.

— Como então, meu tio ?...

— São mudas, minha sobrinha.

— Agradeço-lhe o conselho : não fallo mais.

O voltarete começou, e o Juca demonstrou para logo que fôra extremamente modesto dizendo que jogava pouco : fazia todas as suas combinações com summa facilidade e rapidez espantosa, e graças á sua memoria de estudante nunca lhe era preciso voltar uma vasa para examinar as cartas que já se havião jogado.

Mauricio estava satisfeitissimo do novo parceiro.

— Assim é que se joga, dizia elle. O nosso estudante tem todos os seus sentidos empregados no jogo : o seu mundo limita-se agora a esta mesa.

O Juca sorria-se, e Rosa sentia-se incommodada.

Ter sentado ao pé de si uma senhora encantado-

ra, e a quem já se votou amor, e jogar tão a sangue frio, sem commetter um erro, sem se distrahir uma vez ao menos, é demonstrar que se não sente mais nenhuma impressão na presença della; é provar que se está completamente livre da influencia e do poder de suas graças; é ferir o coração da pobre moça com o mais profundo e o mais doloroso dos golpes.

A distracção de um homem é em certos casos um dos mais agradaveis cultos que se póde render a uma mulher: perder dous compassos em uma contradansa, deixar insensivelmente passar a hora determinada para uma visita, ficar até ás vezes um pouco surdo e um pouco mudo no meio da mais espi-rituosa conversação, quando se dança, ou se está perto de uma joven interessante, é o mesmo que dizer-lhe que não se pensa senão nella, que não se vive senão por ella, que tudo mais fatiga e incommoda.

Esse era o culto que, fingido ou espontaneo, todos os cavalheiros prestavão a Rosa, a qual, a pezar seu revoltava-se então ao observar que o estudante lh'o negava da maneira a mais positiva.

As nove horas chegaram Laura e sua mãe acompanhadas pelo commendador.

De todas as outras amigas de Rosa apenas a viuva viera naquella noite. Laura assentou-se ao lado direito do Juca, e a viuva defronte d'elle.

O jogo continuou; mas dentro em pouco Mauricio principiou a impacientar-se.

Em menos de dez minutos o estudante fez umas poucas de renuncias, e foi causa do codilho mais desastrado.

— É inacreditavel!... exclamou Mauricio.

— Não posso jogar por mais de uma hora; respondeu o Juca sorrindo-se; perco inteiramente a cabeça.

Rosa abafou um gemido : era o triumpho da sua rival, que ella estava testemunhando.

— Bonito ! excellentemente !... bradou o outro parceiro ; então o senhor fia vasas ao feito ?...

— Ah !... o Sr. Mauricio é o feito ?... como estou distrahido ! eu pensava que elle era o forte.

— Vamos adiante... jogue...

— O que é trunfo ?...

— Ouros.

— A melhor !... comprei para espadas : como quer agora que córte a vasa ?...

— Assim não se póde jogar !...

— Felizmente que chega a tempo o compadre Baptista ! ande compadre, tome o seu lugar ; este senhor estudante entrou na maré das distracções.

O Juca cedeu o lugar ao recém-chegado, e retirou-se da mesa. As senhoras, como de plano, levantaram-se a um tempo, e foram para o sofá.

— Ora graças ! murmurou o parceiro, que jogava defonte do Juca ; aquella maldita velha chegou aqui com os pés frios : desde que se sentou ao pé de mim, não pude mais ver boia.

Sentaram-se no sófa e nas cadeiras que aos lados estavam as quatro senhoras que se achavão na sala, o estudante, Anastacio e o commendador Sancho.

— Não gosto de ver jogar, disse a viuva, que era sempre a primeira a tomar a palavra ; na minha opinião o jogo é um divertimento estiptico.

Laura mordeu o lenço para comprimir uma risada.

— Bravo ! que bonito lenço !... disse Rosa para ver se tambem podia deixar de rir-se.

— Ora !... não zombes de mim, Rosinha ; fui eu que o bordei, e por tanto está visto que não póde merecer elogios.

— Vejamos...

— Laura entregou o lenço.

— Sr. Juca, não quer apreciar a obra de Laura ?
O estudante chegou-se, e começou a examinar o lenço como entendedor da materia.

— Aposto que o senhor sabe hordar ? disse Anastacio.

— Porque ?...

— Porque o senhor sabe tudo quanto podia deixar de saber sem inconveniente algum.

O Juca voltou-se sorrindo-se para o velho roceiro, e mostrando-lhe o lenço que tinha na mão, disse :

— É um lenço de cambraia liso, cercado de pontinha, com paizagens coloridas nos angulos... admira-se em cada um dos angulos um quadro diferente e variado ; o centro representa um circulo formado por duas silvas bem lançadas e ornadas de acasos de flôres diversas ; dentro e no meio do circulo lêem-se as iniciaes do nome da dona do lenço.

— Fico-lhe muito agradecido pela explicação ; mas não era necessario tanto incommodo comigo.

— Oh ! mas é preciso admirar a belleza das fórmas destes meninos, que brincão á sombra destas arvores : veja aqui como o trabalho é bem acabado... como transpira a verdade neste quadro da vida campestre... e este caçador...

— O Sr. Juca mostra ser tão bom apreciador, disse Rosa, que me está fazendo vontade de ir buscar algum de meus lenços.

— Com muito prazer o verei, minha senhora.

Rosa queria confundir a rival : tinha consciencia de sua superioridade. Em um momento appareceu na sala, trazendo um lindissimo lenço : o bordo era de perfeição e de simplicidade admiraveis.

— Ah ! isto é outra cousa ! disse Laura confundida.

— Lindíssimo ! é tal e qual como um que eu bordei ultimamente, observou a viuva.

— Obra superior !... exclamou o commendador.

— Entende disto ? perguntou o Juca.

— Um pouco.

— Bem : primeiro quero descreverlo ao meu amigo, o senhor Anastacio.

O estudante tomou o lenço das mãos das senhoras, e mostrando-o ao velho, começou.

— É igualmente um lenço de cambraia liso e cercado de pontinha, como o outro : tem guarnição de rosas e botões de côr azul ferrete com cornucopias dividindo os ramos de rosas e folhagens variadas ; o centro é formado por uma guarnição igual com rosas refilantes, dando lugar a um circulo, dentro do qual vêem-se em character gothico as iniciaes do nome da senhora sua sobrinha.

— Meu caro, disse Anastacio ; quem lhe encomendou o sermão que lh'o pague.

— Agora, Sr. commendador, o negocio é com-nosco, tornou o Juca ; disse-nos, que entendia da materia ; vamos a isto ; em questões de arte não ha considerações, nem etiquetas, ha justiça completa.

— É verdade, acudio Rosa ; pela minha parte não me affligirei.

— Nem eu, disse Laura.

— Qual dos dous prefere, senhor commendador ?... temos o lenço das paizagens, e o lenço das rosas : qual delles tem mais valor artistico ?...

— O das rosas.

— Não sou dessa opinião, tornou o estudante examinando de novo o lenço : realmente o ponto é seguro, delicado, e quasi toca a perfeição ; acho porém infeliz a escolha da côr azul-ferrete para estas flôres ; julgo mal cabidas as cornucopias em uma guarnição desta natureza ; não sei o que vêm fazer

folhagens tão diversas, e muito particularmente ramos de palmeiras no meio destas rosas ; observo alguma desigualdade no risco, e espinhos de mais nos ramos, e finalmente quizera antes o centro com rosas cheias, do que com refilantes.

— O Sr. commendador tem a palavra para responder.

O pobre Sanho estava admirado da sabedoria do Juca, e ficou a mover os beiços sem achar uma palavra para dizer : as senhoras rião-se, menos Rosa, que tinha córado.

— Ao menos apresente os defeitos de meu lenço, disse Laura.

O commendador tomou o lenço, e apontando para as paizagens com tremulo dedo ia dizendo :

— Isto por aqui...

— Oh !... mas isso por ahi tem nome....

— Não me vem á lembrança agora : são uns nomes rabiosos ; mas o que eu sei, é que isto por aqui. . .

— Por aqui!... por aqui !... elle não sabe nada nesta vida ! .. exclamou Rosa com força.

Anastacio ria-se desesperadamente.

Sancho suava suores frios.

— Isto por aqui...

Rosa arrancou-lhe o lenço das mãos,

— Basta ! a sua accusação envergonharia a minha causa. Laura, o teu lenço vale o dobro do meu.

E olhava com olhos ardentes de colera para o Juca.

— Sr. estudante, disse o velho roceiro ; ainda não conheci homem tão proprio para ter nascido mulher, como o senhor !

— É um novo obsequio, que devo á sua amizade.

— Homem ! pão, pão ; queijo, queijo : a unica cousa

boa, que por ora lhe tenho visto fazer, foi tirar-me as pennas de pavão, com que pretendia ornar-se aquella gralha!

E apontava para o commendador, que estava submergido em profunda tristeza.

A sessão continuou até a meia noite. Anastacio, que estava de bom humor, tomou á sua conta o pobre Sancho e a viuva; o Juca conseguiu, graças ao seu espirito e ao soccorro que prestou ao velho roceiro sempre que este tratava de atacar o commendador, desfazer em parte a má impressão que desde a noite do baile nelle produzira.

Rosa dissimulou á força de habilidade os tormentos por que passava: não pôde porém duvidar mais da victoria de sua rival. O estudante só para Laura tinha olhos e palavras: era um amor, que já se não encobria, uma paixão que transbordava diante de todos.

Devorada de ciume, nem mesmo as ridiculas pretenções da viuva poderam divertir-la.

Emfim Rosa ficou só.

Correu para seu quarto, e atirou-se desesperada no leito.

— Oh!... ser assim trahida!... murmurou ella; ser tão cruelmente offendida!... e não vingar-me!... mas como?... como podia eu abaixar-me até fingir amor a um homem como aquelle commendador?!!

Depois reflectio, e continuou:

— Até o meu lenço! o meu lenço que é de um trabalho sem duvida admiravel... elle o pôz abaixo de um lenço ordinario, que qualquer menina de collegio o bordaria mil vezes melhor... oh! é muito!...

E erguendo-se com rapido movimento, tomou o lenço que estava sobre a mesa, fê-lo em tiras, e le-

vantando a mão sobre a luz, começou a queima-las, dizendo por entre lagrimas :

— É um lenço que não me pôde servir mais !...

XVI

Muitos dias em poucas palavras.

Fôra por demais fastidioso acompanhar passo a passo a intriga amorosa, que se travára, relatando todos os seus episodios : é mais commodo pôr uns poucos de corações á mostra, e ler nelles como em um livro a historia de muitos dias em menos de dez minutos.

Foram-se succedendo as noites de voltarete. Dizem, que os bons bebedores, quando achão boa pinga não mudão de venda ; pois o mesmo pouco mais ou menos podia-se dizer do Juca : o travesso estudante desde muito que tinha tomado por costume fazer antes uma synalepha nas aulas, que n'uma reunião de moças ; e mais firme nesse principio do que os nossos estadistas em suas opiniões politicas, não perdia noite de partida na casa de Mauricio.

Ora o caso ia-se complicando cada vez mais.

O Juca teimava em cumprir á risca o conselho que no baile lhe dera Rosa. Laura, que nunca deixava de vir tomar parte nas reuniões, era o objecto exclusivo de todos os seus cumprimentos e attentões : quem o observasse com os olhos sempre embebidqs

no rosto da moça, não tendo sorrisos e ternas palavras senão para ella, fugindo ás vezes do seio da sociedade para ir conversar a sós com ella horas inteiras n'um canto da sala ou á janella, diria que o pobre rapaz estava realmente captivo da neta de Juliana. No entretanto acontecia exactamente o contrario disso : Laura não era para o terrivel estudante mais do que um *espinho*, com que elle procurava ferir a vaidade de Rosa.

O procedimento do Juca, por mais reprehensivel que seja, não póde espantar a ninguem : não ha nada mais trivial actualmente, do que ver-se um mancebo esquecer todas as inspirações da generosidade para zombar annos inteiros do coração, e da credulidade de uma senhora. Hoje em dia não se repara nisso, porque é moda que mesmo vai já passando de um para outro sexo.

Mas o crime do estudante não passava impune : se alli fazia soffrer acerbas horas a uma interessante moça, a quem fingia desprezar, e preparava outras não menos cruéis á infeliz Laura, era tambem alli mesmo fortemente castigado. Primeiramente sentia-se abrasado de paixão pela encantadora filha de Mauricio, que com indizivel habilidade sabia esconder seus profundos tormentos, e mostrava não dar importancia alguma aos triumphos de sua rival ; depois tinha começado a incommodar-se muito com certa especie de attenção, que Rosa parecia ir seriamente prestando ao commendador Sancho ; para maior incommodo ainda, Faustino que já se achava restabelecido da erysipela, frequentava com assiduidade igual á delle as partidas de Mauricio, e ahi **desempenhava** o seu papel de representante da época, requestando a todas as senhoras que tinham pais ricos, ou **promettião** pingues dotes, e particularmente a Rosa e Laura ; e emfim o misero estudante

via-se em todas as noites atrapalhado de continuo pela velha Irene, que delle queria fazer *por fas ou por nefas* o seu namorado, e que o perseguia tanto como o havia perseguido na Bahia a Sra. Bonifacia. Já se vê pois que o Juca tinha muito panno para mangas.

Rosa tomára definitivamente o seu partido : guardando para a solidão as suas lagrimas, amando cada vez mais o estudante travesso e voluvel, começára todavia a executar o seu plano de vingança. Com o sorriso nos labios saudava a chegada de Laura nas noites de partida como uma hora de felicidade ; civil e delicada com o Juca, não deixava escapar o mais leve signal de despeito nem de ciúme ; e finalmente carinhosa e terna com o commendador parecia preferi-lo ao estudante, a Faustino e a todos os mais cavalheiros. Às vezes custava-lhe muito isso ; ás vezes era-lhe quasi impossivel mostrar-se docil e grata aos cumprimentos desenxabidos e ás lisonjas estultas de Sancho ; ás vezes córava vendo os sorrisos malignos de suas camaradas e, encontrando o olhar severo de seu tio, desanimava... mas logo depois escutando ternas phrases, que trocavão entre si Laura e o Juca, acendia-se de novo no desejo da vingança, e fingia curvar-se gostosa ao imperio do commendador.

Os comparsas deste drama curioso, cujos protagonistas são sem duvida Rosa e o estudante, ião representando os seus papeis conforme as circunstancias em que se achavão, e as scenas em que entravão.

Laura credula e orgulhosa julgava-se feliz, e exultava por ver um mancebo interessante preso a seus pés, como o mais humilde dos escravos, e uma joven formosa vencida por ella quasi que sem combate ; mas sempre desconfiada da volubilidade

do Juca, e talvez mesmo naturalmente ciumenta, não deixava passar uma noite sem temperar os seus votos de ternura com um quarto de hora de zelos. Mulher em toda extensão da palavra, Laura tinha sempre de precaução preparados um sorriso para os lábios e duas lagrimas para os olhos.

O commendador Sancho não cabia em si de contente com a attenção, que lhe prestava Rosa. Dizia muito em segredo a todos os seus amigos e conhecidos, e até aos desconhecidos, que a filha de Mauricio estava louca de amores por elle ; fazia uma despeza enorme em perfumes e pomadas ; passava por defronte da casa de Rosa duas vezes de manhã de casaca preta, outras tantas de tarde de casaca côr de vinho, e ia visita-la á noite de casaca verde : o seu alfaiate e o seu sapateiro não tinham mãos a medir. O commendador era amado pela primeira vez, posto que tivesse sido amante mil vezes em sua vida. Orgulhoso disso já sonhava com o seu proximo casamento, lembrava-se de mandar pintar a casa de novo, de pôr novo trem, e ostentar desmesurado luxo para agradecer á sua bella.

Irene tinha cruelmente sympathisado com o Juca, e teimava que ella e elle havião nascido um para o outro. Ninguem seria capaz de convence-la nem mesmo com a certidão de baptismo, de que já houvesse passado de cincoenta annos, e que contava janeiros sufficientes para ser avó do estudante A boa da velha julgava-se bem conservada, bonita e espirituosa ; parecia-lhe impossivel, que se achasse no mundo um homem, que por muito tempo resistisse ao poder de seus encantos, e segura disso perseguia o Juca com tão grande impertinencia, como um candidato á senatoria persegue aos eleitores nas vespervas da eleição ; cobria-se de bri-

lhantes, vestia vestidos de seda, tingia os cabellos, e fallava pelos cotovellos.

Faustino não se havia ainda decidido positivamente. Como um general que estuda o campo e os inimigos para em tempo opportuno dar batalha segura, o publicista observava as diversas senhoras, que frequentavão a casa de Mauricio. Não examinava qual dellas reunia mais encantos, não, que importava isso bem pouco ao illustre e franco representante da época; tratava sómente de informar-se qual daquellas senhoras tinha mais rico dote, e dispunha-se para apaixonar-se com inaudito desespero da que contasse maior numero de contos de réis. Faustino não se envergonhava dos sentimentos, que o dirigião: parecia-se com muita gente de gravata lavada.

E no meio desses jovens e desses velhos, que se ião envolvendo um uma meada, que cada vez mais e mais se embaraçava, apparecia Anastacio com os olhos fitos em sua sobrinha. Sempre irritado contra os novos costumes, a principio fortemente indisposto com o Juca, o velho roceiro como que despertou de subito e, esquecendo tudo o mais, concentrou suas attenções no commendador Sancho, que parecia haver conquistado o coração de Rosa.

Anastacio custava a acreditar que sua bella e interessante sobrinha se deixasse assim captivar por um velho feio e ridiculo; mas, apezar seu, tinha de ceder ao que via.

Nas reuniões os olhos de Rosa parecião estar sempre buscando o commendador. Ella deixava a companhia de suas amigas e dos mais elegantes cavalheiros para ir sentar-se ao pé de Sancho e conversar com elle horas inteiras; guardava-lhe sempre uma flôr eloquente, que não se envergonhava de offerecer-lhe diante de todos; pagava-lhe as mal

arranjadas finezas com os mais graciosos sorrisos. e como que ostentava essa preferencia injustificavel, desprezando as camaradas que se sorrião e os manebos que murmuravão.

Para que não ficasse ainda a menor duvida no espirito de Anastacio, o afflicto velho observava que uma revolução completa se ia operando no genio e na vida de Rosa.

Em seu viver domestico ella não era mais aquella mocinha viva, alegre, espirituosa e travessa do outro tempo : passava os dias a meditar tristemente ; um convite para um baile, um vestido novo que lhe trazia seu pai, não lhe causavão mais a alegria costumada ; de continuo melancolica e abatida. só uma cousa a fazia sorrir, era o nome do commendador.

— Não ha duvida, pensava comsigo o velho roceiro ; a vida de extravagancias e de loucuras tinha de acabar no ridiculo !...

E jurando dentro de si que salvaria sua sobrinha do purgatorio, a que imprudentemente queria condemnar-se, Anastacio lançava muitas vezes ao rosto de seu irmão a fraqueza com que deixava o coração de sua filha correr o risco de perder-se. Mauricio sacudia a cabeça, sorria-se, e respondia :

— Mano, o que tem minha filha, ainda não pude descobrir ; mas assevero, que é mais facil parar o sol, do que Rosa estar namorada do commendador. Pela minha parte durmo descansado a semelhante respeito.

— Mas o que se vê todos os dias...

— O que se vê todos os dias é, que o coração de uma mulher é um enigma indecifavel.

— No entretanto...

— Confiemos tudo do bom juizo de minha filha.

— Tem uma cabeça cheia de têas de aranhas !

— Embora.

Estavão as cousas nesse estado, quando em uma noite de partida a velha Juliana annunciou que sua filha fazia annos dahi a quatro dias, e que estimaria já ir e passar a noite com os seus amigos na sua chacara.

Na manhã seguinte, e ao levantar-se do almoço, recebeu Rosa uma carta de Laura, que reiterando o convite feito por sua mãe, convidava a amiga a ir logo na vespera de seus annos fazer-lhe companhia na chacara.

Rosa pensára muito durante a noite naquella convite, e naquella festa que se preparava.

— É um sacrificio a que me querem arrastar, disse ella comsigo. Talvez que a minha feliz rival tenha já podido com o fogo de seus olhos derreter a camada de gelo, que pude lançar sobre o meu coração, e emfim arrazar um a um todos os segredos que dentro d'elle esconde!... talvez que pretenda ufanar-se ainda mais com a sua victoria, e com a minha desgraça! nessa reunião ella será a princeza que triumphou, e eu a escrava presa a seu carro!... não, não irei.

Mas pouco depois pensou de outra maneira: pensou que a sua ausencia podia ser mal interpretada, que a julgarião fraca e despeitada... e isso era horrivel para a orgulhosa moça. Lembrava-se tambem e sempre do Juca, que, apezar seu, desejava ter constantemente diante dos olhos; e emfim ora disposta a não ir, ora resolvida ao contrario, ora irresoluta, adormeceu, e só despertou no dia seguinte, quando a chamaram para almoçar.

Mauricio apenas levantou-se da mesa, sahio como costumava para tratar de seus negocios.

Estavão sós Rosa e Anastacio, quando chegou a carta de Laura: a moça leu-a em voz alta.

— E então, perguntou o velho roceiro, temos

mais despezas em vestidos e flôres, não é assim ?

— Despezas?... para que ?...

— Ora... para ir á festa dos annos de sua amiga.

— Eu não vou.

Anastacio encarou-a fixamente.

— Póde-se saber pelo que ?

— Póde-se.

— Far-me-ha o favor de dizer.

— Não vou, porque... porque... porque não quero ir, meu tio.

— Agradeço-lhe a delicadeza da resposta, minha sobrinha.

— É que eu não tenho outra resposta que lhe dar.

— Venha-me com essa a ver se eu engulo ! a senhora minha sobrinha que podia ser chamada a primeira papa-bailes do mundo, rejeitando um saráo sem mais nem mais !...

— Essas reuniões começam a aborrecer-me.

— Sim, senhora, ha de acabar por isso ; mas ainda é cedo : no emtanto é bem admiravel que a senhora deixe de ir festejar os annos de sua melhor amiga.

— De minha melhor amiga !... exclamou Rosa córando.

— Pois então ?...

— Meu tio, não ha amizade sincera entre moças solteiras.

— Bravo, minha sobrinha !...

— Nós somos, ou estamos sempre a ponto de ser rivaes ; e portanto nós somos ou estamos sempre a ponto de ser inimigas. Duas moças bonitas e solteiras, que se procurão, que se atuão, que se festejão, são duas rivaes que se detestão : ha hypocrisia em nossos afagos, mentira em nossos juramentos, fingimento em nossos sorrisos, traição em nossas palavras !

— É então a tal Sra. D. Laura...

— É como as outras, é como todas, e é como eu.

— Muito bem, fico-lhe obrigado pelas premissas ; a consequencia pertence-me agora..

— Então ?...

— Minha sobrinha e D. Laura são duas rivaeç Rosa sentio o fogo do pejo queimar-lhe o rosto.

— Quem disse isso, meu tio ?

— Foi uma consequencia que eu tirei dos seus principios.

— Pois concluiu o peor possivel.

— Nesse caso venha uma razão melhor para explicar a não aceitação do convite.

Rosa meditou alguns momentos ; depois sorrio-se e disse :

— Pois sim, meu tio, eu digo tudo ; creio que Laura exclue de seus convites alguma pessoa a quem muito estimo.

— Está no seu direito : convida para sua casa, a quem bem lhe parece.

— Sem duvida ; eu porém estou tambem no meu direito não aceitando o seu convite.

— Mas ella frequenta assiduamente esta casa, e portanto...

— Pois que a não frequente ! exclamou Rosa com um fogo que a atraioava.

— A tal minha sobrinha exalta-se de tal modo contra a sua antiga amiga, que eu estou quasi repetindo-lhe a consequencia que tirei ha pouco !

— É que meu tio vem ás vezes com observações taes que...

— Pois bem... nada mais de observações ; mas vamos a saber : qual é a .pessoa a quem tanto estima, e que receia ver excluida dos convites ?...

Rosa vio que havia de triumphar enganando o

velho: fingio hesitar um pouco, e córou levemente.

— Diga... diga : tornou Anastacio.

— É o commendador Sancho, respondeu a moça.

O velho roceiro estremeceu na cadeira em que se achava sentado; tornou-se depois vermelho como um camarão; quiz fallar e apenas balbuciou alguns monosyllabos imperceptíveis.

— O que é que tem, meu tio?... sente alguma cousa?

— O que tenho?... o que sinto?... exclamou enfim Anastacio: sinto que a senhora minha sobrinha está com o paladar estragado.

— Mas... porque?...

— Fallemos claramente: ha quinze dias, que se póde dizer, que tenho o diabo entre os dentes, e agora haja o que houver, hei de lança-lo fóra...

— Mas qual é esse diabo?... póde-se saber?...

— É esse rapaz postiço... esse ridiculo e miseravel commendador Sancho!

— Meu tio!...

— Pois que!... devéras devo eu supportar a sangue frio, que minha sobrinha deixe de lado tanto homem serio, que tem sempre diante dos olhos, e mesmo. se lhe parecer, tantos moços estouvados, mas que ao menos são moços ainda, para dar uma preferencia injustificavel ao mais parvo de quantos parvos tenho encontrado no mundo?!

— Creio que sou senhora do meu coração...

— E confessa!!!

— Não tenho obrigação de medir o meu gosto pelo gosto dos mais...

— Digo-lhe que hei de oppôr-me a semelhante loucura!... bradou o velho, cujos olhos parecião querer saltar das orbitas.

— É uma razão para requintar a minha predilec-

ção pelo commendador, respondeu a moça friamente.

— Um homem que conta mais de cincoenta annos!...

— Aos meus olhos parece um rapaz de vinte cinco.

— Que não abre a boca senão para dizer asneras!...

— Ora esta!... e eu o julgo espirituoso!

— Um verdadeiro original...

— Encanta-me por isso mesmo.

— Tolo e vaidoso...

— O meu poder o tornará experto e modesto.

— Sem a menor dóse de juizo...

— Dar-lhe-hei metade do meu...

— Senhora minha sobrinha, quem não tem, não póde dar! sou eu que lh'o digo.

— Fico-lhe muito obrigada.

— Não quero que goste do commendador!... exclamou Anastacio batendo com o pé.

Rosa desatou a rir.

— E ri-se ainda!... isto é insupportavel!...

— Pois então, meu tio?... ordenar a uma moça, que não ame a um certo homem, é o mesmo que incita-la a ficar apaixonada por elle.

O velho não podia mais conter a sua colera; olhava para a sobrinha com olhos ardentes; deixou-se por algum tempo ficar arquejando, e emfim murmurou surdamente:

— Deus perdôe a quem tem culpa.

— Não sei a quem se refere.

— Refiro-me a meu irmão, continuou Anastacio elevando pouco a pouco a voz: foi elle com seu amor cego e desvairado quem fez de sua filha, em vez de uma moça prudente e assisada, uma cabeça ôca... uma doudinha extravagante!

Rosa encolheu os hombros.

— É a educação, prosequio o velho, é a educação que recebemos a fonte principal de nossos bens e de nossos males : o que se podia esperar de uma senhora, que antes de aprender a resar, aprendeu a dansar ?...

— Que dansasse, respondeu Rosa sorrindo-se.

— Sim ; e em resultado ficou a senhora minha sobrinha com todo seu juizo nos calcanhares ! não pensa, não cuida senão em bailes ; não sonha senão com elles !

— Ah ! meu tio ! que injustiça ! pois não vê, que estou disposta a não ir a um saráo, para que me convidão ?...

— E a razão disso ?...

— A razão disso ?... que importa ?... o essencial é ficar em casa.

— Pois digo-lhe, que ha de ir ao baile !

— Meu tio, começo a não comprehendê-lo.

— Ha de ir.

— Conforme.

— Conforme o que ?...

— Irei, se fôr tambem o commendador.

O velho levantou-se furioso : ia talvez começar a mais terrivel das tempestades, quando bateram na escada.

Anastacio suspendeu-se, e balbuciou :

— Quem será este importuno ?

— Pelo macio do bater parece o commendador, respondeu a moça com maligno sorriso.

Com effeito annunciaram o namorado Sancho, que pouco depois entrou, e correu logo a beijar a mão de Rosa : teve porém de parar diante de Anastacio, que o susteve dizendo-lhe :

— Minha sobrinha dispensa esses signaes de innocente consideração.

— Mas...

— Qual mas, senhor! não quero que beije a mão de minha sobrinha!

Sancho ficou immovel e estupefacto ante o velho roceiro. No entanto Rosa tinha fitado em seu tio um olhar cheio de angelica doçura e cuja significação sómente poderia ser bem apreciada por quem conhecesse o que se passava no coração da pobre moça. N'aquelle olhar agradecia a Anastacio por tê-la poupado ao desgosto de sentir em sua delicada mãozinha esse beijo de um amor estulto, de um amor de que ella se envergonhava dentro de si, e que fingia aceitar e corresponder, para vingar-se de um ingrato.

Mas o olhar de gratidão apagou-se de subito. Despertou a vaidade da mulher; acendeu-se outra vez a chamma dessa vingança de nova especie, e dando á sua voz estudada suavidade, Rosa disse ao commendador :

— Desculpe meu tio : ja deve conhecer o seu genio, senhor commendador ; venha sentar-se e conversemos.

Antes que Sancho o pudesse fazer, Anastacio foi tomar lugar junto da sobrinha.

O commendador estava comendo brasas.

— Tratamos do saráo de D. Laura, continuou Rosa.

— Ah! sim ! não póde ser grande cousa, respondeu Sancho com ar de desprezo.

— Não pensa assim minha sobrinha, que já desde hoje se está preparando para dansar toda noite.

— Mas...- meu tio...

— Ainda bem, tornou o commendador ; peço-lhe desde já uma walsa, minha senhora.

— Como?... exclamou o velho; nós pensavamos, que o senhor não tinha sido convidado!

— Recebi hoje de manhã um convite.

Anastacio ficou por sua vez desapontado.

— Com effeito ! murmurou elle depois de alguns momentos de silencio ; era um contra-senso haver um baile, a que não fosse o senhor commendador !

— Vejo que o Sr. Anastacio...

— O bom gosto sentir-se-hia ultrajado, prosequio o velho roceiro com acerba ironia : as senhoras mostrar-se-hião tristes, a musica pareceria desafiada, e duas duzias de balas pelo menos ficarião por estalar. O Sr. commendador é um homem impagavel !...

O pobre Sancho, que não tirava partido argumentando com Anastacio, achou que era mais prudente não lhe dar resposta, e voltando-se para Rosa, disse meigamente :

— E a walsa que pedi, minha senhora ?...

— Não é possível ; minha sobrinha torceu um pé hontem á noite.

— Já estou perfeitamente boa, meu tio ; além de que não ha callo nem torcedura, que impeça uma moça de dansar.

— Nesse caso posso contar com uma walsa ?...

— Prometto-lhe duas, Sr. commendador.

O velho roceiro levantou-se encolerizado ; Sancho sorriu-se cheio de vaidade ; Rosa, que sorria-se tambem, tinha no entretanto o inferno dentro do coração.

XVII

O representante da época

Em casa da velha Basília andava tudo n'uma poeira com a noticia do sarão, que se preparava para festejar os annos de Laura.

Estava a velha occupada em pregar uns babados novos em um vestido já de boa idade, e a moça a consultar com o Juca sobre a escolha de uma grinalda, quando entrou Faustino pensativo e carrancudo.

— Que ha de novo?... perguntou o estudante.

— Tudo é velho, respondeu seccamente o celebre publicista, atirando-se sobre uma cadeira.

— Nada! essa veronica vem hoje muito desarranjada: ahi ha cousa.

D. Basília continuou a pregar os seus babados, e D. Clara a escolher suas flôres como o Juca, em quanto Faustino resmoneava a sós enfezado e mysterioso, como um traficante de africanos, de quem o cruzeiro inglez acaba de apresiar um navio.

Finalmente ergue-se o publicista, e indo bater com a mão no hombro do Juca, disse-lhe o mais docemente que pôde :

— Juca, temos que fallar sobre negocio importante.

— Ah! eu logo vi, que havia cousa! vamos lá: falla.

— Aqui não : vem ao meu quarto.

— Bem... no nosso quarto : com licença, minhas senhoras.

O quarto de Faustino mostrava-se antigamente, ou antes até bem pouco tempo, com tão bom gosto arranjado, que faria inveja a qualquer moça galante. Desde porém que chegado da Bahia nelle se fôra estabelecer provisoriamente o Juca, penetrou a desordem e a extravagancia nos dominios da moda e do tom : não se via traste, que estivesse em seu lugar; o toucador de Faustino era o cabide da casa do estudante ; rolavão pelo chão livros, roupa, papeis, e jornaes, de modo que, segundo dizia o proprio Juca, tinha elle povoado de tal modo o reino de Faustino, que ninguem poderia viajar por elle sem o soccorro da bussola.

Entraram os dous rapazes : o estudante pôz-se em mangas de camisa e deitou-se a fio comprido, em quanto o outro começou a passear ao longo do quarto com as mãos para traz á maneira de Carlos X.

— Então que é isso lá, publicista ?

— Estou desesperado !

— Sim, bem vejo; estás com cara de candidato que perdeu a eleição : ou de estudante, a quem suspenderam a mesada em vespera de festa ; ou de eterno procurador de irmandade, a quem lhe acabaram com a eternidade da procuradoria: escolhe lá uma destas tres caras, e adora-a ; porque é a tua de hoje.

— Nada de graças : tenho justos motivos para estar afflicto.

— Pois vamos a elles.

— Juca ! é o paiz que se acha á borda do abysmo ! é a nossa querida patria, cujos altos destinos vão ser e estão sendo cada vez mais retardados pelos homens de um seculo corrupto, seculo de absurdos, seculo de privilegios !...

— Bravo!.. excellente para um artigo de fundo!.. é um rasgo de estuchar!

— Não! eu não escreverei mais nunca; quebrei para sempre a minha penna.

— Oh! desgraçada patria!!! exclamou o estudante a rir-se rolando na cama como um douto.

— O privilegio!... o privilegio!. bradava Faustino torcendo as mãos.

— Apoiado, Faustino! privilegio é como a lua, — *come tudo*.

— Queres saber o que é a nossa politica?... é um lauto banquete devorado pelos grandes á custa dos pequenos!

— Faustino, juro que tu ficaste mamado em alguma pretensão...

— Esses homens! esses homens grandes de todos os partidos entendem-se ás mil maravilhas!... açulão o pobre povo que se debate por causa delles, que veem touros de palanque rindo-se ás gargalhadas!... os que sobem, dão pontapés nos degrãos por onde subiram; e os que estão debaixo, irritão-se e brigão para chegar a sua vez de subir também, e de também zombar daquelles que por seu triumpho se comprometteram: em resultado todos elles são vivatões, e o povo é um tolo!

— Que revolução! que revolução se operou no espirito do publicista!...

— Esses homens têm pelo menos duas caras; nota bem, Juca, que eu digo pelo menos: uma é a cara, com que fallão ao povo, cara de Aristides, de Regulo, cara de Catã; ; a outra é a cara com que namorão as pastas e os grandes empregos. cara de namorado, cara do fome, cara de quem pede esmola!!!

— O publicista levou de taboa! não ha duvida nenhuma.

— Mas não é isso, o que me exaspera ; o que me irrita é o privilegio !

— Eis outra vez o privilegio ! é agora a sua mania.

— Sim : fallo do privilegio de ter pelo menos duas caras.

— Oh ! esta é melhor !

— Repito o que disse ; e eis-me aqui ! eis-me aqui victima desse horrivel, desse hediondo privilegio.

— Como é isso então ?

— Ah !... descobriram enfim que eu escrevia tres jornaes, sustentando tres differentes opiniões politicas ; descobriram que eu ousára armar-me de tres caras diversas, e... e...

— Acaba...

— Venceu o privilegio : disse gemendo Faustino.

— Mas de que modo ?...

— Despediram-me ; enxotaram-me de todos os circulos ; retiraram as assignaturas dos meus jornaes ; e eis-me reduzido a um verdadeiro leproso politico... por causa do privilegio.

— Ora aqui está como se corta as azas de um grande genio ! exclamou com imperturbavel serieidade o estudante.

Faustino ficou meditando durante muito tempo, até que o Juca, que com attenção eminentemente comica o observava, rompeu o silencio perguntando-lhe :

— E agora ?...

— Agora é preciso cuidar em outra cousa. Por ora fecharam-me a porta da politica ; e quando Juca ?... quando ?... quando eu me achava com as algibeiras em maré de lama... isto é... sem vintem !

— Eis o que se chama um estado anti-politico, e anti-parlamentar !... um viver todo ao modo de poetas... sem vintem.

E o ex-publicista balbuciou por entre os dentes :

— Sem vintem !...

E outra vez deixou cair a cabeça meditando

— Oh ! mas isso é horrivel, Faustino : comprehendes tu o que é um homem sem vintem ?... é um bicho, que o proprio Buffon não teve animo de classificar ; é um miseravel que espirra á vista de gente, e ninguem lhe dá — *dominus tecum* — ; e...

— E quem te disse, que sou pobre ?... bradou Faustino enfurecido.

— Sem vintem !... murmurou socegradamente o Juca rindo-se.

— Sim ! sem vintem agora ; mas rico, rico por força brevemente : um homem como eu, um espirito brilhante, como o que me anima, não se abate com tanta facilidade.

— Ah !. eu logo vi, que te havias de mostrar digno de ti mesmo ; ora vamos, o que vais ser agora ?...

— Vê se adivinhas.

— O que ?... o meio de enriqueceres ?...

— Sim.

— Olha : o mais rapido está em termos, graças a Deus, de dar brevemente em vasa-barris

— Não é esse : não me serve por ser muito nebuloso... e demais... não quero ser caixeiro... e não tenho fundos para não ir ao fundo.

— Bem : então já sei que vais abrir casa de vigesimos, oitavos, quartos ou cautelas. ..

— Miserias ! miserias !... não me abaixo a tanto isso dá pouco...

— Querem ver, que vais annunciar alguma agitação especifica para tirar as rugas da cara da gente, que não quer ser velha ?...

— Olha. Juca, tiveste boa lembrança : isso era um negocio de tirar o pé do lodo ! o sexo feminino erigia-me altares ! mas não é ainda isso.

— Faustino. por quem és, não percas a idéa : ataca, esvasia a bolsa das velhas ! oh ! ellas atrapalhão-me horrivelmente quando converso com as moças ; vingá-me !

— Não ; não : tenho pensamento mais nobre e mais digno da época.

— Lá a respeito da época tens razão ; tu és o seu mais genuino representante.

— E então não adivinhas ?...

— Espera : talvez te entrasse no juizo a possibilidade de te fazeres empresario de alguma companhia lyrica ou dramatica !

— Qual ! não entendo pitada dessas materias.

— Asneira no caso ! quem te disse, que era necessario entender de theatro lyrico ou dramatico para ser empresario de uma ou de quatrocentas companhias ?... com um publico, como o nosso, Faustino, não ha nada impossivel no mundo !

— Mas o privilegio, Juca, o maldito privilegio !

— Tens razão... tens razão : dou as mãos á palmaria ; tu és um sabio, e eu me tinha esquecido do privilegio da ignorancia.

— Vamos adiante.

— Não posso mais : espichei-me no theatro ; não me quero expôr a novo desapontamento.

— Pois então vou eu abrir-te o meu coração, e fazer-te confidente de meus planos, tanto mais que devo pedir-te um favor.

— Diabos ! tambem sou carta que entra no jogo ! Faustino, lembra-te da minha qualidade de estudante... olha, que não sou seguro na busca.

— O negocio é simples.

— Com um estudante no meio complica-se necessariamente.

— Ora ... tu entras apenas por accidente.

— Peior ; protagonista, ou nada : não sirvo para comparsa.

— Queres ouvir ou não ?...

— Falla.

— Vou casar-me.

— Sem vintem ! ! ! !

— Por isso mesmo.

— Bravo ! quando é o dia das nupcias ?...

— Ainda não sei.

— Máo : então o que te falta ?...

— Noiva.

— Bem : para um homem, que se vai casar, o faltar-lhe a noiva não é cousa de importancia ; o essencial é casar-se. Este Faustino é um portento ! um genio ! um milagre de carne e osso !...

— É que tu tens o máo costume de me cortar a palavra a todos os momentos.

— Pois falla de uma vez.

— Quero casar-me.

— Ah ! isso agora é outro fallar : queres casar-te ; e com quem ?...

— Ainda não sei.

— Então amas a mais de uma ?... oh ! caro collega !

— Amar ? ! tu estás tolo ?... eu amar ?... para que ?...

— Para casar ; pois então ?...

— Olhem que pateta ! eu, o grande interprete das idéas e dos principios da actualidade ; eu, o representante genuino da época, como me chamaste ha pouco, havia de desmentir o elevado conceito que mereço, commettendo a enormissima loucura de amar para me casar !...

— Vamos sempre a melhor ! eu ao pé deste gigante fico tão pequenino, que a mim mesmo não me enxergo !

- Pois admira, e aprende.
- Mas quaes são as tuas vistas, quaes os teus planos, como entro em semelhante embrulhada?...
- Escuta : o casamento é um negocio, como tantos outros.
- Heim?...
- Partamos deste principio, Juca : o casamento não é um meio de vida, mas em regra deve ser um arranjo de vida.
- É um dogma de moral evangelica, não ha duvida...
- No casamento, a mulher deve ser o meio e o dote o fim.
- Bravo!
- Pouco importa que a mulher seja feia ou bonita, moça ou velha, esbelta ou corcovada : se fôr muda tanto melhor.
- Que cabeça de rapaz!
- O essencial é que ella se faça distinguir, trazendo em dote algumas duzias de contos de réis.
- Ah! Faustino, para qualquer lado que te voltes sempre te mostras com cara de monjolo!...
- Uma mulher sem dote é um pezadelo abominavel!... é uma desafinação eterna na solfa dos calculos da ambição... é um absurdo vivo das regras do bem viver... ah! sim! uma mulher sem dote é o fantasma terrivel, que me persegue na vigilia e no somno, escrevendo pelas paredes a phrase de maldição, que condemna o homem ao desprezo e á nulidade, a phrase fatal e insidiosa, o *mané... thecel... phares* — do seculo actual... *sem vintem!*
- Excellente! excellente!..,
- Uma mulher rica é a chave d'ouro, que abre as portas da politica e das grandezas; é o talisman poderoso, que torna o marido homem de bem ainda que seja um tratante, formoso como Adonis ainda

que seja um Vulcano ! uma mulher, que se faz acompanhar de pingue dote, é fresca como um botão de rosa, mesmo tendo mais de sessenta annos de idade, e bella como a Venus de Medicis, mesmo com uma cara de desmamar crianças.

— Ah !... que noivo perdeu em Faustino a minha querida Bonifacia !... a natureza os tinha sem duvida formado um para o outro : o rosto della e o coração delle sao dous irmãozinhos gêmeos.

— Embora : zomba de mim, como te parecer ; no entanto são estes os meus principios invariaveis.

— E a consequencia ?...

— Ora... a consequencia é casar-me.

— Mas com quem, diabo, com quem ?...

— Com uma mulher rica, está visto.

— E querer-te ha ella ?...

— Entre dez ou doze sempre acertarei com uma que me queira.

— Bom... bom ! já tens dez ou doze de olho ?...

— Vinte cinco.

— Um quarteirão de noivas !... ricas todas ellas, não é assim ?...

— Que pergunta !... eu fujo de mulher pobre, como um ladrão da policia.

— Mas cuidado, Faustino ; olho vivo ! eu conheço alguns que abraçaram a nuvem por Juno : foram atraz do dote, e sahio-lhes a emenda peor que o soneto.

— Erão uns tolos. Cá commigo a cousa é outra : tenho todas as vinte cinco documentadas.

— Que ? !... documentadas ?...

— Pois então ?... não ha cartorios na côrte, e nos cartorios não se encontrão inventarios ?... não se achão amigos officiosos para dar informações ?... caixeiros que contão o que lêem nos livros dos amos... etc., e etc ?...

— Ah! Faustino! quanta pouca vergonha está en-
vivi nesses *et cætera*!...

— Cala-te: sou teu amigo, conto com a tua ami-
zade e é por isso que te faço confidente dos meus
segredos.

Bem, mas dize-me: eu conheço alguma das
tuas vinte cinco noivas?...

— Muitas.

— Oh! illustre e genuino representante da época,
falla, quaes são ellas?... onde morão?... quanto têm
de dote?

Faustino abriu uma gaveta, tirou de dentro uma
folha de papel, e voltou-se para o Juca:

— Dar-te-hei conta daquellas que conheces; as
outras pouco te importão.

— Sim; vamos a isso.

Faustino começou a ler:

— « D. Laura, moça ainda, de vinte annos pouco
mais ou menos, não é feia: orphã, vive na com-
panhia da avó, cujos bens chegarão quando muito a
sessenta contos de réis. Coube-lhe em legitima seis
escravos, um piano, e uma mobilia velha, mas é a
única herdeira da avó, e morreu-lhe ha pouco uma
tia, que lhe deixou uma chacara no valor de vinte
quatro contos de réis »

— Oh!... esta já te servia, Faustino!

— Nem por isso; só se lhe morresse a avó tres
dias depois do nosso casamento.

— Adiante.

— « D. Clarice: vinte e seis annos, pais vivos,
tios solteiros ricos; feia e côxa; mas com uma von-
tade de casar desesperada; dote em moeda e de
corpo presente cincoenta contos de réis: pela morte
dos pais, que são sovinas, *fortunão*; tem dous
irmãos, mas um está phthisico e outro é doudo.

— Bravo!

— « D. Rosa, filha de Mauricio : legitima materna — trinta e tres contos de réis, pela morte do pai caber-lhe-ha o triplo ; porque é filha unica, e Mauricio tem fortuna solida ; suppõe-se que um tio de nome Anastacio a deixará por sua herdeira. D. Rosa é fazenda fina : bella, espirituosa e muito moça, mas tem veia de maluca ; diz que não quer casar.

— A melhor !... sublime !...

— « D. Irene : viuva ; idade cincoenta e cinco annos ; dentadura postica ; tinge os cabellos ; é um pouco corcovada ; horriavelmente feia ; genio de mil diabos ; namorada e presumpçosa ; dizem que adiantou a morte do marido ; tem quatrocentas apolices de conto de réis, e não deve nada e ninguém ; é um anjo !

— Bravo !... bravo !...

Faustino suspirou.

— Prosegue, disse-lhe o Juca.

— Não, não ; respondeu o ex-publicista dobrando e guardando o papel ; quando chego ao nome desta encantadora Irene, não tenho animo de passar adiante.

— Tu brincas, Faustino.

— Nunca fallei tão serio, Juca ; D. Irene possui quatrocentas apolices de conto de réis... é um seraphim !...

— Velha... feia .. rabugenta... massante... falando como uma maitaca...

— E com quatrocentas apolices de conto de réis !!!

— E fazendo-se quasi sempre acompanhar da filha e da sobrinha de D. Mafalda para mais horriavel parecer.

— Porque ?...

— Porque a primeira dessas moças tem uns olhos pretos, que fazem morrer de amor a quem os vê.

— Essa terá de dote apenas uns dezeseis a vinte mil cruzados, e por tal preço não carregava eu uma mulher para casa.

— E a outra tem uma boca tão bonita, tão engraçada que...

— Que parece mesmo estar pronunciando a palavra de maldição : *sem vintem !*

— Por consequencia amas a velha...

— Não : isso nunca !

— Então...

— Adoro as apolices da velha : que queres mais que eu diga ?...

O Juca sentou-se, e dando a seu rosto um ar solemne e grave :

— Faustino, disse ; devo pensar, que desde meia hora gracejas comigo.

— Ao contrario.

— Pois então affirmo-te, que moço ainda em annos, estás velho já na desmoralisação !

— Que !

— Digo-te que causa pena ver um homem na idade dos sentimentos nobres e ardentes, na idade do desinteresse e da abnegação estar já corrupto, como aquelle que envelhece no crime.

— Isto é realmente muito sentimental !

— Digo-te, que a consciencia d'aquelle que vende a sua liberdade, o seu amor, a sua honra por um ou por mil contos de réis é uma consciencia de mesa de leilão, ou de taboleiro do mercado.

— Que pedaço d'asno.... ainda está com os beijos com que mamou.

— Digo-te que o homem que illude uma mulher, jurando-lhe um amor que lhe não tributa, que leva a pobre infeliz ao altar de hymeneu e lá estende a dextra não a ella, mas ao seu dinheiro, é um homem baixo e vil. como o verme ; é um miseravel

que deshonra a sua especie, e tem um coração batido na casa da moeda.

— Bravo !... que reformador da sociedade está se criando aqui !

— Zombar da mais fraca das creaturas... zombar da mulher... mirrar-lhe n'alma a flôr sagrada, que Deus lá plantou... rir-se... matar afogado no escarneo o seu elemento de vida... o amor !

— Assim, meu poeta, tens razão ; toma a defesa das santinhas ; *matar afogado no escarneo o seu elemento de vida... o amor !* e o mais é, que é assim mesmo ! o amor é o seu elemento de vida ; por isso ellas vivem amando sempre a um, dez, vinte, cinquenta... cem...

— O erro de algumas não póde importar a culpa de todas.

— Estão no seu direito... devem viver, e tratar de viver : o amor é o seu elemento de vida ; *magister dixit.*

— Faustino ! tu não tens um atomo de generosidade no coração.

— Juca ! tu não tens um globulo homœopathico de juizo na cabeça.

— Eu préso a honra.

— Eu reconheço o poder do dinheiro.

— Nunca passarás de um cambista.

— E tu has de ser poeta toda tua vida.

— Oh !... praza ao céo, que eu podesse merecer o nome de poeta.

— Ah !... quem me déra poder casar com as quatrocentas apolices da velha Irene....

— O mundo te escreveria na fonte — baixo e vil.

— E havia de ler-te nas magras algibeiras : — *sem vintem*

— Antes isso.

— Pois não discutamos mais, meu Juca : estamos ambos firmes em nossos principios ; vamos vivendo com elles, e no meio da viagem veremos quem se arrepende.

— Talvez que possas rir-te no meio da viagem, mas no fim ? !

— Lá chegaremos. Agora o que mais me importa é o obsequio, que te pretendia pedir

— A mim ?... sobre isto ?....

— Sim.

— Creio que nao nos podemos entender, Faustino.

— A cousa é de simplicidade extrema.

— Dize lá !

— Escuta : apesar de toda essa moralidade que ostentas, tu, pobre peccador, commettes a fraqueza de namorar a meia duzia de moças de cada vez.

— Adiante, disse o Juca um pouco desconcertado com aquella justa observação.

— Em casa de Mauricio, continuou Faustino, além de fazeres os teus cumprimentos á filha e á sobrinha de D. Mafalda, finges-te apaixonado de D. Laura, mettes figas a D. Rosinha, e nem ao menos desanimas a minha encantadora Irene, que te persegue com tanta constancia, como um preterdente a empregos publicos aos ministros de estado.

— E que mais ?...

— Quizera que me fizesses o especial favor de te tornares exclusivo.

— Detesto o exclusivismo : o privilegio mata o progresso ; *magister dixit*.

— Olha : com a filha e a sobrinha de D. Mafalda não é minha questão : podes continuar a amar a ambas ao mesmo tempo.

— Obrigado pela concessão ; e as outras ?...

— As outras é outro caso, Juca ; faz-se preciso

que te decidas por uma : ou D. Rosinha, ou D. Laura, ou a interessante Irene.

— Até essa ?...

— Que remedio ! bem me custa ; mas eu quero a paz.

— Portanto...

— Decide-te por uma : reflecte sobre a que mais te convém.

— Tenho reflectido.

— E então ?...

— Convém-me todas tres.

— Mesmo a velha ?...

— Mesmo a velha.

— Juca ! queres por consequencia levantar-te diante do meu futuro.

— Já me cansas a paciencia, Faustino !

— Queres encontrar-te comigo no campo da batalha ?...

— E tu queres deixar-me socegar alguns instantes ?...

— Juca, repara que eu posso tirar uma desforra estrepitosa !

— De quem, pateta ?...

— De ti, meu sabio.

— Pois tira-a.

— Tu me desafias ?... tu me lanças a luva ?... bem : fica sabendo que para ti nem Laura, nem Rosa, nem velha.

— Começas a divertir-me um pouco, Faustino.

— Eu te previno : no baile de D. Laura arranco-te a mascara...

— Muito bem.

— Demonstrarei que és um inconstante, um bandedeiro, um beija flôr de casaca...

— Perdes o teu tempo : ellas já sabem disso...

— E apparecendo constantemente a teu lado...

— Misericórdia?... dessa maneira sim fico perdido...

— Então porque?...

— Por causa daquella maldita regra de que constantemente me queixo : ah ! Faustino ! porque a mulher pega sempre no peor !

— Ainda em cima o escarneo !

— Pois se somos inimigos ! não disseste, que nos iamos bater ?

— Bem : perdôo-te tudo quanto fizeres contra mim no baile.

— Eu ? ! palavra de honra que não pretendo occupar-me contigo a quarta parte de um minuto.

— Até o baile, Sr. estudante !

— Oh ! pois não ! até o baile, meu caro e respeitavel cambista ; até o baile.

XVIII

Manhã de Moças.

A chacara de Laura, situada em um dos arrabaldos mais estimados desta nossa boa cidade do Rio de Janeiro, se desdobra pela encosta de um monte pouco elevado, repartida em bellas zonas de arbustos floridos, e em vastos quadrilongos cheios de arvores fructiferas. Ao pé do monte corre um tenue regato, que enroscando-se como uma serpente que foge, serpeja pelo valle até ir desaparecer embebendo-se

no mysterio de um bosque vizinho. No ponto mais elevado e pitoresco do sitio se levanta uma casa alta, espaçosa terminando-se pela frente em uma grande varanda, e aos lados por terraços, aquella, cercada de grades de ferro, e estes, de baixas muralhas de

^{lo}
Duas grandes salas abrindo-se ambas para a varanda, e cada uma para o terraço que a ladeia, alguns quartos em seguida, e emfim uma excellente sala de jantar, eis o que principalmente se faz notar nessa casa, que forma com seu pomar e seus jardins o precioso legado que uma tia amorosa deixára a Laura, tornando assim a sobrinha vinte vezes mais bonita na opinião de Faustino, e de muitos outros moços e velhos da moda, que embora não fallem com a franqueza do filho da velha Basília, pensão ao menos exactamente como elle.

Era pois ahí que vinha Laura festejar os seus annos, e aonde já se achava com algumas amigas suas desde a vespera do dia feliz.

Laura tinha escolhido a dedo as companheiras de que se rodeára. Os satellites erao sem duvida alguma bem dignos do astro em torno do qual giravao. Doze moças, que na balança das travessuras pesavao mais do que doze duzias de rapazes, formavao esse interessante grupo, onde a par da rainha da festa primavao entre outras a filha e a sobrinha de D. Mafalda, uma moça alta, magra e pallida, que se chamava Honorata, e que estava a um lustro teimando sempre em fazer vinte e tres annos, e emfim uma outra, que não tendo tocado essa idade, tinha ja um corpo de Senhora de quarenta, e apesar de a tratarem as companheiras por — Fifina — mostrava-se em opposição a Honorata e ao diminutivo do seu nome gorda e corpulenta como uma amasona da antiguidade.

A velha Juliana, que tambem desde a vespera havia acompanhado as moças, tinha em castigo ficado até alta noite sem poder pregar olho. Laura e suas amigas, chegando as horas de descansar, entenderam que muito conveniente lhes era dormirem todas em uma das duas grandes salas; e desde o momento em que derão as boas noites á pobre velha, e se acharam em completa liberdade, fizeram tal matinada, que o dormitorio improvisado parecia mais a escola do *Tico-tico* em dia de Santo Aleixo, do que sala onde estivesse gente de juizo.

Dizem muitos que de rapazes juntos até o diabo foge; pois o proverbio assenta ainda melhor nas moças: quando ellas se reúnem, e podem sem receio de olhos ou de ouvidos profanos, rir, brincar, e fallar livremente, a mais sonsinha dellas, a menos travessa de todas, vale o dobro do mais arteiro e endiabrado estudante.

Reinára a confusão da Torre de Babel no tal feminino dormitorio, que pôde em alguns momentos ser justamente comparado á *ante-sala de uma grande sala quando n'um certo dia do mez chega a suspirada folha*. Primeiro fallaram todas de uma vez atrapalhando-se mutuamente; juraram amizade eterna umas ás outras, que se achavão presentes, e disserão cobras e lagartos daquellas que estão ausentes; quando, graças á fadiga, não poderam mais fallar todas ao mesmo tempo, foi cada uma por sua vez, e com a maior modestia deste mundo, enumerando os seus apaixonados, e fazendo a historia de suas conquistas; e em tal empenho mostraram tão grande habilidade, que a carinha mais de desmamam crianças que lá se via, tinha pelo menos dez loucos admiradores. A observação do que se passa neste mundo demonstra que as moças que fallão quasi sempre a verdade, quando tratão de amor,

inventão e exagerão tanto, como um soldado que volta da campanha.

Quando não houve mais que contar, nem que dizer, appareceu em toda sua força a mania dansarina : uma propôz, e todas apoiaram. É preciso porém não esquecer que quem propôz foi a Fifina. A execução foi quasi tão prompta como a idéa : abriram a porta que dava para outra sala, onde estava um piano, e correram todas rindo, gritando, e forçando logo uma quadrilha variada e estrepitosa. Laura tocou, e suas amigas dansaram, menos uma, que ficou sem ter *cavalheiro*.

É escusado dizer que a dansa não seguiu nem teve a sua marcha commum e ordinaria : as senhoras que representaram de cavalheiros tomaram os nomes dos apaixonados das amigas, com as quaes estavam dansando.

— Oh ! mas tu não dansas, Ismenia ?... perguntou Laura á moça que ficava sentada.

— Eu agora não me chamo Ismenia, respondeu ella ; o meu nome é o teu — sou Laura.

— Pois bem ; não dansas ?...

— Oh ! não : o meu querido Juca não está presente ; não quero dansar.

Laura córou e as outras applaudiram ; a contradansa começou logo depois.

Fôra de vêr e de ouvir os gatimanhos que fizerão, e as finezas que disserão a seus lindos pares os cavalheiros improvisados ; fôra mesmo de admirar a graça e a verdade, com que os ausentes apaixonados forão allí arremedados no dansar, no fallar, e nos modos, o que dava lugar muitas vezes a risadas e palmas capazes de acordar a meia cidade. Como era natural, a contradansa tornou-se muito cedo no fado mais rigoroso, que tanto se prolongou, e com tanta desordem foi dansado, que a boa velha Juliana

perdeu de todo a paciência, e vindo bater á porta da sala, deixou ouvir a phrase costumeira :

— Meninas ! que bulha é essa ? vão se deitar !

De repente fugiram todas as moças, e correram como de ajuste para suas camas. Reinou por alguns momentos profundo silencio ; depois as mais traquinas beliscaram as menos desinquietas ; ouviu-se o ruido de algumas risadinhas mal comprimidas ; e finalmente, passados poucos instantes, continuou a algazarra. A paciente velha vio bem que nada podia conseguir de semelhante povo rebelde, e por isso não se quiz levantar outra vez inutilmente : sujeitou-se pois a passar a noite em claro, quando veio o mais trivial de todos os phenomenos fazer reinar a paz e a ordem no bulhento dormitorio.

Estavão de novo todas as moças de pé rindo e saltando loucamente : eis que de improviso cae do tecto uma innocente mas enorme aranha, que trata de salvar-se correndo por entre aquellas interessantes traquinas, as quaes mal percebem o *pavoroso bicho*, gritão, fogem, e se precipitão para suas camas, escondendo-se emfim por baixo das cobertas.

Quietas já e medrosas diante da aranha terrivel, que tendo conseguido tornar á sua têa, as observava de cima do tecto, como um juiz inexoravel, as pobres moças apenas d'ahi a algum tempo trataram de se despir, olhando no entretanto umas para as outras muito sorrateiramente e contando com o mais admiravel cuidado quantas saias cada uma trazia.

Após um longo velar vem um longo dormir : erão onze horas do dia, quando as bellas preguiçosas começaram a pensar em levantar-se.

A uma hora da tarde tinhão acabado de almoçar, e forão, todas a um tempo, espalhar-se pela grande varanda, como uma cesta de flôres que se tivesse derramado sobre o tapete de uma galeria encantada.

Além de todas as bellezas naturaes do sitio, tinha vindo uma manga d'agua, que chovêra ao romper desse dia, emprestar á chacara de Laura um encanto novo : o regato, que serpenteia no valle, tinha engrossado, e transbordando as margens, simulava um lago ao sopé da montanha.

Sobre o parapeito da varanda havia um oculo, do qual immediatamente tomou conta D. Isabel, que era sem mais nem menos a filha de D. Mafalda. de cujos bellos olhos pretos o Juca tinha fallado ao interesseiro Faustino ; e em quanto ella, mercê desse oculo, examinava os carros, cabriolets, e os cavalheiros, que de momento a momento ao longe passavão, parecendo ás vezes dirigir-se alguns á chacara de Laura, occupavão-se as outras em discorrer sobre o acontecimento da noite passada, que já era referido com tanta exaggeração, que a innocente aranha chegára a transformar-se em um enxame de centopêas. Não é possivel prever a que altura seria levada essa importante questão, se por ventura não fosse de subito cortada a discussão pela voz argentina de D. Isabel, que exclamou, sem despegar-se do oculo :

- Silencio ! basta de aranha !...
- Porque ?.., perguntaram todas.
- Porque brilha amor.
- Eutão o que é ?... o que é ?...
- Nada menos do que uma interessante cavalgada : D. Rosinha vestida de amasona, cavalgando um palafrem murzello; o Sr. Mauricio, em um ginete castanho ; o illustre commendador em um affeição que merecia mais que um Sancho, porque não ha Sancho sem D. Quixote; e o velho Anastacio em um rocinante magro !...
- Bravo ! bravo !
- Falta ainda o melhor.

— Vamos, pois !

— É amor que brilha, repito : é a formosa e encantadora Irene, que com um chapéu côm de amante, e um vestido côm de crisópraso cavalga uma linda hacanea côm de perola.

As moças desataram a rir.

— Chega amor ! chega amor ! gritavão por entre risadas.

Com effeito, a cavalgada que D. Isabel acabava de annunciar, vinha-se approximando da chacara de Laura.

— Já sabemos, disse uma, de que côm é o chapéu, o vestido e a hacanea de D. Irene; mas, D. Isabel, você ainda não disse com que côm vem ella mesma !

— Não se póde dizer de tão longe; tanto mais que ella muda de côm todos os dias, conforme a paciencia que emprega no acto de se cair.

— Bravo ! a cavalgada avança ! é D. Irene mesma ! vejam a graça com que meneia o chicotinho !

— Vão passar o regato...

— Não é o regato... é o lago : vão passar o lago encantado !...

— Afastem-se todas ! exclamou uma moça alta e magra que se chama Fernandina, e que tem olhos tão bonitos como os de D. Isabel; afastem-se, e saibão que eu declaro que D. Irene não é amor.

— Então porque ?...

— Porque é bicho.

— Ou Cesar, ou João Fernandes; observou D. Fífina.

— Mas a consequencia ?... perguntaram as outras a Fernandina.

— É que eu passei a ultima festa de natal em serra acima, e então tive occasião de aprender com uma velha a matar os bichos que dão nos animaes...

— Ora...

— Resa-se uma resa que eu sei, com os olhos fitos no lugar onde existem os bichos, e vão todos cahindo um por um como por encanto.

— Bem: e que mais?

— Quando D. Irene tiver de atravessar o regato, que ainda ha pouco se chamou lago encantado, fito os olhos nella, repito a oração que aprendi, e juro que a nossa viuva ha de tomar um banho.

— Que asneira!

— Qual asneira! a regra é infallivel; a oração não falha: D. Irene é bicho; logo ha de cahir.

De repente apinharam-se todas as moças no parrapeito da varanda, movidas por extrema curiosidade: a cavalgada chegava ao regato.

— Lá vem ella! disse uma das moças.

— Olhem os momos que faz...

— Que horriveis caretas não estará fazendo...

— Silencio! exclamou Fernandina. Já estou olhando fixamente para a interessante viuva: vou agora começar a oração.

Com effeito em quanto as outras moças observão a scena, a bella magnetisadora murmurava phrases imperceptiveis, tendo os olhos embebidos e quasi sem pestanejar na figura da velha Irene.

A cavalgada tinha parado um instante á beira do regato, porque a viuva foi logo accommettida de um terrivel ataque de faniquitos, que começaram a contrariar ao rabugento Anastacio. Logo depois o commendador deu de redea ao cavallo e passou o lago que não tinha mais que dous palmos d'agua, seguindo-o de perto muito de proposito o velho roceiro, que fustigando o seu rocinante molhou da cabeça aos pés o pobre Sancho.

Depois de Mauricio e Rosa teve finalmente de passar Irene...

— Emfim !... murmurou uma das moças no para-
peito da varanda.

E ou fosse o poder da oração, ou força magnetica dos bellos olhos de Fernandina, ou justo castigo dos sestros e momos da propria Irene, o certo é que no meio do chamado lago, ella talvez involuntariamente, soffreia o cavallo, que executando um movimento mais ligeiro, faz a velha perder o equilibrio e cahir dentro d'agua.

Não é possível descrever a scena que se passou então : o velho Anastacio ria-se tanto e tão sem cerimonia como a sobrinha ; Mauricio mal podia conter-se, e o commendador rindo-se tambem dava ordens aos criados para acudirem a Irene tendo os olhos embebidos em Rosa.

— Cahio ! cahio !... ella cahio !... exclamavão na varanda as moças a rir desesperadamente.

— Morreu o bicho ! disse com imperturbavel seriedade Fernandina, deixando o parapeito.

A festa que se fazia naquella varanda em louvor da queda de Irene, o côro de risadas estrepitosas, os epigrammas que se dizião não acabarião talvez nunca, se emfim não fossem interrompidos pela chegada de Mauricio e seus companheiros.

Operou-se então uma mudança completa na physionomia do bello grupo, que deixando a varanda, desceu a receber os recém-chegados : cada uma daquellas innocentes moças, que ainda ha pouco se desfazião em risadas com a queda da velha Irene, ia agora triste, e como resentida do fatal successo, cobrindo de lamentações e de pezames a pobre viúva, que de sua parte, e para disfarçar sua vergonha, quiz ensaiar um sorriso e conseguiu apenas fazer uma careta.

Logo depois a dona da casa conduzio a infeliz cavalleira a um quarto para mudar a roupa : não ha-

vião porém consolações, que podessem abafar a dôr pungente, que atormentava a viuva. Sua tristeza começava a incommodar tambem o restò da sociedade, quando felizmente chega á chacara de Laura D. Deolinda, directora de um collegio de meninas, e amiga dedicada da velha Irene.

D. Deolinda era uma senhora de mais de cincoenta annos, muito alta, muito magra, muito pallida, e muito pretenciosa. Tinha lido todos os dramas de Alexandre Dumas, e sabia de còr e salteado todos os romances de Paulo de Kock: apresentava-se pois como litterata, e era professora de meninas.

Apenas soube do que havia acontecido a Irene, correu a ter com a amiga, que a recebeu com os braços abertos. As outras senhoras forão pouco a pouco se retirando até que finalmente as duas representantes do seculo passado acharam-se a sós e em completa liberdade.

— Oh! minha boa amiga! exclamou a professora; que querem dizer essas lagrimas?...

— Ah! respondeu Irene por entre soluços; foi uma desgraça horrorosa!...

— Que! pois é a primeira vez que se vê dar uma queda de cavallo?!!

— A queda?... a queda é o menos: não direi que muitas caião; mas sei que ao menos se deixão escorregar para ter occasião de pôr á mostra metade da perna.

— Pois então...

— Oh! não! não foi a queda: são essas linguinhas de vibora, que ainda ha pouco sahiram daqui: veja minha querida amiga, a uma ouvi eu dizer ao ouvido de outra: « quando cahio n'agua parecia um balão cheio de gaz; e quando sahio do banho estava escorridinha, como um palito!... »

— Ora... deixe-as fallar: socegue.

— Qual ! tenho no coração um espinho que me fere sem cessar : sou muito desgraçada !...

— O que é que tem ?... falle...

— Ah ! nem ao menos trouxe o meu criado.

— Que importa isso ?

— As minhas mocambas pozerão na lata vestidos sómente...

— E d'ahi ?...

— E d'ahi... é que as minhas saias estão molhadas... ouviu ?... e... posto que eu não seja mal feita... olhe, minha amiga do coração, assim... com o vestido em cima do corpo, juro que não hei de apparecer.

E a pobre velha, que tinha balda de moça, desatou outra vez a chorar.

— Ah ! pois é só isso ?... perguntou D. Deolinda : anime-se ; hei de provar-lhe que sou sua amiga ; nós vamos remediar esse inconveniente.

— Mas como ?...

— De um modo muito simples ; como porém eu gosto dos acontecimentos inesperados, das figuras romanticas e vaporosas, proponho-lhe que feche os olhos, e que os não abra senão quando me ouvir bater palmas.

— E para que isto ?...

— Fie-se em mim ; aliás não temos feito nada.

— Ah ! exclamou a viuva ; eu me entrego de olhos fechados á sua amizade.

Dito e feito : Irene fechou os olhos e esperou ouvir as palmas ; emfim ellas soaram, e a viuva abrindo os olhos vio D. Deolinda em pé diante della mostrando-lhe tres grandes saias, que como por encanto apparecião alli.

— Oh ! minha boa amiga ! a senhora é o meu bom genio ! apparece no meio dessas bem aventuradas saias, como um anjo surgindo do meio de uma nuvem branca !...

D. Deolinda sorriu-se mostrando uma terrível dentadura postiça e pôz-se a olhar para os lados mirando-se, a ver como tinha ficado, depois daquelle enorme sacrificio feito á amizade : finalmente sorriu-se de novo, e disse :

— Não são bastantes ; mas sempre chegão para remediar.

— Ah ! respondeu a viuva suspirando ; ás vezes o pouco é uma riqueza espantosa.

A viuva tratou logo de vestir-se ; foi porém necessario fazer pregas nas saias que erão muito compridas, e assim se demoraram ainda tanto tempo as duas velhas, que quando voltaram á sala, já a acharam cheia de convidados, que vinhão a todos os momentos chegando da cidade.

O numero das senhoras era já muito elevado ; no entretanto brilhava Rosa sobre todas ellas. Viera á festa dos annos de Laura, como quem tinha comprehendido que recebêra antes um cartel de desafio do que um convite de amizade, e consequentemente apresentava-se armada de ponto em branco prompta para seu terrível combate, isto é : o seu vestido era magnifico, seus enfeites de apurado gosto, o seu ar o de uma princeza graciosa e bella, e o seu rosto, esse, como sempre, o de uma donzella encantadora, rosto, onde os traços os mais perfeitos resplandecião como o verniz da mocidade.

Laura tinha chamado a sua rival para sentar-se a seu lado, e conversavão ambas risonhas e affaveis, mas deixando ás vezes cahir no meio da conversação epigrammas finos, como pontas de alfinetes, com que mutuamente se ferião, sem que ninguem percebesse. Assemelhavão-se a um deputado da opposição sentado ao pé do ministro, a quem mais guerra fez, justamente porque lhe namora a pasta, e com quem conversa com a maior intimidade deste mundo,

minutos antes de ter a palavra para pôr patentes as miserias do ministerio aos olhos do pobre paiz.

A entrada de Irene e Deolinda na sala separou as duas amigas ; Laura correu a abraçar de novo a viuva, e foi sentar-se junto della, maldizendo a chuva que enchera o regato, e a queda fatal que dera Irene apezar de habilissima cavalleira.

Anastacio achava-se defronte do commendador no meio de uma roda de rapazes, que se divertião ouvindo as observações que fazia o velho roceiro a respeito de Sancho, de quem se fizera Cabrion desde que o julgára namorado da sobrinha.

D. Deolinda, como litterata e directora de um collegio de meninas, julgou dever chamar a sociedade a um ponto unico de conversação, que fosse não sómente agradavel, mas tambem moral : e portanto escolheu um objecto digno da sua idade e da sua profissão : fallou sobre amor.

Irene suspirava, o commendador estendia o pescoço, e o velho roceiro sabendo que Deolinda era mestra de meninas, já não podendo conter-se, propunha-se a entrar na discussão, quando D. Fernandina, que passeava na varanda, correu para a sala exclamando :

— Adivinhem quem vai chegar !

— Quem é ?...

— D. Basilia, sua filha, o Sr. Faustino, e....

— Quem mais ?...

— O Sr. Juca.

— Insensivelmente Rosa e Laura estremeceram ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo crayaram os olhos uma na outra.

Ambas coraram até as raizes dos cabellos : depois Laura lançou para a porta de entrada um olhar victorioso, e Rosa deixou pairar em seus labios um sorriso de ironia terrivel.

Tudo isto foi obra de um instante.

XIX

Fervet opus.

A sociedade reunida na chacara de Laura se abandonava toda aos ardentes encantos do baile : a dança, a musica, e o jogo occupavão a quasi todos ; a observação a alguns apenas ; e no meio desse ruido incessante, desse movimento geral, dessa alegria brilhante, que fazia resplandecer a physionomia da reunião, se estavam no entretanto passando mysterios curiosos, e intriguinhas femininas, que fazião o tormento de alguns corações.

O olhar soberbo e victorioso, que Laura havia lançado para a porta da entrada, quando se annunciára o Juca, fôra como uma setta envenenada, que se entranhára no seio de Rosa. Entre dous cavalheiros aquelle olhar seria uma luva atirada por um ao rosto do outro ; entre duas senhoras significa, além da certeza de um triumpho, um sarcasmo lançado contra a vencida : ião nesse olhar gloria, orgulho, e escarneo de mistura.

O amor proprio da filha de Mauricio levantou-se furiosamente revoltado contra razão della mesma : quebrou todas as suas prisões, lançou por terra todas as barreiras, e a todo custo bradou pela vingança ! Oh ! n'aquelle momento Rosa escutaria com o sorriso nos labios os protestos de amor do voluvel e travesso estudante, a quem até então fingira desprezar

sómente para ter tambem occasião de por sua vez olhar orgulhosa e victoriosamente para Laura.

Mas o que lhe cumpria fazer para vingar-se? o espirito da exaltada moça perdia-se em um labyrintho de duvidas e contradicções: continuar a mostrar-se sensível aos obsequios do commendador era um meio, que nem até nesse dia lhe aproveitára. nem mesmo tinha ella mais forças para emprega-lo; ir ella mesma procurar reconciliar-se com esse cruel e desinquieto mancebo era um passo pouco digno de uma senhora qualquer, e ainda menos d'ella, que tinha consciencia do que valia; mostrar-se, como até então, indifferente aos triumphos de sua rival, não comportava mais o estado do seu coração, pois que Rosa já havia tragado até as fezes do seu calix de amargura de moça bonita, que ama e que deseja ser amada.

Todas estas idéas se revolvião no animo da filha de Mauricio de um modo terrível, sem que ella ao menos pudesse tomar um partido decisivo. A tarde assim se passou, veio a noite, chegou enfim a hora do baile, abriu-se o campo da grande batalha, e Rosa nelle se arrojou, como um bravo cavalleiro que entra na lucta sem medo e ao mesmo tempo sem esperanza de victoria.

O Juca, o endiabrado estudante causa de tantos tormentos, se por ventura tinha tambem espinhos no coração, ao menos sabia bem escondê-los, apresentando-se contente e feliz, todo entregue aos prazeres da festa. Ainda mais, via-se elle no meio de uma sociedade escolhida; para qualquer lado que voltava os olhos, encontrava uma senhora interessante, e cedendo talvez á sua indole, abrindo os pannos a seu genio, ou, como elle muito seriamente dizia, desempenhando a nobre missão de estudante, fazia um cumprimento a cada velha que encontrava,

e um juramento de amor a cada moça que o queria ouvir. Se o Juca, assim procedendo, seguia ainda á risca os conselhos que em uma outra noite de baile recebêra de Rosa, e que contra ella mesma os pozera em pratica, colhia dous proveitos desta vez, porque ao mesmo tempo que occultava o amor profundo, que tributava a Rosa, e feria a vaidade della requestando á sua vista outras senhoras, aproveitava tambem o seu tempo *divertindo-se* em incensar todas as bellezas, e em zombar de todas as pretenções ridiculas.

Realmente o estudante estava de veia para a travessura. Tinha nessa noite o diabo no corpo : alegre e espirituoso, onde elle se achava, brilhava o prazer ; esquecido do passado, e ainda menos cuidadoso do futuro, nem se recordava do desafio de Faustino, nem attendia bastante aos ciumes de Laura que córava de despeito e de colera vendo-o render finezas a quasi todas as suas amigas.

Com toda a coragem de um cavalleiro da idade média, ao qual não era permittido trocar por atalhos ou por outro caminho aquelle, onde havia um gigante, um monstro, ou um perigo qualquer, o Juca nem mesmo recuou diante da velha Irene, dansou com ella uma quadrilha, e esgotou todos os recursos do seu espirito, fazendo o elogio dos encantos da viuva em um comprido passeio ; quando enfim a tinha deixado em uma cadeira e vinha passando perto de um grupo de moças, entre as quaes se achavão Laura e Clara.

— Com effeito, senhor Juca, disse esta ; o senhor hoje está admiravel ! até a joven Irene lhe enfeitiça ?...

— Ah ! D. Clarinha, foi uma recordação do passado : estive a lembrar-me da minha querida Bonifacia.

— O Sr. Juca é mesmo como um beija-flôr!... murmurou sorrindo-se uma mocinha, que dava o cavaco pelo estudante.

— Porque está no meio das flôres, não é assim, Sr. Juca?... disse outra.

— E tambem porque me vejo cercado de borboletas, accrescentou elle.

— Não sei se tem razão para dizer tal, observou Laura mordendo os beiços; mas emfim se é por isso, que é beija-flôr, diga-nos tambem por que motivo tem coração de Mouro?...

— Oh! é muito!...

— Tenho-o, minha senhora; é certo: mas porque conto com a caridade christãa de V. Ex. para me perdoar os meus peccados.

— O senhor sabe que a mulher perdôa com difficuldade.

— Mas em compensação esquece muito facilmente.

E antes que a despeitada moça lhe viesse com novo ataque, o estudante foi-se afastando do bello grupo.

— Que é isto, Juca? perguntou-lhe Faustino, então já foges das moças?

— Diabo! a rainha da festa está em maré de ciumes!

— Mas isto cheira a rompimento, homem!

— Qual! amanhã venho jurar-lhe que estava doudo na noite de hoje, e ella, mesmo por interesse proprio, aceita essa explicação, como aceitaria qualquer outra: adeos! adeos! não estou para massadas.

E enquanto Faustino ficava pasmado daquelle character vivo e ligeiro do Juca, ao qual aliás deveria estar muito acostumado, ia este atravessando as salas, e correndo os terraços e a varanda em

procura da sobrinha de D. Mafalda, com quem tinha de dansar a terceira quadrilha e por quem começava a interessar-se um pouco mais, do que por muitas outras.

Rosa que com toda habilidade e dissimulação proprias de uma mulher havia observado o proceder do Juca naquella tarde e noite, comprehendêra logo por que torturas deveria estar passando o coração da sua rival. Não bastava porém isso nem para sua vingança, nem para o seu amor : para o seu amor era necessario, que o estudante viesse cahir a seus pés, e ahi de joelhos lavasse com lagrimas de sincero arrependimento as suas passadas culpas; e para sua vingança preciso se fazia que Laura diante della cravasse no chão aquelles mesmos olhos, que tinham olhado com tanto fogo para a porta da sala. Obrigada portanto ás vezes pelo desejo de testemunhar os soffrimentos de sua rival, e quasi sempre por um impulso irresistivel, que, apezar seu, a fazia procurar um homem ingrato. Rosa por toda parte acompanhava, embora de longe e com disfarce admiravel, o feliz estudante, soffrendo tanto como Laura, e provando magoas acerbias naquillo mesmo, que servia á sua vingança.

Laura naturalmente ciumenta e vaidosa, como a sua antiga camarada, desesperava, observando o proceder do Juca; e mal podendo disfarçar o que em seu coração se passava, com ciumes de Rosa, de todas as suas amigas, e até de Irene, seguia tambem os passos do maldito estudante sem saber por que nem para que.

Aconteceu o que devia acontecer : as duas rivaes encontraram-se no momento mesmo, em que o Juca sahia de um dos terraços. Entravão nelle Rosa e Laura ; aproximaram-se ambas : Laura estava muito córada ; Rosa conseguiu sorrir-se ; estendeu o

braço, e apontando com o dedo para uma das portas :

— Foi por alli, disse.

— Quem?... perguntou Laura.

— Elle.

— Ah ! Rosinha, tu calculas mal pensando acher em todos a tua penetração e habilidade : eu sou quasi estúpida, e sobretudo... não entendo enigmas.

— Enigmas ? tornou Rosa ; oh ! sim ! é muito bem applicada a palavra !...

— Como ?...

— Tens razão, Laura ; elle é realmente um enigma !

— Já o decifraste, Rosinha ?

— Oh ! não !... hoje principalmente eu o julgo indecifrável ; não é assim, Laura ?...

— Hoje ?... hoje ?... consola-te pois, Rosinha ; elle é ainda hoje, como foi *hontem* !

E Laura carregou na palavra hontem.

— Sim ?... respondeu Rosa ; pois então, Laura, toma cuidado ; porque elle mostra que ha de ser toda sua vida o que está sendo hoje.

— Ah ! queres assustar-me com o futuro ?...

— Eu ?... como ?!! eu tenho a certeza de que o futuro não será teu.

— Começo a não comprehender-te.

— Então é melhor assentarmos que não nos comprehendemos uma a outra.

— Pois eu comprehendo a ambas as senhoras, disse Faustino aproximando-se.

— Quanto a mim não duvido ; mas veja, senhor, que a minha amiga não está no meu caso, disse Rosa.

— Sr. Faustino, acudio Laura ; observo-lhe que Rosinha é a modestia personalisada.

— Seja como fôr, eu digo que comprehendo a au-

bas as senhoras especialmente a respeito de certo ponto, que é um mysterio para quasi todos.

— Eu já tinha ouvido dizer ha muito tempo, que o Sr. Faustino é um moço muito habilidoso!

— Minha senhora, desta vez a ironia parece irmã gemea do medo.

— Porque ?...

— Porque receia talvez que eu lhe descubra um segredo.

— Oh !... não !... eu não tenho segredos : sou transparente como vidro sem aço.

— Não é tanto assim ; e se quizer experimentar..

— Diga.

— Sei de um segredinho, que diz respeito a duas amigas do passado que se fizeram duas rivaes no presente.

As duas moças hesitaram.

— Anda ahi nessa historia um diabolico estudante, que realmente não merece que por elle se quebre uma antiga amizade de collegio.

— O senhor quer divertir-se á nossa custa ?... perguntou Laura.

— Ao contrario : desejo sómente soldar as doces correntes que vejo quebradas, mostrando o máo character do homem, por quem tantos extremos se fazem.

— Laura, eu creio, que o Sr. Faustino nos quer divertir com algum romance de sua composição !

— Nesse caso devo prevenilo de que não sou apaixonada de novellas.

— Minhas senhoras, declaro que apesar de todos os pezares hei de cumprir a minha missão ; no entanto confesso, que preferiria dirigir-me a cada uma das senhoras em particular.

— Infelizmente jurámos nós duas ainda ha pouco não nos separarmos um só momento em toda esta noite.

— Então não tenho outro remedio senão depositar os segredos de ambas no seio de uma e outra.

— É melhor assim, Sr. Faustino ; fica sendo um segredo mutuo.

— Minhas senhoras, ha neste mundo homens insolentes, homens sem generosidade, que zombão do mais sagrado dos sentimentos ; que fingem amar para ser amados ; e que sómente querem ser amados para ostentar na presença de seus amigos os triumphos que obtêm sobre os corações das incautas, que nelles acreditão !

— Devéras, Sr. Faustino ?!! perguntou Laura mostrando-se admirada.

— Já se vio que descoberta ?... Realmente o Sr. Faustino tem muito talento ! observou Rosa.

— Um celebre estudante, que por aqui anda, proseguio Faustino sem se desconcertar, um afamado Juca, que vive a rir de tudo e de todos, está exactamente nesse caso.

— Outro achado !...

— É verdade !... um estudante com tal defeito é uma cousa extraordinaria !

— Oh ! mas o que deve mais incommodar as senhoras, é que elle se ufana de ter um throno no coração de cada uma de VV EEx.

— Um throno no coração ?.. que asneira ! Sr. Faustino, o amor é eminentemente republicano.

— E o fatuo e immodesto estudante faz ainda mais do que isso : commette mesmo a indiscrição de contar a quem o quer ouvir todos os episodios dos seus amores, e com graça tal, que faz rir as pedras.

— Deveras ?....

— Por exemplo, tratando de V. Ex., Sra. D. Rosinha, depois de descrever uma bella festa de S. João passada na chacara do Sr. seu pai, pinta scenas que ahi tiverão lugar entre elle e V. Ex. ainda menina,

e fez com tanto espirito que parece repetir uma comedia ; depois falla de uma conversa que teve com V. Ex. em certo baile, e dos conselhos que então recebeu para se fazer amar.

— Só isso ?...

— Diz mais que empregou esses conselhos contra V. Ex. mesma, e que conseguiu resultados maravilhosos.

— Basofias de estudante, Sr. Faustino.

— Gaba-se ainda de haver recebido de V. Ex. um bilhete amoroso na medida de uns sapatos.

Laura desatou a rir.

— E esse nobre mancebo, acudio Rosa córando, não julgou certamente a proposito dar aos seus amigos a leitura do meu bilhete.

— É verdade, que não chegou a esse extremo : contentou-se apenas com repetir o conteudo delle.

— E era muito terno, Sr. Faustino ?...

— Ah ! minha senhora ! palavra de honra, que Juca não merecia tanto !

Rosa estava rubra de despeito.

— E que mais dizia o bom do estudante ?... perguntou Laura.

— Zombava como sempre : marcava os erros de grammatica, e uma cousa que elle chama — maravilhas de orthographia feminina.

— Rosinha, continuou Laura ; tu has de escrever com uma graça admiravel !... eu daria um anno de minha vida para ler uma carta de amor, que tivesse sahido de tua penna.

— Laura, isso é bem facil : pede ao Sr. Juca que te mostre o bilhete que eu lhe escrevi, e verás então de que natureza é elle. No entretanto se é indigno abusar da confiança de uma Sra, muito mais indigno é ir calumniar a quem...

Rosa não pôde continuar; uma nova risada de Laura a interrompeu.

— Minha senhora, disse Faustino; eu sinto tanto haver incomodado a V. Ex., como estimaria facilitar-lhe um ensejo para sua justificação.

— A minha justificação, senhor, está nesse mesmo bilhete de que me fallou.

Laura continuava a rir-se perdidamente: o escarneo e o ciume adevinhavão-se n'aquelle rir de rival. Rosa não se sentia nem confundida, nem contrafeita: com a consciencia de que era innocente, achava-se talvez com forças para arrostrar a calumnia; amando porém muito ao indiscreto estudante, começava-lhe a doer dentro d'alma principalmente a certeza de que tinha empregado mal o seu amor. Houve alguns momentos de silencio; uma lagrima correu pela face da moça, que a enchugou sem procurar escondê-la.

— Tu córas, Rosinha? perguntou Laura.

— Sim, respondeu-lhe a rival; lastimo um desengano de mais; sinto encontrar um calumniador no homem que sempre julguei ligeiro; nunca porém sem honra.

— Tem paciencia, minha querida; estamos todas expostas a estes contratempos; vê-se bem que não somos sómente nós, as mulheres, que não sabemos guardar segredos.

Rosa respondeu á observação de Laura com um olhar de desprezo.

— Com effeito, tornou Faustino dirigindo-se a Laura; a Sra. D. Rosinha deve consolar-se; não é só ella a unica victima de calumnias desta natureza. V. Ex. soffre tambem, como ella, e pela mesma razão.

— Eu?... e como?...

— Trata-se do mesmo homem, e da mesma ma-

teria; com a unica differença de ser desta vez a zombaria muito maior.

— A zombaria?... exclamou Laura fazendo-se vermelha; a zombaria?!!

— É verdade, proseguio Faustino, que o celebre estudante confessa que durante muitas semanas luctou debalde contra a indifferença, e mesmo contra os desprezos de V. Ex. : mas depois...

— Depois o que, senhor?...

— Estes estudantes fazem artes do diabo! diz o Juca que elle morava no segundo andar da casa da senhora sua avó; conta cousa admiraveis de uma enfermidade que V. Ex. soffreu, e na qual teve elle a gloria de ser o seu enfermeiro.

— É verdade, senhor, obsequiou-nos muito.

— Depois do seu restabelecimento, o Juca que até então a achava (é elle que o diz, minha senhora)... bonitinha sim, mas um pouco desengraçada, começou a experimentar por V. Ex. um certo sentimento que elle chama — amor — ; debalde porém... o estudante não era attendido : em taes circumstancias vale-se de uma astucia, finge-se doente, e diz que quer morrer de fome; derrama-se a piedade no coração de V. Ex., que vai levar um caldo ao doente : caldinho milagroso certamente!... o pobre enfermo resuscita... os desprezos vão-se desfazendo como as trevas da noite ao romper da aurora... e finalmente a indifferença derrete-se ao fogo do amor, e em lugar delles ou della, porque o diabo leve quem entende desprezos misturados com indifferença, rebenta a paixão, que...

— Basta, senhor...

— Tambem apparece aqui o episodio das cartas, e a tal orthographia...

— É muito.

— Em conclusão...

— Em conclusão esse estudante... esse homem é pouco mais ou menos como todos os outros homens!

— Minha senhora, reconheço o motivo de suas queixas; respeito a causa da sua magoa; mas não sei se tem razão de julgar todos os homens como..

— Devemo-los julgar assim, observou Rosa; tanto mais que temos diante de nós um homem, que é tão falso ao seu amigo, que procede tão feiamente com elle, como calumniando-nos, procedeu feiamente comnosco esse moço, de quem se fallou ha pouco.

E dando o braço a Laura, Rosa deixou Faustino só, e com cara de tolo em pé no meio do terraço.

— Eis o que se chama ingratição! disse comsigo mesmo o publicista: acabo de prestar um serviço verdadeiramente importante a estas senhoras, e ellas me deixão como se fugissem de um inimigo. Está visto! o coração da mulher é uma giringonça tão atrapalhada, como qualquer das leis do imperio, com o seu cortejo de instrucções e rabo-leva de interpretações!... no entretanto consegui o que desejava. O estudante está nas embiras: dei-lhe um *chec mate*: vinguei-me!

A musica chamou os pares á sala: Faustino não tinha par para essa quadrilha, e ficou passeando no terraço; o Juca devia dançar então com a rainha da festa; chegou-se pois a ella, e disse sorrindo-se agradavelmente:

— É chegada a feliz hora!

Laura ficou durante algum tempo com os olhos fitos no estudanté; conhecia-sê, ao primeiro olhar, que ella fazia esforços inauditos para conter-se. Emfim, rompeu o silencio, respondendo muito seccamente:

— Não danso.

— Mas...

— Estou doente, continuou Laura; ou mesmo estou de perfeita saúde; não posso, ou se peior lhe parecer, não quero; em uma palavra, não danso.

— Se ao menos eu pudesse compreender...

— Uma cousa ha pelo menos, que já deveria ter comprehendido.

— O que então, minha senhora?...

— Que faria bem em ir procurar uma outra senhora para dansar.

O estudante fez uma reverente cortezia á despeitada moça, e julgou que em vez de dansar, mais lhe convinha então ir apreciar o fresco da noite, e acertando de encaminhar-se para o mesmo terraço onde estava Faustino, encontrou-se com este cara a cara.

O Juca tinha necessidade de encobrir a vergonhosa retirada que acabava de fazer: estendeu pois a mão a Faustino, exclamando alegremente.

— Oh! meu publicista!... por aqui?...

— Não admira; porém tu.

— Estou fatigado.. não quiz dansar... acho neste baile um não sei que de maçante...

— É certo; eu penso quasi do mesmo modo; no entretanto tem-me admirado não te vêr dansar uma só vez, nem com a bella Rosinha, nem com a ciumenta Laura.

O Juca tinha cravado os olhos no rosto de Faustino, e de repente apertando-lhe outra vez a mão, mas desta vez com bastante força:

— Está direito, disse; cumpriste a tua palavra. Toma porém cuidado, publicista; que eu juro tomar sobre ti uma boa desforra de estudante!

— O que é isto, homem?...

— Meu triplice jornalista, acabo de lêr no teu rosto, e de apanhar nas tuas palavras a explicação de um phenomeno que eu não comprehendêra: agora, conta comigo!

— Juca, quererás ficar mal com o teu fidus Achatés?...

— Eu?... exclamou o estudante desatando uma risada; pois crês que eu te faria essa honra? oh! não: amigos como d'antes. Continúa no emtanto a tua nobre missão... persegue-me, corta-me as azas, inventa intriga, e calúnia; faze de conta que estás escrevendo os teus artigos periodicos; mas não descanses; avante sempre! porque eu hei de vingarme, palavra de estudante!

E ligeiro como sempre, o Juca desapareceu aos olhos de Faustino, para correr á varanda, onde vai encontrar o objecto de seus primeiros amores, a infeliz Rosa, que tendo fugido á multidão e ao prazer, meditava tristemente, debruçada no parapeito da varanda.

O estudante não pôde conter-se, observando a tristeza da filha de Mauricio.

— Minha senhora, disse elle; por mais indigno que me julgue para poder merecer a sua confiança, atrevo-me a perguntar-lhe a causa de tão estranha melancolia.

Rosa levantou o rosto: conhecia-se que tinha chorado.

— Senhor! disse ella; é chegado emfim o momento de lhe fallar bem seriamente.

— Como?...

— Por mais indifferentes que sejamos hoje um para o outro... e observe que eu não me lastimo dessa nossa mutua indifferença.

— Eu o reconheço, senhora.

— Pois bem, por mais indifferentes que hoje sejamos um para o outro, não é possível negar que em nossa vida houvesse uma época em que ambos... pelo menos nos estimámos.

— É verdade, respondeu o Juca tristemente.

— Ah! pois então... rir dessa época... zombar della.... fazê-la servir ao divertimento de seus amigos... e ainda mais, esquecer a fraqueza de uma triste mulher, descendo até o ponto de caluniala... oh! é bem triste!

— Senhora!

— É bem triste... foi bem cruel; porque eu chorei; porque eu me arrependi do prazer que havia sentido em alguns dos mais bellos dias da minha vida!

— Meu Deus! meu Deus!

— Bem cruel ainda; porque eu me lembrei de minha mãe tão carinhosa e tão boa; porque vi infructuosa e perdida uma benção, quasi a ultima, que ella deixou cahir sobre a cabeça de um moço e de uma menina que choravão juntos!

— Senhora! eu juro...

— Nada mais, exclamou Rosa; nem mais uma palavra sobre isto.

E a pobre moça desatou a chorar; depois de algum tempo levantou os olhos, e vio diante della o Juca melancolico e pensativo; apezar disso o rosto de Rosa pareceu brilhar um instante animado pela colera; mas de repente cedendo ella mesma a subito movimento, pôz-se a rir, e exclamou alegremente:

— Ao prazer!... o nosso mundo é este! vivamos assim, vivamos para elle! Sr. Juca, eu estava louca, perdão! eis-me outra vez com juizo: tudo está decidido! ao prazer! á dança!

E correu para a sala sem dar tempo ao Juca para suspendê-la, nem accrescentar cousa alguma.

O estudante passeou muito tempo ao longo da varanda, pensando sobre o que acabava de ouvir: se o despeito de Laura não o havia preoccupado bastante, porque emfim a essa pobre senhora elle apenas fingia amar com esse criminoso sangue frio

de que se fazem réos tantos outros mancebos da nossa sociedade, o resentimento de Rosa vinha causar-lhe a dôr mais profunda e verdadeira : pela extensão dessa dôr podia elle avaliar bem o estado de seu coração. O estudante amava a Rosa mais que nunca : amava, como nos primeiros dias do seu amor.

Emfim conseguiu o Juca arrancar-se de suas reflexões, e voltando á sala, o primeiro objecto que tocou suas vistas foi a filha de Mauricio passeando pelo braço do commendador Sancho, que fazia chover sobre a paciente senhora um diluvio de estupidas finezas.

Em pé, n'um canto da sala, e com os olhos embebedos naquelle par tão desproporcionado, estava o velho Anastacio roendo as unhas, resmoneando incessantemente, e enchendo-se de razões para talvez em breve rebentar em um excesso de furor.

Como occupada de um unico pensamento, e movida por um empenho importante, Rosa desprezava completamente o olhar de reprehensão de seu velho tio ; e, tendo o sorriso nos labios, escutava os protestos de amor que lhe fazia o illustre Sancho com demonstração de prazer tão viva, que o menos perspicaz dos observadores leria nos olhos da filha de Mauricio mil pensamentos do amor o mais ardente ; desde o momento porém, em que ella vio o Juca chegar á sala, tornou tão sensiveis os afagos, que fazia ao commendador, que o rabugento Anastacio, receiando talvez não poder conter-se em silencio por mais tempo, sahio desesperado, lançando sobre o infeliz Sancho um olhar terrivel e furioso.

Rosa pareceu não reparar na acção muito significativa de seu tio, e como que insensivelmente, foi dirigindo o passeio para o lado onde se achava o Juca que tragava um verdadeiro ciume de estu-

dante, isto é, um ciume transformado em brazas ardentes.

Quando o par descuidado e amoroso se foi chegando tão para perto do estudante, que sua conversação podia já ser apreciada por elle, Rosa, que mostrava não tê-lo ainda visto, interrompendo o eloquente commendador, que lhe estava jurando amor eterno pela centesima vez, deixou ouvir as seguintes palavras que ella soube pronunciar com angelica doçura :

— Meu querido commendador, eu não posso deixar de confessar-me sensível a tão extremosa paixão ; eu lhe amo !

O Juca sentio um frio glacial correr-lhe por todo o corpo, e ficou immovel e pallido, como um homem sem vida.

E o commendador, que pela primeira vez escutava da boca de uma bella senhora aquelle voto sagrado, para o qual realmente se não preparára, deixou-se por alguns momentos indeciso, pensando no que lhe cumpria fazer ; mas finalmente tomando uma resolução digna d'elle, exhalou um suspiro ternissimo, e cahio n'uma cadeira, fingindo um desmaio.

Por felicidade geral a professora de meninas estava perto, e tirando do bolso de seu vestido uma botica homœopathica, correu ao commendador, apertou-lhe a maxilla com tanta força, que o obrigou a abrir a boca ; e aproveitando o momento, deixou-lhe na lingua uns tres ou quatro globulos de um medicamento tão infallivel, que o nobre Sancho tornando a si no mesmo momento, julgou prudente sahir da sala, ao ver que a professora sustentava a necessidade de fazê-lo tomar segunda dóse.

XX

Ainda o baile.

A multidão, que enchia as salas e ter raços da casa de Laura, estranha á intriga que estava perturbando a paz de alguns dos socios dessa bella reunião, continuava a engolfar-se nos prazeres do baile : o desmaio do commendador Sancho foi por todos recebido como mais uma prova da falta de juizo do pretencioso velho, e apenas algumas camaradas de Rosa traduziram o facto, como melhor podia convir á maledicencia.

No entretanto o commendador, ou convencido de que havia arranjado um desmaio com a maior inhabilidade deste mundo, especialmente tendo-se dado o facto na presença de tantas senhoras, juizas competentes da materia, ou, o que é mais provavel, com medo de que a professora de meninas o forçasse a tomar segunda dóse homœopathica, tinha corrido para fóra da sala, onde estivera a passeiar com D. Rosinha; e depois de haver, por algum tempo, respirado o ar fresco da noite, dirigio-se para uma das outras salas no momento de começar a servir-se o chá, e vendo uma cadeira vasia no meio de um circulo formado por bellas moças, apressou-se a ir occupa-la, como homem de bom gosto que era.

O velho Anastacio não podéra por muito tempo vencer-se conservando-se longe de Sancho; cheio

de cuidados pela imprudente sobrinha, e deseioso de vingar-se do seu ridiculo apaixonado na primeira occasião que tivesse, voltára cedo para segui-lo por toda a parte, como a sua sombra, e vendo-o ir tomar lugar no circulo das moças, foi de manso collocar-se por detraz d'elle.

Apenas o commendador acabava de sentar-se, as moças sorriram-se umas para as outras, como avisando-se mutuamente de que se lhes offerencia um novo divertimento, e a mais espivitada d'entre ellas tomando logo a palavra exclamou :

— Chegou bem a tempo, Sr. commendador !

— Porque ?...

— Porque reina aqui a confusão a respeito de um objecto, sobre o qual o Sr. commendador falla sempre como mestre.

— Oh ! minha Sra... V. Ex. me confunde com tanta delicadeza : mas emfim qual é a questão ?...

— Eu nem mesmo me julgo capaz de expo-la convenientemente : diga você, D. Honorata.

— Eu não : quem deve fallar é D. Fifina...

— Eu ?... mas... sim... falle antes, D. Isabelinha.

A curiosidade do commendador começava a acender-se com aquella duvida a respeito de quem devia fallar ; e a causa unica da indecisão era que as moças não tinham estado tratando exclusivamente de materia alguma, e apenas tomavão tempo para acertar em algum ponto digno de ser discutido pelo eloquente Sancho.

— Emfim eu digo, exclamou D. Isabel ; tratava-se de... oh ! mas eu tenho muita vergonha...

— Diga... diga... tratava-se...

— De amor.

— Ah ! suspirou Sancho.

As moças desataram a rir.

— Oh! não ha razão para essas risadas, tornou D. Isabel mostrando querer formalisar-se; a questão é séria, e no meu entender tem-se avançado absurdos.

— Então ?...

— Diz alli, D. Honorata.

— Eu ?... perguntou Honorata espantada.

— Cala a boca, tola, disse Fifina ao ouvido da outra; sustenta tudo o que D. Isabelinha disser.

— Diz alli, D. Honorata...

— Um momento! exclamou uma outra moça; chegão duas pessoas, que não podem deixar de vir tomar parte na discussão: as Sras. D. Irene e D. Deolinda.

— Que duas empadas! murmurou comsigo o commendador, que aborrecia todas as pessoas do seu tempo.

As duas Sras. não se fizeram rogar, e tomaram immediatamente assento no circulo parlamentar. D. Izabelinha continuou.

— Diz alli, D. Honorata...

— Ainda eu! o diabinho da rapariga não se esquece do meu nome.

— Cala-te.

— O que é que ella diz ?... vamos...

— Sustenta que... o amor... sim que o amor é causa de tantas desgraças no mundo; porque elle é uma cousa, e a humanidade o quer fazer outra absolutamente opposta: isto é, que nós todos tomamos o amor por um philosopho muito sério, quando elle não é mais do que uma criança mal criada.

— Misericordia!... exclamou a sensível Deolinda.

D. Irene benzeu-se.

— Minha Sra., perguntou Sancho admirado a D. Honorata, como póde V. Ex. sustentar tão estranha proposição ?...

— Pelos effeitos do amor, respondeu a moça com imperturbavel seriedade : elle faz travessuras, logo é criança; é impertinente, teimoso, incommodo e atrevido, logo é mal criado.

— Raciocinio completo !... observou D. Fifina.

— E V. Ex. como pensa ?... tornou o commendador dirigindo-se á D. Isabelinha.

— O meu parecer perde por ser muito commum; mas ao menos tenho muita gente da minha opinião : eu sou parlamentar, e gostos das maiorias; penso que o amor é fogo de palha... e...

Nesse momento brilhára o rosto de D. Rosinha á porta da sala, e o Sancho, que o percebeu, ergueu-se cheio de enthusiasmo, e exclamou, interrompendo a D. Isabelinha.

— É uma fogueira ! é um rio de fogo, é uma...

— É uma asneira, Sr. commendador ! disse no meio de uma gargalhada o velho roceiro.

Sancho voltou os olhos e dando com Anastacio por detraz delle, deixou-se cahir sentado na cadeira, como fulminado por um raio.

— Continue... continue, Sr. comprehendador...

— Sim, falle... falle.

Sancho resolvia-se enfim a ceder ás instigações das Sras. ; mas quando ia abrir a boca para começar o seu discurso, ouviu o velho roceiro concertar a garganta, e estremecendo, balbuciou apenas :

— Cedo a palavra...

— Está com medo ! tem medo do Sr. Anastacio !...

Ter medo diante de senhoras é um crime imperdoavel, e ai do homem que o perpetra. O commendador o sabia, e querendo mostrar-se digno da bellas, que o cercavão, começou gaguejando :

— Bem... eu fallo...

— Attenção !

— Minhas Sras., o amor é um fogo ardente, que quando não é falso, e é por consequencia verdadeiro, é um fogo ardente diz-se, que arde, queima, e reduz a cinzas o coração mais de neve que se possa imaginar! ah! ninguem pôde resistir ao seu poder!... desde o ponto mais baixo até o mais alto da humanidade dominão as leis do amor... elle é como a morte... entra por todas as portas, desde a cabana do agricola até a brilhante casa do commendador!

As Sras., cobriram de applausos o eloquente Sancho, que não tendo ao pé de si nenhum amigo, a quem fallasse, foi dizendo consigo mesmo.

— É assim... ás vezes fico inspirado!...

— Eis o que eu esperava!... exclamou o velho roceiro entrando inopinadamente na discussão : trataram de uma questão sem pés nem cabeça, e por consequencia appareceu o mundo ás avessas!...

— Não lhe entendo, meu rico senhor, disse Declinda.

— Não duvido, respondeu o velho cravando na professora de meninas um olhar fulminador : a Sra. e eu não nos podemos entender com muita facilidade.

— Á questão, Sr. Anastacio!

— Pois vá lá; tratava-se sobre amor, e o que aconteceu? .. a mocidade leu a lição da experiencia, e a velhice caricaturou-se querendo ostentar a extravagancia de uma cabeça de mancebo!

— Ora, esta é boa!

— Sim, Sras. nós o ouvimos todos : aquella Sra., que ainda não pôde ter mais de vinte annos, sustentou que o amor era fogo de palha; e alli o Sr. commendador Sancho, mocetão de perto de sessenta janeiros, jurou que era um volcão eterno!...

— Perto de sessenta janeiros... exclamou uma das moças.

— O commendador deu o cavaco.

— E aqui o Sr., que é apenas um agreste e enfezado *tapiucano* arvora-se em mestre de escola, e quer dar lições a pessoas educadas e moradoras na côrte, e que sentem o que se não póde sentir entre os mandiocaes da roça!...

— Isso agora é garapa, meu illustre commendador!... tornou Anastacio rindo-se.

— Sessenta janeiros!... sessenta janeiros!... é falso, minhas Sras.! continuou Sancho quasi chorando: tenho quarenta annos, dous mezes e tres dias!

— Fóra os que mamou, e os que andou na escola, que não forão poucos; porque, segundo as más linguas, o Sr. commendador nunca mostrou grande bestunto.

— Como elle já conta sessenta e dous annos pensa que os outros...

— Sessenta e quatro, meu caro, não quero que me diminua nem um dia.

— Mas porque tanta bulha?... atalhou Irene; eu acho que o Sr. commendador tem toda a razão.

— E pensa como deve, respondeu Anastacio: porque a Sra. está na regra do Sr. commendador.

— O que é que diz?...

— Digo que continua o mundo ás avessas, minha senhora.

— Sustento, exclamou a viuva, sustento que amor é um fogo eterno para as almas generosas; é um sentimento unico... sobrehumano... palpitante... o que dura sempre o mesmo... firme, immudavel...

— Etanto é assim, observou o velho roceiro; que a Sra. D. Irene, que é viuva, sentindo ainda pelo seu defuncto marido o mesmo sentimento unico...

sobrehumano, firme, immudavel, e não sei que mais, jura todas as manhãs, que não se ha de casar mais nunca, e trabalha todas as noites ou pelo menos em todas as reuniões por arranjar um successor ao defuncto.

As moças applaudiram com risadas ás respostas de Anastacio, emquanto Irene completamente desapontada, e remechendo-se na cadeira tornou com azedume :

— Admiro a sua delicadeza... vê-se bem, que sabe tratar com senhoras de consideração.

— São espinhos da roça, não faça caso : tenho o maldito costume de dizer a verdade nua e crua.

— Sr. Anastacio !...

— Não é nada : estou gostando de ver o calor da zona torrida derretendo os gelos da Siberia ! e o mais é que a Siberia vai fervendo !...

— É um velho muito insolente, disse o commendador em voz baixa á senhora que lhe ficava ao pé.

— Pois eu sigo opinião muito diversa das que tenho ouvido enunciar aqui, acudio D. Deolinda.

— Falle ! falle ! D. Deolinda !... disserão as moças.

— Sim ; vamos ouvi-la, disse o velho roceiro : a senhora tem-me geito de philosopha, e até de reformadora do seculo das luzes.

— O que vou dizer é sómente a respeito do sexo feminino.

— Ainda bem ! gosta de fallar de si ; parece-se com muitas pessoas do meu conhecimento.

— Tambem não direi o que acontece, mas sómente o que devia acontecer.

— Ora vamos...

— Entendo que o coração das senhoras deveria ser como um relógio, que só andasse, quando a dona lhe dêsse corda.

— É de philosopha ! exclamou o velho roceiro.

— Desse modo a mulher quando quizesse amar, dava corda ao coração e o adiantava ou atrazava conforme as circumstancias o pedissem.

— Já conheço muitos relogios desses nesta cidade, minha senhora.

— Conhece ?...

— Sim ; conheço meninas, que devião ainda limitar-se a brincar com bonecas, e já trazem á pista nos bailes uma duzia de animaes de certa especie nova que tenho ouvido chamar — elegantes.

— Ora... o que tem isso !...

— Essa é boa !... nada : é talvez mais uma novidade que póde ser posta na ordem dos progressos da nação !... o que tem isso ? !!! são meninas que entrão cedo para uma boa escola, que faz com que ellas ainda não tenham juizo aos cincoenta annos de idade !...

— Que urso abominavel !... murmurou Irene.

— Eu não digo que se deva amar a mais de um homem de cada vez, continuou D. Deolinda ; quando porém, se passa de um, tanto importão dous, como vinte !...

— O que diz a isto agora, Sr. Anastacio ?... perguntou uma das moças.

— Digo que esta Sra. Dona... que pelo nome não perca...

— D. Deolinda, uma sua serva, disse a professora fazendo ao velho uma cortezia de escarneo.

— Muito obrigado, tornou Anastacio ; digo pois que a Sra. D. Deolinda é uma verdadeira representante da época em que vive ; não ha duvida... entrou a civilisação em nossa terra... esta salva a patria !

— Estou em dia com os conhecimentos humanos, digu-lh'o eu ! exclamou D. Deolinda exaltando-se : conheço como as palminhas de minhas mãos as

obras de George Sand, e sigo os seus sagrados principios ; illustro-me nos livros de Paulo de Kock, e outros grandes philosophos, e desprezando prejuizos e preconceitos, defendo a verdade, e sustento os meus direitos ! nem tão pouco é culpa minha que os outros não saibão cultivar o seu espirito.

O velho roceiro que até então se havia sustentado no seu posto sem perder a paciencia, o que era nelle um pouco admiravel. mordeu os beiços escutando a ridicula tirada de D Deolinda ; mas contendo-se ainda, mercê de grande esforço, perguntou seriamente :

— A Sra. é mestra de meninas ?...

— Professora, meu caro senhor.

— Pois dou-lhe os parabens, porque ha de educalas muito conforme as idéas do seculo das luzes ; mas veja que não é lá uma grande honra ser mestra, ou professora de meninas ; aqui no Rio de Janeiro qualquer bicho-careta abre collegio de meninas, onde de ordinario se aprende principalmente aquillo que se não deve ensinar.

— O Sr. pretende acaso dirigir-me um epigramma?.. perguntou D. Deolinda, fazendo-se vermelha.

— Olhe, minha Sra., proseguio o velho roceiro com sua terrivel franqueza ; ainda não está completa a regeneração da sociedade ; se porém se ajuntão a Sra. e o Sr. commendador para rematar a grande obra, juro, que em poucos annos de missão, uma põe as mulheres todas de calças e botas, e o outro vai com todos os homens parar á Praia-Vermelha.

— O Sr. Anastacio deve lembrar-se que se dirige a um homem de representação !... exclamou o commendador pondo-se em pé.

— Macacos me mordão, se o Sr. Sancho quer que

lhe diga aqui em portuguez claro o papel que representa !

Nesse momento e muito a proposito a musica tocou chamando os pares á sala, e as moças applaudindo com risadas a discussão singular, que havi o por um acaso promovido, levaram consigo a professora que estava em brasa, Irene que tomára o partido da amiga, e o commendador que dava graças á sua boa fortuna por escapar das garras do fatal inimigo sem passar pela vergonha de uma retirada.

O velho roceiro que, apesar de toda sua franqueza e boas intenções, não podia livrar-se da increpação de desconhecedor dos usos e delicadezas das sociedades, longe das quaes tanto tempo vivêra, tambem se foi dirigindo para a sala de danza muito ufano de si pela vingança que tomára do commendador ; mas ainda deseioso de achar nova occasião para atormenta-lo outra vez.

Chegado á sala encostou-se á uma porta, e pôz-se a observar a confusão que precede o começo de uma quadrilha nas grandes reuniões, até que voltando os olhos deu com o Juca em pé a dous passos d'elle, olhando para o commendador que se preparava para dansar com Rosa.

— Oh ! Sr. estudante ! então não dança ?...

— Não danso.

— Sim... adivinha-se, que está incommodado.

— Incommodado !

— Pois em quanto elles dansão, poderá o Sr. dar-me algumas explicações, que eu ando tonto ha dez bailes por obter ?...

— Se souber... estou prompto.

— Todos estes cavalheiros conhecem a todás estas senhoras com quem passeião conversando horas inteiras, como amigos intimos e provados ?...

— Não sei.

— Todas as senhoras que vem aos bailes são mulheres ou filhas de conselheiros, ministros, ou emfim de personagens que têm tratamento de excellencia ?...

— Não sei.

— Oh, homem ! responde-me por caridade : olhe que eu tenho ainda dez perguntas da mesma natureza para lhe fazer.

— Não sei.

— Pois que diabo saberá o senhor então ?...

— Sei que o commendador Sancho é um homem...

— O que ?... acabe !

— Um miseravel !

— Oh lá, se o é ! eu que lh'o diga...

— E que...

— Vamos...

— Não sei ! exclamou o pobre Juca sahindo precipitadamente da sala.

— E que minha sobrinha Rosa é uma louca, murmurou o velho completando o pensamento do Juca ; que novidade !...

O Juca, o alegre, o travesso, o imperturbavel estudante estava passando por todos os tormentos do ciume : desde que ouvira as palavras de amor, que Rosa dirigira ao commendador Sancho, não tinha tido mais um só instante de socego : mil planos concebêra, e outros tantos abandonára ; despeitado contra Rosa, furioso contra o commendador e até desgostoso de si mesmo, ora maldizia a inconstancia das mulheres, ora accusava sua propria levianidade, ora emfim querendo triumphar de seus pezares, brincava e ria como doudo de prazer para logo depois cahir na mais profunda melancolia. Nesse estado de soffrimento e irresolução estivera o pobre Juca até a hora, em que a musica chamára de novo os pares á sala : o estudante não se lembrára mais

de dansar ; a dansa se havia tornado para elle em um divertimento estúpido ; corrêra porém como simples observador para ver o que se passava, e todos os seus tormentos redobraram vendo a escolhida do seu coração levada pelo braço de um rival indigno, mas ditoso.

O estudante perdeu completamente a cabeça : julgou que Rosa estava na verdade apaixonada de Sancho, e que não lhe restava mais esperança alguma ; e ardendo em desejos de uma vingança, abraçou-se com a mais extravagante de todas as idéas, e tomou um partido digno do louco namorado da velha Bonifacia.

O Juca decidiu-se a fazer diante de Rosa uma declaração de amor solemne e positiva á primeira senhora, que lhe deparasse a sorte : esperou pois que terminasse a quadrilha, e apenas começaram os passeios, correu á porta da sala para executar o seu projecto.

A primeira senhora, que appareceu diante delle sem cavalheiro foi a velha Irene !

O estudante recuou dous passos, e hesitou alguns momentos : depois reprehendendo a si proprio por semelhante hesitação, offereceu o braço á pretenciosa viuva com o sorriso nos labios e o inferno dentro do coração.

A interessante viuva não cabia em si de contente : orgulhosa de seu joven cavalheiro passeava por aquella varanda cheia de bellas moças e de interessantes mancebos, olhando para todos os lados e com o pescoço estendido e meio dobrado para diante, como um ganso, que vai nadando por um lago coberto de flôres.

Apezar da firme resolução, que havia tomado, e de toda extravagancia de seu genio, o estudante premes mais ou menos preocupado, ainda não ti-

nha podido dirigir uma unica palavra a Irene : o passeio continuaria e acabaria talvez em silencio, se Rosa não apparecesse na varanda.

A filha de Mauricio vinha só, e descobrindo o galante par que alli passeava, deixou apparecer em seus labios um meio sorriso, onde se lia compaixão ou desprezo. O Juca sentio-se revoltado observando aquelle sorriso, e immediatamente desatou-se lhe toda a eloquencia de um bailista namorado : sua viveza antiga, seu prazer, sua facundia reaparecêrão como por encanto, e a velha pretenciosa escutou emfim com a alma ao pé dos ouvidos quanta fineza, e quantos juramentos pôde inspirar um amor ardente de mancebo.

A paixão improvisada do estudante subio a tal ponto, que a propria vaidade de Irene não pôde acreditar em tanta felicidade junta !

— Oh, Sr. Juca, disse a viuva admirada ; eu começo a receiar de que o senhor esteja gracejando comigo.

— Não, não, minha senhora ; eu não minto, o meu coração é quem falla.

— Será possível, que eu chegasse a merecer tanto ?...

— Os dous passavão junto de Rosa : o estudante demorou o passo.

— Sim, eu lhe amo ! creia que eu lhe amo !

— Meu Deus ! exclamou a velha arranjando um suspiro

— Amo-a louca e perdidamente : minha ventura depende da sua mão, ouviu ?... da sua mão,... entenda-me bem.

Rosa fugio, recuou espantada, escutando aquellas imprudentes palavras ; e em quanto o Juca e Irene continuavão o seu passeio, foi ella outra vez debruchar-se tristemente sobre o parapeito da varanda.

Oh ! quanto não deveria estar soffrendo aquella moça apaixonada e bella, para ir no meio da festa e dos prazeres esquecer-se de si propria, mergulhada em um pelago de tristes reflexões !

Ahi pois estava ella alheia ao mundo que a cercava, e toda entregue á sua dôr ou a seus reconditos pensamentos, quando o importuno commendador Sancho, sem ver o seu infallivel Cabrion, o velho Anastacio, que parára a distancia de alguns passos para observa-lo, foi tambem debruçar-se no para-peito ao lado de Rosa, e começou a repetir-lhe pela vigesima vez um sem numero de cousas muito banaes, que elle considerava eloquentes protestos de amor.

Rosa escutando as primeiras palayras do commendador fez um movimento de impaciencia muito significativo, e vendo que nem assim o teimoso Sancho a deixava em paz, tomou o partido de lhe não dar resposta alguma. O commendador de sua parte traduzindo o silencio da filha de Mauricio por algum accesso de ciume tão commum nas moças, o que não só era um meio facil de explicar aquella melancolia, mas era sobre tudo a explicação que mais o lisongeava, sustentou-se no seu posto, e continuou por muito tempo a desfazer-se em ternissimas protestações. Cansado emfim de prégar no deserto, tomou partido mais imprudente ainda : quiz vencer com o pé o que não conseguira com a lingua, o que de certo não era o maior elogio que podia fazer a si proprio. Principiou pois a pisar primeiro a ponta dos sapatinhos de setim da moça, e logo depois sem dó nem piedade os proprios e delicados pés della.

Rosa, como se devia esperar, irritou-se com o insolito precedimento do commendador, e lançou sobre elle um olhar ardente ; mas o malathu

desgraçado velho traduzio em fogo de amor o brilhantismo de uns olhos acesos pela colera, e teimou no seu amoroso proposito de pôr em torturas os pés do objecto amado. Rosa conservou-se em silencio e immovel ainda durante algum tempo mordendo os labios de despeito ; depois olhou para o chão e descobrio os enormes pés do commendador calçando finos sapatos envernizados, destacando-se por baixo de uma calça sem presilhas e perfeitamente assentados sobre os seus lindos sapatinhos de setim.

Uma idéa digna da imaginação de um estudante gaiato, uma lembrança de moça travessa raiou no pensamento da bella e contrariada filha de Mauricio: era uma zombaria... era uma vingança... era... Rosa não gastou mais tempo em meditar ; com um rapido movimento abaixou-se de repente, e arrancando um sapato do pé do commendador atirou-o no pateo da casa, e retirou-se sem dizer palavra.

O pobre commendador Sancho ficou attonito e desesperado com o que acabava de acontecer-lhe : fallar era ir expôr-se ao ridiculo ; sahir d'alli, peior ainda, era apparecer com um pé calçado e outro descalço. O que lhe restava pois ?... amaldiçoar sua má cabeça, jurar não pisar mais nunca nos pés de moça nenhuma, e esperar que a sorte lhe deparasse um criado fiel, que lhe fosse muito em segredo procurar o malfadado sapato. Quanto ao mais, Sancho depositava toda sua esperança na generosidade de Rosa, e esperava que ella não levasse sua vingança ainda além, contando ás suas camaradas o tristissimo acontecimento em que elle figurava tão mal.

Com effeito o caso do sapato tinha escapado a todos os olhos : afóra os dous, só uma pessoa o pôde perceber ; infelizmente porém para o commendador Sancho, essa pessoa era o seu terrivel Cabrion, o seu má genio ; era o velho roceiro.

Apenas Anastacio vio o fim que tivera aquella scena passada no parapeito da varanda, dirigio-se apressadamente ao pateo : a má estrella do commendador quiz que o velho roceiro, ao passar pela sala, se esbarrasse com o Juca, que andava por alli tão sem coração, como sem cabeça.

— Perdão, senhor ! balbuciou o Juca.

— Que perdão?! exclamou o velho esfregando as mãos ; foi a Providencia que determinou este encontro : venha comigo.

— Onde?...

— Homem, venha, e deixe-se de perguntas. O Juca seguiu Anastacio até a porta que abria para o pateo : ahi o velho parou um momento, como para respirar.

— O que quer dizer isto?... perguntou o estudante.

— Quer dizer que chegou a occasião de pregarmos um mono de truz ao commendador Sancho ; vamos lá ; quer ajudar-me?...

O Juca deu um abraço tão apertado em Anastacio, que quasi o suffocou.

Tudo mais foi obra de poucos minutos : o velho contou ao estudante o que havia acontecido ; um criado foi procurar, e trouxe aos dous o sapato do commendador ; em um abrir e fechar d'olhos o estudante havia descoberto uma vela de sebo, e o sapato depois de ter a sola convenientemente ensebada foi, com todas as precauções, enviado ao commendador Sancho, em nome de Rosa.

— Agora, disse o Juca, uma walsa!... fica por minha conta.

E retirava-se com presteza, quando Anastacio o susteve, dizendo-lhe :

— Meu caro estudante, façamos a nossa festa completa !

— Entendo, entendo perfeitamente, exclamou o

Juca ; mas qual das duas prefere ?... uma é hoje minha apaixonada, e eu quasi não quasi seu noivo ; porém não importa : diga qual das duas, a D. Irene, ou a professora ?...

— Já que não podem ser ambas, vá a professora, disse o velho suspirando.

O Juca desapareceu correndo pela escada acima.

Quando Anastacio tornou á sala, encontrou já o endiabrado estudante, que passeava dando o braço a D. Lolinda : os dous fizeram com os olhos um mutuo signal de intelligencia, que por mais ninguem foi percebido : o commendador Sancho tinha apparecido á porta da sala.

A musica tocou os primeiros compassos de uma walsa viva e alegre, que fazia desejos de dansar a um coxo.

— Walsa, minha senhora ?... perguntou o estudante.

— Que pergunta ! respondeu a velha professora ; qual é a moça que não walsa ?

— Ah ! sim !... confesso que fui muito simples ; mas...

— Mas o que ?...

— Dei um geito no meu pé direito, e magoei um callo do meu pé esquerdo, de modo que fiquei invalido tanto pela esquerda, como pela direita.

— Nesse caso a sua pergunta de ha pouco além de muito... triste, foi tambem inoportuna.

— Oh ! mas eu não a deixarei assim sem walsar ; vou offerecer a um excellente cavalheiro a honra de dar algumas voltas com V. Ex.

— Ora... quer ter esse incommodo ?...

— O Sr. commendador apparece aqui muito a proposito ! exclamou o estudante chegando-se ao illustre Sancho.

— Posso saber para que?... perguntou este secamente.

— A senhora, a quem tenho a honra de acompanhar, estimaria dar algumas voltas de walsa, e eu acho-me impossibilitado de satisfazê-la.

-- Mas... murmurou a professora um pouco desgostosa do cavalheiro que o Juca lhe offerecia, em quanto o commendador trabalhava por arranjar uma desculpa.

A musica tocava, e alguns pares já walsavão pela sala.

— Não ha tempo a perder, Sr. commendador privo-me de uma honra; mas vou admira-lo.

E deixando a professora quasi á força no braço do commendador, o Juca correu para junto de Anastacio.

— Então?... perguntou este.

— Creio que brilhámos, disse o estudante.

O commendador Sancho não teve outro remedio senão cumprir com as obrigações de cavalheiro; cingio a cintura de D. Deolinda com o seu *elegante* braço, e tomando-lhe a outra mão, pôz-se primeiro em attitude, e finalmente rompeu walsando; mas ah! ainda bem não tinha chegado ao meio da primeira volta, quando escorregou e cahio a fio com-prido, levando comsigo ao chão a pobre professora.

Risadas geraes retumbaram por toda sala; correram no emtanto alguns a levantar o par infeliz; D. Deolinda retirou-se envergonhada, o commendador ia já se erguendo nos braços de dous amigos, e dava alguns passos, quando o terrivel Anastacio exclamou do lugar em que estava:

— Oh! Sr. commendador Sancho! olhe, que deixou no chão a cabelleira!

Com effeito a enorme calva do pobre Sancho estava á mostra, e ao aspecto della, e da cabelleira

que lhe trazião desataram-se outra vez as risadas da companhia.

— Estou já meio vingado, murmurou Anastacio.

— E agora, disse-lhe o estudante; sou bem tolo se não me ponho ao fresco.

— Então pelo que?

— Porque se a professora e o commendador me apanhão, rasgão-me a casaca: boa noite!

— Até mais ver, meu Juca! exclamou Anastacio abraçando o estudante; agora somos amigos!

Quando o Juca descia as escadas, reaparecia no meio da sala o commendador bradando.

— Foi a primeira vez que escorreguei n'uma walsa; mas eis-aqui a causa o meu sapato tinha sebo na sola!...

Novas risadas abafaram a voz do pobre Sancho. As quatro horas da madrugada terminou o baile.

FIM DO 1º VOLUME

